

OS DEUSES E O HOMEM

uma nova psicologia da vida
e dos amores masculinos

Jean Shinoda Bolen



Coleção AMOR E PSIQUE

O feminino

- *Aborto - perda e renovação*, Eva Pattis
- *A feminilidade consciente: Entrevistas com Marion Woodman*, Marion Woodman
- *A mulher moderna em busca da alma: Guia junguiano do mundo visível e do mundo invisível*, June Singer
- *A prostituta sagrada*, N. Q. Corbett
- *As deusas e a mulher*, J. S. Bolen
- *A virgem grávida*, Marion Woodman
- *Caminho para a iniciação feminina*, S. B. Perera
- *Destino, amor e êxtase*, J. A. Sanford
- *Os mistérios da mulher*, Esther Harding
- *O medo do feminino*, E. Neumann
- *Variações sobre o tema mulher*, J. Bonaventure

O masculino

- *A busca fálica*, J. Wylie
- *A tradição secreta da jardinagem*, G. Jackson
- *Castração e fúria masculina*, E. Monik
- *Curando a alma masculina*, G. Jackson
- *Falo, a sagrada imagem do masculino*, E. Monik
- *Hermes e seus filhos*, R. L. Pedraza
- *Os mistérios da sala de estar*, G. Jackson
- *Sob a sombra de Saturno*, J. Hollis
- *Os deuses e o homem: Uma nova psicologia da vida e dos amores masculinos*, Jean Shinoda Bolen

Psicologia e religião

- *A alma celebra: Preparação para a nova religião*, Lawrence W. Jaffe
- *A doença que somos nós*, J. P. Dourley
- *A jornada da alma*, J. A. Sanford
- *Bíblia e Psique*, E. F. Edinger
- *Deus, sonhos e revelação*, M. Kelsey
- *Do inconsciente a Deus*, E. van der Winchel
- *Uma busca interior em Psicologia e religião*, J. Hillman
- *Rastreamento os Deuses*, J. Hollis

Sonhos

- *Aprendendo com os sonhos*, M. R. Gallbach
- *Breve curso sobre os sonhos*, R. Bosnak
- *Os sonhos e a cura da alma*, J. A. Sanford
- *Sonhos de um paciente com AIDS*, R. Bosnak
- *Sonhos e gravidez*, M. R. Gallbach
- *Sonhos e ritual de cura*, C. A. Meier

Envelhecimento

- *A passagem do meio*, J. Hollis
- *A solidão*, A. Storr

- *A velha sábia*, R. Weaver
- *Despertando na meia-idade*, K. A. Brehony
- *Envelhecer*, J. R. Pretat
- *Meia-idade e vida*, A. Bermann
- *Menopausa, tempo de renascimento*, A. Mankowitz
- *O velho sábio*, P. Middelkoop

Contos de fada e histórias mitológicas

- *A individuação nos contos de fada*, M.-L. von Franz
- *A interpretação dos contos de fada*, M.-L. von Franz
- *A sombra e o mal nos contos de fada*, M.-L. von Franz
- *Gato*, M.-L. von Franz
- *O que conta o conto?*, J. Bonaventure
- *O significado arquetípico de Gilgamesh*, R. S. Kluger

O puer

- *O livro do puer*, J. Hillman
- *Puer aeternus*, M.-L. von Franz

Relacionamentos

- *Amar, trair*, A. Carotenuto
- *Eros e pathos*, A. Carotenuto
- *Incesto e amor humano*, R. Stein
- *Não sou mais a mulher com quem você se casou*, A. B. Filenz
- *No caminho para as núpcias*, L. S. Leonard
- *Os parceiros invisíveis*, J. A. Sanford

Sombra

- *Mal, o lado sombrio da realidade*, J. A. Sanford
- *Os pantanais da alma*, J. Hollis
- *Psicologia profunda e nova ética*, E. Neumann

Outros

- *Ansiedade cultural*, R. L. Pedraza
- *Alimento e transformação*, G. Jackson
- *Conhecendo a si mesmo*, D. Sharp
- *Consciência solar, consciência lunar*, M. Stein
- *Meditações sobre os 22 arcanos maiores do tarô*, anônimo
- *No espelho de Psique*, E. Neumann
- *O caminho da transformação*, E. Perrot
- *O despertar de seu filho*, C. de Truchis
- *Psicoterapia*, M.-L. von Franz
- *Psiquiatria junguiana*, H. K. Fierz
- *Rastreamento os deuses*, J. Hollis
- *A terapia do jogo de areia: Imagens que curam a alma e desenvolvem a personalidade*, Ruth Ammann
- *Dioniso no exílio: Sobre a repressão da emoção e do corpo*, R. L. Pedraza
- *O projeto Éden*, James Hollis

JEAN SHINODA BOLEN

OS DEUSES E O HOMEM

Uma nova psicologia da vida
e dos amores masculinos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bolen, Jean Shinoda
Os deuses e o homem : uma nova psicologia da vida e dos amores masculinos
/ Jean Shinoda Bolen ; [tradução Maria Sílvia Mourão Netto]. — São Paulo :
Paulus, 2002. — (Amor e Psique)

Titulo original: Gods in everyman : a new psychology of men's lives & loves.
Bibliografia.
ISBN 85-349-1903-8

1. Arquétipo (Psicologia) 2. Homens – Psicologia I. Título. II. Série.

01-5476

CDD-155.632

Índices para catálogo sistemático:
1. Arquétipos : Psicologia masculina 155.632
2. Homens : Psicologia 155.632

Coleção AMOR E PSIQUE dirigida por
Dr. Léon Bonaventure, Pe. Ivo Stornio, Dra. Maria Elci Spaccaquerche

Titulo original
*Gods in everyman: A new psychology of men's lives
& loves*

©1989 by Jean Shinoda Bolen, USA

Tradução
Maria Sílvia Mourão Neto

Capa
Marcelo Campanhã

Revisão
Iranildo B. Lopes

Editoração eletrônica
PAULUS, em New Century 11pts.

Papel
Chamois Fine Dunas 70g/m²

Impressão e acabamento
PAULUS

© PAULUS – 2002
Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)
Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5084-3066
www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 85-349-1903-8

INTRODUÇÃO À COLEÇÃO AMOR E PSIQUE

Na busca de sua alma e do sentido de sua vida, o homem descobriu novos caminhos que o levam para a sua interioridade: o seu próprio espaço interior torna-se um lugar novo de experiência. Os viajantes destes caminhos nos revelam que somente o amor é capaz de gerar a alma, mas também o amor precisa de alma. Assim, em lugar de buscar causas, explicações psicopatológicas às nossas feridas e aos nossos sofrimentos, precisamos, em primeiro lugar, amar a nossa alma, assim como ela é. Deste modo é que poderemos reconhecer que estas feridas e estes sofrimentos nasceram de uma falta de amor. Por outro lado, revelam-nos que a alma se orienta para um centro pessoal e transpessoal, para a nossa unidade e a realização de nossa totalidade. Assim a nossa própria vida carrega em si um sentido, o de restaurar a nossa unidade primeira.

Finalmente, não é o espiritual que aparece primeiro, mas o psíquico, e depois o espiritual. É a partir do olhar do imo espiritual interior que a alma toma seu sentido, o que significa que a psicologia pode de novo estender a mão para a teologia.

Esta perspectiva psicológica nova é fruto do esforço para libertar a alma da dominação da psicopatologia, do espírito analítico e do psicologismo, para que volte a si

mesma, à sua própria originalidade. Ela nasceu de reflexões durante a prática psicoterápica, e está começando a renovar o modelo e a finalidade da psicoterapia. É uma nova visão do homem na sua existência cotidiana, do seu tempo, e dentro de seu contexto cultural, abrindo dimensões diferentes de nossa existência para podermos reencontrar a nossa alma. Ela poderá alimentar todos aqueles que são sensíveis à necessidade de inserir mais alma em todas as atividades humanas.

A finalidade da presente coleção é precisamente restituir a alma a si mesma e “ver aparecer uma geração de sacerdotes capazes de entender novamente a linguagem da alma”, como C. G. Jung o desejava.

Léon Bonaventure

PREFÁCIO

Como autora de *As deusas e a mulher*, fui muitas vezes interrogada a respeito dos deuses nos homens. Os homens que iam às minhas palestras sobre as deusas perguntavam-me freqüentemente: “E quanto a nós?” *Os deuses e o homem* é, assim, uma conseqüência natural do meu livro anterior. Mas minha profissão, o tempo histórico e (paradoxalmente) o fato de eu ser mulher também me incentivaram a realizar este trabalho sobre os arquétipos masculinos.

Ao escrever este livro, sou mulher fazendo aquilo que as mulheres fizeram tradicionalmente pelos homens, ou seja, servir de intérpretes da vida íntima de seus homens, porque estes, com freqüência, compartilham com elas aquilo que em geral não dizem uns aos outros. Muitos homens, por exemplo, escolhem mulheres psiquiatras porque se sentem mais seguros e acham mais fácil conversar com uma mulher. Alguns dizem que querem evitar a sensação de competitividade e as conseqüências que temem surgir em si próprios, ou num terapeuta do sexo masculino.

E, às vezes, uma mulher significativa pode desempenhar papel importante como “portadora do sonho” na vida do homem bem-sucedido, como observou o psicólogo Daniel Levinson em seu *The Seasons of a Man's Life*. Este

também é papel no qual uma analista junguiana pode ser lançada. Na psicanálise, os homens falam de sua vida íntima, e encontram seus pontos fracos e fortes. À medida que vão se enxergando mais, vão me ensinando. Eu vejo quem é o homem sob a superfície, e chego a conhecer seus arquétipos e as dificuldades que ele pode ter ao ser quem é e sentir-se autêntico. Levinson escreveu,

A mulher especial é como o verdadeiro mentor: sua qualidade especial reside em sua conexão com o sonho do jovem. Ela ajuda a animar a parte do ser que contém o sonho. Ela facilita a entrada do jovem no mundo adulto e a sua tentativa de realizar seu sonho. Em parte ela faz isso por meio de seus próprios esforços concretos como mestra, guia, anfitriã, crítica, madrinha. Num nível psicológico mais profundo, ela o habilita a projetar nela sua própria figura feminina íntima a "ânima", como descreveu Jung que gera e sustenta suas lutas heróicas.¹

Por várias razões, a maioria dos homens sentem-se em geral mais verdadeiramente compreendidos pelas mulheres do que por outros homens, expondo-se mais para elas do que uns para os outros. Como afirma o *McGill Report on Male Intimacy*:

Um homem em dez possui um amigo com quem troca idéias sobre trabalho, dinheiro e casamento; apenas um em mais de vinte tem uma amizade com outro homem na qual revela seus sentimentos sobre si mesmo ou sua sexualidade... O padrão mais comum da amizade masculina é o homem ter muitos "amigos", cada um dos quais sabe alguma coisa a respeito do ser público do homem e, por conseguinte, pouco a respeito de quem ele é, porém nenhum deles conhece mais do que só uma pequena parte do todo.²

McGill descobriu que, se um homem decide se expor, é provável que seja para uma mulher, às vezes a própria esposa, ou outra. Como muitas mulheres suspeitam, os homens têm muito mais probabilidade de manifestar seus

sentimentos, pensamentos e sonhos a elas do que a outros homens.

Da mesma forma, como observou Jean Baker Miller, em *Toward a New Psychology of Women*, sempre que existe um grupo superior e um inferior (homens, mulheres; brancos, negros; patrões ricos, empregados pobres), o grupo menos poderoso estuda o outro por uma questão de necessidade e sabe mais a respeito desse, do que vice-versa. Por causa disso, bem como por terem natureza mais voltada para importar-se com as pessoas, as mulheres foram desde sempre atentas observadoras dos homens.³

Assim, *Os deuses e o homem* é uma psicologia dos homens, vista por uma mulher que faz aquilo que as mulheres fazem há tempos pelos homens com os quais se importam: mostram-lhes aquilo que elas vêem, e tomam consciência da necessidade que eles sentem de mais sensibilidade à medida que descrevem os defeitos e os problemas masculinos, e consciência da importância de valorizarem suas qualidades positivas. A perspectiva deste livro é a de observadora solidária, perspectiva que adquirir através de experiências tanto profissionais quanto pessoais.

Sou psiquiatra e analista junguiana e professora de psiquiatria clínica na Universidade da Califórnia, em São Francisco. Atendo tanto homens como mulheres em meu consultório particular, e sou mulher numa profissão masculina repleta de mentores, amigos e colegas do sexo masculino. Por outro lado, fui mentora e preceptora de homens e mulheres.

Além disso, fui "filha orgulho do papai", a "queridinha do papai", e meu pai sentia orgulho do que eu fazia. Em razão disso, achei mais fácil que muitas mulheres sentir validade nessa cultura patriarcal. Durante dezenove anos fui também esposa, num relacionamento que tinha tanto raízes tradicionais como igualitárias. Fiquei separada por três anos e em seguida me divorciei. Sou mãe de um filho

e uma filha, ambos nascidos no começo dos anos 70, a década do movimento feminino, quando a questão dos estereótipos da controvérsia natureza x cultura – era amplamente debatida.

UMA VISÃO BINOCULAR DA PSICOLOGIA

Em *Os deuses e o homem* oferece-se uma “visão binocular” da psicologia, uma visão em profundidade que leva em conta, ao mesmo tempo, os poderosos arquétipos e os estereótipos que requerem conformidade, no esforço de compreender onde se situam nossos conflitos e como poderíamos melhor alcançar a plenitude.

Essa perspectiva se desenvolveu a partir do meu treinamento profissional e de minhas experiências pessoais. Com o trabalho do consultório, desenvolvi a consciência do que acontece no coração e na mente dos homens e das mulheres, conheci a alegria que advém de se ter sensação de plenitude e integração, quando aquilo que fazemos é consistente com quem somos. Por outro lado, nosso corpo e nossos sonhos e sintomas expressam conflitos e dor, quando aquilo que é arquetipicamente verdadeiro é conscientemente negado e reprimido. O que são esses arquétipos, e a maneira como se expressam na vida do indivíduo, torna-se mais claro somente após anos de trabalho profundo em psicologia.

Da mesma forma, é essencial o entendimento daquilo que o movimento das mulheres chamou de o “despertar da consciência”. Nas três últimas décadas, constatamos como os estereótipos podem distorcer e limitar o potencial humano, especificamente o das mulheres. Nesse período, muitas mulheres tomaram consciência de como sua vida numa cultura patriarcal as toca pessoalmente. Os valores e as crenças de todas as pessoas são moldados

pela cultura, que se reflete em nossas leis e costumes, atinge a forma como o poder é distribuído, e como o valor e o status são determinados. Numa sociedade patriarcal, as mulheres não se saem bem. Mas os estereótipos masculinos também exercem poder sobre os homens, limitando quem eles podem confortavelmente ser, ao recompensar algumas qualidades e repudiar outras.

DEUSES E DEUSAS EM TODAS AS PESSOAS

Quando falo a respeito de deuses e homens, descobro que as mulheres muitas vezes acham que existe um *deus* particular nelas também, da mesma forma como descobri que, quando falava a respeito de deusas, os homens podiam identificar uma parte de si mesmos com uma *deusa* específica. Os deuses e as deusas representam qualidades diferentes na psique humana. O panteão de todas as divindades gregas, tanto as masculinas como as femininas, existe como arquétipo em todos nós, embora os deuses geralmente sejam os determinantes mais fortes e influentes da personalidade do homem, assim como as deusas o são para as mulheres.

Todo arquétipo está associado a certos dons e determinados problemas possíveis, “dados por um deus” ou “dados por uma deusa”. Reconhecer esses dinamismos torna menos provável tanto a presunção como a autocensura. E, porque tudo o que fazemos e que emerge das nossas profundezas arquetípicas tem um significado para nós, o homem que sabe que deus ou deuses estão ativos nele, torna-se apto a fazer escolhas, sabendo que opções ou rumos é provável que lhe sejam pessoalmente mais satisfatórios.

Ler sobre os deuses torna-se às vezes um meio de “re-membrar” partes amputadas (desmembradas) de nós

mesmos. Esse processo também pode ser facilitado pelos sonhos, recordações e mitos ativos em nosso inconsciente. Informar-se a respeito dos deuses diferentes nos homens é importante também para as mulheres, muitas das quais fazem grande esforço para procurar entender os homens (geralmente determinado homem de cada vez). As mulheres psicologicamente despertas às vezes percebem que se envolvem, vezes e vezes seguidas, com um tipo particular de homem, e percebem que realmente precisam saber "quem" as atrai. *Os deuses e o homem* pode dizer-lhes que elas foram atraídas por um deus ou arquétipo particular, numa série de homens, e que esse "deus" não é compatível com suas expectativas, o que explica por que suas relações muitas vezes têm um final infeliz.

O discernimento em relação aos "deuses" proporciona a quem cria meninos (especialmente mães solteiras) um meio para ver e avaliar "quem" são seus filhos. O resultado lógico é um pai ou mãe sentindo-se mais competente, porque entende o que provavelmente será aquele filho, como o mundo provavelmente o tratará, quais poderão ser suas forças e fraquezas, e onde ele talvez precise de alguma ajuda.

Tanto os homens quanto as mulheres precisam também enxergar seus pais com clareza, muitas vezes a fim de perdoar-lhes, ou ainda compreendê-los. Entender os deuses e seus mitos pode fornecer uma imagem objetiva do pai.

E porque existem também "deuses" nas mulheres, elas podem aperfeiçoar seu autoconhecimento a partir do conhecimento deles. O "Aha!" do momento da revelação pode ser de especial valia para a mulher que já está familiarizada com as "deusas" e que, agora, descobre que determinado deus explica parte do seu próprio comportamento. Ela pode entender a satisfação que todos nós sentimos quando uma peça de um quebra-cabeças se en-

caixa com perfeição, especialmente quando essa é a peça que faltava, aquela que completa o quadro e dá sentido à vida.

Existem deuses e deusas em todas as pessoas. Por meio deles, pode-se captar pela introspecção, aquele momento em que alguma coisa que sabemos intuitivamente a nosso respeito se conecta com uma imagem nítida e com palavras claras. Assim como ao olhar num espelho e ver nossos traços pela primeira vez, esse lampejo de percepção pode revelar aquilo a que os outros reagem em nós, expondo-nos de uma forma muito mais clara a nós mesmos.

Escrevi este livro para todos os que querem entender melhor os meninos e os homens, ou que querem conhecer os arquétipos masculinos tanto nos homens como nas mulheres, ou descobrir algo a respeito de si mesmos e suas relações. Em particular, escrevi pensando nos homens que querem descobrir o deus interior, aqueles que me perguntaram "e quanto aos deuses em todos os homens? E quanto a nós?"

AGRADECIMENTOS

Cada capítulo deste livro conta com a contribuição de muitas pessoas que não são nominalmente citadas — pacientes, amigos, colegas, parentes, cada homem ou garoto importante de minha vida — que sendo quem são, exemplificaram certos aspectos do arquétipo de um deus, ou me ajudaram a entender o que é ser menino ou homem nesta cultura patriarcal. Ao longo dos anos, as mulheres me falaram dos homens de quem eram íntimas, dando às vezes a impressão de conhecê-los até mesmo melhor que os próprios — especialmente aquele tipo de homem que não reflete sobre si. Significativas contribuições fizeram por homens que mergulharam fundo comigo na análise junguiana, para descobrir sentimentos, histórias, e partes de si mesmos que eles no início ignoravam, que estavam fora de seu alcance.

Portanto, a maioria das descrições compõe-se de muitos homens que conheci nas mais variadas circunstâncias, especialmente ao longo dos meus 25 anos de consultório psiquiátrico. Meu trabalho se desenrola dentro do *temenos* ("santuário", em grego) da confiança, da confidencialidade, da segurança. Nele, o que era inconsciente ou não lembrado volta à tona com o tempo. Cada um dos homens que me confiou sua psique ensinou-me mais acerca da psicologia dos outros homens e das mulheres, incluindo eu mesma. Obrigada.

Ao longo deste texto usei figuras históricas, celebridades, personagens fictícios, para descrever uma faceta particular de um deus. Recorri à imagem pública dessas pessoas e aos comentários que fizeram e que cito, mas não me vali de conhecimento pessoal ou profissional deles. As pessoas reais geralmente acabam se mostrando mais e menos do que suas imagens exageradas pela exposição ao público.

Tanto este livro como *As deusas e a mulher* decorreram das descobertas e teorias de C. G. Jung. O trabalho que ele realizou sobre os arquétipos do inconsciente coletivo e sobre os tipos psicológicos assentaram os alicerces do meu trabalho. A descrição do complexo de Édipo feita por Freud sugeriu o elo de ligação entre os mitos gregos e a psique, que, depois dele, os autores junguianos investigaram muito mais a fundo. A maior parte do que se escreveu sobre a psicologia arquetípica desde Jung é publicada pela *Spring Publications* e a maioria dos trabalhos passou pelas mãos do editor James Hillman. A maioria dessas publicações está relacionada nas notas aos capítulos. O trabalho de Murray Stein teve para mim importância especial.

O entendimento cada vez maior do que é a cultura patriarcal em que vivemos e de como ela moldou os valores, as percepções e, enfim, cada um de nós é um dos grandes temas deste livro, e essa consciência cada vez mais apurada vem sendo construída por toda uma geração de ativistas, escritores e estudiosos aos quais agradeço, principalmente às mulheres desse contingente. No que diz respeito à minha formação pessoal, sou especialmente grata a Gloria Steinem e à diretoria e funcionárias da *Ms. Foundation for Women*; a Jean Baker Miller, M.D., e a Alexandra Symonds, M.D., assim como às mulheres que compunham a força-tarefa e os comitês de mulheres da *Associação Americana de Psiquiatria*. Anthea Francine, com quem

coliderei muitos *workshops*, aprofundou minha percepção dos efeitos que a família e a cultura exercem sobre a criança, especialmente no caso daquelas cujos arquétipos não são respeitados. Os livros de Alice Miller deram-me novo ângulo de visão sobre o pensamento psicanalítico, que confirmou o que eu já sabia sobre crianças e o efeito de serem traumatizadas por pais traumatizados.

Este livro teve um trabalho de parto muito fácil porque teve licença para vir à luz em seu próprio ritmo, levando em conta as estações da minha vida, em vez das datas e prazos do contrato original. Agradeço a meu editor e gerente editorial na Harper & Row, Clayton Carlson, por seu generoso tempo e demonstração de entendimento, e por haver designado Tom Grady para trabalhar comigo. A sensibilidade editorial de Tom foi no ponto certo. John Brockman e Katinka Matson, meus agentes literários, por cuidarem do que já fazem tão bem, ajudaram-me a ser autora.

Meu pai, Joseph Shinoda, deu-me apoio quando se tratou de fazer coisas no mundo. Herdei dele a intensidade, o companheirismo, a inclinação pela literatura e pela história, e a capacidade de escrever e falar. Ele morreu enquanto eu cumpria o meu primeiro ano de residência em psiquiatria, e com isso nunca chegou a conhecer meus filhos nem meus livros. Sinto falta dele, e sei que, embora nosso tempo juntos tenha sido mais curto do que eu queria, tive a felicidade de ser muito querida por ele. Em parte, a afetuosidade e a clareza de entendimento que marcam este livro são fruto de eu ter tido um pai Zeus bem-sucedido a quem pude me opor e com quem medir forças, quando o que me importava e o que ele queria de mim diferiam.

Mill Valley, Califórnia,
novembro de 1988.

PARTE I

OS DEUSES E O HOMEM

HÁ DEUSES EM TODOS OS HOMENS

Este livro trata dos deuses que existem em todos os homens, ou seja, os padrões inatos arquetípos que se encontram no fundo da psique, moldando os homens por dentro. Esses deuses são predisposições invisíveis e poderosas, que atingem a personalidade, o trabalho e os relacionamentos. Os deuses têm ligação com a intensidade ou a distância emocional, com as predileções por precisão mental, exercícios corporais ou avaliação estética assim como com experiências de fusão extática, entendimento global, noção de tempo, e muito mais. Os diferentes arquetípos são responsáveis pela diversidade entre os homens e pela complexidade masculina, e têm muito a ver com a facilidade ou dificuldade que homens (e meninos) experimentam quando há que se conformar com expectativas, e que custo isso acarreta para sua mais profunda autenticidade.

Sentir-se autêntico significa ser livre para desenvolver traços e potenciais que são predisposições inatas. Quando somos aceitos e temos licença para ser genuínos, é possível ter ao mesmo tempo auto-estima e sentir-se autêntico. Esse sentimento só se desenvolve se somos encorajados, e não desestimulados pelas reações das pessoas que são importantes para nós, ao termos condutas espontâneas e confiantes, ou quando nos deixamos absorver por aquilo

que nos traz contentamento. Desde a infância, primeiro a família e depois a cultura são os espelhos em que nos enxergamos como pessoas aceitáveis ou não. Quando precisamos nos conformar para sermos aceitos, terminamos adotando uma falsa máscara e desempenhando papéis vazios, se entre quem somos por dentro e o que se espera de nós há distância muito grande.

O CONFORMISMO COMO O LEITO DE PROCRUSTO

A conformidade exigida dos homens pela cultura patriarcal é como o leito de Procrusto, da mitologia grega. Os viajantes que iam de Mégara a Atenas eram forçados a se deitar nessa cama de ferro. Se fossem menores, o bandido esticava suas pernas com sistema parecido ao das rodas medievais de tortura; se fossem maiores, eram simplesmente esartejados para se ajustar ao tamanho.

Há homens que cabem precisamente no leito de Procrusto, da mesma forma como existem aqueles para quem os estereótipos (ou as expectativas do mundo externo) e os arquétipos (os padrões internos) estão em harmonia. Para esses o sucesso é fácil e prazeroso. Todavia, conformar-se aos estereótipos é, via de regra, processo torturante para o homem cujo padrão arquetípico desvia-se "do que devia ser". Ele pode dar a impressão de caber mas, na verdade, manobrou até chegar a esse resultado, amputando aspectos significativos de seu ser, ou esticando outras dimensões de sua personalidade para corresponder às expectativas, mas comprometendo assim sua complexidade e profundidade o que, muitas vezes, torna intimamente vazios os sucessos no mundo externo.

Os viajantes que passaram pela provação do leito de Procrusto para chegar a Atenas podem ter-se questiona-

do sobre a validade dessa experiência como costumam fazer hoje em dia os homens que "chegaram lá". William Broyles Jr., em artigo para o *Esquire*, descreve amargamente como o sucesso pode ser vazio:

Toda manhã me enfiava num terno, agarrava a pasta e ia para o glamuroso trabalho morrer um pouco. Eu era o editor-chefe da *Newsweek*, cargo que, aos olhos dos outros, era tudo; só que não tinha nada a ver comigo. Dava-me pouco prazer dirigir uma grande instituição. Queria sentir uma realização pessoal, não ter poder. Para mim, o sucesso era mais perigoso do que o fracasso; este ter-me-ia forçado a decidir o que queria realmente.

A única saída estava em me demitir, mas nunca mais abandonara coisa alguma desde o dia em que larguei a equipe de corrida, no colegial. No Vietnã, também fora fuzileiro, e os fuzileiros são treinados a sustentar um ataque morro acima, seja a que custo for. Mas já tinha conquistado o topo da colina e estava detestando ficar lá em cima. Subira o morro errado e a única coisa que restava era descer e subir outro. Não foi fácil: minhas peças de redação custavam mais a sair e meu casamento foi por água abaixo.

Eu precisava de alguma coisa e não sabia ao certo o quê. Sabia que queria ser testado, mental e fisicamente. Queria ter sucesso, mas de acordo com parâmetros que não me eram claros nem concretos, e que nem dependiam da opinião dos outros. Queria a intensidade e a camaradagem de empreendimento arriscado. Se fosse em outra época, teria ido para o meio-oeste, ou para o mar, mas já tinha dois filhos e toda uma teia de responsabilidades.

Esse homem de poder e prestígio, com metas que ocupam os melhores anos da vida de um homem para serem atingidas e que, na verdade, poucos conseguem alcançar sofria do pior distúrbio que vi homens de meia-idade padecer: depressão amena, mas insidiosa. Quando a pessoa não tem mais contato com suas fontes interiores de vitalidade e alegria, a vida fica vazia e sem sentido. Nesta cultura, os homens mandam e parecem ocupar os

melhores papéis. É certo que ocupam os de mais poder e mais bem remunerados. Apesar disso, muitos deles sofrem de depressão que o álcool tenta mascarar, ou que excesso de trabalho ou horas e horas diante da televisão tentam entorpecer. Há muitos mais ainda, ressentidos e zangados, com hostilidade e ira prontas a explodir ao menor estímulo, desde o modo como algum motorista se comporta no trânsito até o comportamento irritante de uma criança. Também sofrem de curta expectativa de vida. O movimento feminista expressou de modo muito eloqüente os problemas que as mulheres vivem em meio ao patriarcado; mas, a julgar por quantos homens infelizes que existem, viver no mundo patriarcal parece que também faz mal para eles.

O MUNDO INTERNO DOS ARQUÉTIPOS

Quando a vida dá a sensação de não ter sentido, ou quando alguma coisa parece profundamente errada no modo como você vive e no que faz, você pode ajudar tomando consciência das discrepâncias entre os arquétipos, em seu interior, e os papéis visíveis que desempenham. Muitas vezes os homens ficam presos entre o mundo interno dos arquétipos e o mundo externo dos estereótipos. Os arquétipos são predisposições poderosas; representados pelas imagens e pela mitologia dos deuses gregos, nas minhas descrições ao longo deste livro, cada um deles tem impulsos, emoções e necessidades características, que moldam a personalidade. Quando se desempenha um papel relacionado a um arquétipo ativado em nosso íntimo, a profundidade e a significação desse papel em nossa vida geram energia.

Se, por exemplo, se é como Hefesto, o artífice e inventor, deus da forja, que confeccionou bela armadura e

belas jóias, então se pode passar horas e horas sozinho na oficina, no estúdio ou laboratório, intensamente absorto no que faz, com muito capricho, para atingir os mais altos padrões. Mas se, no íntimo, se é como Hermes, o deus mensageiro, então se é, naturalmente, "alguém que está sempre em movimento". Seja como representante de vendas itinerante, ou negociador internacional, ama-se o que se faz e para isso é preciso agilidade mental, especialmente se se perceber, como é comum que aconteça, que navegamos por águas eticamente turvas. Se se é como um desses deuses e tens de fazer o trabalho do outro, este não seria mais uma fonte de prazer e envolvimento, pois o trabalho só é capaz de trazer satisfação quando coincide com nossa natureza arquetípica e com nossos talentos naturais.

As diferenças na vida pessoal também são moldadas pelos arquétipos. O homem que lembra Dioniso, o deus do êxtase, pode estar totalmente absorvido pela sensualidade do momento, quando nada é mais importante do que ser o amante espontâneo. Ele contrasta com o homem que, como Apolo, deus do sol, trabalha para aperfeiçoar suas habilidades e se tornar especialista numa determinada técnica, que pode incluir a de fazer amor.

Assim como os arquétipos, os "deuses" existem como padrões que ditam as emoções e os comportamentos; são forças poderosas que exigem o que lhes é devido, quer isso seja reconhecido, quer não. Reafirmados conscientemente (embora não necessariamente denominados) e respeitados pelo homem (e pela mulher) em quem existem, esses deuses ajudam o homem a ser quem realmente é e motivam-no a levar uma vida que lhe dê a sensação de ter sentido, pois o que ele faz então está ligado à dimensão arquetípica de sua psique. Mesmo quando desrespeitados e renegados, os deuses também exercem sua influência que costuma ser altamente perturbadora, e suas

exigências inconscientes ao serem feitas ao homem costumam interromper-lhe as atividades. Uma identificação distorcida também é prejudicial. Às vezes, por exemplo, o homem pode se identificar tanto com certo deus que acaba perdendo sua individualidade; torna-se "possuído".

O QUE É O ARQUÉTIPO

C. G. Jung introduziu o conceito de arquétipo na psicologia. Trata-se de padrões preexistentes, latentes e internamente determinados, de ser e se comportar, de perceber e reagir. Esses padrões estão contidos no inconsciente coletivo, aquela parte do inconsciente que não é individual e sim universal, compartilhada. Esses padrões podem ser descritos de maneira personalizada, como deuses e deusas; seus mitos são histórias arquetípicas. Esses dinamismos despertam sentimentos e imagens, e tratam de temas universais que fazem parte de nosso legado humano comum. Soam verdadeiros, do ponto de vista de nossas experiências humanas partilhadas e, por isso, dão a sensação de ser vagamente conhecidos, mesmo quando os ouvimos pela primeira vez. E quando interpretamos o mito sobre um deus, quando captamos intelectualmente seu sentido ou intuitivamente assimilamos sua conexão com nossa vida, o impacto pode ser o mesmo daquele de sonho pessoal que lança luz sobre determinado lado de seu caráter, ou do caráter de uma pessoa que conhecemos.

Na qualidade de figuras arquetípicas, os deuses são como qualquer outra coisa genérica: descrevem a estrutura básica dessa parte do homem (ou da mulher, pois arquétipos de deuses também costumam ser ativados na psique feminina). Essa estrutura básica é "vestida" ou "corporificada" ou "detalhada" pelo indivíduo do sexo

masculino, cuja singularidade é moldada por sua família, classe social, nacionalidade, religião, pelas experiências de vida e pela época em que vive, assim como por sua aparência física e inteligência. Mesmo assim, é possível reconhecer que ele segue certo padrão arquetípico, que faz lembrar determinado deus.

Uma vez que as imagens arquetípicas fazem parte de nosso legado humano coletivo, elas são "familiares". Os mitos da Grécia, com mais de 3.000 anos de história, continuam vivos, e são contados e recontados, porque os deuses e as deusas nos dizem as verdades sobre a natureza humana. Aprender quem são esses deuses gregos pode ajudar os homens a entender melhor quem ou o que atua no fundo do seu psiquismo. E as mulheres podem aprender como entender melhor os homens, sabendo quais deuses estão ativados nos que lhes são significativos em suas vidas, além de descobrirem que um ou outro "deus" em particular pode ser parte de sua própria psique. Os mitos oferecem a possibilidade de um "Ah!" repentino de entendimento, a percepção súbita de alguma coisa que parece certa e, intuitivamente, apreendemos a natureza de uma situação humana com mais profundidade.

A semelhança com Zeus, por exemplo, pode ser drasticamente óbvia nos homens capazes de ser cruéis, que correm riscos para acumular poder e bens, e que querem garantir alta visibilidade assim que alcançam status de destaque. As histórias sobre Zeus geralmente cabem também na vida dos homens que se identificam com ele. Por exemplo, sua vida conjugal e sexual pode lembrar os romances de Zeus. A águia, associada com Zeus, simboliza algumas características desse arquétipo: de sua posição ao alto pode enxergar as coisas por um prisma abrangente, tem a percepção aguçada dos detalhes e a habilidade para atacar rapidamente quando quer apoderar-se de alguma coisa com suas garras.

Hermes, o deus mensageiro, era o comunicador, traquinas, guia de almas até o mundo inferior e o deus das estradas e das fronteiras. O homem que encarna esse arquétipo terá dificuldade em seu instalar num canto só, pois é sensível à sedução das estradas abertas à sua frente e da próxima oportunidade. Tal como o mercúrio (para os romanos ele se chama Mercúrio), esse homem escapa pelo vão dos dedos das pessoas que querem agarrá-lo ou segurá-lo com as mãos.

Zeus e Hermes são dois padrões muito diferentes e os homens que lembram um e outro são muito diversos entre si. Mas, como potencialmente todos os arquétipos estão presentes no homem, esses dois podem estar ativados num mesmo homem. Se esses dinamismos estiverem em equilíbrio em seu interior, o homem pode conseguir estabelecer-se que é uma prioridade de Zeus com a ajuda das habilidades de comunicação e das idéias inovadoras que são típicas de Hermes. Ou ele se perceberá atolado num conflito psíquico, na gangorra entre o seu Zeus que quer poder, o que exige tempo e compromisso, e o Hermes que necessita de liberdade. Esses são só dois dos arquétipos de deuses com valor positivo numa cultura patriarcal.

Os deuses denegridos ou rejeitados, aqueles cujos atributos não eram prezados naqueles tempos nem agora, também estão ativos na psique masculina, da mesma forma que na mitologia grega. Havia preconceito contra eles enquanto deuses; a cultura ocidental tem um viés negativo parecido contra eles enquanto arquétipos da psique humana: a sensualidade e a paixão de Dioniso, o frenesi de Ares nos campos de batalha que, em outro contexto, poderia com a mesma facilidade transformar-se em dança, a emotividade de Posêidon, a intensa criatividade subterrânea de Hefesto, a introspecção de Hades. Esse viés ainda em vigor atinge a psicologia dos homens que

devem, cada um a seu modo, reprimir esses aspectos em si mesmos no esforço de se conformar aos valores culturais que recompensam a distância emocional e a frieza, junto com a conquista do poder.

Quer esteja trabalhando, quer guerreando ou fazendo amor, quando você só se conforma com o que é esperado a seu respeito, e não conta com nenhuma energia arquetípica para inspirá-lo, gastará enorme quantidade de energia e de esforço. Tanto empenho poderá trazer suas recompensas, mas não proporcionará a sensação da satisfação profunda. Por outro lado, quando faz o que ama, você se valida intimamente e sente prazer; o que faz é consistente com a sua natureza. Você é de fato pessoa feliz se o que faz também é gratificado e valorizado no mundo externo.

ATIVANDO OS DEUSES

Todos os deuses são padrões potenciais na psique de todos os homens mas, em cada um deles individualmente, alguns desses padrões são ativados (energizados ou desenvolvidos) enquanto outros não. Jung usava a analogia da formação dos cristais para ajudar a explicar a diferença entre *padrões arquetípicos* (que são universais) e *arquétipos ativados* (funcionando dentro de nós). O arquétipo é como o padrão invisível que determina a forma e a estrutura que um cristal assumirá quando chegar a ter forma. Assim que isso realmente acontece, o padrão, agora identificável, é análogo a arquétipo ativado.

Os arquétipos também podem ser comparados aos "gabaritos" contidos nas sementes. O crescimento que se processa a partir delas depende do solo e das condições climáticas, da ausência ou presença de certos nutrientes, de um cultivo amoroso ou de descaso por parte do jardi-

neiro, do tamanho e da profundidade do recipiente, do viço da própria espécie. Pode ser que a semente nem brote, ou que não sobreviva depois de ter soltado seus primeiros raminhos. Se cresce, pode virar um espécime magnífico, ou ter o desenvolvimento comprometido, talvez agora devido a condições muito distantes do ideal. As circunstâncias afetarão a aparência específica do que cresce a partir da semente, mas a forma ou a identidade básica da planta como o arquétipo ainda continuará reconhecível.

Arquétipos são padrões humanos básicos, alguns dos quais inatamente mais fortes em algumas pessoas que em outras, da mesma maneira como traços humanos tais como aptidão musical, a noção interna de tempo, habilidades paranormais, coordenação física, inteligência. Nós, humanos, temos todos certo potencial musical, por exemplo, mas alguns indivíduos (como Mozart) são crianças prodígio e outros (como eu) têm dificuldade em repetir um som. Acontece o mesmo com os padrões arquetípicos. Alguns homens parecem ser a encarnação de um arquétipo em particular desde o dia em que nasceram e se mantêm basicamente do mesmo jeito a vida inteira; ou, no caso de outros, determinado arquétipo pode irromper na metade da vida, por exemplo, se ele subitamente se apaixonar e travar contato direto com Dioniso.

Predisposição interna e expectativas familiares

Os bebês nascem com traços de personalidade: são vigorosos, voluntariosos, plácidos, curiosos, capazes de ficar sozinhos durante algum tempo, ou pedem a companhia de outras pessoas. O nível de atividade física, de energia e o tipo de atitude é diferente para cada menino. O recém-nascido cujo choro forte tem o inequívoco poder de exigir o que quer neste preciso momento e que, aos dois anos, se arremessa fisicamente em todas as ativida-

des, é criança muito diferente daquele menininho radiante e afetivo que parece ser a própria alma da razoabilidade, mesmo tão pequenino. São tão diferentes quanto o Ares intensa e instintivamente físico, e o amistoso e bem-humorado Hermes.

No bebê, no menino e finalmente no homem, as ações e atitudes que começaram como predisposições inerentes ou como padrões arquetípicos são julgados pelos outros e despertam nesses reações de aprovação, desaprovação, ansiedade, orgulho e vergonha. As expectativas de uma família valorizam estes arquétipos e repudiam aqueles; a mesma atitude mantém-se quanto a essas qualidades em seu filho, ou quanto à própria natureza da criança. O ambicioso casal de jovens profissionais de carreira, em franca ascensão socioeconômica, que ficou sabendo pela amniocentese que "é um menino", pode passar a esperar pelo nascimento do filho que já antecipam como calouro de uma universidade consagrada. Esperam que nasça um filho de boa presença, capaz de concentrar seus esforços intelectuais na consecução de um alvo de longo prazo. Um menino que, arquetipicamente, seja como Apolo ou Zeus poderá corresponder à encomenda com precisão, agradando os pais e se saindo bem no mundo. Mas se esse menino for arquetipicamente de outro tipo, é provável que desperte raiva e decepção por sua incapacidade de satisfazer às expectativas. Um emotivo Posêidon, ou um Dioniso e sua visão do momento presente, terão dificuldades em se conformar com o programa que seus pais montaram para sua vida. Esse desencontro provavelmente atingirá de maneira adversa sua auto-estima.

É comum que uma criança de uma família não "combine" com as suposições ou com o estilo de convívio familiar. A criança que aprecia a solidão, como Hades, ou a distância emocional, como Apolo, não só sofre invasões de privacidade constantes, como também pode ser consi-

derada estranha por seus familiares mais expressivos, extrovertidos*. O menino Posêidon ou Ares, que numa família assim se sentiria à vontade, é o estranho no ninho numa família friamente racional e fisicamente avessa a demonstrações de afeto; suas necessidades de contato seriam desaprovadas e não obteriam resposta.

Em algumas famílias, há a expectativa de que o menino seja como o pai e siga suas pegadas. Em outras, se o próprio pai foi uma decepção, quaisquer traços que o menino tenha em comum com ele despertam na família a mesma raiva e animosidade que sentem pelo pai. Depois surgem as expectativas de que ele venha a concretizar os sonhos fracassados que foram alimentados para o pai. As expectativas alimentadas a seu respeito interagirão com o que está arquetipicamente presente e é possível moldar.

Se o menino ou o homem tenta se conformar com o que é esperado dele, ao custo de sacrificar a ligação com sua mais verdadeira natureza, ele pode até ter sucesso no mundo e achar que isso não tem sentido para si como pessoa, ou fracassar também nessa dimensão, depois de não ter conseguido se manter fiel ao que era verdadeiro para si. Por outro lado, se ele é aceito como é e ainda assim se dá conta de que é importante desenvolver os traços sociais ou competitivos de que precisará, então sua adaptação ao mundo alcançar-se-á não ao preço de sua autenticidade e de sua auto-estima, mas ajudará a dar-lhe perfil ainda mais equilibrado.

*O conceito psicológico de extravertido (do latim *extra*, que significa "fora") e introvertido e os termos *extravertido* e *introvertido* foram trazidos por C. G. Jung. Tanto a pronúncia como o significado dos dois foram ligeiramente modificados pelo uso geral. "Extrovertido" tornou-se o modo mais usual de falar, e serve para designar a pessoa cuja *persona* é amistosa ou sociável.

Jung usava "extravertido" para descrever a atitude caracterizada pela energia psíquica fluindo na direção do mundo externo, ou do objeto, o que dá margem a um interesse por acontecimentos, pessoas e coisas e a uma dependência destes. Para o introvertido, o fluxo da energia psíquica é para dentro; a atenção se concentra nos fatores subjetivos e nas reações interiores.

Pessoas e acontecimentos ativam os deuses

Uma reação que é arquetípica ou "típica" a um deus particular pode ser ativada ou, para usar um termo junguiano, *constelada* por outra pessoa ou evento. Por exemplo, o filho que chega à sua casa com o olho preto poderia, sem proferir palavra alguma, provocar em seu pai a reação de revide vingativo clássica em Posêidon, desfechada imediatamente contra quem fez isso com o *seu* filho. O mesmo olho preto, contudo, poderia despertar desprezo por esse filho que se deixou socar, antes de mais nada, se seu pai reage a ele como Zeus diante de seu filho Ares. Quando Ares foi ferido, Zeus não só não se mostrou simpático como o condenou; desdenhou-o dizendo que era maricas e usou a chance para dizer o quanto Ares era detestável e briguento.

A infidelidade também provoca ampla gama de reações. O que acontece com o homem quando acha que sua esposa está-lhe sendo infiel, ou que a mulher que considera "sua" tem outro amante (ainda que ele seja casado e este seja um romance "paralelo")? Torna-se um Zeus e tenta destruir o outro sujeito? Ou quer destruir a mulher, como Apolo fez? Ou quer saber dos detalhes, como Hermes? Ou arquiteta uma intrincada maneira de flagrar o casal e expô-lo ao julgamento público, como Hefesto?

Circunstâncias históricas de mais largo porte podem servir de estímulo ativador de um deus para toda uma geração de homens. Por exemplo, os rapazes de índole dionisíaca em busca de experiências de êxtase experimentaram as drogas psicodélicas na década de 1960. Muitos tornaram-se casos psiquiátricos enquanto outros tantos sentiram-se espiritualmente iluminados. Homens que, de ordinário, não se mostrariam dionisíacos agiram então sob esse influxo, do que resultou terem se tornado mais sensuais e esteticamente conscientes do que seriam em outras condições históricas.

Os soldados alistados no exército que lutava no Vietnã podem ter-se apresentado como voluntários por uma identificação com Ares, o deus da guerra. Ou podem ter sido os infelizes convocados. Em ambos os casos, foi a situação que ativou aspectos de Ares. Alguns homens tiveram experiências de vínculos positivos, de lealdade e profundidade em sua ligação com outros homens que, se não fosse assim, jamais sentiriam. Outros tornavam-se "possuídos" pela fúria cega de um Ares descontrolado, talvez depois de ver os companheiros serem apanhados por uma mina. Ou se deixaram arrastar pela psicologia ariana grupal, do que resultou que sujeitos incapazes até de um bate-boca de boteco pudessem tornar-se autores de massacres e atrocidades contra civis.

"Fazer" ativa os deuses: não "fazer" inibe-os

Olhos fincados no objetivo e clareza de pensamento são qualidades que nossa cultura recompensa e que são naturais em homens como Apolo, o arqueiro, cujas setas de ouro eram capazes de acertar alvos longínquos. Os outros todos são treinados a adquirir essas habilidades, especialmente se existe a ênfase na necessidade de fazer bem agora as coisas para mais tarde chegar a algum lugar.

Por outro lado, o menino dionisíaco tem talentos naturais que são subvalorizados: para ele é fácil deixar-se absorver pelo mundo sensorial e mergulhar inteiramente no momento presente. Quando bem pequeno, ao se deleitar com o toque do veludo e da seda, ou ao dançar com o corpo todo ao som da música, ele sintonizava em sua sensualidade inata que, muito provavelmente, não era incentivada e muito menos fazia parte da educação obrigatória dos meninos em geral.

Existe o ditado "Fazer é tornar-se", que expressa claramente como os deuses podem ser despertados ou desen-

volvidos pela escolha de certo rumo de ação. Muitas vezes, a pergunta é: "Você dedicará tempo a isso?" Por exemplo, o empresário pode até perceber quanta satisfação sente quando usa as mãos para trabalhar, e é capaz de ficar horas sem fim em sua oficina no porão. Mas para que tenha tempo para Hefesto, não pode levar trabalho para casa. Da mesma maneira, o homem que no passado experimentara a forte alegria da competição esportiva, nos campos de jogos dos tempos de Faculdade, terminará perdendo contato com o Ares físico e agressivo em seu íntimo, a menos que encontre tempo e companheiros para formar o time de vôlei ou de futebol, ou para jogar com os vizinhos.

OS DEUSES E OS ESTÁGIOS DA VIDA

O homem, como indivíduo, atravessa muitas fases da vida. Cada uma delas pode ser marcada por um ou mais deuses influentes. Por exemplo, até cerca de 30 anos, ele pode ser uma combinação de Hermes, o deus de pés alados sempre em trânsito, com o Dioniso em busca de êxtases. Nessa idade ele chega a uma encruzilhada crítica: a mulher de sua vida lhe oferece a escolha entre comprometer-se com ela ou perdê-la. Sua decisão de comprometer-se com ela e permanecer-lhe fiel, que (talvez para a surpresa geral) é outro traço de Dioniso, leva-o a prender as asas de Hermes e a constelar o Apolo em si para seguir em frente com o seu trabalho no mundo. Nas próximas três décadas outros arquétipos podem alternar-se em sua cena psíquica. Ter-se tornado pai talvez tenha constelado Zeus; a morte da esposa ou descobrir que tem o vírus da AIDS pode trazer Hades à tona.

Às vezes, os homens que se identificam fortemente com um só arquétipo podem passar por todos os estágios que correspondem a variados aspectos desse

único deus. Nos capítulos dedicados a cada um desses deuses em separado serão descritos esses padrões de desenvolvimento.

FAVORITISMO PATRIARCAL

O patriarcado — esse sistema invisível e hierárquico que nos serve de leito cultural de Procrusto à medida que endossa determinados valores e outorga poder — tem seus favoritos. Há sempre vencedores e perdedores, os arquétipos favorecidos e os que caem em desgraça. Por outro lado, os homens que personificam “deuses” deste ou daquele tipo são recompensados ou rejeitados.

Os valores patriarcais que enfatizam a aquisição do poder, o pensamento racional e estar no controle são inconsciente ou conscientemente adotados e praticados por mães e pais, colegas, escolas e instituições que gratificam ou punem os comportamentos dos meninos. Resulta disso que os homens aprendem a se conformar abafando sua individualidade e com ela suas emoções. Aprendem a assumir a *persona* correta (ou a atitude aceitável, e os modos que têm para com o mundo), junto com o “uniforme” esperado de sua classe social.

Qualquer coisa “inaceitável” aos outros ou a padrões de comportamento pode se tornar uma fonte de culpa e vergonha para o homem, e então ele vai se deitar no leito psicológico de Procrusto. O “desmembramento” psicológico decorre desse processo, pois os homens (e as mulheres) eliminam de si ou reprimem esses arquétipos ou partes de seu ser que fazem com que se sintam inadequados ou vergonhosos. Entendida metaforicamente, a admoestação bíblica que começa com “Se tua mão direita te ofende, corta-a fora” é um apelo à automutilação psicológica.

O que os homens amputam, em geral, são os aspectos emocionais, sensuais vulneráveis ou instintivos. Não obstante, tudo o que foi amputado ou enterrado continua vivo no seio da psique. Pode manter-se “subterrâneo” e ficar fora do alcance da consciência por algum tempo, mas tem possibilidade de reemergir ou ser “re-membrado” quando (pela primeira vez na vida, ou pela primeira vez desde a infância), esse arquétipo for aceito numa relação ou situação. Para homens que mantêm vidas secretas, sentimentos e atos inaceitáveis podem ter uma existência à sombra e ser vivenciados de maneira sub-reptícia, sem que os outros tenham consciência de tais fatos, até que ocorram o flagrante e o escândalo como tem ocorrido com figuras célebres da televisão que, proclamando-se evangélicos e fazendo campanhas contra os pecados da carne, foram desmascarados pela exposição de seu próprio Dioniso desrespeitado.

CONHECENDO OS DEUSES, GANHAMOS FORÇA

Conhecer os deuses é uma fonte de poder pessoal. Neste livro, encontrará, um por um, conforme formos passando da imagem e da mitologia para o arquétipo. Verá como cada deus influencia a personalidade e as prioridades, e entenderá como dificuldades psicológicas específicas estão associadas a cada um, além do significado que têm dentro do psiquismo.

Entender os deuses deve ocorrer em conjunto com conhecimento do patriarcado. Ambos são forças invisíveis poderosas, que interagem para afetar cada homem. O patriarcado amplia as influências de alguns arquétipos e diminui as de outros.

Conhecer os deuses pode promover o autoconhecimento e a auto-aceitação e, assim, abrir caminho para que os ho-

mens se comuniquem entre si a respeito de si mesmos. Isso dá forças aos homens e a muitas mulheres para que façam escolhas capazes de levá-los à realização de seus potenciais e à vivência do contentamento. Em *Courage to Create*, Rollo May definiu o contentamento como "a emoção que acompanha a consciência intensificada; o estado de ânimo que acompanha a experiência da realização das próprias potencialidades".² Arquétipos são potencialidades. Dentro de nós e no bojo de nossa cultura patriarcal há deuses que precisam ser liberados e deuses que precisam ser contidos.

NOVA TEORIA E PERSPECTIVA PSICOLÓGICAS

Este livro apresenta os homens e a psicologia masculina sob luz nova e diferente. Ao acompanhar o desenrolar de alguns temas na mitologia e na teologia, percebi quão evidente é a atitude patriarcal de hostilidade contra os filhos. Essa mesma atitude prevalece na teoria psicanalítica.

Descrevo os efeitos do antagonismo e da rejeição patriarcal sobre a psicologia masculina no capítulo dois: "Pais e filhos: os mitos nos falam do patriarcado". Esse capítulo contém os esclarecimentos da psicanalista Alice Miller, para quem merece destaque o fato de o complexo de Édipo começar com a intenção do pai de matar seu filho. Em toda família ou cultura em que os filhos são vistos como ameaça ao pai e recebem um tratamento condescendente com essa preocupação, a psique do filho e o ambiente cultural podem sofrer influência adversa. O que apresento aqui é perspectiva psicológica nova.

Além disso, *Os deuses e o homem* é uma psicologia dos homens que considera a importância do impacto da cultura sobre o desenvolvimento dos arquétipos. Em termos da psicologia junguiana, essa é nova ênfase.

No capítulo doze, "O deus que falta", apresento algumas conjecturas a respeito do aparecimento de novo arquétipo masculino, possibilidade que a teoria dos campos morfogenéticos de Rupert Sheldrake pode endossar.

Por fim, este livro oferece maneira sistemática e coerente de entender a psicologia masculina por meio dos arquétipos masculinos, segundo sua personificação nos deuses gregos (que também estão presentes nas mulheres). Meu livro anterior, *As deusas e a mulher*, descrevia as deusas gregas e os arquétipos femininos (também presentes nos homens) como a base de uma psicologia arquetípica feminina. Juntos, esses dois livros introduzem nova e sistemática psicologia de homens e mulheres, que explica a diversidade dos seres humanos e nossa complexidade interior. Baseando-se no panteão das divindades gregas, essa psicologia reflete a riqueza de nossa natureza humana e aponta a divindade que experimentamos quando aquilo que fazemos provém das profundezas do nosso ser e então sentimos a dimensão sagrada em nossa vida.

O conceito psicológico de extravertido (do latim *extra*, que significa "fora") e introversão e os termos *extravertido* e *introvertido* foram trazidos por C. G. Jung. Tanto a pronúncia como o significado dos dois foram ligeiramente modificados pelo uso geral. "Extrovertido" tornou-se o modo mais usual de falar, e serve para designar a pessoa cuja *persona* é amistosa ou sociável.

Jung usava "extravertido" para descrever a atitude caracterizada pela energia psíquica fluindo na direção do mundo externo, ou do objeto, o que dá margem a um interesse por acontecimentos, pessoas e coisas e a uma dependência destes. Para o introvertido, o fluxo da energia psíquica é para dentro; a atenção se concentra nos fatores subjetivos e nas reações interiores.

PAIS E FILHOS: OS MITOS NOS FALAM DO PATRIARCADO

No nível mais pessoal e privado, o patriarcado molda a relação entre o pai e seu filho; no nível mais externo dos costumes, os valores patriarcais determinam os traços e valores que são encorajados e recompensados e, dessa maneira, estipula que arquétipos terão precedência sobre os demais, tanto no plano do homem individual como da coletividade masculina. Para alcançar seu autoconhecimento, que é processo de fortalecer-se a partir de seu interior, o homem deve tomar consciência das influências que concernem a suas atitudes e condutas: deve entender o que é o patriarcado e como ele molda seus filhos.

Os mitos de uma cultura revelam seus valores e padrões de relacionamento. Um bom lugar para começar a investigar nossos próprios mitos é Luke Skywalker e seu pai, Darth Vader, da série de filmes *Guerra nas estrelas*. Histórias e figuras arquetípicas quer dos filmes do cinema atual, quer dos antigos mitos gregos falam verdades sobre a história da família humana e os papéis que nós também podemos desempenhar nessa trama. Darth Vader, o pai poderoso que tenta destruir seu filho, repete um tema que nos é conhecido desde os tempos da antiga Grécia.

Luke Skywalker, no entanto, simboliza o herói em todo homem, neste momento histórico. Para ser um Luke

Skywalker, o homem contemporâneo precisa descobrir o que lhe aconteceu no passado de sua história pessoal e no da humanidade. Ele tem de descobrir sua identidade autêntica, em sentido psicológico e espiritual, aliando-se a sua irmã (uma figura feminina forte, que ocorre como possibilidade tanto interna quanto externa), e unir-se a homens e a outras criaturas de bravura, todos com um mesmo propósito, na luta contra o poder destrutivo. Somente o filho (ao não se tornar como o pai e sucumbir ao medo e ao poder) pode libertar o pai amoroso há muito enterrado nas trevas de Darth Vader, que simboliza o que pode acontecer com o homem do patriarcado.

A figura grande e dominadora de Darth Vader, com seu rosto negro de metal, é a imagem do homem cuja busca pela conquista e manutenção do poder e do status tornou-se sua vida e custou-lhe seus traços mais humanos. Dele emana o poder obscuro. Ele lembra a máquina eficiente e impiedosa, que executa ordens emanadas por instância superior, e emite ordens que espera sejam executadas com a mesma obediência cega. Para Luke, é isso que seu pai hostil e destrutivo parece. Darth Vader é uma imagem do lado escuro do patriarcado.

O rosto original de Darth Vader está escondido por trás de uma máscara de metal que lhe serve de identidade, armadura e sustentáculo na vida. Ele não pode removê-la, porque está tão danificado que, sem ela, morrerá: eis uma boa metáfora para homens que se identificam com sua *persona*, máscara ou expressão fixa que usam diante do mundo. Sem uma vida pessoal que tenha importância para eles, são sustentados pela *persona* e pelas posições que ocupam. Como não têm laços emocionais estreitos e são emocionalmente vazios, podem não sobreviver a uma perda substancial de poder e status.

Darth Vader é figura paterna arquetípica da mesma tradição que os deuses celestes dos gregos. Urano, Cronos

e, em menor extensão, Zeus eram hostis para com os filhos, especialmente os meninos, a quem temiam que desafiassem sua autoridade. Luke Skywalker, o filho, é lançado no papel de protagonista de uma jornada heróica, que é outro arquétipo.

Portanto, fiquei igualmente surpresa e nem um pouco surpresa quando soube que Joseph Campbell, o eminente mitólogo e autor de *O herói das mil faces*, tivera significativa contribuição no filme *Guerra nas estrelas*, rodado por George Lucas*.

A ligação entre o mitólogo Campbell, o criador de mitos Lucas e a psicologia junguiana não é surpreendente. A teoria psicológica de Jung dá a chave para entendermos por que os mitos têm esse poder de viver em nossa imaginação. Quer estejamos cientes deles, quer não, os mitos vivem através de nós e em nós. No mundo ocidental, os mitos gregos antigos continuam poderosos e muito lembrados.

Histórias mitológicas são como sítios arqueológicos que nos revelam a história cultural. Algumas são como pequenas lascas que, ao serem reunidas, permitem-nos traçar inferências. Outras são peças detalhadas e preservadas, como os afrescos que estavam soterrados nas cinzas de Pompéia e hoje estão expostos.

Penso na mitologia grega como informações que remontam a um tempo que equivale à infância de nossa civilização. Esses mitos podem dizer-nos muitas coisas sobre as atitudes e os valores com que fomos criados. Como os mitos ou histórias de nossa família pessoal, transmi-

*Foi agradável quando, após o enorme sucesso de seus filmes, soube de um episódio ocorrido antes das filmagens. Lucas, com seu status de grande celebridade, mas ainda com cara de universitário, entrou sorrateiramente pela porta de trás quando foi encontrar-se pela primeira vez com Joseph Campbell, que estava no camarim do *Palace of Fine Arts*, em São Francisco, para um evento realizado pelo Instituto Junguiano.

tem à geração atual dados sobre quem somos e o que é esperado de nós, sobre o que está, por assim dizer, em nossa memória genética e faz parte do legado psicológico que nos moldou e concerne de forma invisível a nossas percepções e condutas.

A HISTÓRIA DA FAMÍLIA OLÍMPICA

Os mitos sobre Zeus e os olímpicos são "histórias de família" que lançam alguma luz também sobre nossa genealogia patriarcal e sua enorme influência em nossa vida pessoal. Essas histórias dizem respeito a atitudes e valores que nos são transmitidos desde os gregos, descendentes dos indo-europeus com seus deuses guerreiros que vieram, em ondas invasoras, para conquistar os primitivos adoradores de deusas nos primórdios da Europa e na península grega. Esses mitos falam dos pais fundadores e ignoram, ou apenas mencionam vagamente, o contexto matriarcal que os precedeu.

Como tantas vezes acontece com as famílias, depois de todos os anos de luta para consolidar seu estabelecimento, as pessoas sentem necessidade de registrar o que aconteceu e construir a árvore genealógica. Nesse sentido, somos gratos a Homero (c. 750 a.C.) e Hesíodo (c. 700 a.C.). A *Iliada* e a *Odisséia* de Homero preservaram os temas mitológicos em épicos que tiveram fundamentos históricos, ao passo que Hesíodo foi o primeiro a organizar, em sua *Teogonia*, numerosas tradições mitológicas que explicam a origem dos deuses e sua progênie.

No início, segundo Hesíodo, era o vazio. Do vazio se materializou Gaia (Terra). Ela deu à luz as montanhas, o mar e Urano (Céu), que se tornou seu marido. Gaia e Urano copularam e tornaram-se os pais de doze Titãs, os poderes ancestrais, primordiais, que eram cultuados na Grécia his-

tórica. Na genealogia de Hesíodo, os Titãs foram a primeira dinastia regente, os pais e avós dos olímpicos.

Urano, a primeira figura patriarcal da mitologia grega, ficou ressentido com a capacidade procriativa de Gaia: não era de seu agrado que ela parisse filhos. Quando nasceram os últimos, ele os escondeu no grande corpo de Gaia, a Terra, e não lhes permitiu que vissem a luz do dia. Gaia sofreu grandes dores e agonias por causa dessa violência contra seus recém-nascidos.

Por isso, chamou os primeiros, os Titãs, para que a ajudassem. Como relata Hesíodo, foi movida pela angústia que ela falou com audácia: "Meus filhos, vocês têm um pai selvagem. Se acreditarem em mim, poderão se vingar das maldades que a cólera dele gerou: foi ele quem começou a usar de violência".¹

Assim, a *Teogonia* de Hesíodo faz com que a violência de Urano contra seus filhos seja o início do mal, gerando a violência toda que seguiu. Esse foi o pecado original do Deus Pai Celestial, que se repetiria nas gerações seguintes.

Os Titãs foram todos "tomados pelo medo" do pai, exceto o mais jovem, Cronos (chamado Saturno pelos romanos). Só Cronos atendeu o pedido de ajuda de Gaia, pronunciando as seguintes palavras: "Mãe, estou disposto a aceitar e pôr o seu plano em prática. Não tenho nenhum respeito por esse pai infame, já que foi ele quem começou a usar de violência".²

E, munido da foice que ela lhe deu e do plano que ela havia elaborado, ele se postou à espera do pai. Quando Urano apareceu para copular com Gaia e deitou-se sobre ela, Cronos tomou da foice, amputou os genitais de seu pai e lançou-os ao mar. Tendo castrado o pai, Cronos era agora a mais poderosa divindade masculina. Com seus irmãos, os Titãs governaram o universo e criaram novas deidades.

Cronos casou-se com sua irmã, Réia, que, como a mãe Gaia, era uma deusa telúrica. De sua união nasceu a primeira geração de olímpicos: Héstitia, Deméter, Hera, Hades, Posêidon e Zeus.

Mais uma vez, no entanto, o progenitor patriarcal Cronos, desta vez tentou eliminar seus filhos. Advertido para o fato de que estava destinado a ser suplantado pelo próprio filho, e determinado a não deixar que isso acontecesse, engolia cada criança imediatamente depois de nascer, sem nem ao menos olhar para saber se era menino ou menina. No total, ele consumiu três filhas e dois filhos.

Aflita com a perda dos filhos e novamente grávida, Réia apelou junto a Gaia e Urano para que a ajudassem a salvar esta última criança. Seus pais lhe disseram que fosse para Creta quando o parto estivesse próximo e que enganasse Cronos envolvendo uma pedra com os panos para recém-nascidos. Em sua afobação, Cronos engoliu a pedra, pensando tratar-se de seu filho.

Essa última criança poupada foi Zeus, que, de fato, destronou o pai e tornou-se o supremo regente do Olimpo. Criado em segredo até a idade adulta, Zeus obteve ajuda de Métis, a deusa pré-olímpica da sabedoria, e seu primeiro consorte, para que Cronos regurgitasse seus irmãos olímpicos. Com esse casal de aliados, derrotou Cronos e os Titãs. Violência gera violência já pela terceira geração consecutiva.

Depois de sua vitória, os três irmãos deuses — Zeus, Posêidon e Hades — tiraram a sorte para repartir o universo igualmente entre si. A Zeus coube o céu, a Posêidon o mar, e a Hades o mundo inferior. Embora o monte Olimpo e a terra fossem tidos como território comum, Zeus terminou estendendo seus domínios e tornou-se senhor desses planos também. (As três irmãs não tinham direito a propriedades, como estipulava a cultura grega.)

Em decorrência de suas atividades sexuais, Zeus foi o pai da geração seguinte de divindades, assim como dos semideuses, que foram os heróis mitológicos extraordinários. E, embora fizesse filhos incessantemente, também ele, como seu pai antes, sentia-se ameaçado pela possibilidade de um filho vir a destroná-lo. Havia a profecia de que Métis, a primeira de suas sete consortes, daria à luz dois filhos, um dos quais viria a ser regente dos deuses e dos homens. Por isso, quando ela ficou grávida, ele temeu que essa fosse a gestação de tal filho. Ludibriando-a, conseguiu que ela encolhesse e ele então a engoliu, para assim abortar essa gravidez. Com o tempo, ficou esclarecido que não era menino, mas sim menina Atená que, no fim, nasceu da cabeça de Zeus.

OS DEUSES CELESTES COMO PAIS

Os deuses pais da mitologia grega têm características semelhantes às deidades de todas as culturas patriarcais. Na qualidade de imagens ou ideais, os deuses pais são divindades masculinas poderosas, que dominam as outras. São versões sobre-humanas dos homens de poder da cultura. Nessa medida, são figuras arquetípicas, cuja mitologia, quando entendida pelo prisma metafórico, esclarece vários aspectos da psicologia masculina.

Os deuses patriarcais são homens autoritários que vivem no céu, ou no alto de montanhas; governam do alto e à distância. Esperam ser obedecidos e têm o direito de fazer o que bem quiserem enquanto forem os deuses maiores. Como deuses guerreiros, sua supremacia foi conquistada derrotando rivais, e em geral são ciumentos de suas prerrogativas, cobrando obediência. Apesar de todo o poder, entretanto, sentem medo de que seu destino seja serem destronados pelos próprios filhos. Enquanto pais,

costumam não ser paternais e demonstram hostilidade para com seus descendentes.

Em seu esforço de "enterrar" os filhos, Urano buscou suprimir o potencial dos meninos ao não lhes permitir crescer e desenvolver-se até se tornarem o que nasceram para ser. Ao "engolir" ou "consumir" seus filhos, Cronos tentou torná-los parte de si mesmo. Metaforicamente, é assim que um pai impede os filhos de crescerem e se tornarem maiores do que ele foi, ou de desafiarem sua posição ou suas crenças. Ele os mantém no escuro, avesso a expô-los às influências das pessoas, do sistema educacional ou dos valores que ampliariam suas experiências de vida. Insiste em que os filhos não se diferenciem dele, nem se desviem dos planos que elaborou a esse respeito. Se um filho não pode pensar nem agir com independência, não será ameaça. O pai que consome dessa forma a autonomia e o crescimento dos filhos sofre do que eu chamo de "complexo de Cronos".

Por sua vez, Zeus enganou a esposa grávida e ela ficou pequena; então, ele a engoliu. Ela foi diminuída e perdeu poder, e seus atributos foram engolidos, da mesma maneira como o matriarcado foi engolido pelo patriarcado e os atributos antes associados com as deusas tornaram-se possessões dos deuses. Essa diminuição é semelhante à mudança que acontece com as mulheres depois que casam e engravidam. Perdem sua capacidade de raciocinar com a independência e a autoridade que exerciam antes, ao se submeterem ao marido que é então incumbido de agir nos moldes de Zeus.

Édipo: acusado, mas não culpado

Pulando várias gerações, chegamos à figura grega mitológica de Édipo, que, sem saber o que fazia, matou o pai e casou-se com a mãe. Freud fundamentou a psicaná-

lise no exame do que ele chamou de o complexo de Édipo, dizendo que este assassinio e este casamento eram o desejo inconsciente de todo filho. Freud também reagiu aos homens de quem fora mentor (como Jung e Adler, que desenvolveram idéias diversas das suas e cuja estatura profissional poderia chegar, um dia, a fazer-lhe sombra) como filhos edípicos a serem expulsos do lar. Quando Jung contou-lhe um sonho que, para ele, era a abertura para sua teoria do inconsciente coletivo, Freud se convenceu de que esse sonho expressava um desejo de morte, o da sua morte.³

Para Freud, Laio, pai de Édipo, era uma vítima inocente no mito. Essa versão está bem longe da verdade, como enfatiza a psicanalista Alice Miller*.

Laio era rei de Tebas. Quando foi ao oráculo de Delfos para perguntar por que a esposa não lhe dava filhos, obteve a seguinte resposta: "Laio, você quer um filho. Terá um filho. Mas o Destino decidiu que perderá a vida nas mãos dele... por causa de uma maldição de Pélopes, de quem roubou o filho antes". Laio, quando jovem, cometera esse erro ao se ver obrigado a fugir de sua terra, indo refugiar-se no reino de Pélopes, que o acolheu. Laio retribuiu a gentileza seduzindo Crisipo, o belo filho de Pélopes, que depois cometeu suicídio.

Primeiro Laio tentou esquivar-se ao seu destino vivendo distante da esposa. Mas depois de algum tempo, apesar de todas as advertências, tiveram relações e Jocasta deu-lhe um menino. Temeroso de que a profecia se cumprisse, Laio decide matar o recém-nascido deixan-

do-o exposto na encosta da montanha com os tornozelos furados e presos por um cravo grande. Mas o pastor que fora escolhido para cometer o crime apiedou-se do inocente bebê e o deu a seus amigos pastores. Voltando depois à presença de Laio, fingindo que realizara o serviço, deu-lhe a sensação de segurança: Laio tinha certeza de que seu filho deveria ter morrido de fome e sede, ou ter sido devorado pelos animais. Os pastores deram o menino chamado Édipo ("pés inchados", em razão das feridas em seus tornozelos) a um casal. Esses pais adotivos criaram-no na crença de que ele era seu filho de verdade.

Já adulto, Édipo viajava pela estrada que levava à Beócia, quando chegou a uma encruzilhada onde foi atropelado pela charrete de um velho que ainda lhe bateu na cabeça com um porrete. Encolerizado por esse ataque gratuito, Édipo jogou-o de volta com o seu cajado; conseguiu tirar o velho da charrete e matou-o. Depois desse incidente, continuou em frente, sem imaginar que teria feito alguma outra coisa além de se vingar de um sujeito qualquer que tinha tentado feri-lo. Nada na aparência e nos trajés do homem indicava que fosse nobre. Na realidade, porém, tratava-se de Laio, rei de Tebas, seu pai.

Alice Miller acentua a injustiça de se culpar Édipo:

Na tragédia de Sófocles, Édipo se pune arrancando os olhos. Mesmo não tendo tido meios de reconhecer em Laio seu pai; mesmo tendo Laio tentado matá-lo quando bebê e sendo, por conseguinte, responsável pelo filho não tê-lo reconhecido; mesmo tendo sido Laio quem provocou a raiva de Édipo quando seus caminhos se cruzaram; mesmo que Édipo não tenha sentido desejo por Jocasta, mas tenha se tornado seu marido graças à astúcia com que resolveu o enigma da Esfinge e, com isso, tenha salvo Tebas; e mesmo que Jocasta, sua mãe, pudesse ter identificado nele seu filho devido aos pés marcados, até o dia de hoje não parece ter havido uma só voz a objetar que toda a culpa tenha sido lançada sobre Édipo.⁴

*Alice Miller, uma psicanalista contemporânea, em seu *Thou Shalt Not Be Unaware: Society's Betrayal of the Child*, dedica-se a investigar o contexto que levou Édipo a matar o pai. Baseada no mito e em outras evidências, ela descreve o padrão de se atribuir às crianças inocentes motivações básicas ou de natureza maligna, que devem ser contidas, em geral, com brutalidade. É assim que se racionalizam os maus-tratos dispensados a crianças.

Miller continua dizendo que "Sempre foi uma verdade incontestável que os filhos são responsáveis pelo que lhes acontece, e foi essencial que conforme vão crescendo não tomem conhecimento da verdadeira natureza de seu passado".⁵

O malgrado esforço de Laio para matar seu filho Édipo repete os mitos dos deuses celestes paternos dos gregos, que tentavam matar seus filhos. Em ambos os casos, como na teoria psicanalítica sobre o complexo edípico, o pai acredita que o bebê recém-gerado ou recém-nascido quer se livrar dele e é assim que o pai o trata como se ele fosse um rival a ameaçá-lo. Cronos e Zeus temiam ter filhos que lhes fizessem aquilo que eles mesmos já tinham feito com seus pais. Laio receava que seu filho fosse agente retaliador. Na mitologia, a racionalização para pais que tentam matar os próprios filhos é sempre "por causa de uma profecia". Uma formulação psiquiátrica contemporânea seria "por causa de uma idéia paranóide". Na psicologia junguiana, a formulação seria "por causa da projeção da sombra" (que se dá quando as pessoas atribuem aos outros suas próprias motivações, emoções ou atitudes renegadas).

As projeções e os comportamentos que se originam das projeções moldam as pessoas sobre as quais elas recaem. A criança tratada como se fosse má, que é rejeitada, abandonada e maltratada, reage sentindo-se culpada e pensa: "Devo merecer esse tratamento que me dão" (sofrendo assim em dobro, primeiro com os maus tratos e, depois, ao assumir a culpa).

Zeus, e deuses mortais como Laio, eram governantes territoriais que tinham súditos. Cada um deles consolidou seu poder em relação a uma região e seus habitantes, dominando-os como figuras da realeza. Essa forma de regência e os valores nela implícitos são patriarcais; é uma hierarquia de homens, cada um deles existindo den-

tro de uma ordem estabelecida, com Zeus ou Deus no alto, divindades de menor calibre em seguida, e os deuses mortais depois, cujas raízes acham-se num deus acima; na seqüência, os vassallos e os súditos leais. As grandes corporações, com o principal executivo (CEO, *chief executive officer*) e a diretoria no topo do organograma, são os equivalentes contemporâneos de Zeus e seu séquito olímpico. As forças armadas formalizam ainda mais essa hierarquia, assim como a Igreja católica romana e a maioria das organizações fraternas.

MÃES IMPOTENTES NAS FAMÍLIAS PATRIARCAIS

Todos os deuses olímpicos, incluindo Zeus, tiveram mães impotentes e subordinadas a um pai poderoso e, geralmente, abusador; quase todos tiveram esposas que dominavam. As mulheres tanto as deusas como as mortais, com poucas exceções se saíam muitíssimo mal em suas ligações com os deuses. E se as mulheres e mães eram desvalorizadas, impotentes e incapazes de proteger os filhos (e as filhas), os meninos que geravam sentiam-se traídos por elas, pois a mãe que os dá à luz é sua provedora, sua nutriz. Ela é a primeira experiência de mundo que um recém-nascido tem e, de início, é todopoderosa. O fato de mais tarde não conseguir protegê-lo, deixá-lo ou pôr outra pessoa em primeiro lugar é rejeição e traição de que ele pode acusá-la e continuar imputando como acusação contra qualquer mulher de quem venha a se tornar dependente. Na idade adulta, pode descontar em outras mulheres a raiva impotente que sentia de sua própria mãe, quando criança. Essa cadeia de eventos ajuda a explicar uma das origens da hostilidade contra as mulheres nas culturas patriarcais, em que as mulheres são relativamente impotentes.

Para complicar as coisas ainda mais, quando as mulheres são oprimidas por homens poderosos, pelos seus pais, maridos ou irmãos, ou por uma cultura que as limita só porque são mulheres, algumas delas descontam o ressentimento (em geral, inconscientemente) em homens impotentes — os filhos pequenos — especialmente quando os meninos começam a imitar seus pais ou expressar sua própria firmeza natural ou um espírito briguento. As atitudes podem variar de maus tratos físicos explícitos, ou rejeição, a formas mais sutis, com condutas de sarcasmo e humilhação. As meninas, suas irmãs, sentindo o agulhão de um tratamento injusto, também podem maltratar os irmãos desde que estes sejam menores ou pequenos o suficiente. Essa reação em cadeia é outra fonte de hostilidade contra as mulheres, originada na infância, e que os homens cultivam, despejando nas mulheres quando já estão crescidos e são fortes.

O LAR COMO CASTELO DO HOMEM

Na cultura patriarcal, cada homem governa sua própria família, com a autoridade de rei, dentro de seu lar. A direita conservadora e as seitas cristãs fundamentalistas pronunciam-se de maneira hostil à legislação ou ao serviço social que, para eles, “enfraquecem os tradicionais valores da família”, enfraquecem a posição de senhor-e-dono que o homem-rei ocupa dentro de sua própria casa, segundo o modelo patriarcal de família. O patriarcado explica a atitude “tradicional” de oposição à autonomia das mulheres com respeito ao seu corpo, aos seus bens e à escolha de engravidar, assim como a oposição aos lares abrigados por mulheres espancadas, que são um refúgio seguro ou um meio de escapar de homens que as maltratam.

O pai celestial, que constrói dinastias, tem um forte interesse pela carreira dos filhos, investe pesado em prepará-los para que assumam o posto que lhes foi designado no mundo. Com essa atitude, pode “consumir” a vida de seu filho quando esse corresponde às ambições do pai, em vez de tentar descobrir o que quer fazer consigo, na vida. Esse atributo consumptivo é especialmente forte quando a inclinação natural do filho diverge da posição que seu pai espera que ele venha a ocupar.

Um exemplo sobre-humano, no cenário político norte-americano, de pai celestial cuja ambição pessoal pode-se dizer que consumiu seus filhos, foi Joseph P. Kennedy. Na qualidade de filho de imigrantes, Kennedy sentiu na pele o agulhão do esnobismo social. Sua ambição era chegar ao topo, se não com sua vida, então por meio da vida de seus filhos. A consolidação da fortuna e do poder de Kennedy, sua busca de reconhecimento, seus romances, tornaram-no uma versão contemporânea de Zeus. Primeiro, esperou que Joe Kennedy Jr., para quem o papel de político extrovertido pode ter sido natural, concorresse ao cargo de presidente dos Estados Unidos. Quando seu avião foi abatido e ele morreu, o próximo filho, John F. Kennedy, tinha de cumprir esse mesmo papel, apesar de suas inclinações pessoais e de suas dificuldades físicas. E, depois que J.F.K. foi assassinado, o terceiro filho, Robert F. Kennedy, colocou sua vida na linha de tiro.

PAIS CELESTIAIS E SEUS FILHOS: DISTÂNCIAS E COMPETIÇÃO

Pais que reagem de modo não paternal a seus filhos e que os consideram como rivais não existem só dentro da mitologia grega. Escutando os relatos dos homens, no meu consultório de psiquiatria, ouvi quanto se sentiram

desprotegidos pelo pai, emocionalmente afastados dele, quanto esses pais foram implacáveis em suas críticas, rejeitadores, emocionalmente não disponíveis, competitivos e até mesmo fisicamente agressivos contra seus filhos. Assim como ouvi quanta tristeza, dor e raiva essas atitudes fizeram surgir nos filhos (e na família), num padrão que vem sendo transmitido por gerações sucessivas de homens. Também me falaram de sua intenção, como pais, de se manterem solidários e próximos de seus filhos, e dos momentos em que, apesar disso, desfechavam um ataque hostil contra eles, sentindo-se depois culpados e aturdidos diante do tamanho da raiva que eles despertavam.

O distanciamento entre pai e filho começa com o ressentimento do pai, real ou imaginado, diante da imagem de seu filho como rival, imagem que pode se configurar antes mesmo de a criança nascer. A gravidez da esposa pode ativar no homem reminiscências afetivas de sua infância. Ele pode até viver um breve romance como recurso para se livrar de certa depressão ou para expurgar a sensação de impotência. A figura de sua esposa grávida pode reativar memórias de sua mãe grávida, e da dor que essa gestação e um novo irmão ou irmã lhe causaram, quando criança.

Tanto como marido agora quanto como filho antes, ele se torna menos central e importante para a mulher de sua vida, que cuida de um bebê e alimenta-o. Desde a gravidez ela já se tornara menos disponível: voltada mais para dentro, estava mais cansada, não podia mais fazer com ele as coisas que costumava. Ela passa mais tempo absorvida consigo mesma do que com ele, talvez sem interesse pelo sexo que, para ele, era uma fonte importante de afirmação e um de seus principais meios de sentir proximidade.

A raiva, a hostilidade e a rivalidade que, quando criança, sentiu pelo novo bebê da casa, e que havia suprimi-

do, são sentimentos revividos agora na gravidez de sua esposa. E, na qualidade de futuro pai, esses mesmos sentimentos são ainda mais inaceitáveis e precisam, portanto, ser escondidos como tinham sido antes. Como os deuses gregos que tinham filhos, ele teme vir a ser suplantado por este rival.

A vinda de um filho, especialmente o primeiro, inicia o homem em sua próxima etapa de vida. Muitos homens se assustam quando devem assumir a responsabilidade de prover uma família, duvidando de sua adequação para o papel de provedor, quando a estabilidade profissional ou seus possíveis progressos na carreira são questionáveis. O sentimento de inadequação diante desse novo teste de sua masculinidade pode contribuir para o surgimento de um medo irracional de que esse bebê possa não ser seu.

Além disso, o homem sente horror a ficar preso. Costumava ser aquela sensação de presidiário com a bola de ferro atada ao pé por uma corrente, como se o casamento fosse a prisão. Agora, o casamento e ter filhos são decisões separadas, estágios distintos da vida. Hoje, não é mais tanto o casamento que causa a sensação de horror de ficar preso; é ter um filho. A paternidade muitas vezes implica assumir uma hipoteca, comprar seguro de vida, ser o único provedor por algum tempo ou, daí em diante, ser obrigado a manter-se em algum trabalho que não traz satisfação, ou trabalhar três turnos só para pagar as contas. Assim, enquanto os outros dão os parabéns ao casal pelo novo filho e festejam a chegada do bebê, o marido pode estar se sentindo horrorizado e ressentido, em vez de feliz.

Então, o recém-nascido se torna o centro das atenções, reeditando mais uma vez as experiências possivelmente dolorosas da infância de muitos homens. Sua esposa agora é mais a mãe do bebê do que sua mulher. Como

ele temia, o bebê de fato o suplantou, pelo menos temporariamente. O contato com seus próprios sentimentos (através da análise) revela ao homem que ele sente inveja da capacidade que sua esposa tem de ter um bebê e separar algum tempo para seu descanso, e inveja da atenção e da proximidade corporal entre ela e o bebê, especialmente se o casal não mantém relações sexuais. Os seios que ele amava agora "pertencem" ao bebê em amamentação. E a vinda do bebê trouxe ao fim sua vida exclusiva como casal.

Numa cultura patriarcal, bebês e pais não têm muitas oportunidades de fortalecer seus vínculos. Costumava ser motivo de orgulho entre os homens, em geral, "nunca ter trocado uma fralda". As crianças, os meninos, especialmente, eram uma evidência da masculinidade de seu pai e um meio de ele ampliar seu poder ou concretizar suas ambições; havia pouco prazer pessoal no contato entre ambos. Sem se envolver com os cuidados de que um bebê necessita, a capacidade de um pai celestial de cuidar e de se importar com alguém pode não ser cultivada.

Depois de falar com toda uma geração de homens que estiveram presentes durante o trabalho de parto e se envolveram no nascimento do filho, a minha impressão é que um vínculo afetivo profundo com a criança começa nesse momento. Contudo, se não se estabelece o vínculo e se o novo pai não sente ternura nem desejo de proteger o bebê e a esposa, o mais provável é que fique com raiva e ressentido, porque para ele a gravidez da esposa e a vinda de um filho representam uma série de privações. Raiva do "intrusor", especialmente se é menino, e raiva da esposa, que o "largou" para ficar com o bebê, são sentimentos que às vezes atingem a consciência, às vezes não. Quando são revelados na terapia, costuma-se verificar que de fato estão encobrendo medos ainda mais profundos de abandono e de ser insignificante.

O pai pode, em seguida, passar a aplicar punições corporais e a dirigir comentários hostis aos meninos, ridicularizando-os em nome da disciplina, ou de "ajudar os filhos a se tornarem homens". Pode se esforçar para ganhar do filho em todas as espécies de partidas que jogarem. "Lutinhas" pela casa que podem começar na brincadeira parecem sempre terminar com o garotinho chorando e sendo, depois, humilhado por ter chorado. O menino de 4 ou 6 anos que diz "eu queria que o papai não voltasse para casa" pode estar genuinamente com medo da competitividade e da raiva do pai, e não só estar comprovando a teoria edípica.

O filho que venha a suplantá-lo no afeto da mãe e que assim colha o fruto do ciúme dele, quando crescer, terá o poder de homem adulto, e o de seu pai estará diminuindo. Como acontecia na mitologia grega com os deuses celestiais paternos, a menos que o filho seja engolido de alguma maneira, é certo que ele, um dia, estará em posição de desafiar o poder do pai e tirar-lhe a autoridade.

As doutrinas do pecado original e a insistência psicanalítica de que todos os filhos querem matar os pais e casar com as mães são teorias que justificam a hostilidade que os pais ressentidos sentem contra os filhos. A "necessidade de" discipliná-los é endossada ainda mais por máximas como "é de pequenino que se torce o pepino".

Primeiro os meninos ficam desconfiados, depois com medo, e por fim se sentem hostis em relação ao seu pai porque este vê os filhos como maus e mimados desde o tempo em que eram bebês, e dispensa-lhes um tratamento condizente com essa imagem. Contudo, não é isso o que acontece se o pai cuida de seu filho, brinca com ele, serve-lhe de mentor, é um modelo positivo de papel para ele. Então, o menino pode se sentir mais próximo do pai do que da mãe, e pode preferir ficar ora em companhia de um, ora de outro.

Muitas vezes, o filho tem um pai celestial que é só retraído, mas que não o maltrata; só é emocionalmente distante e não fica muito tempo presente. Essa experiência com os pais é comum a muitos pacientes homens, que falam de uma infância em que, quando meninos, ansiavam pela atenção e aprovação de um pai remoto (em vez de hostil, como quer a teoria edipiana). Foram meninos que sentiram falta do pai, a quem idealizavam.

Enquanto o filho espera que seu pai venha realmente a reparar nele e o reivindique como legitimamente seu, os sentimentos predominantes podem ser de anseio e tristeza. A raiva vem mais tarde, depois que o menino abandona a esperança e a expectativa de contar com um pai que seja paternal com ele; depois que ele desiste do desejo de que seu pai o ame. A raiva pode brotar também da desilusão, se esse pai distante terminar se revelando figura que não merece ser idealizada.

O relacionamento entre pais celestiais emocionalmente distantes e seus filhos adolescentes ou adultos costuma assumir contornos ritualizados, em geral mecânicos e superficiais. Quando estão juntos, têm conversa que é previsível, composta por seqüência de perguntas e respostas na qual nenhum dos dois transmite algo de efetivamente pessoal, começando talvez com um "como vão as coisas?". Do ponto de vista psicológico, esse tipo de relacionamento entre um pai celestial e seu filho assume a forma de distância aparentemente confortável. Entretanto, a decepção pode estar logo abaixo da superfície.

A franca hostilidade pode também explodir quando o filho sente que tudo o que significa para seu pai é ser uma extensão do orgulho dele. Quando o filho sente que o pai não se importa com ele como pessoa, mas se vangloria das suas jovens conquistas, aumenta o distanciamento. Filhos atletas são especialmente suscetíveis a se sentirem usados dessa maneira.

Bruce Ogilvie, psicólogo e autor de *Problem Athletes*, e que foi o primeiro especialista no campo da psicologia esportiva, descreve um rapaz que veio procurá-lo e fora maravilhoso *shortstop*,* com potencial para ser a escolha Número Um para formar o time de qualquer das ligas principais e que teve desempenho irreconhecível quando foi testado pelos técnicos dos grandes times.

Ele estava em campo, mostrando aos técnicos suas habilidades, quando de repente errou dez bolas seguidas. Eu disse: "Pare, quero que você volte essa cena inteira comigo..." e ele então recomeçou, descrevendo cada uma das bolas que tinha conseguido fazer bem até me dizer: "Ah, não, meu Deus, olha lá o filho da puta! Lá está o meu pai, se esgueirando pelas pilastras à direita". O pai dele nunca havia se relacionado com o rapaz, exceto em termos de seus resultados atléticos. Ele conseguiu perceber, depois de havermos terminado a retomada da cena, que se ele realizasse suas próprias ambições, teria também deixado seu pai satisfeito. E com isso ele não podia concordar. Tenho mais de mil casos como esse. Tenho histórias com o pai, de cada cidade da América.⁵

Esse atleta em particular entendeu que, para seu pai, tudo o que importava era como ele se saía em campo e ele não conseguia agüentar a idéia de realizar as ambições paternas nem sua necessidade de experimentar os reflexos da glória. É esse o papel que filhos, especialmente primogênitos, devem desempenhar, e o motivo pelo qual são tão valorizados quando nascem (mais que filhas). O pai orgulhoso, distribuindo charutos, anuncia que agora tem "um filho e herdeiro", de quem se espera que dê continuidade ao nome e que, só pelo fato de haver nascido menino, afirme sua própria masculinidade. O mero nascimento de um menino, no patriarcado, realiza a necessidade do pai de ter um filho. Depois, vem a necessidade do

*Em beisebol, o jogador situado próximo da segunda base. (NT)

pai de que o filho corresponda a suas expectativas, em vez de vir ao mundo como pessoa com dons e talentos naturais, necessidades emocionais próprias, defeitos e traços de personalidade peculiares e, possivelmente, até mesmo um propósito particular que deseje realizar.

O sacrifício da criança

Além da mitologia grega que, com pequenas modificações, tornou-se a mitologia romana, o Novo e o Antigo Testamento são as principais fontes da história familiar na civilização ocidental. Existem muitos paralelos entre ambos. Os indo-europeus que invadiram a península grega, e os israelitas que vieram do Egito para a sua Terra prometida, foram tanto invasores como migrantes para uma área já habitada em que a deusa era adorada. Esses dois povos invasores tinham deuses masculinos dotados de qualidades guerreiras, que governavam de cima para baixo e se comunicavam do alto das montanhas. E, em ambos, existe uma evolução no caráter do deus celestial, uma mudança no sentido de se tornar mais paternal e menos hostil para com seus filhos. Na mitologia grega, essa mudança se processa por meio de uma série de deuses masculinos celestiais, sendo Zeus a figura central. Embora o deus da Bíblia fosse considerado uma só entidade, era chamado por vários nomes Yahweh e Eloim na língua original do Antigo Testamento. Com o tempo, o deus celestial bíblico mudou e tornou-se menos punitivo e mais solidário em relação aos seus "filhos" humanos.

Consideradas como histórias familiares e vistas de uma perspectiva psicológica, os paralelos continuam. Os temas gregos do pai celestial sendo ameaçado pelo nascimento e/ou crescimento dos filhos, sua tentativa de consumi-los ou mantê-los presos em limites estreitos, e a hostilidade contra os filhos também existem nas narrati-

vas bíblicas, embora mascaradas pelas questões da obediência e do sacrifício.

A realização da vontade do deus celestial bíblico requer o sacrifício voluntário do filho. Foi assim que Yahweh testou Abraão, ordenando-lhe que oferecesse seu filho único Isaac, a quem amava, como oferenda em uma fogueira armada no alto da montanha. Ele ter-se mostrado disposto a matar seu próprio filho significou ter passado no teste. (Da mesma maneira, ao guiar seus guerreiros gregos na invasão a Tróia, Agamêmnon viu que os navios continuavam em Áulis, pois os ventos não sopravam. Em troca da dádiva de ter ventos favoráveis, ele deveria sacrificar sua filha Ifigênia, o que se prontificou a fazer.)

Embora as crianças contemporâneas não sejam literalmente sacrificadas em altares para que seus pais possam passar nos testes e ter sucesso, elas são metaforicamente ofertadas em sacrifício. Isso é verdadeiro em vários níveis psicológicos: os homens bem sucedidos são em geral pais ausentes, emocional e fisicamente distantes da vida dos filhos. Sacrificam a possibilidade da proximidade em relação aos filhos em nome do trabalho, do papel social que desempenham. E também sacrificam sua "criança interior", a parte lúdica, espontânea, confiante, emocionalmente expressiva, de si mesmos.

A cultura patriarcal é hostil à inocência, desvaloriza as qualidades infantis, e recompensa os homens por sua capacidade de serem como Abraão, Agamêmnon e Darth Vader, para quem a obediência a alguém de mais autoridade e a ambição (ou a obediência a um deus exigente) vinha antes que o amor e o interesse por um filho.

Isaac: o sacrifício do filho

Abraão, patriarca do Antigo Testamento, foi instruído a ir até a terra de Moriá e ali, na encosta da montanha, sacrificar seu filho Isaac a Deus, imolando-o numa foguei-

ra. Penso no jovem Isaac e imagino que estivesse adorando acompanhar seu pai na viagem, ignorando sua finalidade. Três dias depois de haverem partido, alcançaram seu destino. Ali, Isaac de bom grado reuniu a lenha e ajudou Abraão a erguer o altar. Depois, intrigado, indagou: "Olha, o fogo e a lenha; mas não há carneiro para oferecer?" Ao que seu pai respondeu: "Deus mesmo providenciará o carneiro para esta oferenda de fogo, meu filho".⁷

Imagino que Isaac tenha aceito essa resposta, perguntando-se como e quando o carneiro se materializaria. Quando, é o que imagino, o menino se deu conta de que seu pai estava prestes a sacrificá-lo? Será que foi quando Abraão o amarrou? Foi quando o deitou no altar sobre a pilha de lenha? Ou só quando Abraão puxou da faca para matá-lo? Posso imaginar que quando viu com total clareza que seria sacrificado, ele não acreditou, teve medo e se sentiu traído. Talvez Abraão tenha lhe explicado que obedecia a um deus que exigia a morte de seu único filho. Isso deve ter ajudado Abraão a justificar o que estava prestes a fazer, mas duvido que tenha servido de consolo para Isaac. Só o que este percebeu foi que, com seu pai, não estava seguro: seu pai estava para matá-lo.

Depois o Senhor chamou Abraão e lhe disse: "Abraão, Abraão! Não encostes a mão no garoto nem lhe faças mal algum; pois agora eu sei que és temente a Deus já que não poupaste teu filho, teu único filho, por mim".⁸ Então Abraão ergueu os olhos e viu um carneiro, com os chifres enroscados num arbusto próximo, e ofereceu-o no lugar de Isaac no altar do sacrifício.

Depois, Abraão foi abençoado por Deus porque tinha se prontificado a matar o próprio filho: "Porque agiste assim, e não poupou teu filho, teu único filho, eu te abençoar e multiplicarei tua descendência no mesmo número das estrelas do céu e dos grãos de areia que existem à beira-mar".⁹

Ifigênia: o sacrifício da filha

Outra história de sucesso que expõe a disposição de um pai para sacrificar sua criança conta-a a *Iliada*. Desta vez, o pai é o rei Agamêmnon, comandante-chefe das forças gregas na guerra contra Tróia. Ao reunir seu exército, ele se preparou para içar velas e partir para a luta. Mas não sopravam os ventos, e seus navios continuavam parados. Com isso, os homens começaram a ficar inquietos. A glória, a conquista, o poder que seriam seus se suas forças ocupassem Tróia ficariam perdidos a menos que soprassem os ventos. Agamêmnon consultou uma vidente que lhe disse que, se ele sacrificasse a sua bela e inocente filha, Ifigênia, os ventos soprariam e a frota velejaria até Tróia.

Agamêmnon mandou avisar a esposa que ela devia enviar Ifigênia aonde ele estava, para que ela se casasse com Aquiles, filho do rei Peleus e da deusa do mar Tétis, e que era à época o mais célebre de todos os heróis gregos. Imagine o alvoroço que essa notícia causou e como a jovem noiva deve ter viajado empolgada até o acampamento do pai, com a bagagem repleta de lindos vestidos e adornos, a mente cheia de pensamentos sobre seu noivo prometido, na expectativa do dia de seu casamento.

Em que momento Ifigênia se deu conta de que havia algo errado? Por quanto tempo seu pai a ludibriou, fazendo-a acreditar que fora lá para se casar? Quando foi que soube que fora trazida para ser sacrificada? Estava com seu vestido de noiva? Será que se aproximou do local em que seria morta pensando que ali seria realizada a cerimônia do casamento? Em algum momento, ela deve ter percebido que seu pai a traía e que era a morte que aguardava. Quando entendeu plenamente do que se tratava, deve ter-se sentido totalmente traída e aterrorizada, abandonada.

Agamêmnon sacrificou realmente a filha, os ventos realmente sopraram e a frota grega realmente içou velas até Tróia para encetar a guerra que duraria dez anos. Em outra versão dessa história, Ifigênia foi poupada por intercessão da deusa Ártemis, que no último minuto substituiu-a por um cervo.

Nesse sentido, Agamêmnon foi outro pai que teve recompensada sua capacidade de matar o filho ou mandar fazê-lo. Visto psicologicamente, o pai que viola a confiança de uma filha e destrói sua inocência, destrói uma parte correspondente de si mesmo. Simbolicamente, a filha pode representar a *anima* do pai (termo junguiano para descrever o aspecto feminino de um homem), assim como a esposa também, ao representar sua outra metade (coloquialmente designada como sua "cara metade"). Em ambos os casos, esta não é consultada, ou é enganada, e lhe falta poder para defender o filho ou a filha.

Duvido que Abraão tenha dito a Sara que se despedisse para sempre de seu filho Isaac, no momento em que partiam para a terra de Moriá. Duvido que Abraão lhe tivesse dito que planejava aplacar Deus oferecendo Isaac em sacrifício. Se ela soubesse o que ele pensava fazer, esperaríamos que tentasse ao menos parar com aquilo. Se ela tivera o poder de impedi-lo, Isaac teria ficado em casa. E também Ifigênia, se sua mãe soubesse o que Agamêmnon tinha em mente, quando convocou a presença da filha em Áulis, recorrendo a falsos pretextos.

Para desempenhar o papel implacável de soldado ou comandante-chefe, ou mesmo de executivo ou empresário hoje em dia, o homem (ou a mulher, que pode assumir esse papel) geralmente deve estar disposto a matar ou reprimir seus sentimentos mais ternos, e pôr a busca de aprovação ou sucesso no mundo dos homens na frente de seus vínculos familiares. Não há lugar no acampamento militar, como no seu equivalente contemporâneo do mer-

cado de trabalho, para a empatia ou a compaixão pelo inimigo, nesse cenário "matar ou morrer", ou pelos adversários e rivais em situações nas quais um vence e o outro perde. Esses atributos são vistos como fraquezas que precisam ser sacrificadas.

Os mitos que falam de homens dispostos a matar seus filhos e depois mostram como esses foram recompensados são comentários muito reveladores ao expor o que é valorizado na cultura patriarcal: a pessoa deve obedecer à autoridade e fazer o que for preciso para manter a autoridade que já tem.

Esse sistema de valores tem conseqüências negativas diretas sobre o relacionamento entre pais e filhos. Os pais autoritários reagem com raiva perante o que percebem como atos de insubordinação ou desobediência, punindo os filhos (ou filhas) por não fazerem o que lhes é dito, ou esperado que façam, seja qual for o motivo que aleguem.

A necessidade de manter a posição de autoridade contribui para piorar a situação no caso de pais agressores. Assim, o homem pode se enfurecer com o bebê que não pára de chorar, ou com o filho de dois anos na fase do desenvolvimento em que diz "não" a tudo. Para ele, esse garotinho é um insubordinado, que faz pouco caso de sua autoridade (e, não por acaso, também o leva a experimentar a própria impotência quanto a controlar o que acontece). Essa reação é considerada paranóide. O pai não vê que o filho só está tentando ser ele mesmo, só está fazendo o que bebês e criancinhas de dois anos fazem; o pai reage ao que ouve, e maltrata a criança.

O mais comum é que o menino desperte futuramente a ira do pai autoritário, quando está mais velho e não faz o que é mandado, questiona o pai ou discorda dele, mostrando rebeldia diante de sua autoridade. É normal que o jovem desafie a autoridade e queira descobrir as coisas por si.

IDENTIFICAÇÃO COM O AGRESSOR

De uma perspectiva psicológica, o problema não é o pai ter autoridade e exercê-la. As crianças sentem-se confiantes e seguras quando existe uma autoridade que estabelece limites firmes e apropriados. Mas a necessidade de firmeza da criança não é satisfeita se, sob o pretexto de uma autoridade paterna, o pai na verdade expressa ciúme por ser deixado de lado emocionalmente, ou precisando afirmar para o filho quem manda ali.

Nesse sentido, o pai faz o papel de um pai celestial distante e zangado, que enxerga no filho ameaça à sua posição. Como sua raiva é irracional, o filho no início fica confuso e magoado. Depois, ambos se tornam ressentidos e distantes; paradoxalmente, esse contexto contribui para que, no futuro, o filho termine se comportando como o pai, quando ele mesmo tornar-se adulto.

Psicologicamente, esse paradoxo se instala porque o filho "se identifica com o agressor", em vez de com a vítima que de fato é. Ele passa a rejeitar em si aqueles traços que provocaram a raiva do pai, mesmo quando não eram maus atributos.

Embora o filho possa detestar o pai que o critica, atormenta e que desconta nele sua raiva da vida, acaba detestando ainda mais sentir-se fraco, incompetente, amedrontado, impotente e humilhado. Ele passa a odiar sua própria vulnerabilidade como alvo dos julgamentos punitivos de seu pai e da raiva paterna. Todo o peso desgastante de sentir essas coisas se mistura com sua noção de "ruindade", e essa confusão é endossada pela cultura patriarcal que iguala a percepção consciente da vulnerabilidade a fraqueza, covardia e "moleza". O apreço por coisas belas, sensualidade e espontaneidade emocional são da mesma maneira qualidades proscritas como traços sem virilidade, que devem ser ocultos ou disfarça-

dos profundamente para não chegarem a ser conscientizados.

Os meninos e os homens aprendem que demonstrar compaixão por uma vítima pode ser perigoso no patriarcado, que eles arriscam perder sua posição de indivíduos aceitáveis se não se comportarem com impiedade. Esse risco é especialmente elevado quando os homens, em grupo, exercem poder sobre outros atormentando, espancando ou estuprando uma pessoa mais fraca, ou ferindo um animal. Tive um cliente que atendi no consultório e que lembrava como fora ridicularizado e perseguido porque, quando bem pequeno, objetara quando os meninos de sua idade estavam maltratando um gatinho e tinha parado de fazê-lo. Ser perseguido e vitimizado foi o preço que pagou pela atitude.

Outros homens comentam sobre sua culpa e sua vergonha porque não tiveram a coragem de levantar a voz e intervir. Disseram coisas como "não levantei um dedo", com isso dando um consentimento calado ao comportamento do grupo de homens que tomavam atitudes de abuso contra uma mulher, um homossexual, judeu, asiático, mexicano ou negro. Esses homens vieram de famílias em que não tinham sido vitimizados, e portanto não se haviam identificado com o agressor, da mesma maneira que no fim acaba acontecendo com o menino maltratado. Mesmo assim, concordaram com o que era feito, e isso parece que é o que acontece quando os homens estão em grupo.

Quando o menino perseguido ganha tamanho e poder e, por sua vez, torna-se capaz de intimidar alguém menor e de menos poder, geralmente age dessa maneira (há exceções, felizmente). Trotes em repúblicas de estudantes, de "crueldade" variável, residências médicas com atribuições sobre-humanas, o modo como os recrutas são tratados no serviço militar são formas hostis de iniciar os membros da

nova geração praticadas pelos integrantes da antiga, eles mesmos vítimas de abuso “em seu tempo”.

O lema que justifica esses ritos de iniciação é normalmente apresentado como “o que me fizeram um dia agora eu faço com vocês”, ou seja, uma nítida identificação com o agressor. Os trotes nas repúblicas reeditam as situações que muitos homens viveram na infância, nas mãos de irmãos mais velhos, mais zangados, maiores. O irmão mais novo se percebe o objeto de maus tratos por parte do irmão mais velho que está na mesma espécie de posição de vítima dominada em sua relação com o pai. A repetição mecânica do padrão “faço com você o que fizeram comigo antes” não costuma ser consciente; ela atua automaticamente.

IDENTIFICAÇÃO COM OUTROS HOMENS

É realmente notável que, mesmo nessa cultura que promove a competição e o distanciamento entre os homens, haja alguns que conseguem, enfim, amar outro homem e confiar nele. A maioria deles não consegue, como confirmam vários relatos sobre o status psicológico masculino.

Há exceções, momentos em que os homens se sentem genuinamente próximos, e normalmente quando “estão juntos no mesmo barco”, e quando aquela subcultura particular em que temporariamente se reúnem é regida por leis igualitárias, não pelas normas patriarcais. De alguns homens, hoje atuando em várias áreas como profissionais, ouço relatos da época de ouro de sua juventude em que o bando de amigos vivia no bairro operário, história de verões em que ninguém viajou e que o grupo de amigos estava junto o tempo inteiro. Isso foi antes que as meninas comessem a ser importantes para eles e antes que se dividissem em vencedores e perdedores. Mais

tarde, se viram cada qual tomando um rumo diferente na vida, mas aquela experiência tinha assentado os alicerces para a busca de novas amizades com homens, no futuro. Nesse mesmo sentido, homens de famílias abastadas que foram para internatos na adolescência falam, às vezes, de terem feito parte de um grupo unido de amigos, que os ajudou a desenvolver uma capacidade para fazer amigos que durou pelo resto da vida. Soldados que precisam depender uns dos outros nas linhas de batalhas também falam de haverem forjado vínculos fortes de amizade com outros homens.

Embora todas essas situações sejam diferentes, meninos e homens sentiram, claramente, que “estavam juntos nisto”. Circunstâncias partilhadas e características semelhantes tornaram mais fácil para eles identificarem-se uns com os outros. Viveram situações de igualdade com “irmãos” e isso, por algum tempo, superou a influência invisível, separatista, hierárquica, do patriarcado que normalmente isola e separa os homens uns dos outros.

LUKE SKYWALKER E “SEU DESTINO”

Logo antes do clímax de “O retorno de Jedi”, o terceiro filme da série *Guerra nas estrelas*, Darth Vader tem uma conversa reveladora com seu mestre, o Imperador, que lhe diz: “O jovem Skywalker será um de nós”. E, na luta de vida ou morte que segue, entre ele e Darth Vader, Luke passa pela tentação de reagir ao medo e ao ódio e ser convencido a se deixar levar pela raiva assassina; se, agisse assim, identificar-se-ia com o agressor que o Imperador lhe diz ser “inevitavelmente o seu destino”.¹⁰

Luke Skywalker não tem ilusões a respeito do Imperador e da Estrela da morte. Ele não quer fazer parte de um império que busca obter o poder sobre os demais, re-

primir a liberdade e exigir obediência cega aos valores exagerados do patriarcado até quando lhe é oferecido o papel de líder.

Por não se deixar seduzir pela promessa do poder nem se deixar levar pelo medo de ser ingênuo e tolo, numa posição insustentável, Luke é capaz de resistir a seu "destino inevitável". Por conseguinte, ele não cede nem se torna homem insensível que dá e segue ordens, como faz seu pai. Ele não negocia amor por poder, nem lealdade aos outros por posição segura, ou suas crenças pessoais por tipo diferente de sistema, diante da aparente invencibilidade do *status quo*. E, por seu compromisso com aquilo em que crê e por sua coragem, é capaz de resistir à tentação de se tornar outro Darth Vader, e ganha.

Todos os homens e mulheres de uma cultura patriarcal passam pelo mesmo desafio: será que terminarão identificados com seus agressores e se unirão a eles? Surgem continuamente os momentos da verdade e de decisão, quando a sobrevivência de um Luke Skywalker ou de sua equivalente feminina, a Princesa Léia está ameaçada, em nós. Enquanto estivermos vivos, a vida é uma interminável história que nos apresenta momentos de escolha. Podemos decidir não desistir e nos entregar, podemos resolver permanecer fiéis ao que realmente nos importa, mesmo quando temos motivos para sentir medo. Para nos manter verdadeiros, precisamos saber quem somos. Do ponto de vista psicológico, os arquétipos ativos em nós nos vinculam com o que é mais significativo para nós. Assim, sabendo quais são os arquétipos que mais nos importam, temos uma idéia mais clara da essência de nossa natureza e com isso podemos nos manter mais claramente fiéis à nossa própria natureza. Esse tipo de informação nos dá forças.

Nos próximos capítulos entraremos em contato com os deuses, os arquétipos que vivem em todos os homens

e que também são conhecidos das mulheres. Primeiro veremos Zeus, Posêidon e Hades, os arquétipos paternos, cujos capítulos constituem a segunda parte. Depois vamos para a geração dos filhos Apolo, Hermes, Hefesto, Ares e Dioniso, cada um dos quais representa um padrão distinto de personalidade que, por sua vez, é favorecido ou rejeitado pelo patriarcado e pelos seus próprios pais.

OS ARQUÉTIPOS DO PAI
ZEUS, POSÊIDON E HADES

II PARTE

**O ARQUÉTIPO DO PAI:
ZEUS, POSÊIDON E HADES**

DEUS
O ARQUÉTIPO DO PAI
ZEUS, POSÊIDON E HADES

Zeus, Posêidon e Hades constituíram a primeira geração de deuses do Olimpo. Representam os três aspectos do arquétipo do pai. Dividiram o mundo entre si e cada um tomou posse de um reino em particular. Na qualidade de arquétipos e metáforas, o deus e seu domínio não precisam necessariamente ser considerados juntos: Zeus e o céu, Posêidon e o mar, Hades e o mundo inferior. A terra era dominada por Zeus, mas não fora reivindicada por ele.

Zeus regia tudo. Era o deus principal, e seus atributos pessoais são os que conferimos a pais e reis poderosos, a executivos principais de empresas ou altas patentes do exército, aos homens "alfa", às figuras de autoridade. Posêidon e Hades são aspectos da sombra de Zeus, aqueles elementos do arquétipo paterno que os homens de poder suprimem ou ignoram, assim como são dois padrões separados.

A paternidade biológica e os arquétipos paternos não são relacionados. Você pode ler material sobre os três deuses pais, por exemplo, e não reconhecer o seu próprio pai em nenhum deles porque ele não está mesmo aí; seu padrão pode mais seguir o de um dos filhos olímpicos, pois cada um desses tem o seu próprio modo característico de ser pai. Não há um Zeus encabeçando cada uma

das famílias humanas, mas sua influência se faz sentir claramente em todas as sociedades patriarcais.

Nos patriarcados, Zeus é o arquétipo dominante na cultura; portanto, é relevante para a psicologia, já que comanda a psique dos homens. Assim como o mundo na mitologia, a psique masculina se dividiu em: 1) o reino mental consciente do poder, da vontade e do pensamento (Zeus); 2) o reino das emoções e dos instintos (Posêidon), que é geralmente suprimido, desvalorizado e à vezes expulso do campo da nossa consciência; e 3) o reino indistinto e temido dos padrões invisíveis e dos arquétipos impessoais (Hades), que só em sonhos costuma ser vislumbrado.

Diversamente dos três deuses que representam padrões arquetípicos fixos e definidos, cada um, por seu reino correspondente, o ser humano tem a possibilidade de acesso a todos esses reinos, e pode deliberadamente transitar entre todos eles, integrando seus aspectos característicos à sua personalidade consciente (seja ele homem ou mulher).

As condições nas quais esses três deuses principais nasceram existem como padrão na vida de muitos homens. Zeus, Posêidon e Hades tiveram pai distante cuja animosidade contra eles se baseava no temor de que seus filhos terminariam por subjugar-lo ou superá-lo, e mãe sem poder e aflita porque não conseguia nem protegê-los nem amamentá-los. Muitas pessoas vêm de famílias assim. Além disso, seja qual for a natureza de nossa específica família de origem, todos vivemos num patriarcado que valoriza mais a aquisição de poder e que favorece os homens que atingem essa meta. Esse padrão, como veremos, tem papel significativo na constituição da psicologia masculina.

O CONHECIMENTO EM FORMA DE ESPIRAL

Os capítulos sobre Zeus, Posêidon e Hades seguem-se em forma de espiral: na primeira vez, aparecem os dados sobre o deus e sua mitologia; o padrão arquetípico é a próxima volta da espiral; como o deus ou o arquétipo molda a vida do homem é a terceira vez; a seguir, vêm as dificuldades psicológicas que lhe são características e, por fim, é indicado como o homem que encarna esse padrão de deus em particular poder crescer. Assim como uma peça musical ou poema, a forma espiral significa que o acorde temático ou o tema aparece em cada um dos diferentes movimentos, todas as vezes ampliando e ao mesmo tempo aprofundando o significado do arquétipo-deus para o leitor. A cada volta da espiral, o mesmo deus é rerepresentado e, a cada repetição, essa imagem encorpase mais, ganha mais dimensões.

A forma espiral convida nossos dois hemisférios a agir: o entender, que vem pela metade esquerda, aparece no funcionamento linear da mente, que absorve informações das palavras e da lógica; a metade direita está em contato com imagens, sensações, recordações e sentimentos, tanto pessoais como coletivos, temporais e atemporais, e não impõe nenhuma ordem ou lógica a esses dados. O instante "há!" do reconhecimento ocorre quando há a passagem de dados da esquerda para a direita, ou da direita para a esquerda e, de súbito, todo um bloco de conhecimentos se encaixa sem atrito: é então que sabemos alguma coisa em múltiplos níveis e somos influenciados, mobilizados, pelo que sabemos.

ZEUS, DEUS DO CÉU: O REINO DA VONTADE E DO PODER

Ele era o senhor do céu, o deus da chuva, e o formador das nuvens, que lançava os raios poderosos. Seu poder era maior do que o de todas as outras divindades reunidas.

Não obstante, ele não era nem onipotente nem onisciente.
Edith Hamilton, *Mythology*

O divino Zeus que, em sua glória, é o deus que aparece como luz e que traz luz e consciência para os humanos, torna-se, em sua escuridão, um inimigo da força vital, trancafiado em suas estruturas e leis, temendo a mudança e resistindo a ela, assim como diante de qualquer ameaça ao *status quo*.

Arianna Stassinopoulos, *The Gods of Greece*

Zeus era o deus principal e mais poderoso do Olimpo. Como deus olímpico do céu, ele dominava do alto do monte Olimpo, montanha alta e distante, cujos picos escarpados costumavam estar encobertos por nuvens que sempre se formavam por lá. Quando ele e seus irmãos, Posêidon e Hades, tiraram a sorte para repartir o mundo, Zeus recebeu o céu, Posêidon ganhou o mar e Hades ficou com o mundo inferior. A terra e o monte Olimpo não eram para ser dominados juntos, mas Zeus, de sua posição no alto do céu, dominava o horizonte e mandava em tudo.

O céu é muitíssimo diferente do mar e do mundo inferior, tão diferente quanto as personalidades dos deuses regentes de cada um desses domínios. Aventurar-se

para cima, rumo ao reino do céu, requer largar a terra, perder o contato com o mundo tangível para adquirir uma visão panorâmica e ampla de todo o território. Dessa perspectiva, vemos toda a floresta, não cada uma das suas árvores.

Zeus era o senhor dos raios, e tinha o trovão como símbolo. Até os dias de hoje, quando ousamos ir contra uma proibição patriarcal, “esperamos que um raio caia sobre nossa cabeça”, e respiramos com profundo alívio quando isso não acontece. Na qualidade de provedor de chuva, Zeus também proporciona o que as coisas precisam para crescer. Tanto ao ser punitivo como ao ser provedor, o poder de Zeus geralmente se expressa do alto e de longe.

Como todos os regentes bem-sucedidos, era bom estrategista e forjou alianças para derrotar os Titãs. Impôs e consolidou o seu poder. E, mais importante ainda, pôde impor sua vontade aos outros característica típica de um Zeus.

Tornamo-nos como Zeus quando queremos ocupar uma posição de destaque e poder, tanto sobre os outros como no intuito de realizar no mundo nossa vontade. Seu reino é o dos homens poderosos de poder político e econômico, desde o legendário rei Artur e o histórico imperador romano César Augusto, até os líderes políticos atuais, incluindo a Primeira-Ministra Margaret Thatcher da Inglaterra, que, por seu exemplo, demonstra que o domínio do céu não é exclusivo dos homens, mas tem como eixo fundamental a conquista do poder e a capacidade de tomar decisões e levá-las à prática.

Do ponto de vista psicológico, especialmente em contraste com os reinos de Posêidon e Hades, o mais importante é que o domínio do céu representa uma atitude consciente, a atitude que exalta o controle, o raciocínio lógico e a força da vontade, acima de todas as outras qualidades.

ZEUS, O DEUS

Zeus (ou Júpiter, como era conhecido pelos romanos) foi o deus supremo do Olimpo grego. Era o deus do céu que dominava o Olimpo e desfechava trovões. Sua criatura simbólica era a águia. Zeus era chamado de o Formador das Nuvens e Provedor dos Bons Ventos, e também de Pai dos Deuses e dos Homens (muito embora, na mitologia grega, ele não fosse o pai deles; ele tinha vários deuses que eram seus irmãos e irmãs e não criou nem gerou a humanidade). Outorgava aos reis sua autoridade e protegia-lhes os direitos e o poder, mantendo as leis e punindo os transgressores.

Zeus era retratado como um homem poderoso de barba, geralmente sentado em seu trono com o cetro ou um raio na mão. Sua estátua mais famosa foi uma das Sete maravilhas do mundo antigo, feita de ouro e marfim por Fídias, e colocada no Templo de Zeus, em Olímpia. Seu semblante majestoso era um dos seus aspectos; outro era sua face de conquistador de mulheres, e suas muitas aventuras amorosas serviram de tema para artistas.

Seu nome deriva do vocábulo original indo-europeu *d̥yus*, que significa "brilhar". Seus principais atributos abstratos eram a luz e o poder.

Genealogia e mitologia

No segundo capítulo deste livro foi narrada a história do nascimento de Zeus, quando falávamos de pais e filhos. Ele foi o último filho a nascer de Cronos e Réia, e antes dele nasceram três irmãs e dois irmãos, todos engolidos por Cronos.

Réia salvou Zeus quando conseguiu enganar Cronos colocando uma pedra embrulhada em vários panos no lugar do bebê. Com isso impediu que seu filho fosse devo-

rado. Zeus ficou então escondido numa caverna em Creta, e foi criado por uma ninfa ou uma cabra (conforme a versão dessa história).

Quando chegou à idade adulta, persuadiu a sábia Métis para que ela desse um emético a Cronos; assim, ele vomitou os irmãos e uma pedra. Depois, com seus irmãos Posêidon e Hades e outros aliados, lutou contra Cronos e os Titãs, até então regentes do Olimpo, e destronou-os, sucesso que obteve após dez anos de lutas para chegar ao poder. Nesse episódio Zeus se mostra grande estrategista porque conseguiu vencer, no final, uma vez que tinha a ajuda dos Cíclopes e das criaturas de Cem mãos (que lhe eram gratos porque ele os havia libertado). Foram os Cíclopes que deram a Zeus seus relâmpagos e trovões, e as criaturas de Cem mãos concederam-lhe extraordinário poder de fogo como se tivesse cem armas.

Zeus e suas consortes

Após derrotar seu pai Cronos e os Titãs, Zeus começou uma série de ligações com divindades femininas, ninfas e mulheres mortais, por meio das quais tornou-se o pai de qualidades divinas, da maioria dos membros da segunda geração de olímpicos e dos semideuses. Hesíodo relaciona várias consortes oficiais, casamentos em série que terminaram em Hera. Foram: Métis, Têmis, Eurínome, Deméter, Mnemósine, Leto e Hera. Quase todas as suas consortes eram mulheres "mais velhas", quer dizer, eram adoradas antes de Zeus chegar ao poder, e o povo que as cultuava fora derrotado, com o que as divindades que respeitavam tornaram-se subordinadas a Zeus.

A primeira dessas foi Métis, deusa famosa por sua sabedoria e mãe de Atená. A Titã Têmis, deusa da justiça e da ordem, sua segunda esposa deu à luz as Erínias (Parcas) e as Estações ou Horas. Eurínome, a terceira consorte,

pariu as Graças. De sua irmã olímpica Deméter teve a filha Perséfone; de Mnemósine (Memória) nasceram as nove Musas. Leto foi a sexta esposa, outra Titã, que pariu os gêmeos Apolo e Ártemis.

Zeus e Hera

Na qualidade de filha olímpica de Réia e Cronos, a posição de Hera na hierarquia de poder era equivalente à de Zeus. Ela atraiu os olhares do namorado que decidiu que iria seduzi-la. Para tanto, transformou-se numa ave frágil que tremia. Ao ver aquele patético e pequenino cuco tremendo, Hera teve dó e o segurou junto ao peito para aquecê-lo. Nesse instante, Zeus se desfez do disfarce e tentou seduzi-la. Mas ela o conteve até que ele promettesse casar-se com ela. O casamento que se seguiu foi iniciado por uma lua-de-mel que durou trezentos anos. Depois, Zeus voltou a ser promíscuo. A mitologia grega está repleta de narrativas de seus romances, e das humilhações sofridas por Hera e sua cólera ciumenta.

Embora a versão "fim da lua-de-mel" para o casamento de Zeus e Hera seja mais conhecida (graças a Homero), Hera era amplamente cultuada como Deusa do Casamento nos cultos que lhe eram dedicados. Nos rituais, era adorada na primavera como Hera, a Virgem. Era celebrada no verão ou no outono no casamento sagrado com Zeus, o Propiciador da Plenitude ou da Perfeição como Hera, a Realizada, ou Hera, a Perfeita. No inverno, ela se tornava a enlutada Hera, a Viúva (mesmo que Zeus, como imortal, nunca morresse) e que, todos os anos, se isolava em reclusão. Na primavera, uma imagem de Hera era mergulhada numa lagoa e ela tornava a ser novamente virginal, Hera, a Virgem.

Zeus, o namorado

Zeus teve pelo menos 23 romances, dos quais resultou uma descendência notável e numerosa, incluindo dois filhos olímpicos: Hermes, o deus mensageiro cuja mãe era Maia; e Dioniso, o deus extático do vinho, cuja mãe era Sêmele, mortal. E, de acordo com Homero, Zeus também foi o pai de Afrodite, tendo por mãe a ninfa do mar, Dione.

Os romances de Zeus com as mulheres mortais eram seduções nas quais ele geralmente assumia uma forma não-humana. Para engravidar Danae tornou-se uma chuva de ouro; nasceu desta gestação o herói Perseu. Com Antíope, Zeus tornou-se um sátiro; Leda foi seduzida quando ele se mostrou como cisne, e como touro branco arrebatou Europa.

As outras mulheres e seus filhos despertavam incessantemente a ira de Hera. Zeus não costumava ocultar bem seus romances, mesmo quando transformou Io em vaca, e Calisto em urso. Invariavelmente salvava os filhos, mas, às vezes, não conseguia poupar a mulher que se tornava o alvo de toda a raiva de Hera.

Zeus e Ganimedes

Assim como a cultura grega que representava, Zeus não limitava sua sensualidade às mulheres. Ganimedes foi um belo jovem troiano que se viu levado ao Olimpo para servir como criado de Zeus e, de acordo com a maioria dos relatos, também como seu amante. Foi seqüestrado ou por um pé de vento, ou pela águia de Zeus. Este enviou depois Hermes para consolar o pai do rapaz com alguma notícia do paradeiro do filho e para recompensá-lo pela perda com um par de belos cavalos (ou uma videira de ouro, conforme a versão). Em Roma, o nome desse jovem era Catamito, vocábulo que veio posteriormente a

significar o sodomita passivo (catamito). Foi imortalizado na constelação de Aquário como o aguadeiro.

Zeus e seus filhos

Zeus foi o pai de muitos filhos. Seus descendentes foram deuses e deusas ou semideuses, resultantes de suas numerosas ligações amorosas com mulheres tanto divinas como mortais.

Ele foi o primeiro dos deuses gregos celestiais a ser protetor, generoso e a confiar em seus filhos e filhas. Quando a mãe de Dioniso morreu enquanto estava grávida, Zeus costurou o feto em sua própria coxa e o guardou, até ele poder nascer. À sua pequena filha Ártemis ele deu tudo o que ela lhe pedira para ser a Deusa da Caça: arco, flechas, cães e uma escolta de elite. À outra filha, Atená, confiou os seus símbolos de poder. Resolveu uma desavença entre Apolo e Hermes insistindo firmemente para que Hermes devolvesse as vacas que tinha roubado de seu meio-irmão mais velho, o que então garantiu que se tornassem amigos.

O aspecto sombrio do pai destrutivo também fazia parte de sua natureza. Ele ou era o pai incestuoso que seduziu a própria filha Perséfone, ou o pai que deu licença a Hades para raptá-la e estuprá-la, e por isso não atendeu aos seus gritos pedindo ajuda, quando ela suplicou que ele a socorresse enquanto Hades a arrastava para o mundo inferior. Um mito atribua o pé torto de Hefesto a Zeus, que atirara o menino do Olimpo quando ele tomara o partido da mãe: maus tratos a uma criança. Outro filho, Ares, foi rejeitado psicologicamente e era o objeto do ódio do pai. E (como já dissemos antes), ao temer que Métis estivesse grávida do filho que destronaria, ele a engoliu para impedir que essa profecia se realizasse.

Não obstante, fosse qual fosse o modo como tratou seus filhos, ser pai de prole tão numerosa fazia parte essencial da natureza de Zeus.

ZEUS, O ARQUÉTIPO

Sentar-se no topo, com poder, autoridade e domínio sobre um território escolhido é a posição Zeus. Os homens que se fazem de "reis da montanha" na vida real, e conseguem ter sucesso nesse papel, são como Zeus. Têm em comum os seus traços característicos de personalidade e as suscetibilidades dele; o padrão subjacente é o arquétipo de Zeus.

Zeus como arquétipo do rei

Zeus tinha a ambição e a capacidade de estabelecer um reino no qual era o deus principal, e o anseio premente de presidir o próprio território é poderoso impulso deste arquétipo que leva os homens (e as mulheres) a serem e se comportarem como Zeus. Quando Zeus é o arquétipo, a necessidade de "estabelecer um reino" é força imperiosa. No mínimo, essa pessoa tem como valor que "o lar do homem é seu castelo" e, para conseguir isso, ele quer uma casa e uma família. Nesse sentido, esse arquétipo predispõe o homem a se casar e ter filhos, mas como extensões de si mesmo. Espera da esposa que administre a casa e os cuidados diários que os filhos exigem, de acordo com referências que ele exige serem cumpridas, enquanto ele mesmo tem envolvimento direto mínimo nisso.

A família é só um dos componentes da visão motivadora mais ampla de instalar o seu reinado. O homem Zeus quer autoridade e poder e não se importa em correr riscos para atingir tais metas. Prefere muito mais ser

seu próprio patrão do que trabalhar para outra pessoa. E se é um Zeus que enxerga longe, quando começa seu primeiro negócio considera-o apenas como o passo inicial.

O rei Artur é uma versão legendária desse arquétipo. Começou como um João-ninguém desconhecido, e cumpriu o destino de se tornar o agente de unificação de um feudo em guerra, sob um único estandarte: o seu. Hoje, os campos de batalha a serem vencidos são, em geral, territórios econômicos e um jovem desconhecido, empreendedor e ambicioso, que se torna barão dos negócios como Ross Perot, cujas operações no Texas cresceram a ponto de se tornar uma empresa multinacional no segmento da informática (Electronic Data Systems) personifica esse arquétipo do rei.

Este arquétipo também se manifesta por meio de "reinados hereditários": é o caso dos homens que nascem em famílias de posição e riqueza, e que herdaram o manto do poder, por assim dizer. Quando o arquétipo coincide com o papel herdado, a motivação principal é o anseio do homem por expandir os limites de seu reinado, aumentando ainda mais o poder econômico e o prestígio.

A casa grande e o edifício faiscante com os escritórios são expressões do mesmo arquétipo. Depois que o poder foi consolidado, Camelot tem de ser construído.

Zeus como o arquétipo da ação decisiva

O raio e a águia são os dois símbolos principais de Zeus. São expressões notavelmente hábeis da capacidade para decidir prontamente como agir, e de decisões tomadas num posicionamento "distante". Esses traços caracterizam o arquétipo de Zeus. A águia paira no ar muito acima do nível do chão, e do seu horizonte enxerga horizontes distantes. Apesar disso, também pode detectar movimentos de pequenas presas lá embaixo, e descer ra-

pidamente para capturar os pequenos roedores ou coelhos com suas garras. De maneira semelhante, Zeus tem como conduta característica estar de tocaia para enxergar os objetos que quer ou precisa adquirir. Pode ser determinado produto, um empregado em potencial, uma empresa; quando localiza o que quer, vai atrás disso sem ver mais nada. Tem ao mesmo tempo a visão panorâmica a grande visão e a consciência dos pequenos detalhes importantes. Quando se concentra nos detalhes, usa de atenção total: não tem a menor intenção de permitir que saia de suas vistas ou de suas garras. No entanto, como a águia cuja presa subitamente foge a toda a pressa ou que é capturada por outro predador, mesmo com toda a energia e empenho que dedicou a essa caçada em particular, a águia pode facilmente mudar de direção, contabilizar as perdas e seguir em frente. O raio de Zeus era o símbolo de seu poder punitivo. Esse elemento também vem de longe para se abater de forma decisiva sobre coisas que estão no chão, mas só depois que as nuvens escuras de tempestade se formaram e os trovões já estão ribombando, sugerindo uma concentração de emoções, um acúmulo de raiva. O ciumento Zeus matou Iason com um relâmpago, depois que este se deitou com a deusa Deméter, no campo três vezes arado. Outro de seus relâmpagos caiu sobre Faéton, quando o jovem perdeu o controle dos cavalos que puxavam a carruagem do sol.

O relâmpago pode servir de símbolo do "poder de fogo", da mesma maneira como a águia pode representar a capacidade de adquirir ou contratar decisivamente. Para um alto executivo como Lee Iacocca, que tirou a Chrysler Corporation da beira da falência, a capacidade de demitir (e contratar) é essencial ao sucesso. É verdade que uma demissão pode matar uma carreira, pode encerrar a vida profissional de um funcionário leal, e evidentemente atinge sua família. Para um chefe mafioso, "livrar-se

do sujeito" pode significar sua morte física. Mas essas não são preocupações de um Zeus, e os homens que personificam tal arquétipo não perdem horas de sono por causa disso.

Já o antigo presidente Ronald Reagan não parecia ser capaz de demitir diretamente quem quer fosse. Embora ocupasse uma posição Zeus, não era conhecido por agir de forma decisiva, o que é característica deste arquétipo.

Zeus e suas alianças: através das ligações comerciais

Uma figura de Zeus bem-sucedida pode trabalhar em cooperação com outros homens de poder. Destaca-se nas "reuniões de cúpula", forjando alianças e estipulando limites, resolvendo desavenças. Sua palavra basta. Quer negociar com outros detentores de poder, cuja autoridade decide. Espera que os outros cuidem do que mais lhes interessa, assim como ele faz consigo. Para consolidar sua base de poder e crescer a partir daí, que são metais naturais no arquétipo de Zeus, alianças são essenciais.

Atualmente, as alianças do homem Zeus são consolidadas com banqueiros e fornecedores, distribuidores e até mesmo competidores, ou com suas referências comerciais, com burocratas e patrocinadores, em vez de com senhores feudais ou soberanos. Os títulos e domínios diferem, mas a forma é a mesma.

Zeus, o deus, instituiu os olímpicos no poder com a ajuda dos Cíclopes e das criaturas de Cem mãos, sem cuja ajuda ele não teria derrotado os Titãs. Eles o ajudaram porque Zeus os havia libertado. No mundo dos negócios, o homem Zeus cogita exatamente quando "convocar os camaradas": será esse o momento de pedir a retribuição dos favores prestados? Se for, o Zeus bem-sucedido agirá

com sutileza e sensibilidade. A cada uma dessas transações, o homem Zeus forja alianças e consolida sua posição, como tão bem ficou demonstrado no livro de Mario Puzo, *O poderoso chefão*, papel que no cinema foi interpretado por Marlon Brando. Ele era o próprio arquétipo de Zeus vestido de chefão da Máfia.

Zeus e suas alianças: através de casamentos

Para o arquétipo de Zeus, cujo significado essencial se realiza na criação de um reino, o casamento também é um meio para formar alianças e consolidar poder. Os casamentos nas famílias reais eram arranjados pelos primeiros-ministros. Em todas as culturas patriarcais, os casamentos são alianças entre famílias, para as quais as propriedades e os descendentes são os principais focos de preocupação. Os sete casamentos oficiais de Zeus refletem esse mesmo padrão.

Para Zeus, encontrar uma esposa adequada não era questão de ligação afetiva ou espiritual, de coração ou alma, mas uma questão de Estado, uma aliança que servisse à sua meta de instituir ou consolidar seu reino. Os outros arquétipos também precisam estar presentes para que o relacionamento inclua paixão, amizade ou outros aspectos que possam satisfazer necessidades pessoais. Não surpreende, portanto, que o casamento entre Zeus e Hera seja modelo de conflitos. Quando esses dois poderosos arquétipos fundamentam uma união, cada um deles é motivado por intenções totalmente diferentes. Para Hera, o casamento é um compromisso sagrado da mais elevada prioridade, sendo a monogamia e a fidelidade ingredientes essenciais ao seu bem-estar. Quando o arquétipo de Hera predomina numa mulher, ela busca o casamento como o meio pelo qual será pessoalmente realizada, aperfeiçoada e levada à plenitude.

Zeus, o namorador

Como observamos antes, Zeus foi o namorador arquetípico, que seduzia ninfas, mulheres mortais e deusas e foi o pai de numerosa descendência. Ele muitas vezes mudava de forma para seduzir e engravidar quem desejasse. Com Leda tornou-se um cisne, para Danae foi uma chuva de ouro; Europa viu-o como touro e Io, como nuvem.

La atrás das mulheres com a exclusividade de propósitos que caracteriza sua natureza de "águia". Ao ver quem lhe apraz, faz tudo o que for preciso para se aproximar: muda de forma, expõe um lado mais vulnerável, torna-se o amante ardente. Depois de realizado seu intento, sua atenção provavelmente se volta para o campo de trabalho. Inconscientemente, ele pode não se prevenir contra uma gravidez pois tem o forte impulso de ser pai. É típico que "cuide do que é seu", arcando financeiramente com os custos de todos os filhos e reconhecendo sua paternidade.

Zeus, o pai celeste

O impulso para ter filhos faz parte do arquétipo de Zeus. A expectativa que tem a respeito deles é semelhante à que alimenta com respeito aos seus subordinados: que sejam obedientes e executem suas vontades. Seus filhos favoritos são os que reproduzem seu ideal de si mesmo como pessoa superior e de horizontes largos, que não permite que as emoções "saíam do controle". Esses atributos estão presentes em seus filhos Apolo e Atená, e são personificados pelo filho racional e voltado para a consecução de suas metas, que se sai bem na escola e nos esportes, e pela filha de mentalidade semelhante à sua, a "filha orgulho do papai" com quem cultivava uma relação de admiração recíproca. Ele é o pai mentor que orienta a educação e a carreira dos filhos, assim como faz com ou-

tros jovens para quem também serve de mentor, no âmbito profissional ou comercial. Em troca espera lealdade, e se sente traído quando um subordinado ou filho "cresce" e cria outros valores.

Zeus é o arquétipo do pai de dinastia, aquele que funda uma família. Quer muitos filhos e netos que levem em frente o trabalho depois dele, e para tanto busca impor sua vontade naquilo que seus descendentes fazem com sua vida, não só enquanto pode assistir diretamente mas também depois de morto. Motivado por seu anseio de fundador de dinastias, o Zeus multimilionário estruturará seus negócios e criará fundos que continuem fiéis a suas vontades através de sucessivas gerações. Um Zeus menos poderoso, com um reino menor, tem postura equivalente em menor escala.

Tem características de Zeus o homem que se empenha em ser pai e é bom provedor para seus filhos, sentindo orgulho de como se desincumbe dessa atribuição. O tamanho de sua casa reflete esse traço, assim como expressa sua necessidade de ter domínios próprios. O pai provedor é geralmente generoso, mas tal generosidade é motivada por seu desejo de controlar os filhos, estando vinculada às expectativas que tem a respeito deles. Quem recebe o que nos orçamentos das famílias Zeus, assim como em orçamentos empresariais, reflete os objetivos do homem no alto da hierarquia.

Arquetipicamente, Zeus é o pai autoritário que tem a palavra final. Ele pode manter linhas de comunicação abertas com os filhos, mas as decisões que atingem a família e os negócios são tomadas da forma como Lee Iacocca descreve: "Minha política sempre foi democrática até o momento da decisão. Então me torno o comandante desalmado que diz 'Ótimo, já escutei todo o mundo. E o que vamos fazer é o seguinte'".¹

O HOMEM ZEUS

A vida do homem Zeus mostra como se manifesta esse padrão arquetípico, quando alguém lhe dá carne e osso. O quadro que se descreve a seguir é uma composição intuitivamente montada a partir de numerosos exemplos que podem servir de espelho para que o homem Zeus se enxergue. Conforme formos seguindo o trajeto desse padrão, da infância até a velhice, poderemos também aprender a reconhecer Zeus.

A maioria dos homens Zeus também tem outros aspectos; em todo homem há, geralmente, mais que um deus em ação, o que significa que boa parte do que vem adiante corresponderá ao homem Zeus, mas não necessariamente tudo. Além disso, o padrão Zeus (assim como todos os outros) pode tornar-se dominante numa fase da vida do homem, e não permanecer o tempo todo a principal fonte de influência em sua vida. Nessas fases, embora obviamente presente, Zeus é força secundária. Por exemplo, a paternidade pode empurrar o homem para a fase Zeus de sua vida, se isso passa a motivá-lo para se estabelecer no mundo e encabeçar uma família, se antes ele nunca cultivou esses ideais. Pode ser que o homem (assim como a mulher) só lembre Zeus certo setor de sua vida, como na atividade profissional ou em seus relacionamentos pessoais.

Início da vida

O bebê Zeus faz-se presente desde cedo. Demonstrar forte vontade própria. Distrair sua atenção não é fácil quando está interessado em alguma coisa, quando quer pegar algo que está à mão, ou quando não quer soltar o objeto. Essa é a criança de dois anos que justifica a fama da "terrível fase dos dois anos", pois é capaz de dizer "não!" com autoridade impressionante.

Para amenizar sua natureza autocrática e desenvolver seus dons naturais, é benéfico que a criança Zeus aprenda em casa e na escola o que é ter postura justa e igualitária, e receba coisas práticas para pensar além de brinquedos e objetos para manipular e que possa descartar. É típico da criança Zeus solitária que crie mundo em miniatura no qual faz as coisas acontecerem. Ele constrói estradas para sua frota de carros, dispõe os soldadinhos de chumbo no campo de batalha, constrói cidades, mas não lê livros nem fica divagando. Se tiver alguma possibilidade de escolha, não gosta sequer um pouco de brincar sozinho. É a criança que sempre lidera as tropas no parquinho, e quando não consegue desempenhar esse papel se sente profundamente contrariado.

Seus pais

Na faixa dos três anos, aproximadamente, o menino Zeus intimida, pela sua força de vontade, a mãe que tiver sido dominada por homens autoritários. Ele é chefe por natureza e essa qualidade provoca certos tipos de pais, especialmente os autoritários, que então mostram quem manda, recorrendo a abusos. Pode ser que os pais "meçam forças" com este filho; são desafiados pela necessidade de não ceder a ele e lhe permitir que, com dois ou três anos, já seja pequeno tirano, e de não entrar em lutas diretas pelo poder nas quais ele acabe aprendendo que a força manda.

Mais do que com qualquer outro tipo de criança, os pais precisam lembrar que se trata apenas de bebê ou garotinho mesmo que se comporte como se fosse Luís XIV ou Henrique VIII. Os pais que lhe oferecem escolhas adequadas, em vez de entrar em lutas de poder com ele, encorajam-no a pensar e agir, pois essas são capacidades positivas em Zeus. Perguntar: "Você prefere comer isso

ou aquilo? Fazer isso ou aquilo? Ir lá ou ficar?" é melhor do que entrar numa disputa de vontades entre quem pode dizer "não" e ficar com a última palavra. Propor escolhas também é melhor do que deixar que a decisão permaneça com quem é fisicamente mais forte: a regra "a força manda" é muito facilmente aceita por jovem Zeus. Estabeleça limites firmes e espere que eles sejam testados. Ele sem dúvida precisará sentir na pele o efeito de quantidade razoável de uso do poder paterno/materno para poder reconhecer que seus pais têm uma autoridade legítima e podem exercê-la.

Assim que a situação é resolvida de maneira que o agrade, a criança Zeus pode ficar absorvida pelo que estiver fazendo. Geralmente sua disposição é positiva, extrovertida. Depois que uma pendência é resolvida, reina a paz.

A pior combinação possível para o seu desenvolvimento é mãe fraca e passiva e pai dominador e abusado. Essa criança então identificar-se-á com o agressor toda vez que lhe for possível e pode esperar pelos momentos certos. Dependendo do nível de maus tratos que sofrer nas mãos do pai, que fica comprovando "quem manda", e se sua mãe não puder protegê-lo, acaba se tornando submisso a pessoas de autoridade superior e, quando isso acontece, comporta-se da mesma maneira discriminatória e abusada para com os mais fracos, sempre que tiver chance. (Lembrar também que a mãe pode ser quem pratique os maus tratos.)

O filho Zeus de pai bem-sucedido, mas emocionalmente distante tem modelo de papel que admira e que o ajuda também a progredir no mundo, num sentido tangível. Se também tiver na mãe uma pessoa que o ama, cresce com o sentimento de que é legítimo obter o que quer, com confiança em si mesmo e na posição que ocupa no mundo. Tanto a natureza como suas condições sociais reforçam sua sensação de que é "alguém".

Adolescência e início da idade adulta

Na adolescência, seu relacionamento com figuras de autoridade costuma ser o foco principal. O rapaz Zeus tem autoconfiança capaz de provocar nos homens autoritários o desejo de mostrar "quem manda". E, embora crie atritos, é capaz de aguardar e cooperar também. Como estrategista, não vê motivo para se envolver em brigas pelo poder que não pode vencer.

Geralmente, seus amigos reconhecem que é líder natural, no secundário e na universidade, ou onde quer que esteja, e costuma sair com as moças mais requisitadas, sendo sexualmente ativo. É jovem pragmático, não idealista. Aceita o mundo como esse é, e quer a sua fatia dele. Por mais que seja inteligente, não é intelectual. Não é especialmente introspectivo e não perde tempo ruminando sobre o passado ou sobre seus sentimentos e os dos outros. No que lhe diz respeito, tudo vai bem, e a vida é algo que se pode levar em frente.

Trabalho

Desde o primeiro emprego com salário básico logo depois de formado, observa e pensa sobre como faria as coisas se fosse o responsável pelas decisões. A maioria dos outros jovens de sua idade só vê esse trabalho como fonte de dinheiro para poderem bancar suas despesas pessoais e fazem apenas o que se espera deles, nada mais. O rapaz Zeus tem curiosidade a respeito do negócio como atividade, avalia as pessoas para quem trabalha e, normalmente por si só, aprende o que funciona e por quê. Se cresce no campo ou num gueto, sua atenção recairá sobre qual for o "trabalho" que tiver à mão, seja vender safras ou drogas, ou outros expedientes. Da maneira que lhe é característica, enxerga o quadro maior e adapta constan-

temente seus pensamentos ao que lhe é possível. Fica cismando sobre o motivo de os homens mais velhos não enxergarem aquilo que ele vê como óbvio e necessário, e nem aproveitarem as oportunidades que ele aproveitaria, se estivesse na posição deles. Ninguém tem que ensinar-lhe coisa alguma a respeito de tomar a iniciativa e trabalhar com afinco, ou ficar de olho nas oportunidades: isso para ele é natural.

Às vezes, dedica-se a algum assunto de seu especial interesse; seja qual for esse, sua maneira Zeus de enxergar as situações ajuda-o a progredir em qualquer campo que tenha escolhido. Por exemplo, tem jeito para entender e usar "as redes antigas", e se deleita com o capitalismo por causa das oportunidades que oferece de progresso. Além disso, tem várias habilidades psicológicas vantajosas que lhe dão chances melhores. Adquirir poder e dinheiro ou bens é jogo que joga naturalmente porque é realista e confiante, e não leva para o plano pessoal o que os outros fazem. Se tiver de causar grande conflito em sua atividade, que leve à ruína financeira de outras pessoas ou implique a demissão de pessoas que trabalharam para ele, ou exija que alguém sirva de exemplo corretivo, é capaz de dar as ordens necessárias que equivalem a uma tempestade de raios. Na mesma medida, um Zeus instalado em cargo elevado no Pentágono, ou numa gangue de criminosos, pode emitir friamente ordens que acarretarão a morte de muita gente. A distância emocional fará com que nem perca o sono por causa de tais atos.

Relacionamentos com mulheres

Como disse o ex-Secretário de Estado Henry Kissinger, "o poder é afrodisíaco". A aura de "homem importante" de um Zeus atrai sem dúvida as mulheres, o que faz parte de seu sucesso. Ele tampouco vai atrás de alguma

mulher com o coração na mão; com elas, como no trabalho, ele é estrategista. Se quer sair com uma mulher, ou se quer que uma em especial trabalhe para ele, ou quer uma esposa, apresentar-se-á da forma que mais provavelmente terá chances de seduzi-la.

Considera o poder e o dinheiro parte essencial de seus atrativos; como Aristóteles Onassis cortejando Jacqueline Kennedy, ele, assim, sente-se no direito de insistir em algumas mulheres. Não espera que elas o amem só por ser quem é e certamente não por suas qualidades espirituais, que aliás ele acha que nem merecem ser fruto de conjecturas.

Não se interessa por relacionamento igualitário com uma mulher, seja como esposa ou amiga. Também não se interessa em falar sobre sentimentos nem sabe fazê-lo. Quer que a mulher faça o que ele espera dela e não o incomode com coisinhas.

Relacionamentos com os homens

Os homens são quem importa para ele "no jogo". Alguns desses jogadores são adversários ou aliados, e ele sabe que o competidor de hoje pode ser o aliado de amanhã, e vice-versa. Os outros jogadores são como peões e cavalos no jogo de xadrez, que ele desloca e controla. Fará avançar um e sacrificará outro. É erro para os homens que trabalham com ele ou são seus aliados pensar que lhe importam como pessoas: quando a situação fica crítica, são dispensáveis. Desse ponto de vista, ele considera todos dispensáveis e espera que os outros tenham a mesma opinião e se comportem para com ele da maneira que corresponde. Embora possa ser impiedoso, geralmente não parece sê-lo porque sabe que não lucra nada fazendo inimigos. E não tem a menor consideração quando os homens descobrem que são dispensáveis e então mostram

que sofrem com isso: eles deviam saber que era assim e, além do mais, considera sinais de estupidez e fraqueza mostrar vulnerabilidade e carência. (Se, o que não seria característico de todo modo, fosse um pouco mais introspectivo a esse respeito, poderia conscientizar-se de quanto se sente pessoalmente incomodado com essas condutas e descobrir por quê.)

Uma das fontes de seu sucesso é a capacidade de negociar e chegar a acordos, o que faz o tempo todo. Negocia bem porque estudou os homens e pensa no que eles querem e nas condições que aceitarão. Um Zeus hábil acima da média costuma ser muito sensível e, até certa medida, bastante atento às necessidades (não reveladas) de outros homens, incluindo a de manter as aparências.

Os clubes exclusivamente destinados a homens, em que se reúnem para almoços, partidas de golfe, ou caça aos patos, são verdadeiros bastiões do poder e dos privilégios de Zeus e servem a muitas finalidades. Ser aceito como sócio dessas agremiações indica que o homem galgou até o topo. Nesse nível, outras alianças podem ser feitas também com o intuito de promover os interesses da família e dos negócios. Além disso, tais clubes são refúgios em que o homem Zeus pode ficar com outros homens como ele, pessoas que dedicam sua energias exclusivamente à obtenção de poder e que, por conseguinte, continuam sendo imaturos e subdesenvolvidos psicologicamente. Sua idéia de diversão é exemplificada pelo acampamento "Bohemian Grove", que é a reunião dos homens mais poderosos da América, desde presidentes de corporações até ex-presidentes e o último presidente dos EUA. Lá se embriagam e "conseguem uma trepada" (embora "Bohemian Grove" seja interdito para mulheres que não podem tornar-se sócias, é uma verdadeira meca para prostitutas), fazem toda sorte de estripulias e encenam brincadeiras em que os homens fazem os papéis femininos.

Sexualidade

O homem Zeus bem-sucedido é o equivalente ao "macho alfa" nos estudos com primatas em espécies hierárquicas. Os machos alfa esperam sucesso, são agressivos, intimidam os machos de posto inferior e (pelo menos entre os primatas) escolhem as fêmeas e são mais sexualmente ativos do que os machos subordinados. Zeus, o deus, comportou-se como macho alfa para adquirir e consolidar poder e engravidar muitas mulheres e tornar-se pai de inúmeros filhos. Exercitar sua potência sexual pode ser, para o homem Zeus, o mesmo que ter poder político ou econômico para afirmar para si mesmo e para os outros que pode ter tudo o que quiser. Zeus, o namorado, pode achar que a mulher desejável lhe serve de "trampolim" e lhe confere uma medida de seu status. Pode desejá-la como aquisição, como objeto sexual, ou tudo isso.

Apesar de todo o sucesso com as mulheres que o homem Zeus tem fama de ter, um segredo não muito bem guardado é que não é amante tão bom. Para ser bom amante, outros arquétipos têm de estar presentes e ativos. Zeus é um tipo emocionalmente distante, não possui natureza ligada à terra e não tenta agradar as mulheres; tampouco é apaixonado. É sexualmente agressivo e pode ser sedutor, embora sua libido também consiga ficar totalmente concentrada em seu trabalho, e por extensos períodos.

Como Zeus se dedica a obter poder, outros aspectos de sua personalidade ficam à margem. Sua capacidade para intimidade emocional pode ser mantida em estado especialmente precário e, por conseguinte, prejudicar sua vida sexual. Sua escolha das parceiras sexuais reflete sua pobreza emocional, em particular conforme vai ficando mais velho e elas cada vez mais novas, imitando a imagem clássica de um Zeus envelhecido cercado de ninfas juvenis.

Ao mesmo tempo que ele se faz acompanhar por ninfas jovens, pode também alimentar fantasias sexuais de ser dominado por mulher poderosa. Como relatam as prostitutas cuja clientela é constituída de homens poderosos, o que eles mais lhes pedem é que elas realizem essa fantasia. Entretanto, se em sua vida erótica ele só quer estar com alguém jovem o bastante para ser sua filha ou neta, ou se sente atração por viver momentos em que não passa de garotinho impotente e dominado, então sua capacidade para relacionar-se sexualmente permaneceu imatura, ou confundida com o poder.

Se for Zeus homossexual, é o mesmo padrão só que mais exagerado: há número maior de parceiros. E, como Zeus que levou Ganimedes para o Olimpo, pode morar com belo jovem ou com uma série deles.

Casamento

A lista das notáveis consortes de Zeus revela que sempre se casa com alguém de status elevado ou no mínimo igual ao seu. Historicamente, esses casamentos refletiram mudanças no poder, pois deusas antes poderosas e seus atributos passaram a pertencer a deuses guerreiros. Acontece algo muito semelhante na vida real quando um homem ambicioso se casa com mulher de família proeminente e adquire os atributos dela status e riqueza por meio do casamento. Qualquer homem ambicioso que se casa com a filha do patrão e que, pelo casamento, ganha vantagens que não obteria se não fosse assim, faz o que Zeus fez. A escolha da esposa que promoverá sua escalada social pode ser calculada ou inconsciente, "feita" pelo arquétipo de Zeus. Neste segundo caso, ele se sente poderosamente atraído por uma mulher ou por meio de quem ele possa viver seu mito de tornar-se pessoa importante.

A maioria dos homens Zeus se casa na época da vida em que se estabelecem. Para esses jovens, cuja vida será moldada pelo arquétipo de Zeus (a menos que outros aspectos de sua pessoa sejam evidenciados), o casamento precoce é essencial. Zeus pode não ter sido o arquétipo decisivo se esse homem se casou com a mulher por que se apaixonou. Do ponto de vista de um Zeus, ela poderia ter sido uma escolha muito inconveniente, mas mesmo assim seria pessoa que o manteria em contato com a parte irracional, telúrica, profundamente emocional ou espiritual de sua natureza, por mais que resista conscientemente ao que ela representa. Por outro lado, as exigências que ela faz dele para que se torne um Zeus bem-sucedido, quando começou a vida motivado por outros aspectos igualmente vitais de sua natureza, podem ser-lhe decisivas.

Por mais potencial de influência que a esposa tenha em seu desenvolvimento, o verdadeiro poder do homem Zeus no relacionamento torna bem mais provável que ele a domine e que seu casamento siga os moldes tradicionais do patriarcado, centrando-se nas necessidades pessoais dele e na expectativa que ele tem de que a mulher desempenhe bem suas funções. A menos que ela seja forte o suficiente para gerar o conflito que transformará, terminará por desistir de sua necessidade de intimidade, ou de seu sonho de ser alguém mais além do que o casal tem em comum. Se ele for Zeus namorador e seu casamento tiver que ver com o estabelecimento de um território, e se ela for arquetipicamente Hera, essa combinação agredirá seus mais profundos valores como mulher e destruirá a chance de vir a se realizar por meio do casamento. Em vez disso, ela pode terminar possuída pelos aspectos vingativos e ciumentos de Hera. Se ele a ama de verdade, no entanto, e fica pesaroso com o sofrimento que sua conduta promíscua causa a ela, pode vir então a crescer emocionalmente.

A maior parte dos homens Zeus, assim que a fase do romance e da lua-de-mel está encerrada, não tem mais tempo para o casamento nem para a esposa. Ele pode alegar, tentando ludibriá-la, que todo o tempo que dedica ao trabalho é para ela e os filhos. Se ficar só para ele resolver e nos casamentos em que o homem detém o poder é ele quem resolve o casamento não é pessoal, não tem intimidade, não recebe atenção da parte dele. E a maioria das mulheres casadas com homens Zeus foi de aceitar essa definição de casamento. Isso, porém, está mudando, e as mulheres especialmente as que não são regidas pelo arquétipo de Hera saem de casamentos assim. Mas se ela tem amante, o marido Zeus fará tudo o que puder para destruir o rival de alguma forma, tal como Zeus que fulminou Iason, amante de Deméter, com um raio.

Filhos

Os homens Zeus não têm simplesmente filhos: eles constituem famílias, querem fundar dinastias, pois isso faz parte da visão que têm de si na vida. O homem Zeus bem-sucedido pode ajudar alguns filhos a progredirem no mundo e lhes garantem o sustento. Emocionalmente é pai distante, e pode também não ser pessoa disponível. Embora costume não estar fisicamente presente, é o pai que sustenta sua autoridade.

Os pais Zeus podem moldar a vida dos filhos e apoderar-se daquela que talvez fosse mais condizente com a natureza deles, e ainda facilitar o avanço daqueles cujas características naturais são incentivadas por bom nível de instrução e pelo acesso a oportunidades que ele possa proporcionar. A força da personalidade de um pai desses, assim como sua autoridade, tornam especialmente poderosos seus julgamentos dos filhos. O modo como os vê, que pode até não ser preciso, assim como seus preconcei-

tos ou valores, têm peso enorme, assim como, para o filho, é crucial obter desse pai a aprovação que se esforça a vida toda para obter ou que o leva ao desespero por jamais conseguir receber.

Todos os deuses e deusas da segunda geração de olímpicos consideravam Zeus o pai. Alguns foram favorecidos, outros maltratados; houve quem fosse acalentado, rejeitado ou detestado por ele. Nós também vivemos numa cultura patriarcal em que os valores de Zeus estão por toda parte, seja qual tenha sido o arquétipo predominante em nosso pai pessoal. Como o filho se sai aos olhos do pai Zeus vai depender do padrão arquetípico do jovem e da força de seu Eu, pois é por meio dele que expressa essa dinâmica.

Meia-idade

Em algum momento de sua vida adulta, Zeus pára e faz um levantamento, avaliando quanto foi bem-sucedido em sua ascensão, se haverá mesmo um lugar no alto para ele e se quer de fato escalar aquela montanha específica. Ele pode descobrir-se temporariamente desmotivado, sem o vigor habitual, enquanto prossegue esse questionamento, geralmente fora do alcance de sua consciência. Ele pode declarar que chegou o momento de suas tão longamente planejadas férias, ou da interrupção programada no trabalho, ou até mesmo flertar com a idéia de mudar radicalmente. Não é característico que se volte para dentro de si mesmo, conjecturando a respeito de seus motivos, mas pode sentir a presença de uma dúvida recalcitrante a respeito do significado e do valor de toda essa expedição até o topo, a qual dedicou-se pessoal e exclusivamente e também a qual subordinou os outros (e as necessidades destes). No fundo, no fundo, talvez saiba que não valeu a pena.

Essa fase da vida é a época em que alguns homens Zeus bem-sucedidos sabem que chegaram ao seu auge. Ele pode ter almejado chegar a possuir sua própria empresa de pequeno porte, ou uma fazenda, alcançar o cargo de chefe de sua divisão ou de certo departamento e realizado esse sonho; para outro Zeus, essas metas podem não passar de estágios provisórios em sua ascensão ao que para ele é o topo. Ser um Zeus bem-sucedido não depende obrigatoriamente de se tornar um Donald Trump (esse empreendedor bilionário, espetacularmente bem-sucedido); isso só requer atingir uma meta que ele mesmo tenha estipulado e que lhe seja significativa, e descobrir que chegar lá confere-lhe satisfação. Então, essa fase da vida adulta pode tornar-se a época em que "pode parar e apreciar o panorama".

Para o homem Zeus, a maturidade adulta pode também ser uma época de grandes dificuldades, em que partes de si mesmo, ou relacionamentos, que negligenciou ressurgem para se reafirmar de maneira violenta. Seus filhos adolescentes podem entrar em problemas sérios, a esposa pode deixá-lo, talvez sofra um ataque do coração, ou atue uma fantasia vergonhosa. Sua arrogância pode torná-lo cego para as próprias limitações e, após todo o sucesso tão arduamente conquistado, pode exagerar dramaticamente e terminar fracassando de maneira espetacular. Por conseguinte, descobre-se rejeitado e amargurado, sem nenhum relacionamento íntimo, ou capaz de aprender com as duras lições da vida, humilde, enfim, podendo começar a reconstruir de outra maneira alguns trechos de sua vida.

A maturidade também introduz importantes modificações nos valores que o homem enfatiza, se, tendo se comportado como um Zeus na primeira metade da vida, termina amadurecendo também com os seus relacionamentos. Ele agora quer e pode passar mais tempo com as

pessoas que lhe são caras, e até no trabalho percebe que se interessa em instruir os colegas ou aprofundar as amizades. Quando acontece isso, há a chance de que alguém próximo entrando em crise como a esposa, um filho ou um dos pais torne-o consciente de como as pessoas são preciosas para ele.

Terceira idade

Se acaba tornando-se introspectivo, o homem Zeus perceberá que sua necessidade de impor a própria vontade e estar no controle teve destaque em todas as épocas de sua vida. Na velhice essa necessidade surge de novo, especialmente se foi um Zeus bem-sucedido. Será que pode abrir mão do controle? Quer seja o armazém que a família administra, ou a CBS [Columbia Broadcasting System] como aconteceu com Bill Paley abdicar do controle ou vê-lo usurpado das próprias mãos costuma ser uma séria dificuldade, a menos que esse homem tenha ido mais além dos dinamismos típicos desse arquétipo e se tornado sábio. Tal como toda a série de deuses paternos gregos que temiam ser suplantados pelos filhos, o Zeus controlador luta para evitar o inevitável. Pode chegar a impedir que o filho o desafie em qualquer circunstância, vendo nele competidor desde o primeiro minuto. Pode ter enfraquecido o moral dos filhos a tal ponto que termine sem ter herdeiro competente. Apesar disso, outros homens se adiantarão para ocupar o seu posto quando amolecer a pressão ou não puder mais segurar com tanta firmeza seja lá o cetro que for. É provavelmente tentará controlar seus bens, mesmo além-túmulo, com medidas testamentárias. Essa batalha perdida para manter o controle é o destino de todo homem que subordina sua vida inteira ao arquétipo de Zeus.

DIFICULDADES PSICOLÓGICAS

Todo deus ou arquétipo pode criar certos tipos específicos de dificuldades psicológicas. Para o homem que, no monte Olimpo, seria Zeus, os problemas e limitações em geral "são naturais" ao domínio celeste. Sua ascensão pode ter custo emocional para si e outras pessoas e, assim que se instala no topo, sua falta de consciência de si junto com o poder de que dispõe pode transformar-se numa combinação destrutiva.

A cabeça falante é homem incompleto

O domínio de Zeus era o céu e o arquétipo de Zeus predispõe o homem a viver enfiado em sua cabeça, expressando-se por meio de palavras e do poder para fazer com que as coisas aconteçam. Numa cultura patriarcal industrial, esse homem leva vantagem considerável, pois espera-se que o homem superior seja "cabeça falante", que trabalha bem com idéias e abstrações (como dinheiro e investimentos, ou lei e poder), não com as mãos ou o corpo; espera-se que seja homem distante dos próprios sentimentos, que não se abale com a compaixão, pois isso o tornaria "moleirão", "franguinho". Esse homem tem posição superior que lhe outorga o poder de usar as palavras e fazer com que sejam obedecidas e levadas em alta consideração. Esse poder é tão corriqueiro para ele quanto conseguir um telefonema que põe imediatamente em prática sua vontade: sua palavra é a lei em sua casa, no trabalho, no campo de batalha, ou, levando à prática um de seus conceitos, quando diz: "Faça-se a luz", e há luz.

O homem dominado pelo arquétipo de Zeus (que é também o arquétipo regente da nossa cultura) geralmente é mantido alheio a suas vivências corporais e seu corpo não é receptivo, nem acolhedor, nem sensual. Ele pode

se orgulhar de quantos quilômetros pode correr, da boa forma que mantém, de sua resistência. Esse orgulho é reação à sensação de domínio sobre seu corpo, não tem ligação com o prazer dessas atividades. É provável que também não tenha ligação com o coração como órgão emocional que dá e recebe. O homem Zeus em geral não tem contato com sua própria sensualidade e reações emocionais, o que o torna incapaz de se comunicar ou ter contato com esse nível nas outras pessoas e até mesmo conhecer tais aspectos em si. Essa imaturidade emocional leva facilmente a manifestações sensuais e sexuais distorcidas, a momentos de vergonha e culpa, e a condenar ou desvalorizar os outros, se eles não são tão desconectados da própria sensibilidade quanto ele. E pessoa incompleta, com plano de subdesenvolvimento que em geral não é nem capaz de reconhecer que existe.

"Ele não vê que as árvores são uma floresta"

O homem Zeus se orgulha de enxergar o quadro mais amplo, de ter modo abrangente de ver a situação, de entender as coisas em larga escala. Pode conduzir guerra contra a pobreza e jamais se envolver com um único pobre (e sorrir a contragosto se se reconhece em quadri-nhos como aquele que diz "Adoro a humanidade, as pessoas é que eu não consigo suportar"). Pode ser o especialista mais famoso sobre educação infantil que nunca teve nem assumiu a responsabilidade completa por uma só criança nem amou nenhuma com todo o coração. Considera que pertence a nível superior e, visto que é tratado como figura de autoridade, não tem nenhum motivo para duvidar de sua posição. Ao ser desafiado por pessoa que tem conhecimentos diretos e imediatos da situação, e que também adota postura emocional, menospreza-a dizendo algo como "não vê que as árvores são uma flores-

ta". Em vez disso, acha que "não vê que a floresta é feita de árvores" e muito menos é capaz de amar uma.

No Vietnã, por exemplo, todos os conhecimentos tipo Zeus fracassaram redondamente. Homens que haviam tão rapidamente atingido os mais elevados postos da hierarquia que chegaram a ser chamados "meninos-maravilha" dirigiam a guerra de seus escritórios na capital, Washington, e presumiam que a supremacia americana em termos de armamentos seria decisiva. Não levaram em conta como e por que as pessoas no Vietnã reagiriam e isso tornou a guerra impossível de ser vencida. O sofrimento que causaram foi impensável. Quem quer que tenha tido a idéia de que o botão da guerra nuclear deveria ficar atrás de um coração humano, exigindo do presidente a adaga final que realmente matasse essa pessoa antes que ela tivesse tempo de acionar o botão, percebeu que o homem Zeus não "vê que a floresta é feita de árvores" e que, por conseguinte, precisa tomar consciência do sofrimento e do massacre que ordena de longe.

A mentalidade da "força que dita a lei"

O arquétipo de Zeus predispõe homens e mulheres a buscar e usar poder. O perigo começa quando o poder é adquirido. Lord Acton, historiador do século XIX que era profundamente contrário à doutrina da infalibilidade papal, escreveu: "O poder tende a corromper e o poder absoluto corrompe absolutamente". Essa declaração se tornou aforismo, comentário conciso que expressa princípio reconhecido como verdadeiro e que os homens Zeus, em pequena e grande escala, frequentemente validam.

Historicamente, os homens de poder acreditaram que governam por direito divino, o que não é exatamente uma surpresa já que o arquétipo de Zeus é seu dinamismo de

base. A lei foi desenvolvida como contraforça para atenuar os excessos dos homens de poder, mas até mesmo hoje em dia os homens Zeus costumam sentir e se comportar como seres "acima da lei".

O homem que exerce o poder de forma abusiva é ainda mais corrupto quando aplica a mentalidade segundo a qual "a força cria a lei". O direito de tomar atitudes essa justificativa auto-ilusória quando usado da pior forma geralmente é acompanhado de surras na esposa, maus tratos contra os filhos, incesto em família.

"Instável é a cabeça que enverga a coroa": o medo do usurpador

O poder e a paranóia costumam andar juntos. Os homens no alto temem ser destronados, desconfiam dos motivos e da lealdade demonstrada, impedem que os outros cresçam para que não possam ficar fortes e ajudam a fazer surgir os próprios inimigos temidos. Essa é a história de Urano, Cronos e Zeus e é uma parte sombria do arquétipo do pai.

Inflação e grandiosidade: as novas roupas do imperador

O homem com poder e autoridade, que senta no topo de sua montanha particular, é propenso a pensar que, por ser autoridade numa situação, o torna especialista em todos os assuntos. Por exemplo, os médicos facilmente se tornam inflacionados do ponto de vista psicológico, possivelmente porque tomam o tempo todo decisões de vida ou morte e porque os outros lhes atribuem saber de alto nível a respeito de áreas que ignoram. Identificados com a própria inflação, por exemplo, os médicos podem pensar que também são investidores informados e atua-

lizados, ainda que tenham dado muito pouca atenção ao setor dos investimentos, e esse erro pode custar-lhes fortunas.

A visão inflacionada que o homem Zeus tem de si mesmo torna-o suscetível a manipulações dos outros que se comportam como seus súditos, e o leva a reprimir os que se recusam a adulá-lo. Claro que isso foi o que aconteceu na fábula "A roupa nova do imperador". Se o homem sente que os elogios lhe são devidos e acredita nelles, rejeitará as pessoas honestas e a verdade, e sofrerá as conseqüências. Como a lei de Gresham segundo a qual o mau dinheiro afasta o bem, bajulações afastam a verdade. É inevitável que os homens de poder que "não querem ouvir a verdade" acabem afastados dela.

Problemas psicológicos para os outros

A combinação de distância emocional em relação aos outros, falta de maturidade emocional, e poder, que caracteriza o homem Zeus, cria vários problemas para os outros. A esposa que quer intimidade e comunicação com um homem assim desaponta-se porque ele negligencia os relacionamentos tão logo os tenha assegurado (para cultivar e aprofundar relacionamentos, precisaria ter desenvolvido outros arquétipos). Se ela é como Hera, e ele é Zeus namorador, então ela sofrerá profundamente com as traições do marido. O caráter dela também pode ser que sofra, se se deixar tomar pelo ciúme e desejo de se vingar.

Os filhos também são atingidos de forma adversa pela ausência do pai e por suas atitudes condenatórias. Sentindo-se emocionalmente abandonados ou rejeitados, costumam ter vários problemas de auto-estima quando não conseguem corresponder às expectativas dele.

As vítimas de Zeus agressor obviamente sofrem e levam cicatrizes emocionais que as predisõem a se tor-

narem agressoras elas também (o que é mais provável no caso dos meninos), ou a entrarem em outras situações de abuso.

MODOS DE CRESCER

O homem Zeus geralmente permanece inconsciente de seus problemas e da necessidade de crescer, até que grande crise lhe torne impossível ignorar os sentimentos, seja os dos outros, seja os seus. Para o homem Zeus, o crescimento muitas vezes começa depois que ele se sentiu humilhado e vulnerável.

Onde está o resto de mim?

A mensagem de que alguma coisa está errada precisa ser transmitida ao homem Zeus. Como na cena mais famosa de Ronald Reagan como ator, ele tem de acordar e se dar conta de que algumas partes dele estão faltando e ficar abalado por isso: Onde está o resto de mim? (No papel de George Gipp, em *Knute Rockne: All-American*, Reagan desperta num leito de hospital e descobre que sua perna foi amputada; então diz: "Onde está o resto de mim?").

Diante de sua falta de introspecção (pois isso implicaria descer até o domínio de Hades), e de sua distância emocional, não tem muita chance de perceber que está mortalmente afastado de si mesmo e dos outros até que ocorra algo drástico e, então, se torne dolorosamente consciente de que alguma coisa está errada. Quando finalmente lembra, a mensagem no mais das vezes veio de alguém próximo: a esposa que o abandona, cansada de ser traída ou ignorada em nome do trabalho; o filho que ele não se deu ao trabalho de conhecer, o desafia ou não

tem nada a ver com ele. Só depois que essas pessoas se afastarem dele é que ele sofrerá por não ter o que agora lhe faz falta.

No contexto da psicoterapia, esse homem pode mais gradualmente tomar consciência de como está distante de seus sentimentos e das outras pessoas. Mas, como tem necessidade de controlar e presume que tudo é questão de vontade, o homem Zeus normalmente não busca ajuda. Sua reação mais habitual a fases de aflição psicológica é sair da situação afundando no trabalho. Em geral, o homem Zeus acaba indo ao psiquiatra só por insistência da esposa e, então, o normal é que tenha ido "por ela". Ou porque o terapeuta do filho exige que os pais do jovem estejam em terapia.

A mensagem chega: o ataque cardíaco

Embora o homem Zeus possa sofrer de qualquer espécie de problema grave de saúde, o ataque do coração é o que mais acontece. Esse transtorno é o mais simbolicamente condizente com a necessidade de ele fazer mudanças substanciais em sua vida. São inúmeras as metáforas para essa condição: "ignorar o próprio coração", que tradicionalmente é o órgão associado às emoções, quase terminou por matá-lo. Para salvar a vida, precisa descer do topo, porque lá é muito ralo o oxigênio que seu coração precisa. Esse homem pode finalmente receber a mensagem de que não se trata apenas de um problema físico, mas que um problema emocional está se manifestando no plano físico.

Apaixonar-se

Seu coração pode desorganizar sua vida de outra maneira ainda. Pode se apaixonar. Como se uma flecha de Eros o tivesse atingido, vê-se irresistível e apaixonadamente atraído, de modo inconsciente, por mulher sem

a qual não pode viver. A razão o abandona e ele abandona suas responsabilidades. Trata-se do processo da *enantiodromia*, conforme o termo cunhado por Jung para descrever essas situações: uma posição excessivamente unilateral transforma-se em seu oposto. O reino dos instintos e emoções, que ele negligenciou e menosprezou, emerge agora com potência total e destrona a razão. Decorre disso uma crise que destrói o status quo de sua psique e abala seu casamento, e também enche de vida e vitalidade o seu pequeno coração. A necessidade de mergulhar no reino das emoções, que não tinha sido respeitada, agora se apresenta à consciência como destino.

Perder a cabeça

Uma grande perda também pode mudar o homem Zeus, pois atravessa suas barreiras emocionais e o tira do plano mental. Temporariamente, "perde a cabeça de tanto sofrimento" e afunda nas profundezas de seu ser. Por maior que seja a sua dor, por pior que tenha sido o evento desencadeante, não está mais isolado da humanidade sofredora, desce da montanha e se torna "mais humano".

Essa experiência pode transformá-lo ao abri-lo para o reino de Posêidon e, com isso, para o contato com seus próprios sentimentos e com a necessidade que tem dos outros. (Ou, como se ficasse algum tempo de ponta-cabeça, o lado Zeus volta a se reafirmar, julga o que aconteceu como humilhação e, na ansiedade de que isso possa voltar a acontecer, tranca ainda mais forte as janelas para que as emoções não aflorem.)

Curando a aflição

Na lenda do Graal, há um rei uma figura de Zeus que tem Ferida que não sara. Enquanto essa ferida não secar, seu reino permanecerá estéril. O Graal está em

seu castelo, e ele pode curá-lo. Isso, porém, só acontecerá se um jovem, inocente e tolo, vier à corte, vir o Graal e o rei ferido, e fizer a pergunta certa. Segundo uma versão, essa pergunta é: "O que te aflige?". Reconhecer que existe alguma coisa errada é plano que deve ser alcançado antes que possa começar o processo da cura. A pergunta "qual é o problema?" tem de ser feita e dar-lhe resposta.

Na lenda, a ferida simbólica que não sara fica na coxa do rei ou perto dos seus órgãos genitais, ou na região genital propriamente. Essa ferida atrapalha a manifestação dos instintos e da paixão e prejudica a sexualidade, a capacidade de gerar e a criatividade. Não espanta que seu reino seja estéril, pois com essa ferida não há possibilidade de nova vida.

O rei ferido pode representar o arquétipo de Zeus, ou do poder como princípio dominante do patriarcado. O rei ferido também pode representar o pai patriarcal de uma família disfuncional, ou o arquétipo dominante da psique de um homem. Sempre que houver Zeus ferido como regente, há a necessidade opressora de manter controle que sufoca o crescimento e a expressividade, o que resulta em aridez emocional, ausência de criatividade e depressão. O reino que pode ser a cultura, a família ou a psique do homem torna-se então terra estéril em que nada cresce nem prospera.

Para que ocorra a cura é preciso que o inocente entre na psique, ou na situação. Do ponto de vista de um Zeus, agir com inocência ou ingenuidade é ser tolo. Investido de sua autoridade, é preciso que o homem Zeus tenha coragem para se arriscar a parecer tolo ou mostrar-se vulnerável aos outros, ou entrar em nova situação com a abertura de criança e a inépcia de amador. No entanto, é isso que ele tem de fazer para crescer e ser curado.

POSÊIDON, DEUS DO MAR — O REINO DA EMOÇÃO E DO INSTINTO

Conduzindo sua carruagem puxada por cavalos através dos mares, Posêidon, deus dos oceanos e dos cavalos, personifica os dois símbolos ancestrais do inconsciente: o cavalo e a água. A água sempre evocou no homem o mistério infinito, as possibilidades infinitas e os perigos infinitos de nosso inconsciente fluido. Sem forma própria e determinada, está constantemente em movimento; nunca muda e, porém, nunca é o mesmo em dois momentos sucessivos. O cavalo representa as pulsões instintivas de nossa própria natureza bruta, em sua mais primitiva potência... Posêidon era o mais primitivo dos deuses, aquele que causava abalos na terra, deus das tempestades e terremotos, dos maremotos que subitamente destroem tudo, aqueles perigos que despertam quando as forças até então contidas sob a superfície entram em erupção.

Arianna Stassinopoulos, *The Gods of Greece*

Aquele que movimentava a terra e o mar vazio
o grande deus da água... que faz a terra tremer
a quem os deuses honravam em dobro
tu és quem controla os cavalos
salvador dos barcos
olá, Posêidon,
deus portador da terra, de cabelos escuros e feliz,
teu coração é bom.

Homero, "The Homeric Hymn to Poseidon"

Posêidon vivia sob o mar, no reino que se tornou seu quando ele e seus irmãos Zeus e Hades tiraram a sorte para dividir o mundo. Para entender a emotividade que

ele personifica e o domínio psicológico que rege, basta que lembremos as portentosas mudanças de condição do mar. Ele pode ser turbulento com ondas monumentais e atadoras que indiscriminadamente se abatem sobre tudo o que estiver em seu caminho com força destrutiva tremenda. Como os intensos afetos emocionais que inundam a personalidade e afogam a mente racional, Posêidon erguia-se enfurecido de seu domicílio no fundo das águas para depois recolher-se novamente ao seu reino submarino. Também era chamado de o Portador das inundações e Aquele que sacode a terra, para exprimir o seu enorme poder para perturbar e destruir a natureza e a natureza humana.

Nos sonhos e nas metáforas, o mar representa o inconsciente. Em sua faixa mais próxima à superfície estão as emoções e lembranças mais facilmente acessíveis e de teor pessoal; em suas camadas mais profundas encontram-se as criaturas primitivas e miríades de formas muito além do que pode ser conhecido pessoalmente, ou seja, o inconsciente coletivo. A água e as emoções estão ligadas simbolicamente e isso torna o mar um reino propício a Posêidon que reagia emotiva e intensamente sempre que era provocado. Seu animal simbólico era o cavalo, que freqüentemente representa o poder e a beleza dos instintos físicos, animal de terra, que confirma a origem pré-olímpica de Posêidon como deus pai telúrico.

Como ficará mais evidente quando encontrarmos Hades, o mundo inferior representa também o inconsciente pessoal e o coletivo; o fundo do mar é o reino dos sentimentos pessoais e dos instintos reprimidos, e o reino emocional que nós, humanos, temos em comum. Os familiares dos homens Posêidon costumam conhecer esse aspecto do arquétipo paterno em sua forma mais assustadora, quando seus sentimentos primitivos explodem e emoções enfurecidas inundam o lar de tempos em tem-

pos. A cultura patriarcal permite aos pais, na qualidade de senhores e donos da casa, que ali descarreguem toda a sua fúria e em nenhum outro lugar.

Embora possamos ser destinatários da emotividade de um pai Posêidon (especialmente se ele é alcoólatra), esse traço também pode existir em nós. Quem já se sentiu inesperadamente tomado por ondas afetivas poderosas que sobem das profundezas do próprio ser, ou percebeu seu corpo tremer e sacudir de dor, ódio ou sede de vingança, passou por uma experiência direta de Posêidon.

Neste mundo regido por Zeus, somos treinados a desvalorizar e afogar nossos sentimentos e instintos, guardando-os tampados se possível. E, se somos como o racional Apolo ou a Atená, capaz de pensar com frieza (os filhos prediletos de Zeus), reprimimos muito bem os sentimentos até certo ponto. Costumamos sonhar com maremotos ou inundações, e com temores obsessivos de terremotos; são essas as ocasiões em que o mundo de Posêidon ameaça atravessar as defesas erguidas por nossas tendências Zeus, Atená ou Apolo, que serviriam para nos proteger de sentir o que sentimos e exprimir nossos sentimentos.

Porém, mesmo num mundo dominado por Zeus, algumas pessoas conhecem bem o reino de Posêidon. São como marujos que vão para o mar a bordo dos navios, ou pessoas que nem sonhariam em viver em outro lugar que não à beira-mar. Esses homens (e mulheres) vivem e trabalham com as marés das emoções e instintos. Por exemplo, lembro a poesia emocionada de Dylan Thomas, poderosa e mobilizadora, de sua vida turbulenta, da famosa frase "Não seja suave com a boa noite.../ Fúria, fúria contra a morte da luz",¹ e sinto a familiaridade com os domínios de Posêidon. Essa mesma qualidade pode ser entreouvida na obra de Beethoven, e experimentadas nos

textos teatrais de Eugene O'Neill e Tennessee Williams, homens que conseguiram dar forma e expressar o terror, a beleza e o poder das intensas emoções de Posêidon.

POSÊIDON, O DEUS

Posêidon (a quem os romanos chamavam Netuno) era o deus grego do mar. Era retratado como homem poderoso, com barba, parecido com Zeus, segurando tridente.

Embora identificado com o reino marinho, o nome Posêidon significa marido de Da (*posis Das*), designação da terra. Era relacionado aos terremotos e chamado Aquêle que sacode a Terra. Seus principais animais simbólicos eram os touros e os cavalos.

O temperamento de Posêidon é seu traço mais característico. É mal-humorado, violento, vingativo, destrutivo e perigoso, deus acompanhado por tempestades e turbulência, como o mar em fúria. Mas também conseguia acalmar as águas: as tempestades cessavam instantaneamente quando Posêidon passava sobre as águas com sua carruagem de ouro puxada por cavalos brancos de crinas douradas, enquanto os monstros marinhos saltavam à sua volta.

Genealogia e mitologia

Como todos os irmãos, exceto Zeus, Posêidon (filho de Cronos e Réia) foi engolido pelo pai, que temia ser destronado por um filho. Em algumas versões de seu nascimento, Posêidon escapou a esse destino, assim como Zeus. Numa delas, um potro foi colocado para substituí-lo e engolido por Cronos. Em outra, em vez de engoli-lo, Cronos atirou-o ao mar com a intenção de causar-lhe a morte por afogamento assim que saiu do útero. Apesar dessas ver-

sões, a mais comum diz que foi consumido pelo pai, e só foi libertado depois que Zeus desafiou Cronos e conseguiu, com a ajuda de Métis, fazê-lo regurgitar suas três irmãs e dois irmãos. Depois, os irmãos olímpicos e seus aliados lutaram com Cronos e os Titãs, e venceram. Depois de tirarem a sorte para repartir o mundo, o mar coube a Posêidon.

Este não ficou contente com o que lhe coube. Competiu com Atená pela posse das cidades de Atenas e Trezena, e com Hera pela posse de Argos. Numa prova disputada para ter Atenas, a competição consistia em dar um presente aos cidadãos. Atená brindou-os com a oliveira e depois Posêidon bateu com seu tridente numa rocha, na Acrópole, produzindo uma fonte de água salobra. Quando o presente de Atená foi considerado mais útil e ele perdeu a competição, inundou as terras vizinhas. Além disso, inundou também Trezena. Em sua disputa com Hera para ter Argos não se saiu melhor e, ao perder, para se vingar, secou todos os rios. Tentou inutilmente reivindicar Egina, de Zeus, e Naxos, de Dioniso. Em sua disputa com Hélio por Corinto, conseguiu se sair um pouco melhor: ficou com o istmo, e Hélio, com a acrópole. Posêidon se revoltou também contra Zeus, mas não teve êxito em suas artimanhas.

Posêidon e as mulheres

Posêidon primeiro desejou casar-se com Tétis, nereida ou deusa do mar, disputando a noiva com Zeus, que também a desejava. No entanto, quando Prometeu revelou que Tétis teria um filho que seria maior que o pai, ambos os deuses abandonaram-na e providenciaram seu casamento com um mortal. Dessa união nasceu o herói grego Aquiles.

Depois, ele se aproximou de Anfitrite, outra nereida, que reagiu com repugnância às atenções de Posêidon. Ele

a tomou à força, estuprou-a e ela fugiu para a montanha Atlas para se safar dele. Finalmente Delfina (ou Delfim) acedeu graciosamente aos pedidos dele e consentiu em se casar com Posêidon. Em sinal de gratidão, Posêidon colocou a imagem de Delfina entre as estrelas, como constelação.

O casamento de Posêidon e Anfitrite seguiu o mesmo padrão do de Zeus e Hera, pois Posêidon também era infiel. A enciumada vingatividade de Anfitrite, como a de Hera, era dirigida contra as outras mulheres. Um terrível exemplo ocorreu quando Posêidon se enamorou de Cila; Anfitrite jogou ervas mágicas nas águas em que Cila se banhava e, com isso, ela se transformou da bela mulher que era em monstro que latia e tinha seis cabeças, cada uma com fileiras triplas de dentes, e doze pés. Cila passou a habitar os estreitos de Messina, devorando os marinheiros que estivessem no convés dos navios que por ali passavam.

Medusa sofreu destino igualmente medonho por causa de Posêidon. Como ele tinha feito amor com Medusa num templo dedicado a Atená, essa deusa transformou Medusa em monstro repulsivo com serpentes no lugar dos cabelos; apenas olhar para seu rosto transformaria em pedra quem a mirasse.

Quando Deméter buscava por toda a terra a filha raptada, Posêidon a seguiu e desejou. Para fugir dele, Deméter se transformou em égua e entrou no meio de um bando de cavalos para despistar Posêidon. Persistente em sua caçada, no entanto, ele também se transformou num garanhão e a estuprou.

Posêidon e os filhos

Anfitrite deu a Posêidon três crianças, um filho e duas meninas. Além desses, teve outros numerosos descendentes, muitos dos quais eram monstros na mitologia. Posêidon

foi o pai tanto de gigantes destrutivos como de filhos ferozes de tamanho normal, que herdaram sua violência, e que puderam contar com a feroz lealdade do pai.

Quando Odisseu deixou cego seu filho ciclope Polifemo, que só tinha um olho, Posêidon perseguiu Odisseu com ódio implacável e puniu também quem o tinha ajudado. Por exemplo, Posêidon bloqueou (com montanha enorme) o porto de um povo que vivia à beira-mar e ajudara Odisseu; além disso, transformou em rocha um barco de resgate que lhes fora enviado. A Odisséia foi longa e difícil por causa do temperamento irado de Posêidon.

A hostilidade de Posêidon contra os troianos

Ninguém se igualava a Posêidon quando se tratava de alimentar velhos ressentimentos. Seu ódio dos troianos era tão grande que ele interveio em favor dos gregos, contrariando ordens expressas de Zeus. Esse era ódio muito antigo. Posêidon e Apolo haviam feito um acordo com o rei Laomedon (que era pai de Príamo e avô de Páris e Heitor, e já fazia tempo que morrera quando a guerra de Tróia começou) para construir os muros de sua cidade de Tróia em troca de certa soma. Mas quando o trabalho terminou, ele se recusou a pagar o combinado. Por isso, Posêidon se vingou "até a segunda e a terceira geração" (que o Antigo Testamento também considera um padrão de vingança).

Posêidon e Creta: O touro que veio do mar

O rei Minos, de Creta, pediu a Posêidon que lhe enviasse um touro para sacrificar. O touro que veio do mar era animal tão belo que Minos decidiu conservá-lo em vez de sacrificá-lo, como havia prometido. Enfurecido com o rei Minos por não haver mantido sua palavra, Posêidon

fez com que a rainha de Minos, Pasífae, tivesse um apaixonado romance com o touro. Dessa união nasceu o Minotauro, monstro meio humano, meio touro, que era mantido no centro do labirinto construído sob o seu palácio.

O aspecto pacífico de Posêidon

Embora Posêidon fosse famoso por sua raiva, destrutividade e seu humor geralmente tempestuoso, também tinha um aspecto pacífico e misericordioso menos conhecido, em sua personalidade. Quando estava mais tranqüilo, por exemplo, visitava seus fiéis etíopes que lhe ofereciam ricos sacrifícios e, por algum tempo, esquecia de sua perseguição a Odisseu. Num gesto de bondade (por meio de um terremoto), transformou a Tessália, que fora um lago enorme, em terra seca. Também transformou Ino e o filho dela em deuses do mar quando ambos se lançaram nas águas do oceano, e designou Castor e Pólux como protetores dos marinheiros, dando-lhes o poder de acalmar as tempestades.

POSÊIDON, O ARQUÉTIPO

Imagine-se estar contemplando a plácida superfície do mar, sabendo que logo abaixo habita um deus irado, vingativo e emocionalmente intenso, que de uma hora para outra pode explodir num acesso de fúria e despenhar sobre o que estiver na sua frente: terá captado imediatamente algumas das principais características do arquétipo de Posêidon. Ele faz parte do arquétipo paterno que "perdeu para" Zeus e que se encontra reprimido naqueles homens que são como Zeus e lutam para manter tudo sob controle.

Quando o domínio da emotividade é reprimido, esse arquétipo passa para o plano subterrâneo onde continua ativo, embora não integrado à personalidade do homem. As emoções são contidas em vez de expressas no momento em que brotam. Depois de certo tempo, no entanto, Posêidon não pode mais ser segurado e, no ódio e na dor, a ânsia primitiva de destruir a fonte do sofrimento se apossa dele, sejam quais forem as circunstâncias.

Posêidon também é o arquétipo por meio do qual pode ser experimentado um domínio de grande profundidade e beleza. O mundo submarino de Posêidon não pode ser visto do monte Olimpo e não foi descrito na mitologia grega. Acesso às profundezas emocionais é um aspecto desprezado da psique masculina, desvalorizado e reprimido pelas culturas patriarcais. Os homens americanos normais de classe média, por exemplo, devem manter suas emoções sob controle assim como dos ingleses da classe alta espera-se que exibam fisionomia de gélida indiferença.

Um aspeto menos conhecido de Posêidon simboliza o a água subterrânea. Representa a profundidade emocional escondida sob a terra, que, apesar de inexpressa e invisível, continua lá na forma de sentimentos introvertidos intensos que precisam ser contactados ou manifestados para vir a ser conhecidos.

O arquétipo do mergulhador de águas profundas

Posêidon era o único deus olímpico que tinha acesso às profundezas da água. Conseguia mergulhar fundo e ficar debaixo d'água por quanto tempo quisesse, ou subir rapidamente até a superfície só para comandar seus cavalos de crina de ouro que puxavam sua carruagem, enquanto as criaturas do fundo nadavam e brincavam à sua volta o sonho de todo mergulhador. Posêidon também é a metáfora para o homem ou a mulher que conseguem pe-

netrar profundamente no reino dos sentimentos e das emoções, obtendo acesso ao que se esconde lá embaixo: a alma e os padecimentos, uma grande beleza e os monstros abissais, lugares tão fundos e escuros que não é mais possível ver com clareza e que só permitem uma visão indistinta do que existe ali. Nessa dimensão há a sensação de uma vastidão, de uma profundidade, que excedem em muito o que alguém jamais poderá plenamente conhecer ou atingir.

O homem distanciado de sua natureza Posêidon, até que beba e fique a tal ponto embriagado que chega a chorar, ou seja, atirado nessa dimensão por força de sua raiva ou algum padecimento, entra no reino de Posêidon, onde é temporariamente tomado por ele e onde fica à deriva, como afogado.

O aspecto de mergulhador de profundidade do arquétipo de Posêidon, por outro lado, é expresso no poeta, no dramaturgo, no romancista, no compositor, no músico, ou no psicoterapeuta que é seguidamente levado a descer cada vez mais fundo pelo reino das emoções, onde entra em contato com a profundidade humana coletiva. Os povos de culturas que passaram historicamente por grandes aflições, para quem a arte e a literatura são expressões valorizadas e cuja alma nacional tem tom emocional (como os russos e os irlandeses, por exemplo) parecem respeitar mais esse âmbito e dar aos homens permissão para serem mais emotivos, irracionais e expressivos.

O arquétipo do rei

Assim como Zeus e, em menor escala, Hades, Posêidon também busca garantir poder sobre uma região e o respeito e o controle inerentes à posição de rei. O homem Posêidon sente forte necessidade de "ser alguém importante". No entanto, o homem que é arquetipica-

mente Posêidon não tem o pensamento estratégico, a impessoalidade e a força de vontade indispensáveis para que um deus celeste do patriarcado tenha sucesso e esta-beleça "um reino". Seus esforços nos negócios podem então lembrar os do deus Posêidon que repetidamente perdia terras em disputa para outras deidades e, quando era publicamente humilhado, reagia com fúria.

Dada a intensidade dos sentimentos associados a este deus, o homem que vive sob a égide deste arquétipo não costuma ser bom perdedor. Do ponto de vista de Zeus, cada disputa era decidida "de maneira reta e justa" por um corpo de juízes designado corretamente. Assim como os homens que não entendem as regras pelas quais uma propriedade ou honrarias lhes são retiradas, e que não sabem perder com elegância, Posêidon reagia com cólera. Sua reação mais característica era causar inundações, da mesma maneira como esse arquétipo pode inundar a psique de um homem com sentimentos, afogando o seu pensamento racional.

Se esse homem não consegue se impor no mundo, o lar se torna o único domínio em que ele pode ser rei.

O portador do tridente

O símbolo de Posêidon era o tridente, símbolo fálico que, ao lado do significado de seu nome, marido da terra, situa-o historicamente como um deus pré-olímpico, consorte da Grande Deusa, que tinha três aspectos: virgem, mãe e velha. O tridente de Posêidon era o falo triplo simbólico, que indicava sua função como par da deusa tripla. Assim como seus dois animais simbólicos, o cavalo e o touro, o tridente é afirmação de sua sexualidade e fertilidade, embora mais abstrata.

O portador do tridente é sexualmente potente, capaz de impregnar. Essa impregnação não é especificamen-

te limitada ao aspecto de geração de crianças que assinala o feminino (a Deusa enquanto mãe), mas estende-se ao feminino virginal, intacto (a Deusa como virgem) e à mulher sábia (a Deusa como velha). Se vivida em sua forma arquetípica mais literal, essa masculinidade indiscriminada, promíscua, psicopática, que se manifesta sexualmente, aparece nos homens que não fazem distinção entre mulheres jovens e maduras. Quando é vivido num relacionamento de compromisso pelo portador do tridente, esse homem se mostra como marido da virgem, da mulher e da velha sábia, que são as dimensões que coexistem no íntimo de sua esposa. Na qualidade de parceiro da vida toda, ele é o marido da virgem com que se casou, da mãe de seus filhos, e, na maturidade, da mulher completa em que ela se tornará.

Em seu sentido mais abstrato, Posêidon é o marido da terra, como a umidade propícia à vida, necessária para que a terra seja fértil. Ele representa a água subterrânea e, assim com o deus Posêidon que golpeia a terra para fazer brotar água, o tridente é um símbolo do poder de entrar em contato com essa fonte.

Posêidon, o inimigo implacável

A história da perseguição implacável que Posêidon encetou contra Odisseu durante dez anos é a história do ódio de um pai contra aquele que deixou cego seu filho que tinha um único olho. Não importa que Polifemo tenha querido devorar Odisseu e seus homens e que só a astúcia e a coragem de Odisseu tenham impedido o macabro festim. Essa é a justiça olho-por-olho que não leva mais nada em consideração. Essa "justiça" é, na verdade, vingança, devolver o dano causado a si ou a algum dos seus. Posêidon espera até acertar contas antigas, alimentando ressentimentos que não se desfazem com o tem-

po. Pode ser que custe três gerações, como aconteceu com os troianos; mas um dia ele vai se desferrar.

Muitas histórias e muitos homens seguem esse roteiro. Artistas de cinema como Charles Bronson na série *Death Wish*, e George C. Scott em *Hardcore*, desempenharam papéis Posêidon de pai dedicados a um plano de vingança pessoal, que se incumbem diretamente de fazer justiça com as próprias mãos, enchendo a tela de retaliações violentas. No mesmo sentido, William "Touro" Halsey, Almirante da Frota do Pacífico na Segunda Guerra Mundial, perseguiu os navios de guerra japoneses ao longo de imensos trechos do oceano com o ódio implacável de um Posêidon no enalço de um ardiloso Odisseu. Para ele, "o único bom japonês que existe é o japonês morto". E Yahweh, o deus do Antigo Testamento, que declarou "Minha é a vingança", também manifestava e reivindicava essa dimensão do arquétipo de Posêidon.

Posêidon como o arquétipo do selvagem

Robert Bly, grande poeta americano e líder do movimento masculino, fala da masculinidade que os homens, especialmente os que amadureceram na década de 1960, devem retomar, descrevendo-a como "o selvagem no fundo do lago". Essa é uma imagem extraída da história de João de Ferro, dos *Contos dos Irmãos Grimm*: era uma vez uma floresta que todos os homens evitavam porque todos os caçadores que tinham entrado lá nunca mais voltaram. Um dia, um caçador estranho que não conhecia o medo entrou no mato com o seu cachorro. Este perseguiu um animal nas redondezas de um lago profundo; um braço desnudo surgiu da água, agarrou-o e o arrastou para o fundo. Quando o caçador viu isso, foi buscar três homens com baldes para esvaziarem o lago. Quando chegaram ao fundo, encontraram um homem selvagem,

cujo corpo era tão marrom quanto ferro enferrujado e cujos cabelos eram tão compridos que cobriam seu rosto e chegavam até o joelho.

Bly esclarece que o selvagem é símbolo da masculinidade instintiva, que as mulheres não domaram, que se mantém em contato com a natureza e que faz parte da natureza e que será desonrada e desrespeitada, e até tímida, até que os homens queiram conhecer e trazer essa fonte de força e masculinidade para o campo da consciência e, em seguida, a uma inserção na cultura.

Penso que o selvagem no fundo do lago seja uma imagem do Posêidon rejeitado e desvalorizado, do arquétipo reprimido no inconsciente, conhecido aqui por outro nome. No conto de fadas, o selvagem é libertado de seu cativeiro por um garoto. Em troca, o selvagem promete ajudá-lo: sempre que ele estiver em apuros, o garoto deve voltar à floresta e chamar por ele. O selvagem é fonte de força e poder, arquétipo que o menino pode convocar quando estiver sendo testado. No decorrer da história, o menino se torna homem corajoso e amoroso e o selvagem se torna orgulhoso rei.

POSÊIDON, O HOMEM

A esfera de Posêidon é o reino das emoções e o homem em quem Posêidon é o arquétipo dominante está diretamente em contato com seus instintos e sentimentos, que expressa de maneira espontânea e imediata se for extrovertido, e, se for introvertido, pode guardar em seu íntimo. Em ambos os casos, tem sentimentos profundos e intensos. E vive numa cultura que prefere que os meninos e os homens não sejam emotivos.

Primeiros anos de vida

A criança Posêidon tem sentimentos intensos a respeito de tudo o que lhe interessa. Especialmente se for do tipo extrovertido, essa criança terá reações imediatas, intensas e espontâneas a tudo o que lhe diga respeito, manifestando-se por atos e sentimentos. Ela quer aquilo que a atrai e dedica-se a mostrar sua necessidade de ter o objeto de seu desejo agora! Tem fome do que quer, e uiva de frustração e raiva quando não pode ter já o que quer. Seu corpo todo e sua voz também expressam o grande prazer que sente de conseguir o que quer se é no mesmo instante; mais tarde não tem mais o mesmo efeito. Passado o desejo daquele momento, ela não está mais imbuída do interesse de que suas emoções tinham-na revestido. Quando está tomada por suas emoções, que são intensas e relacionadas com uma necessidade específica, o foco de sua atenção pode ser redirecionado e canalizado para alguma outra coisa, assim como uma repentina inundação pode ser encaminhada para um rumo que controle o excesso da água. Diferentemente de seu irmão Zeus, Posêidon pode perder de vista o que lhe era tão importante e perceber-se envolvido em alguma outra coisa.

A criança que teve de abafar suas emoções por causa de pais punitivos pode aprender a mascarar seus sentimentos. Mas eles continuam intensos, só que contidos. Nessa condição, ela tem a mesma dimensão do Posêidon introvertido em quem as águas fundas correm sem ser vistas, e que por isso é capaz de manter aparência calma e, mesmo assim, abrigar sentimentos fortes e tempestuosos.

Se o menino Posêidon não foi criticado em casa por sua espontaneidade e emotividade, é certo que depare desaprovção por essas atitudes quando for para a escola. Ridicularizado se chora, mandado ficar quieto quando salta da carteira para oferecer-se exuberantemente como

voluntário, sempre ouvindo que deve pôr em ordem a desordem que cria, percebe que é continuamente criticado por não viver segundo as expectativas mais estreitas das outras pessoas a respeito de como deveria ser. Ele e suas emoções e suas coisas parecem se derramar sempre sobre os outros e incomodá-los.

Seus pais

O menino Posêidon felizardo nasce em família cujo temperamento é compatível com o seu e sabe acolhê-lo, ou seja, uma família que também admite suas emoções, sua dramaticidade, as lágrimas e risadas, suas demonstrações físicas. Essa casa também tolera a desordem que se acumula em torno de várias pessoas fazendo muitas coisas diferentes com variados graus de encerramento, e não "funciona com hora" (não dá para acertar o seu relógio pelo horário em que as pessoas sentam para a refeição, nem pelo momento em que entram e saem de casa). Se é assim que se comportam seus familiares, então esse Posêidon cresce num ambiente doméstico que aceita e valida a pessoa que ele é. Mas essa atitude pode não ajudá-lo a se adaptar às exigências do mundo externo, coisa que descobre imediatamente, assim que entra numa escola.

Algumas crianças Posêidon vêm de famílias que não são dadas a se expressar emocionalmente, de forma espontânea, nem a demonstrar o que sentem, e que em lugar disso dão valor às boas maneiras, ao intelecto, à obediência, organização e conclusão das tarefas, pondo tudo de volta no lugar depois de usar as coisas. A criança Posêidon é, nesse lar, um estranho no ninho em termos de seu temperamento (ou uma pessoa em quem predomina o hemisfério direito do cérebro num mundo dominado pelo esquerdo). Num lar com essas características, a criança Posêidon será continuamente advertida pelo que faz

(e não faz): a desorganização do seu quarto, fazer as tarefas quando elas lhe forem passadas, desorganizar outras partes da casa, são todos problemas crônicos. (Essa criança afirma que sabe onde está tudo, no meio da bagunça, e não consegue mais achar nada depois que as coisas entraram em ordem.) Sua emotividade também depara provavelmente reações de desaprovação: se chora vão lhe dizer que os meninos grandes não choram; se está feliz, vão lhe dizer que pare de se comportar como um bobo. Se ele der bastante atenção ao que lhe disserem, terminará por reprimir sua natureza e se moldar conforme o que seus pais querem.

Numa situação ideal, "quem ele é" torna-se visto, aceito, valorizado e, com paciência e empenho por parte de seus pais, ele também aprende a se organizar mais e lidar com objetividade com o tempo e as seqüências, ou seja, com a necessidade de planejar com antecedência, que é algo que não lhe ocorre naturalmente. O pôster com os dizeres "Não estava chovendo quando Noé fez a arca" cabe muito bem no quarto de garoto Posêidon. (Como veremos adiante, nenhum dos deuses que nos direciona para o mundo interior ou para o reino das emoções dá atenção ao tempo linear; por isso, para muitas pessoas é útil dar ouvidos a esta mensagem.)

No pior dos casos, o filho Posêidon constela o pai excessivamente punitivo que exige obediência e enfurece-se quando ele insiste em ser quem é e não está pronto na hora certa, não está limpo e arrumado, não termina o que começa. Esse pai entende que tais comportamentos são gestos de insubordinação que algumas surras devem eliminar. Nesses casos, o filho Posêidon provavelmente é tratado de forma punitiva ou com desprezo também por sua emotividade natural. Somando-se a suas condutas e colocando-o em ainda mais dificuldades está sua sensação de ser autoridade ou de ter direitos, o que cria situa-

ções do tipo “vou te mostrar quem é que manda”, nas quais ele não pode vencer. (O menino Zeus esconde melhor esses sentimentos.) Nesse contexto, o menino Posêidon pode aprender bem demais como é recuar e ocultar o que sente, para revidar mais tarde, com grande raiva, contra alguém mais fraco.

Adolescência e início da idade adulta

O adolescente Posêidon é geralmente rapaz emotivo e intenso, bastante à mercê de suas alterações hormonais e empenhado na busca de parceiras sexuais entre as moças atraentes. O que tem em mente é quantidade, não namorada firme. Nessa época de sua vida, espera-se do rapaz Posêidon que entre na Faculdade e por isso os estudos deveriam ser sua prioridade, mas não é isso que o interessa.

Além do mais, o temperamento e as habilidades de um Posêidon não são valorizados na maioria das escolas: ele reage de forma emotiva e toma decisões com base no que sente, de modo que se torna peixe fora d'água no ambiente acadêmico. A beleza da lógica não lhe é perceptível; não gosta de trabalhos analíticos ou repetitivos, detesta fazer provas e testes, e acha tediosos quase todos os cursos obrigatórios. Para ir bem na escola precisa de outros arquétipos.

O Posêidon atlético pode ser efetivamente localizado na água, jogando pólo aquático ou nadando. Pode achar um lugar para si também nas produções de teatro, onde tem chance de entrar em contato direto com suas emoções, canalizá-las para o papel que desempenhará, e ser valorizado.

Ele não se dedica a tirar boas notas, embora possa até terminar se concentrando, sentando para fazer o trabalho e realizando-o bem, quando os outros conseguem convencê-

lo de que é necessário e ele tem cabeça suficiente para isso. No entanto, por mais que se saia bem, as realizações acadêmicas não têm muito sentido para ele. Geralmente, também não sabe o que quer ser quando crescer.

Se no colegial vai mal, quando chega a hora de se matricular numa Faculdade ou se candidatar para um trabalho, ficará cada vez mais ressentido pela exclusão que vivencia. Esse padrão pode se repetir em outros estágios de sua vida, quando os colegas que se importaram em estipular e alcançar metas começaram a colher os frutos materiais de seus esforços e ele cada vez mais sentir-se-á frustrado com o pouco que consegue.

Trabalho

Achar trabalho que lhe seja significativo e também garanta boa renda, auto-respeito e respeito dos outros costuma ser difícil numa sociedade industrial e empresarial. O homem Posêidon está fora do seu elemento se se enfia num escritório ou em fábricas. Nesses ambientes, para ter sucesso é preciso suprimir sua natureza emotiva, desenvolver e desempenhar o papel de outro deus. Se puder se adaptar e ter êxito, fazendo o que a outro tipo de homem daria grande satisfação pessoal, só vai achar que está trabalhando pelo salário, ainda que se encontre nos mais elevados cargos em termos de poder e prestígio. Se nunca desenvolveu as habilidades do lado esquerdo do cérebro necessárias ao ambiente de trabalho, e tem temperamento emotivo que não aprendeu a domar, junto com problemas diante de figuras de autoridade, só conseguirá empregos de baixa qualidade e, assim, não obterá prazer nem com o trabalho, nem com o retorno material de uma “boa vida”, o que o deixará enfurecido.

O trabalho que significa algo para esse tipo de homem é aquele que lhe permite satisfazer sua própria na-

tureza ao deixá-lo desenvolver sua capacidade para avaliar e agir com base em sentimentos intensos. As aptidões de um Posêidon geralmente são mais na linha de trabalho envolvendo a natureza (inclusive a natureza humana), na qual o tempo é medido em ciclos, marés e estações. Nesse contexto aprende a confiar em seus instintos e experiências, lidando com plantas, criaturas vivas, correntes de água, clima ou pessoas.

Relacionamento com mulheres

Dois aspectos do homem Posêidon tornam provável que ele domine as mulheres: sua atitude patriarcal e o poder de sua própria intensidade emocional. Por isso, pode consciente ou inconscientemente passar por cima dos sentimentos da mulher ou violar-lhe os limites. Desde a adolescência pode não aceitar levar um "não" quando está sexualmente excitado e tomou a iniciativa de alguma intimidade física. Essa sua atitude pode resultar em vários níveis de desrespeito e estupro, desde não ouvir quando ela pede para ir mais devagar, até forçar uma penetração se ela deixar que ele a acaricie muito intimamente.

Geralmente não é fácil se dar bem com as mulheres atuais, que se importam muito com sua própria carreira profissional. Ele não é bom como jovem profissional vivendo em meio urbano, mas costuma agir como se, por ser homem, tivesse automaticamente o direito de manter a posição dominante junto a uma mulher que tem sua própria carreira. Essa é combinação que gera situações competitivas nas quais a mulher leva vantagem e tem chance de vencer. Como Atená em sua disputa com o deus Posêidon pela posse de Atenas, ela é capaz de perceber o que a situação exige, enquanto ele não consegue levar isso em consideração, e desse modo perde para ela.

Relacionamentos com homens

Posêidon está em desvantagem no mundo Zeus da cultura industrial ocidental. Reage emocionalmente em lugar de racionalmente, numa cultura que atribui valor negativo a essa atitude. Embora normalmente não seja "atiçado" porque se comporta com certa autoridade, pode perceber que está fora do jogo em termos da busca por status e realizações. "Fala língua diferente" e, a menos que se adapte muito bem, termina suprimindo suas emoções e desenvolvendo um foco mental linear, direcionado para certa meta, e não se dá bem no mundo onde vencem o distanciamento emocional e a estratégia.

Às vezes desenvolve-se laço duradouro entre um homem Posêidon e aquele que é seu oposto psicológico. Ambos são atraídos pela possibilidade de desenvolver aquelas dimensões que lhe são inconscientes. Os homens Posêidon têm capacidade para serem a lealdade e a profundidade emocional, e esses dois traços não são incentivados no mundo Zeus, em que o homem em ascensão está sempre em movimento, é competitivo e deixa para trás quem não consegue acompanhar seu ritmo.

Sexualidade

A sexualidade Posêidon começa como força da natureza. A intensidade emocional combinada com poderosa natureza instintiva respondem por isso. O touro e o garanhão são símbolos do deus Posêidon e, na qualidade de imagens, expressam essa sexualidade inata e indiscriminada: ele pode personificar o Garanhão, sempre pronto a desempenhar seu papel.

O homem Posêidon pode ser tão insensível quanto o deus Posêidon, que perseguiu e forçou uma relação sexual com Deméter, que buscava a filha seqüestrada, e

estava desesperada no momento em que a viu. Muitas mulheres casadas com homens Posêidon sentem que o apetite sexual dele vem antes de tudo, independentemente do que está se passando em sua cabeça ou pesando em seu coração. Ela pode tentar, como Deméter, esconder-se para evitá-lo e desviar sua própria sexualidade e, como a deusa, não conseguir.

Enquanto ele estiver nas garras deste arquétipo e se comportar sexualmente como uma força da natureza, é "inumano" e não se relaciona psicologicamente com a parceira. É varrido e tomado por forças que operam dentro dele na mesma medida que, por sua vez, arrebatam os outros.

Se esse homem Posêidon é homossexual, especialmente antes da AIDS, tem muito mais que o Posêidon heterossexual a possibilidade de agir como um garanhão sexual para os parceiros imediatamente disponíveis. O Posêidon homossexual mais velho pode reencenar o mito de Posêidon e Pélopes. O deus Posêidon tinha amor sexual por um rapaz chamado Pélopes, que era tão belo que foi levado por esse deus para o Olimpo. Dá-se um paralelo com essa história quando o homossexual mais velho, poderoso e bem estabelecido torna-se o protetor e o amante de rapaz que então leva para o seu mundo.

Tanto Zeus quanto Posêidon foram retratados como homens poderosos que desejaram muitas mulheres, casaram-se e tiveram vários filhos. Não obstante, ambos deram vazão à atração que sentiam por rapazes belos, como era comum acontecer na Grécia antiga. Os homens Zeus e Posêidon contemporâneos, quando poderosos e sentindo-se envelhecer, às vezes ficam perturbados e se sentem muito ameaçados quando sonham com rapazes ou se percebem atraídos por eles.

Casamento

A história de Posêidon cortejando e casando-se com Anfitrite oferece os detalhes metafóricos necessários para entendermos o que se passa com o homem Posêidon antes que possa se comprometer com uma só mulher. Posêidon viu Anfitrite dançando e caiu de amores por ela. (Apaixonou-se, o que é muito mais do que desejo sexual; ela atraiu a imagem interna dele daquela que seria sua bem-amada que Jung chama de "anima".) Quando a cortejou e estupro, ela ficou atemorizada e fugiu para onde estaria a salvo do poder dele. Ele se comportou com ela da maneira como estava acostumado, impondo-lhe seu desejo e dominando-a com sua intensidade, violando-a. Então, sentiu a perda dessa mulher especial, única, que não conseguia reconquistar com seus recursos de sempre. O Posêidon humano que, tarde demais, percebe que sua bem-amada fugiu dele encontra-se na mesma posição.

Para reavê-la, Posêidon precisou da ajuda de um golfinho que descobriu onde ela estava escondida e a persuadiu a se casar com o deus dos mares. O homem Posêidon geralmente descobre que precisa desenvolver o "golfinho" em si, ou seja, sua capacidade de "antena" outra pessoa ("descobri-la" mesmo que ela esteja escondida), tornando-se sensível, atencioso e comunicativo num nível mais profundo. Ele tem de fazer isso se quer persuadir a mulher que ama a voltar voluntariamente para junto dele, pois ela não ficará para ser dominada.

Se isso acontece com o homem Posêidon e ele evolui e se casa com uma mulher capaz de surtir nele tal efeito, então eles "viverão num belo palácio submarino", ficarão juntos na profundidade emocional.

Contudo, muitos casamentos Posêidon estão longe de serem profundos ou belos quando o homem não evoluiu e desconta nela seus ressentimentos e raiva (causa-

dos pelo trabalho ou pela falta dele). A ausência de controle emocional assim como problemas de poder ou de falta de poder, além de achar que o sexo conjugal é direito inquestionável para ele, fazem com que os casamentos Posêidon estejam entre os piores que há, especialmente quando combinados ao abuso do álcool ou de outras substâncias.

Como os homens Zeus e Hades, o homem Posêidon é voltado para o casamento. Esses três arquétipos parecem promover o estabelecimento de lares patriarcais definitivamente encabeçados pelo homem.

Filhos

Dado que os sentimentos do pai Posêidon são facilmente acessíveis, os filhos do homem Posêidon podem se sair muito bem ou muito mal. O Posêidon que, quando criança, foi aceito, foi incentivado a desenvolver outros traços de sua pessoa e encontrou um lugar confortável no mundo, pode ser um pai maravilhoso. Ele pode ser acessível emocionalmente e dado a demonstrações físicas de afeto, o modelo do homem forte que ri e chora, pai que está presente, não ausente nem distante, que é o modelo mais comum em nossa cultura.

No entanto, ele pode ser terrível como pai e marido, e geralmente nos dois papéis, quando é esse o caso. Suas agressões emocionais e às vezes físicas contra a esposa vazam até os filhos. Seus filhos são traumatizados por seus ataques de ira, acovardam-se diante dele, e depois, com alta probabilidade, agem exatamente como ele quando se encontram numa situação de comando. A maioria dos filhos de Posêidon foram descendentes do pior da natureza desse deus. Um tornou-se conhecido como estuprador e era chamado de o "sátiro do mar"; os outros foram monstros destrutivos ou gigantes e selvagens.

As filhas de um Posêidon geralmente se tornam pessoas sem brilho. Sua infância as predispõe ao posto de candidatas por excelência aos desmandos dos homens. E como se sintonizam com a dor que está na base do comportamento de seu pai, podem assumir o papel de salvadoras.

Meia-idade

Por volta da metade de sua vida, a maioria dos homens Posêidon já terá casado e tido filhos, e fica claro se a vida familiar que resultou desse casamento é ótima ou péssima. Quer muito boa ou terrível, a família do homem Posêidon é normalmente o centro de sua vida emocional. Dessa maneira, ele se precipitará numa extensa crise de meia-idade se sua esposa deixá-lo nessa altura da vida. Se isso vier a acontecer, suas marés de sentimentos inundarão todos à sua volta, além de si mesmo, muitas vezes trazendo à tona complexos emocionais que até esse momento permaneceram em silêncio no seu inconsciente.

A meia-idade também pode acarretar depressões ou mudanças dramáticas nos homens que reprimiram sua natureza Posêidon e que se adaptaram bem às expectativas de que deveriam reprimir seus sentimentos para se ajustar à sociedade e manter-se focados na obtenção do sucesso no mundo externo. O problema é que esse homem pode atingir posições de status e poder que causam inveja nos outros e que, não obstante, para ele não tem nenhum significado pessoal. Ele vive como se fosse uma outra pessoa, não quem é. E essa má permuta cobrará seu custo quando ele chegar à meia-idade.

Pode então dizer: "E o que importa eu ser vice-presidente e ficar o tempo todo voando para lá e para cá pelo país? Meus filhos estão crescendo sem que eu esteja por perto". E agora? Largar o trabalho, e deixar de viver no

padrão que ele assegura? Alguns homens Posêidon tomam essa atitude e desencadeiam uma crise conjugal, se têm como esposas mulheres que não conseguem aceitar essa mudança financeira.

O esforço inconsciente para retomar o contato com a profundidade emocional que o homem Posêidon atinge naturalmente pode ser justamente o que torna uma mulher irresistivelmente atraente para ele. Ele também pode se sentir atraído por um rapaz que represente tanto o menino negligenciado em seu íntimo, como uma orientação sexual reprimida. Essa homossexualidade pode produzir uma crise interna, mesmo que não dê vazão a seus sentimentos. De todo modo, a intensidade com que seus sentimentos reprimidos terminarão emergindo é fator de forte desorganização, e a adaptação social que tão habilmente conquistou e construiu pode despencar aos pedaços. Ocorrem mudanças dramáticas quando uma forte natureza Posêidon ficou reprimida ao longo da primeira metade da vida e emerge quase como uma vingança na segunda, exigindo agora tudo o que lhe é devido.

Terceira idade

Quando o homem Posêidon entra no último estágio da vida que enfim o levará para dentro de casa, a imagem do garanhão simbólico lhe ocorrerá novamente. Será que ele permaneceu conectado aos seus instintos e sentimentos ao mesmo tempo em que desenvolvia a capacidade de enxergar o caminho adiante e levava em conta as estratégias? Esteve junto de sua natureza instintiva o cavalo conseguindo, ao mesmo tempo, pensar, observar e tomar decisões? Se essas coisas aconteceram, sua vida foi autêntica e plena.

Ou será que abusou e matou o "cavalo", porque os outros não o valorizavam e ainda o depreciavam por ser

tão emotivo? Ou será que o cavalo foi condenado a morrer de depressão, porque (como o protagonista adolescente da peça *Equus* de Peter Shafer) deixou-se arrastar pelo que havia de mais profundo em seu ser e isso o colocou em tremendas dificuldades? Em seus últimos anos de vida, vive alheio à fonte de sua profundidade e significação, como pessoa alienada, rasa?

Ou será que seu "cavalo" o tiranizou a tal ponto que nunca chegou a desenvolver a capacidade de julgamento e de autocontrole? Reagir de modo instintivo, a partir de seus apetites, conforme a vida vai se tornando mais complexa, convida fracassos, retaliações e dores. Conforme esse homem vai envelhecendo, torna-se cada vez menos atraente, cada vez menos humano, o que difere do homem Posêidon que manteve a fé em sua natureza autêntica sem deixar de desenvolver seu potencial em nível mais elevado.

O potencial humano mais elevado para trazer esse arquétipo à vida é representado pela imagem do próprio Posêidon em sua carruagem, puxada por cavalos de crina branca, acalmando os mares, enquanto as criaturas abissais revolvem à sua volta. Essa pessoa Posêidon pode descer até o fundo dos mares onde se sente em casa, e experimentar a beleza e a serenidade das profundezas, sem temer o que para os outros são monstros escondidos nas trevas.

O medo cria "monstros" a partir de elementos vagamente percebidos nas profundezas da psique humana coletiva; trazê-los à superfície onde podem ser vistos e contactados transforma-os.

Todos pressentimos a presença de forças mudas, indistintas, enormemente poderosas, em nossas profundezas, e podemos temê-las até que um poeta, escritor, compositor, psicólogo, dançarino ou artista traga-as até a superfície. Essa pessoa (homem ou mulher), tendo aces-

so direto à sua natureza instintiva, sentindo-se em casa no elemento emocional, traduz nossos receios em qualidades humanas conscientes.

DIFICULDADES PSICOLÓGICAS

Surgem problemas psicológicos quando a emotividade e as necessidades instintivas de Posêidon inundam a personalidade do homem e não são contidas nem intermediadas. Também ocorrem dificuldades quando as características Posêidon são desvalorizadas, e, por conseguinte, "quem a pessoa é" não é aceitável.

Posêidon é a sombra de Zeus, o aspecto emocional do arquétipo do pai que é reprimido ou está enterrado e, assim, não se desenvolveu nem se acha acessível nos homens que se identificam conscientemente com Zeus.

Fluidez demais: instabilidade emocional

As respostas emocionais instantâneas que são naturais em bebê tornam-se problema psicológico para o adulto. O bebê chora quando sofre, sente fome, está desconfortável, amedrontado, ou aflito por qualquer motivo. Quando está contente e bem, murmura, e pode passar de um estado emocional para outro, em questão de segundos. Não tem um eu observador, nem a capacidade de esperar, nem compreensão; aflição é aflição, necessidade é necessidade, conforto ou está ou não está disponível, e ninguém mais importa. O bebê sai do reino aquático do fluido amniótico e entra no mundo como um ser emocionalmente reativo que é o centro do seu universo. Ele não percebe nenhuma outra realidade além de sua própria experiência subjetiva de conforto, necessidade ou aflição. E, para um bebê, é perfeitamente adequado ser assim.

O equivalente adulto disso é totalmente outra história. A pessoa arrastada por suas flutuações subjetivas emocionais, que não leva em conta mais ninguém, nem a situação, é egoísta, emocionalmente inadequada, e sem senso de proporção. Os outros pensam que é emocionalmente imatura e instável. Tenha em mente, contudo, que os padrões sociais para o comportamento adulto apropriado requerem a supressão das emoções, a tal ponto que derramar algumas lágrimas podem custar a um candidato a presidente, que liderava as pesquisas até então, o Senador Edmund Muskie, a liderança na corrida ao cargo.

Quando se trata de manifestar emoções, o que é "excessivo" é, na verdade, um julgamento social e político e também psicológico, e o estereótipo cultural é forte. O homem Posêidon pode variar desde expressar suas emoções até o ponto de ser "tomado" por elas. Quando o homem é "possuído" em tal intensidade por seus sentimentos, pode-se justificadamente considerar que ele "perdeu o juízo".

Maremotos e terremotos: emoções e reviravoltas destrutivas

Posêidon, na mitologia, era o causador dos maremotos; também era chamado de "Aquele que sacode a terra". O seu equivalente psíquico é complexo emocional de tal magnitude que, ao ser mobilizado, atinge com tanta força a personalidade que a sobrepuja por inteiro e desestrutura. Some a racionalidade, a realidade é devorada ou inundada e, como o rei Lear em meio à tempestade, o homem enlouquece. Somente depois que as águas voltam ao seu leito normal, ou que a terra novamente se estabiliza, é que podem começar as reconstruções. Nesse período o Eu observador goza de relativa tranquilidade, durante a qual pode chegar a entender a experiência pela

qual passou e se reconstruir, e também reconstruir os relacionamentos que pelo menos temporariamente ele sem dúvida destruiu.

O "maremoto" pode ter sido uma versão amplificada de sua natureza emotiva habitual. Por exemplo, o homem (ou mulher) pode reagir a uma perda ou traição no momento presente abrindo os diques para deixar vazar mais dor e cólera do que já sentiu em toda a sua vida. Esses sentimentos, contudo, não são novos, são só maiores.

"Terremoto" descreve a emotividade do homem que manteve seus sentimentos bem guardados demais. Os sentimentos introvertidos podem existir como água nas cavernas subterrâneas: correm no fundo, e criaturas cegas, que nunca foram expostas à luz, podem viver nessas funduras, como formas equivalentes e reprimidas portanto subdesenvolvidas de complexos emocionais primitivos. A água subterrânea corre por caminhos tortuosos e, quando a pressão lá embaixo aumenta, sentem-se alguns leves tremores; mas em geral esses prenúncios são ignorados até que o primeiro forte abalo se faça sentir. Só depois desse fenômeno é que nos lembramos dos "roncos" precursores que já sinalizavam a instabilidade e a emocionalidade desregrada em ativação sob a superfície. Se a vida desse homem der uma volta pelo pior lado, em torno de um ponto especialmente vulnerável, ou de uma falha no terreno, resulta disso um terremoto; a emocionalidade reprimida, que remonta aos seus primeiros anos de vida, inunda-lhe a psique. A cólera primitiva com a qual ataca os outros pode devastar não só quem está por perto como ainda (e até mais) o próprio homem.

Assim como há pessoas que moram próximas de um mar turbulento, há quem viva em solo propenso a terremotos. Essas pessoas devem todas aprender a ler os boletins meteorológicos, os sinais do tempo, e por experiência aprender o que deve ser esperado, como se preparar, e o

que construir que tenha possibilidade de sobreviver a um maremoto ou terremoto potencialmente destrutivo. Os homens (ou mulheres) cuja emotividade Posêidon pode se apossar de seu Eu devem tomar consciência dessa sua suscetibilidade e aprender o máximo possível a respeito dessa condição e seus avisos. Devem desenvolver maneiras de conviver com essa poderosa dimensão de sua natureza. Da mesma forma, as pessoas afetadas pela destrutividade de Posêidon, quando se trata de alguém próximo, devem aprender a detectar os sinais de alerta. Elas também podem decidir se afastar, tal como fazem as pessoas da Califórnia que vão embora por não quererem ficar esperando pelo próximo grande terremoto.

Olho por olho

A mitologia de Posêidon enfatiza seus ressentimentos e retaliações. A *Odisséia* de Homero narra a história da implacável ira de Posêidon contra Odisseu porque este deixou cego seu filho cíclope. Posêidon foi o responsável pela demora e pelas atribulações da viagem de Odisseu de volta para casa. Este aspecto negro do arquétipo do pai busca vingança, do tipo "olho por olho". Ele não costuma dar espaço para a neutralidade em seus julgamentos de valor: "Quem não está comigo, está contra mim". As retaliações não se baseiam em critérios de justiça ou correção, nem poupam os inocentes: os filhos e os netos do objeto de sua cólera sofrem igualmente pelos pecados de seus pais.

Na qualidade de complexo emocional negativo, a vingança de Posêidon pode assumir uma proporção destrutiva, que tudo consome, dentro da personalidade do homem e também em relação àqueles contra os quais sua hostilidade é dirigida. Esse homem, quando possuído, instala bombas, tenta arruinar financeiramente uma pessoa, direciona todos os seus esforços para destruir a

reputação de alguém, ou pode só fantasiar obsessivamente que faz isso. Sua situação interior, porém, é a mesma: ele também está sob o influxo do poderoso aspecto negativo de Posêidon.

Auto-estima precária

Sempre que as qualidades inatas do homem não correspondem ao estereótipo da "masculinidade" moldado segundo os atributos de Zeus, sua auto-estima fica comprometida. Os homens Posêidon são criticados por serem "emotivos demais", ou "não racionais o bastante", e podem internalizar tais críticas, de tal maneira que muito tempo depois de terem parado de dizer essas coisas a seu respeito eles continuam se depreciando com esses comentários. E, quando não conseguem a aprovação ou o avanço profissional que são direitos "de nascença" dos homens que "correspondem" ao ideal, as críticas se acumulam e sua auto-estima fica ainda pior. Pode ser que não o encaminhem para um trabalho que lhe seja adequado, e que, em vez disso, ele tente ser uma pessoa diferente de quem é. Se tiver sucesso, essa repressão o fará sentir que é fraude ou bem lhe dará a impressão de estar fazendo algo que não tem sentido. Essas percepções prejudicam sua noção do próprio valor como pessoa. Além disso, se cultivar ressentimentos ou desejos de vingança, não poderá sentir-se bem a seu respeito, pois, quando alguém está cheio de sentimentos negativos, essas vivências concernem negativamente à sensação de bem-estar e de valia humana.

Dificuldades psicológicas para os outros

O homem Posêidon é do "tipo casadouro" (como Zeus, os homens Posêidon e Hades também são). E como Zeus, ele pode ter vários casos, capazes de transformar a espo-

sa numa Anfitrite enciumada cuja vingatividade lembra a de Hera.

Pode ser um terror viver com ele, se for um Posêidon ressentido, enraivecido, que reage de forma desproporcional a qualquer coisa que o irrite. Sua dificuldade em conter suas emoções e instintos, junto com a frustração e a ira, podem torná-lo marido ou pai abusador, especialmente quando o uso do álcool solta ainda mais suas rédeas.

MODOS DE CRESCER

Quando Posêidon é a influência principal, o crescimento psicológico ocorre quando sua ligação inata com o domínio emocional encontra meios de se expressar por meio do trabalho, dos relacionamentos ou da criatividade. Como é suscetível de ser tomado por poderosas emoções, o homem Posêidon precisa desenvolver as habilidades de observar, refletir e pensar objetivamente.

Desenvolvendo o "eu" observador

A maioria das pessoas é capaz de distinguir entre os momentos em que "é quem é" e aqueles em que ou "está fora de si" ou "perdeu o juízo". Sabemos que há ocasiões em que, de alguma forma significativa, "não somos quem somos". Em termos psicológicos junguianos, essas expressões descrevem o que se passa quando um complexo emocional se apossa da personalidade, afogando temporariamente o Eu que costuma estar no comando da situação. O Eu é o elemento consistente, observador, dotado de memória e decisão dentro da psique; é aquilo a que nos referimos quando dizemos "eu". Complexo é padrão arquetípico que se tornou carregado de emoção. Quando, por

algum tempo, tem mais poder ou energia do que o Eu, pode "assumir" ou "possuir" a personalidade temporariamente.

Por exemplo, o pai pode se tornar "louco possuído" e sentir sede de vingança quando um filho seu sofre qualquer agressão. Ele se torna Posêidon e inicia uma busca implacável do Odisseu: sua ira e vingança é tudo o que importa. Não está disponível nem para oferecer amparo ou ajuda à criança em cujo nome supostamente age. Esse mesmo complexo pode ser ativado pela mesma situação, em outro homem, mas constelar-se com menos poder porque o Eu deste indivíduo é mais forte perante a potência do complexo. Este homem pode ter fantasias vívidas de retaliação, ir para as ruas com uma pistola num sábado à noite decidido a desferrar-se, mas percebe que deve combater o ódio que o ameaça internamente, sabendo que o que realmente deve preocupá-lo é como seu filho está se sentindo, e do que este precisa. Esse mesmo complexo pode "possuir" terceiro homem com mínimo de provocação, talvez só em sua imaginação.

Quando um complexo emocional se instala na cena psíquica, o "eu" perde o cargo de encarregado. A pessoa pode ficar inconsciente ou cega ao que está acontecendo e as pessoas à sua volta podem reagir das mais diversas formas. Podem rir dele, evitá-lo ou temê-lo, ou o seu complexo pode provocar um complexo inconsciente equivalente nos outros. Ou ele pode lutar com o complexo quando sentir que está exagerando em suas reações ou se comportando de modo que não lhe é próprio. Na psicoterapia, como na vida, o complexo pode ser evocado e conhecido. O próprio ato de observar um complexo desloca a energia dele rumo ao Eu e gradualmente, conforme o "eu" vai vendo o que acontece, resistindo a ser dominado pelo complexo, este perde energia e poder de influência, e recua. Quando o sentimento de compaixão por si e pelos

que são atingidos pelo complexo acompanha este processo, o indivíduo e seus relacionamentos crescem em profundidade.

O homem (ou a mulher) que vive nos domínios aquáticos de Posêidon e se deixa arrebatado pelas emoções precisa desenvolver a capacidade de enxergar as circunstâncias de forma desapassionada e objetiva (ou seja, a perspectiva de Zeus). Também precisa reconhecer que suas emoções muitas vezes estão ligadas a imagens arquetípicas (aos padrões que existem no inconsciente coletivo, e que, como veremos no capítulo seguinte, fazem parte do domínio de Hades).

Aprendendo com o golfinho: desistir da necessidade de dominar

Quando Posêidon caiu de amores por Anfitrite, achou que podia subjugar e dominá-la. Ela fugiu dele e não o teria desposado se não fosse pela intercessão de Delfim, que foi bastante persuasivo. Em sinal de gratidão, Posêidon tornou-o uma constelação.

Se o homem aprende com Delfim criatura que está totalmente à vontade em seu próprio reino ele não tenta dominar, subjugar nem lutar por território que pertença a outrem. Em vez disso, pode concentrar seu foco nas ligações com os outros. Quando os sentimentos e as emoções são o meio natural em que o indivíduo transita, por assim dizer, é fácil desenvolver habilidades que promovam o contato (*rapport*) e a compreensão, a empatia. Além disso, esse homem tem o potencial inato para expressar suas emoções, o que também precisa de encorajamento e desenvolvimento. Da mesma maneira que as habilidades artísticas ou mentais precisam de incentivo e de oportunidade para se desenvolver, o talento para sentir e emocionar-se também.

Para que a profundidade e a intensidade de Posêidon possam ser expressas por meio da dramaturgia, poesia e literatura, o arquétipo de Hermes precisa ser desenvolvido. Hermes é o Deus Mensageiro, que comunicava as palavras (e guiava as almas) de um nível a outro. Ser Posêidon com talento artístico ou musical inato pode resultar em música ou arte emocionalmente expressiva. Seja por que meio for, a obra desperta, de maneira típica, sentimentos intensos e tumultuados, quando as emoções do homem Posêidon acham uma via criativa de saída sem a qual tornar-se-iam possivelmente destrutivos. Aquilo que transcorre nas profundezas da psique recebe uma forma e é conscientizado por meio da arte.

Hefesto, Deus da Forja, é outro arquétipo que pode ajudar a transformar as emoções de Posêidon em trabalho criativo. Ainda mais que Posêidon, Hefesto foi deus rejeitado, mas, em vez de explodir, criou objetos belos e úteis. Sua raiva foi transmutada em vez de se tornar destrutiva.

Diluindo o efeito de Posêidon

Quando outros arquétipos estão ativos, Posêidon geralmente perde seu poder de inundar a personalidade e apossar-se dela pelas emoções. Assim, um dos modos principais de crescer é desenvolver os outros deuses (e deusas). São especialmente úteis Apolo, o deus do Sol, Atená, a deusa da Sabedoria, e Zeus. Essas três deidades que representam a capacidade de pensar nas conseqüências, tornar-se objetivo e obter certo distanciamento são as qualidades que o homem Posêidon precisa desenvolver.

HADES, DEUS DO MUNDO INFERIOR: REINO DAS ALMAS E DO INCONSCIENTE

Embora regente dos mortos, Hades não deve ser confundido com o Demônio ou com Satã. Na qualidade de deus da morte, Hades é sinistro, inexorável, implacavelmente justo, irrevogável em seus decretos; em si, não é mau nem inimigo da humanidade, nem tenta ninguém a fazer o mal.

Philip Mayerson, *Classical Mythology in Literature, Art and Music*

O outro nome de Hades era Plutão que, em grego, significa bens, riqueza; a plenitude invisível desse deus era simbolizada pela imagem da cornucópia que ele segurava nas mãos, transbordando de frutos e hortaliças, ou com jóias, pedras preciosas, ouro e prata.

Hades é o deus que preside nossas descidas, investindo as sombras, depressões, ansiedades, reviravoltas emocionais intensas de nossas vidas, assim como as nossas dores, com o poder de trazer luz e renovação.

Arianna Stassinopoulos, *The Gods of Greece*

O Deus do Mundo Inferior e o domínio que ele rege eram ambos chamados Hades. Era o "deus invisível", por ser o menos personificado e menos conhecido de todos.

Para nos familiarizarmos com seu domínio, precisamos descer. Só então é possível descobrir que há riquezas a serem encontradas na penumbra, no frio e nas trevas daquilo a que os místicos se referem como a noite escura da alma e que as pessoas com informações psicológicas

descrevem como profunda depressão, durante a qual a pessoa se alija da realidade comum e é incapaz de sentir ou agüentar estar à "luz do sol" da vida cotidiana.

O espectro da morte leva a pessoa até as imediações de Hades. A morte de um relacionamento, a morte de um modo de ser, a morte de um propósito, de esperanças, ou de significados, pode nos levar a ele. A possibilidade da morte propriamente dita, ou essa certeza, é experiência que leva a pessoa ao mundo inferior.

A maioria entra no Hades ou encontra-o de maneira involuntária. Como Aquiles em Tróia, o herói o homem (ou a mulher) cujo Eu e valor se identificam com o sucesso pode morrer em decorrência de uma grande derrota no campo de batalha competitivo. Esse acontecimento é dobre de sinos da morte para sua atitude heróica e seu senso de imortalidade. Ou a descida involuntária pode ocorrer quando a pessoa se torna vítima. A mulher (ou o homem) pode ser estuprada, espancada, violada, sentir-se desamparada, viver momentos de terror, e entrar num entorpecido, frio e segregado mundo inferior. Essa vitimização acarreta um "rpto", como foi o destino de Perséfone.

Há os que entram em Hades ou vêm a conhecê-lo voluntariamente. No relato de Psique, tratou-se da última de suas tarefas como *heroína*, e que só realizou porque era a única via para ela voltar a ter com Eros. O amor foi a motivação também para Orfeu, que foi até o Hades em busca de sua esposa Eurídice; Dioniso desceu até lá para achar a mãe, Sêmele. E, na mitologia dos sumérios, Inanna-Ishtar viajou voluntariamente até o mundo inferior para encontrar Ereshkigal, sua irmã das trevas. Além do amor, a sabedoria também é motivação: Odisseu teve de se aventurar pelo mundo inferior para obter informações do cego vidente Tirésias, informações que ele precisava para achar o caminho de volta para

casa. As descidas voluntárias realizam-se a um grande risco, pois nunca existe a garantia de retorno a salvo.

O reino de Hades é o inconsciente, tanto em sua dimensão pessoal como na coletiva. É lá que residem as memórias, os pensamentos e os sentimentos que reprimimos, tudo o que é doloroso ou vergonhoso demais, ou inaceitável aos outros, não podendo se manter visível no mundo superior, assim como os anseios que nunca concretizamos e as possibilidades que ainda não saíram dos primeiros esboços. No mundo inferior do inconsciente coletivo existe tudo aquilo que podemos imaginar vir a ser, e também tudo o que já foi. É o reino que o poeta romano Terêncio deve ter conhecido para dizer: "Nada que é humano me é desconhecido".

Hermes, o Deus Mensageiro, guiava as almas até o mundo inferior e trouxe Perséfone de volta. Íris, a Deusa Mensageira menos conhecida, também entrava e saía do mundo inferior à vontade. Depois de Perséfone ter comido as sementes da romã e voltado ao mundo superior, de tempos em tempos estava de regresso ao mundo inferior e, como rainha desse domínio, estava lá para receber e guiar os que tinham voluntariamente se aventurado naquele território. E embora Hades pudesse sair do mundo inferior, como de fato saía, embora, em sua mitologia, só tivesse feito isso em duas ocasiões, esse era o reino que lhe cabia, sua residência.

Na vida, como na mitologia, algumas figuras podem descer e regressar, algumas podem acompanhar e guiar outras almas, algumas conhecem o domínio intimamente por terem vivido ali, ou permanecem lá por períodos de tempo. Os psicólogos, por exemplo, conhecem Hades. Tanto o termo psicologia em sua acepção original (baseado no vocábulo grego *psyche*, que significa alma) como a tanatologia (de Thanatos, o deus grego da morte), são campos relativos aos domínios de Hades.

Os psicoterapeutas precisam ser arquetipicamente vinculados a Hermes, Perséfone, Dioniso ou Hades, para poderem fazer trabalho profundo com a alma. Esses são os arquétipos que tornam possível ficar à vontade no inconsciente, em casa com todos os seus conteúdos, incluindo a loucura. Esses mesmos arquétipos tornam significativo o trabalho com a morte e o morrer. C. G. Jung na psicologia analítica e Elisabeth Kübler-Ross na tanatologia tornaram-se guias para os outros, em seus respectivos campos, mas só depois que eles mesmos passaram pela descida e voltaram. Depressões e experiências de quase-morte são as iniciações habituais ao reino de Hades. Depois disso, como era dito às iniciadas nos mistérios de Elêusis, não se teme mais a morte.

No entanto, no monte Olimpo onde Zeus reina, Hades era fortemente temido. O patriarcado e as religiões patriarcais consideram Hades o lugar do mal regido por Satã, lugar que, portanto, deve ser evitado na morte e que é também dimensão menosprezada da vida. Enquanto a cultura e o indivíduo se identificam apenas com Zeus e os deuses celestes, o mundo inferior continua sendo lugar temido em vez de fonte de riquezas. Tudo de que precisamos para nos tornar inteiros existe no mundo inferior. Equiparadas ao inconsciente coletivo, as sombras que se encontram lá são como os arquétipos, formas que carecem de energia vital, potenciais virtuais que aguardam virem à luz.

O mundo inferior em sua designação cristã mais negativa é chamada de *inferno* (*hell*) e está associado com fogo e condenação. Hel era a rainha nórdica do mundo inferior e seu nome provém do termo em inglês "hell". O senhor celta da morte tinha o título de "Helman". Assim como com Hades, o nome da deidade e o lugar que lhe diz respeito tornaram-se a mesma coisa. A pesquisa de Barbara G. Walker indica que o "inferno" ("hell") pré-cris-

tão era santuário uterino, ou a caverna sagrada do renascimento, denotada pelo termo nórdico *hellir*. A noção anterior de *Hel* era o útero-caldeirão repleto de fogo purgativo. O mundo inferior, originalmente território da mãe, tornou-se depois território do pai. E à medida que os valores dos deuses celestes foram se tornando progressivamente dominantes, esse reino inferior foi se tornando cada vez mais negativo e temido.

Hades também é o aspecto reprimido do arquétipo do pai. No patriarcado e no Olimpo quem domina é Zeus. Sua versão do arquétipo do pai é a que prevalece. Em cada indivíduo, como na cultura, Hades existe como uma força no inconsciente que só é defrontada e valorizada quando se desce até lá.

HADES, O DEUS

Hades foi o regente do mundo inferior, do reino subterrâneo em que residem as sombras dos humanos mortos e em que determinados imortais mitológicos eram confinados em decorrência de derrotas nas lutas com Zeus e os olímpicos pela supremacia.

Era considerado mau augúrio pronunciar seu nome, por isso era chamado por uma série de títulos alternativos. Era "o Invisível" (o Idôneo), ou "o Rico". Seu nome em grego era Plouton (do qual o termo Plutão, em latim, foi derivado) e Dis (do latim *dives*, rico). Outros nomes, menos empregados, eram Bom Conselheiro, o Renomado, o Hospitaleiro, o Tranca-Portão, o Odioso. Era também conhecido como o Zeus do Mundo Inferior, ou Zeus Subterrâneo.

Embora os gregos achassem que Hades era sinistro, frio e implacável, nunca o consideraram maldoso ou satânico. Como Zeus e Posêidon, Hades era retratado como

homem maduro de barba. Tinha chapéu de invisibilidade que os cíclopes lhe haviam dado e, quando era tido como deus das riquezas, era retratado com cornucópia ou chifre repleto de iguarias.

Genealogia e mitologia

Hades era filho de Cronos e Réia, que ao nascer fora engolido pelo pai. Quando Zeus e Métis obrigaram Cronos a regurgitar as crianças que havia engolido, os irmãos Hades e Posêidon uniram-se a Zeus para combater Cronos e os Titãs. Eles venceram. Após sua vitória, os irmãos tiraram a sorte para dividir o mundo em três partes e a que coube a Hades foi o mundo inferior.

Hades não teve filhos e sua mitologia é escassa. Passou quase o tempo todo invisível no mundo inferior, saindo dele só duas vezes. De acordo com Homero, uma delas foi quando Hércules feriu-o com uma flechada e ele foi até os olímpicos para pedir ajuda; esse incidente praticamente não é comentado. Sua única saída significativa do domínio em que residia foi para raptar Perséfone.

O rapto de Perséfone

O rapto de Perséfone é o único mito significativo de Hades. Hades desejava Perséfone para noiva e, com o consentimento do pai dela, Zeus, raptou a jovem virgem. Ela colhia flores numa campina com suas companheiras e afastou-se um pouco, atraída por um maravilhoso narciso de múltiplas pétalas, que fora criado especialmente para encantá-la. Ao estender a mão para colhê-lo, a terra se abriu à sua frente e de dentro da fenda escura saiu Hades em sua carruagem, puxada por possantes cavalos negros. Hades agarrou a virgem aterrorizada, que gritou pedindo ajuda a Zeus, seu pai, que, sabendo de tudo o que iria ocorrer, ignorou seus gritos.

Os cavalos de Hades mergulham então pela terra adentro, carregando o deus e Perséfone para o fundo do mundo inferior. Depois a terra se fecha como se não tivesse acontecido nada.

Perséfone fenecia no mundo inferior enquanto sua mãe, Deméter, sofria sua perda e alimentava a cólera pelo rapto da filha. Depois de certo tempo, Deméter retirou-se para seu templo. Em decorrência disso, não houve mais colheitas, não ocorreram mais nascimentos, nenhuma forma de vida voltou a nascer. A fome ameaçava a terra e todos os seus habitantes. Somente então foi que Zeus resolveu atender Deméter e enviou Hermes para trazer Perséfone de volta.

Hermes desceu ao mundo inferior, onde encontrou uma Perséfone desconsolada, revoltada contra o seu destino, sentada num divã baixo com Hades. Quando ela percebeu que Hermes estava lá para buscá-la, exultou de alegria. Mas, antes que subisse na carruagem que a levaria de volta ao mundo superior, Hades deu-lhe sementes de romã para comer.

Perséfone foi devolvida à sua mãe, depois, e a primavera voltou à terra, trazendo consigo nova vida e o verde. Se Perséfone não tivesse comido nada no mundo inferior, teria sido devolvida à sua mãe como se nada tivesse ocorrido. Mas por ter comido as sementes de romã que Hades lhe dera, a partir de então estaria uma parte do ano no mundo inferior, com ele, durante a época do inverno quando a terra se recolhe e nada brota. Dessa maneira, Perséfone se tornou a rainha do mundo inferior.

Hades e Dioniso

Um fio de ligação quase invisível entre Hades e Dioniso, o Deus do Êxtase, foi traçado pelo célebre mitólogo Walter F. Otto em *Dionysus: Myth and Cult*. Ele

cita uma linha de Heráclito "Hades e Dioniso eram um só e o mesmo" e observa que, quando Dioniso foi até o mundo inferior em busca de sua mãe Sêmele, entregou um ramo de murta a Hades. Assim, essa planta veio a estar associada tanto com Dioniso como com os mortos. Karl Kerényi, em *Eleusis: Archetypal Image of Mother and Daughter*, observa que Dioniso e algumas versões de Hades aparecem como duplos, o que novamente sugere que há intercâmbio ou ligação entre as duas deidades.

Em sua origem Dioniso era o deus da vegetação e da fertilidade. Como tal, seu culto levava em conta as estações do ano e, como Perséfone, passava uma parte do ano numa vida subterrânea. Dessa maneira é que ele e Hades estariam vinculados. Dioniso conhecia o sofrimento, o desmembramento e o renascimento, assim como períodos de loucura. Assim é que teria descido ao mundo inferior, reino de Hades.

O mundo inferior

Os habitantes mortos do mundo inferior, que ficavam ali para sempre, eram considerados meras sombras de sua contraparte viva. Esse lugar era medonho e a maioria ficava na Planície dos Asfódelos (por causa das flores). Uns poucos eleitos habitavam Elysium, "as Ilhas dos Abençoados". No nível mais fundo do mundo inferior ficava o Tártaro, local de trevas eternas em que os malvados eram torturados e onde os Titãs foram aprisionados.

Além de localizado no plano subterrâneo, Hades também estava associado ao oeste remoto. Odisseu velejou rumo a oeste, na direção do bosque de Perséfone, uma costa selvagem e sem sol, na beira do mundo, para achar a entrada do mundo de Hades.

Os mortos eram acompanhados por Hermes até o mundo inferior. Eles precisavam de uma pequena moeda

para pagar a Caronte, o barqueiro, pela travessia até o outro lado do rio Estige, para depois passarem pelos portões guardados pelo Cérbero, cão imenso de três cabeças, que prontamente deixava que entrassem, mas não os deixava mais sair. Ao entrar em Hades, os mortos eram recebidos por três juízes: Minos, Radamanto e Éaco.

Uns poucos mortais entraram no mundo inferior e voltaram: Hércules foi em busca de Cérbero para um de seus trabalhos; Psiquê veio em busca de encher uma caixinha com um creme de beleza de Perséfone; Odisseu veio falar com a sombra do cego Tirésias; Enéias buscava a sombra de seu pai. Outros mortais, entretanto, não regressaram: Teseu e Pirítoos vieram com a intenção de raptar Perséfone e foram aprisionados por Hades nas cadeias do esquecimento.

HADES, O ARQUÉTIPO

Como observamos antes, Hades era tanto o nome do deus do mundo inferior como dessa própria dimensão. Há também dois arquétipos de Hades: um padrão de personalidade e um reino arquetípico.

As seguintes características são significativas na definição dos dois Hades arquetípicos: esse deus usava o chapéu da invisibilidade e, assim, era uma presença não notada. Ele raramente se aventurava fora do mundo inferior e não sabia o que acontecia acima dele, no mundo dos mortais, nem no Olimpo. Ele vivia em seu próprio mundo com as sombras que eram imagens indistintas, insubstanciais, como ecos visuais das criaturas que foram quando vivas, e que podemos imaginar como hologramas sem cor. No entanto Hades era chamado de "o rico" e seu reino era uma fonte da riqueza subterrânea.

Hades como o arquétipo do recluso

O recluso humano que se retira para o isolamento, sem se importar com o que se passa no mundo ou nem perceber essas coisas, leva existência de Hades. Ele pode ter perdido o que antes tivera sentido para ele no mundo, e agora pode viver nas sombras do mundo inferior, agindo de maneira mecânica, sem vitalidade, especialmente se também estiver deprimido. Pode tornar-se Hades isolado e paranóico, como o bilionário Howard Hughes em seus últimos anos de vida. A riqueza de Hughes permitia-lhe ocupar um andar inteiro de seu hotel em Las Vegas, onde ninguém tinha autorização para entrar e seus guarda-costas faziam sua segurança, ou seja, prisioneiro em seu próprio reino.

Na juventude, Hughes não tivera a impressão de ser socialmente inepto ou incapaz de envergar uma persona adequada, como aconteceu mais tarde. Teve um estúdio grande, uma companhia aérea, construiu aviões, e se exibia em público sempre com belas artistas de cinema pelo braço. Não tinha dificuldade para responder à pergunta básica que é feita aos homens: "O que você faz?" O homem Hades que não consegue dar resposta aceitável a essa indagação e que não tem posição ou bens é alguém sem persona e isso o torna invisível no mundo dos homens. Se não tiver família, pode viver sozinho num quarto de hotel, naquela região de toda grande cidade que é o baixo-mundo, onde está situado o comércio da pornografia, onde exercem seu ofício as prostitutas de calçada, e os traficantes atuam, junto aos sem-teto e aos mendigos que dormem nas soleiras e vãos das pontes. Esse lugar é como Hades, o mundo inferior, assim como tal indivíduo é o próprio Hades invisível.

Se o homem não tem escolha senão viver como Hades, em razão do padrão de sua personalidade e das circuns-

tâncias, sua sina parece trágica. Contudo, se está fisicamente a salvo e consegue suprir as necessidades básicas de sua existência corporal, pode ser pessoa relativamente contente com o que lhe coube da vida. Por natureza, pode preferir ficar sozinho e não ser notado nem incomodado.

Hades como Plutão, o arquétipo do rico

Um tipo diferente de Hades recluso pode ter visto o que existe no mundo externo e decidir que prefere a subjetividade e a riqueza de seu próprio mundo interior, e esse é o aspecto Plutão, "rico", de Hades. Para a nossa cultura extrovertida, que enfatiza a produtividade, as pessoas não são incentivadas a ficar sozinhas, gastando tempo "sem fazer nada". Por isso, o recluso introvertido é julgado de forma negativa ou considerado estranho, por passar tanto tempo só. Essa rejeição é acrescida de suas reações subjetivas às demais pessoas, coisas e eventos do mundo externo, que podem ser bastante peculiares, dada sua tônica tão subjetiva.

Hades, o Plutão recluso, é, porém, uma parte "que falta" em muitas pessoas, que não valorizam as oportunidades de ser introvertidas da maneira que este arquétipo possibilita. Os introvertidos podem viver, em sua vida interior, em contato com suas próprias reações particulares às experiências externas. Determinado tipo de introversão (sensação introvertida, segundo a tipologia de Jung) pode ser vivenciado como diálogos internos, visões ou sensações corporais.

Pode ser muito enriquecedor ter Hades como uma parte da natureza psicológica. Hades, o recluso, é fonte de criatividade que pode ser expressa por meio das artes, geralmente as artes visuais. Os filmes de Fellini *Julieta dos Espíritos* e *8 1/2*, em particular exemplificam a riqueza e a subjetividade desse reino interior.

Hades pode também ser aquela parte da psique da pessoa que a informa de suas reações subjetivas aos outros, às coisas e a situações. Os sonhos podem funcionar da mesma maneira. Por exemplo, quando o homem Hades encontra inesperadamente a mulher que dois anos antes o magoou com sua traição, surge de pronto em sua mente uma imagem colorida: ele a vê com facas espetadas no corpo e, imediatamente, essa imagem é seguida da sensação física de um buraco latejante em seu próprio coração. Em vez de sentir hostilidade, raiva e dor emocional, ele tem essas experiências sensoriais que são elementos vívidos da mente acordada, equivalentes às cenas de sonhos.

Segundo a perspectiva que o mundo externo adota para ver essa mesma pessoa, coisa ou situação, tal maneira introvertida e idiossincrática de perceber é considerada distorção da realidade. Desde bem cedo na infância as pessoas que natural e normalmente percebem desse modo aprendem a desconfiar de suas percepções porque não recebem dos outros a menor validação. Se podem, excluem esse aspecto de sua natureza, taxando-o de louco e inaceitável. Com isso, o que poderia ser uma fonte de riquezas e profundidade não permanece mais acessível. As pessoas tipo Hades precisam entrar em contato com a sua vida interior.

Contudo, sem acesso à visão da realidade objetiva que Zeus teria, e sem a reatividade emocional de um Posêidon, ingredientes que seriam necessários ao equilíbrio e a dar sentido às percepções subjetivas de Hades, a pessoa Hades corre o risco de ficar emocionalmente isolada e de se recolher a um mundo que é só seu.

Hades, o bom conselheiro

Bom Conselheiro foi outro dos nomes de Hades, usado para descrever um aspecto potencial deste arquétipo. Como fonte de conhecimento subjetivo, Hades pode

efetivamente ser bom conselheiro. Sem dúvida precisamos olhar muito para dentro quando se trata de tomar decisões cruciais porque ninguém além de nós mesmos poderá dizer qual é o valor de certa experiência subjetiva. Escolha objetiva sensata pode ser vazia de sentido e não passar de escolha superficial que parece boa para os outros. Cada pessoa aprende de jeito próprio que escolhas lhe são pessoalmente mais significativas. Hades nos ajuda por meio de sensações corporais, reações viscerais, vozes interiores, imagens visuais, para que conheçamos qual é nossa verdadeira reação pessoal a algo ou alguém. Quando é o caso de tomar decisão pessoal realmente importante na vida, o fato subjetivo é de importância decisiva. E é isso que Hades pode nos oferecer.

Hades, o homem invisível: persona inadequada

Com o seu chapéu da invisibilidade, Hades era o deus invisível quando se aventurava acima do nível do chão, o que corresponde a um deus sem muita persona. (Persona é o revestimento superficial de nossa personalidade, composto de nossa aparência, de nosso modo de nos vestir, do que fazemos e de como nos comportamos: tudo aquilo que compõe a primeira impressão que causamos.) Além disso, na qualidade de senhor de seu reino particular, lança seu manto sinistro sobre qualquer efusividade.

Hades é arquétipo que governa a vida interior profunda e não se expressa, nem em emoções, nem em palavras. Quando este é o arquétipo principal, resulta a invisibilidade social. Os outros não enxergam as riquezas que existem sob a terra e em geral ficam desconfortáveis na sua presença.

Hades como o "Zeus do mundo inferior": o arquétipo do rei-regente

Hades, Zeus e Posêidon regiam cada qual seu domínio e cada um deles é um exemplo do arquétipo do rei. Suas personalidades e domínios diferiam, mas todos os três partilhavam alguns traços similares fundamentais. Todos estabeleceram sua autoridade sobre um território particular, todos buscaram a esposa que se tornasse sua consorte oficial, todos foram figuras patriarcais (embora Hades não tivesse filhos).

Hades, o arquétipo do raptor: a sombra incestuosa de Zeus

Quando Hades decidiu que queria Perséfone, não a cortejou. Ele a raptou e estuprou com a permissão de Zeus. E, quando Perséfone gritou pelo pai Zeus pedindo ajuda, este desviou o olhar. No caso de muitos pais incestuosos, Zeus e Hades são versões de Dr. Jekyll e Mr. Hyde. Assim como Zeus, esse homem é o pilar proeminente da comunidade e uma autoridade (em geral puritana) que provê o sustento da família; ele é o pai que "desvia os olhos e ignora as súplicas dela", que consente quando ele mesmo (como Hades) rapta e estupra a filha.

Nesta situação psicológica, Hades é a sombra arquetípica do pai, aquilo que é maldade nele e que em segredo é atuado na filha, que não consegue escapar dele. Ele mesmo é o pai estupraador que rapta a própria filha e a leva para o mundo inferior. Depois de estuprada, a inocência dela está traída para sempre e ela não é mais a virgem donzela num mundo seguro e ensolarado. Torna-se cativa desse mundo secreto e sombrio dele, e geralmente daí em diante só existe também em seu próprio reino dos mortos.

Hades, o raptor como o amante imaginário

Hades, o raptor, pode ser totalmente invisível como o amante imaginário, arquétipo que se torna autônomo, com "vida" própria, na psique da mulher. Um paralelo que se pode facilmente entender é o amigo imaginário das brincadeiras infantis. Na vida da mulher adulta, é o amante imaginário. Faz-lhe, companhia, conversa com ela, pode escrever poemas, dar-lhe conselhos, fazer promessas. Torna-se seu único confidente e pode contribuir para que ela se afaste do mundo com comentários que cada vez mais vão inibindo-a em suas interações com outras pessoas.

Não é incomum que as pessoas tipo sensação introvertida (segundo Jung) ouçam vozes ou sons. Muitos músicos, por exemplo, costumam habitualmente "alucinar" sons e uma grande quantidade de pessoas têm vozes internas com quem dialogam ou já tiveram visões. Para que se desenvolva o amante imaginário, precisa estar presente a capacidade para essa espécie de experiência interna vívida, ao lado de vida pessoal em que não existam relacionamentos significativos. Essa mulher pode ser alguém com vida social inibida em virtude de falta de atrativos físicos e/ou de habilidades sociais, ou de se sentir intimidada socialmente.

Ser "raptada por Hades" é ingressar nesse mundo privado em que ela tem relacionamento interior com o amante fantasmagórico. Isso exerce em sua vida o mesmo efeito de relacionamento real mas secreto: distancia-a dos outros, embora possa continuar com trabalho monótono e ser pouco notada.

O homem que vive como Hades, o recluso, também pode ter sua Perséfone imaginária. Ela pode ser pessoa real por quem sente atração à distância e que gradualmente vai se tornando "presença" autônoma em seu mun-

do interior. Quando isso acontece e a linha entre a mulher imaginada e a real se torna indistinta em sua mente, pode invadir de maneira imprópria ou alucinada a vida da mulher real.

HADES (O LUGAR) COMO ARQUÉTIPO DO MUNDO INFERIOR

Hades era o reino do mundo inferior, do mundo das almas, do plano subterrâneo para onde as almas iam depois da morte, local que alguns mortais e deuses podiam visitar e de onde depois regressavam.

Hades (o lugar) como imagem arquetípica da depressão

Quando Perséfone foi raptada e levada para o mundo inferior, ficando lá como prisioneira, poderia ser diagnosticada clinicamente como deprimida: não fazia nada além de ficar sentada, não bebia nada, achava que nunca mais veria a luz do dia, colheria uma flor ou veria novamente sua mãe. Nesse ínterim, em sua ausência, a terra toda tornava-se vasto deserto onde nada brotava.

As pessoas deprimidas agem e se sentem como Perséfone ao ser raptada. Sentem-se distantes e separadas de tudo o que costumava ter significado para elas; tudo fica emocionalmente cinzento. Às vezes, até mesmo a percepção da vivacidade e da cor perde-se e o mundo se torna todo literalmente cinzento. Esse tipo de depressão pode estar associado a descida até o mundo interno das imagens e vozes, bem descrito por Joanna Greenberg que, como Hannah Green, escreveu seu romance (de cunho autobiográfico) *Eu nunca lhe prometi um jardim de ro-*

sas. O texto narra o progressivo afastamento da realidade vivido pela protagonista adolescente.

Pequenas descidas até o mundo inferior são costumesiras no dia-a-dia. São esses os momentos que nos levam a dizer "Hoje não estou numa boa", o que significa estar deprimido.

O mundo das sombras

Na psicologia junguiana, o conteúdo "das sombras" é duplo. A sombra contém aquelas partes de nós que são inaceitáveis a nós ou à nossa noção "do que os outros pensarão" se souberem. Por isso, ocultamos esses pensamentos, atos, atitudes e sentimentos, às vezes tanto dos outros quanto de nós mesmos. Essa parte da sombra corresponde ao conceito freudiano do Id, e ao Tártaro sombrio, a região do Hades em que eram mantidos como prisioneiros os Titãs derrotados e outros que tinham ofendido os deuses do Olimpo.

Não obstante, o conceito junguiano de sombra inclui também material "positivo", potenciais positivos quase se tornando conscientes, elementos que ainda não vieram à luz e que, portanto, continuam nas sombras. Esse material corresponde aos tesouros enterrados no plano inferior, associado a Hades.

O Além: reino dos mortos

Para os gregos, Hades era o reino dos mortos. Era para lá que iam as almas depois da morte, para existir como sombras fantasmagóricas para todo o sempre, ou para beber nas águas do rio do esquecimento (Lete) e nascer de novo, sem a menor lembrança de sua existência anterior. Como local arquetípico, o Hades é o além, um conceito que presume a existência de alma que sobrevive à morte.

Os médiuns que acreditam manter contato com os mortos, os funcionários de asilos que trabalham com os mortos, práticas espirituais com base na noção de que a alma pode precisar de ajuda para fazer a transição entre os planos, funcionam todos como Hermes, o Deus Mensageiro, que podia transitar entre os níveis e encaminhar as almas ao Hades.

O inconsciente pessoal e coletivo

O mundo inferior também corresponde simbolicamente ao inconsciente pessoal e coletivo. Tudo o que esquecemos está no inconsciente pessoal: algumas lembranças só necessitam de pequeno esforço consciente para serem trazidas de volta ao campo da consciência; outras, mais dolorosas, podem ter sido decididamente enterradas ou reprimidas. Essas têm "existência" nesse reino, mesmo que não possamos nos recordar delas.

O inconsciente coletivo é o reino dos arquétipos ou dos padrões humanos universais, que podem ser constelados, precipitados ou evocados por circunstâncias que os carregam de energia. Esses padrões existem desde o início dos tempos, e foram vividos também pelas pessoas que já morreram há muito tempo. Em certo sentido, eles existem como "sombras" ou arquétipos que de fato nascem repetidas vezes.

HADES, O HOMEM

O tema para o homem Hades é como se adaptar: será que consegue se manter fiel a si mesmo e também se ajustar ao mundo externo? Sua propensão inata subjetiva não é encorajada, pelo contrário. Ele é avaliado segundo padrões de personalidade que são justamente o oposto de

quem ele é. Em geral, vive em meio a uma cultura que lhe é estranha, e que exige dele que se desenvolva mais além dos limites impostos por esse arquétipo específico, para que consiga achar um lugar dentro dela.

Primeiros anos de vida

A introvertida criança Hades não causa normalmente impressão muito forte. A invisibilidade pela qual Hades era conhecido já se manifesta desde cedo, porque essa criança não tem vontade muito forte nem personalidade capaz de estardalhaços, como os irmãos. De vez em quando pode ser alvo de algum destaque porque reagiu de forma "peculiar". No que diz respeito aos outros, costuma dar a impressão de que reage inesperadamente em particular a novas pessoas e situações. Não é de reagir à pessoa ou à situação com base na aparência; o modo como é *subjetivamente* atingido é que explica suas atitudes.

Por exemplo, suponha que nova babá vem para cuidar dele ou que vê a avó pela primeira vez. Em vez de sorrir também para aquela risonha senhora de cabelos grisalhos, afasta-se alarmado e chora porque ela lhe despertou uma sensação incômoda ou ele talvez tenha visto algo no rosto dela que o assustou, mais além dos traços comuns de uma fisionomia.

Mesmo que ele não faça nada fora do comum, prefere se segurar e engolir a experiência em vez de ir atrás de algo que queira. Por isso dará a impressão de ser criança tímida e de ser menino sério e retraído, quando ficar maior. Essa reticência é julgada negativamente, em particular para os meninos. Desde o começo, a criança Hades não costuma ser objeto de muitas mostras de aprovação, como já acontece com as crianças extrovertidas e sociais. O desenvolvimento da auto-estima para ele é di-

ficil, ou truncado, na melhor das hipóteses; em geral desenvolve autoconceito negativo.

Seus pais

Há algumas dificuldades no encaixe dos filhos Hades com os pais. Hades simplesmente não corresponde ao molde no qual os meninos devem se encaixar, e tanto ele como seus pais terminam se sentindo rejeitados e incompreendidos.

Há certos aspectos autistas a respeito da personalidade Hades que se mostram desde cedo. Quando o menino está aflito, as sensações que percebe ou as impressões que vivencia podem ser estritamente subjetivas, e por isso os outros não conseguem ter idéia do que acontece. Essa peculiaridade faz com que muitas mães se sintam inadequadas primeiro e, depois, zangadas.

As combinações pai-filho costumam ser ainda mais turbulentas. Um dos desencontros mais tristes (especialmente se o pai é homem para quem *introvertido* significa "mariquinhas") é o que se dá entre o pai extrovertido e bem-sucedido, cheio de amigos e conhecidos, que distribui charutos e compra bastão e bola de beisebol em miniatura para celebrar o nascimento do filho – que acontece de nascer com temperamento sério e retraído. Em sua fantasia, ele achava que teria um filho tal como ele, da velha guarda, menino de quem se orgulhar, seu "chapa", o molequinho para quem serviria como treinador e que levaria a todos os campeonatos. E o seu filho Hades não é absolutamente nada disso. Se, fora isso, ele precisava de um filho para afirmar sua auto-estima, então logo abaixo da sua persona superficial afável pode haver muita raiva que será direcionada contra o filho que não correspondeu a suas expectativas.

Dessa maneira, o menino Hades pode se sentir repudiado pelo mundo por ser quem é, e descobre que seu mun-

do interior, por outro lado, é refúgio. O menino Hades gosta de sua própria companhia, de todo jeito, e quer passar o tempo sozinho, ou talvez com algum amigo imaginário. Da pré-escola em diante, é assediado pela necessidade dos outros de que seja mais sociável e, provavelmente, continuará frustrando a necessidade de sua mãe de acalentá-lo, de dar-lhe carinho, e de que se torne mais próximo e dependente dela. Geralmente recebe a mensagem de que há algo de errado consigo por ser como é.

Quando seus pais conseguem respeitar sua individualidade e avaliar sua capacidade para ficar sozinho como uma força, não como esquisitice, ele se sai bem na vida. Mas, mesmo assim, normalmente não recebe ajuda por toda a subjetividade de sua maneira de perceber, e tem de dar duro para aprender como interpretar suas próprias experiências ou reprimir suas reações subjetivas.

Por exemplo, a criança que enxerga a aura das pessoas acha muito estranho que os outros não consigam fazer o mesmo, e talvez nunca associe as cores que vê a informações sobre elas. Da mesma maneira, se tem a sensação de pressão no plexo solar em determinadas situações, pode achar que é ele quem vagamente não é bem-recebido e não sabe que essa sensação é sua resposta a alguma coisa específica que literalmente o deixa incomodado.

Embora os pais possam não estar equipados para ajudá-lo a lidar com essas experiências subjetivas, eles mesmo assim podem facilitar-lhe a adaptação ao mundo em que ele vive. Podem oferecer-lhe paciência e incentivo, além de orientações específicas, numa abordagem semelhante à que seria usada para criar uma criança de outra cultura, ou portadora de alguma necessidade especial. Contando com apoio amoroso, esse menino pode sair da infância sentindo-se competente e seguro no mundo. Mas isso não acontecerá se for ridicularizado por suas

caso, simplesmente se fechará como uma ostra. A educação também é muito útil para seu desenvolvimento psicológico porque é possível desenvolver percepções objetivas e raciocínios para equilibrar sua subjetividade. Se for amado como é e tiver espaço para ser quem é, o menino Hades poderá desenvolver confiança nos relacionamentos. Como não é a criança padrão, nem segue o modelo "normal", precisa de atenção especial.

Adolescência e início da idade adulta

O adolescente Hades segue ritmo muito diferente e entra em confusão se tentar se encaixar nos moldes da conformidade adolescente. Não sabe como é que os outros simplesmente sempre estão a par da moda, não dá a menor importância a ter as roupas "certas", e certamente perde a maioria das festas "legais", mesmo quando é convidado. Se tiver desenvolvido algum lado mais extrovertido que seja "bom o bastante" para ajudá-lo a ir em frente na vida, e tiver a segurança interna de ser como é, já saberá nessa altura que é pessoa diferente e que, tendo navegado pelas águas sociais das conversas, é seguro concluir que prefere sua própria companhia a estar com a maioria das pessoas. Nessa idade, pode ter um ou dois amigos, que é tudo quanto quer.

Para que entre na Faculdade ou comece carreira profissional, precisa desenvolver outros arquétipos. A educação promove o pensamento racional e as percepções objetivas de um Apolo, além de ensiná-lo a escrever e falar, que são atributos de Hermes. Esses dois deuses ajudam-no a ser mais extrovertido. Se fizer isso muito bem e tentar ser o que os outros esperam que seja, corre o risco de entrar no mundo do trabalho em que se mostre competente mas que não tem, para ele, a necessária profundidade de significado.

Trabalho

A chave capaz de ligar o mundo interno com o externo, para ele, está em ter interesse que decorre de sua experiência interior transformada em ofício. Esse interesse lhe fornece identidade para uso no mundo, além de ser meio para ganhar seu sustento pela realização de trabalho que para ele tem sentido.

Esse arquétipo não garante a conquista de poder social, pois lhe faltam a ambição, a comunicação e a persona para tanto. A menos que esse rapaz desenvolva outros arquétipos, pode "ficar pela margem da estrada" durante o colegial e a qualquer outro momento daí em diante. Pode não ser contratado para nenhum outro tipo de trabalho além de serviços gerais bastante mal remunerados. Seja o que for que faça, em geral faz com muita seriedade. Costuma permanecer em empregos com tarefas repetitivas, que não costumam oferecer desafios, porque sua vida "real" é a interior.

Se o homem Hades também tiver um Hermes bem desenvolvido (como o comunicador arquetípico capaz de transitar entre os mundos e transportar informações entre eles e condutor arquetípico das almas até o mundo inferior), então pode introduzir toda a profundidade que lhe é natural àquilo a que tem acesso no mundo externo. Esses dois arquétipos funcionam juntos muito bem na realização de filmes, na psicologia profunda, na literatura, no trabalho hospitalar com moribundos, na teologia e em outros campos. É nessas áreas que poderá vir a descobrir que tem dons especiais para a realização de trabalho significativo que adora fazer pelo prazer que lhe dá sua execução.

Relacionamentos com mulheres

Hades dá todas as bolas fora, nas reuniões sociais, quando conhece mulheres. Pode também, apesar de todo o afeto e de toda a química que gera nessas condições, manter-se invisível. Os rituais do namoro e do flerte são totalmente alheios à sua natureza e, se tenta algo nessa direção, se sai bem mal. É comum aos homens Hades falta de experiência com mulheres ou serem rejeitados por elas.

No entanto, assim como Dante, que viu Beatriz uma única vez e se sentiu inspirado, por seu relacionamento interior com ela, a escrever *A divina comédia*, os homens Hades podem ser profundamente afetados por sua vivência subjetiva de uma mulher real a quem mal conhecem. Eles também são capazes de profunda ligação de alma com mulher capaz de partilhar das riquezas de seu mundo interior. O destino parece atrair essas almas, porque são muito pequenas as chances de que um saia em busca do outro.

Como não consegue ser muito sociável, o homem Hades pode levar vida reclusa sem muito contato com mulheres.

Relacionamentos com homens

O Hades recluso, até dissimulado, não sabe como usufruir da camaradagem com outros homens. Se sente à parte e faz seu caminho no mundo basicamente como solitário. Os outros homens deixam que seja como é. Há algo nele que impede que o importunem ou incluam. Para ele não ser de alguma turma não faz diferença e com isso os "caras" não podem ter sobre ele poder consistente; há algo a respeito de sua forma interior de ser que transmite força. Ele é "diferente", mas não de maneira que convi-

de a idéia de que é vítima. Os poucos amigos que possa ter na vida terão de entrar em seu território e talvez ser levados a discussões acerca de suas percepções.

Sexualidade

A sexualidade de Hades abrange âmbito muito complexo. Pode levar a vida celibatária de monge mais facilmente que qualquer outro tipo e isso pode ocorrer se ele se tornar recluso. No entanto, se uma ligação de alma com mulher se tornar também ligação sexual, torna-se poderosa experiência iniciática que é uma espécie de experiência interna multissensorial tanto quanto relação física. Por causa disso, pode entrar em contato com potencial dionisíaco de êxtase.

Contudo, também acontecem paralelos possíveis com a história sexual do deus Hades, que raptou e estuprou Perséfone. Ele também olhou Mente com desejo, mas ela foi transformada na planta menta, antes de poder concretizar qualquer intento amoroso. Aconteceu a mesma história com Leuco, que se tornou o choupo branco. Assim, seu único relacionamento sexual ocorreu com Perséfone, que ele seqüestrara e com quem também se casou. Tanto Zeus como Posêidon forçaram sexualmente as mulheres, várias vezes, mas foi Hades quem ficou com a má fama; os outros se safaram. A vida pode seguir o mito, porque estupro conjugal ou pré-conjugal, incesto e assédio sexual da parte de homens de poder não são acontecimentos incomuns. Eles se safam quando a mulher é dependente ou tem menos credibilidade e poder que eles. Mas, quando um homem Hades faz a mesma coisa, é mais provável que seja denunciado e rotulado, porque não pertence a contexto de poder. Em vez disso, seus atos podem ter decorrido de rica vida de fantasia que envolvia mulher real, de quem então se aproxima, pensando equivo-

cadamente que ela queria ter com ele relacionamento sexual. Tudo o que ele fizer sob a influência dessa idéia equivocada será impróprio, e ela ou outras pessoas poderão tornar a coisa pública.

Casamento

Se ele achar uma mulher para amar que o ame também, o homem Hades se casará. Como Zeus e Posêidon, os homens Hades também querem constituir um lar e ter ordem e estabilidade. O casamento é crucial para determinar o curso de sua vida. Sem casamento, será solitário e excluído, quase recluso. Com esposa e filhos, se torna parte de uma família e da comunidade, por meio deles. Sua esposa media o contato entre o marido introvertido, que geralmente é inacessível aos outros, e as demais pessoas. Frequentemente, ela o interpreta também para os filhos.

Se ele pertence a uma família patriarcal tradicional grande e extensa, dentro de uma comunidade étnica ou religiosa fechada, os outros podem ajudá-lo a "arranjar" um casamento com mulher mais jovem e sexualmente inexperiente. Nesse sentido, ela é "raptada" pelo casamento, através de processo de compromisso ao qual não se sente livre para resistir.

Filhos

Embora o deus Hades não tenha tido filhos (foi a única deidade maior que não os teve), o homem Hades pode tornar-se pai biológico. Se for fiel ao tipo arquetípico, será pai bastante sombrio, sem bom humor, que espera organização e dever cumprido, não é emocionalmente demonstrativo, e não pode instruir os filhos sobre como terem sucesso no mundo.

O homem Hades que, quando criança, foi amado é pai amoroso, mas que não demonstra o que sente e cujos filhos devem captar esse sentimento pelas suas emanações (o que parece serem capazes de fazer). Ele também pode partilhar com as crianças o tesouro de sua vida interior, encorajando nelas o uso da imaginação, por meio da escolha de livros de gravuras e de histórias quando são pequenas, e mais tarde conversando com elas sobre sua forma de perceber as coisas. O mais comum é ele repartir sua presença com uma de cada vez. A criança passa algum tempo no mesmo espaço físico que o pai, em agradável silêncio, se também for introvertida. Se for mais extrovertida, será responsável pela conversa e pelas efusões dirigidas ao pai Hades receptivo.

Meia-idade

É muito variável o modo como se configura a vida do homem Hades por volta de sua meia-idade. Muito mais do que com praticamente qualquer outro arquétipo, sua vida depende de circunstâncias externas e, o que é ainda mais importante, do desenvolvimento de outros padrões arquetípicos.

Um Hades puro é solitário que vive em seu próprio mundo interno. Na meia-idade, e sem família e sem capacidade de se sair bem no mundo externo, talvez permaneça o tempo inteiro em seu mundo subterrâneo. Pode tornar-se recluso que vive num quarto barato de hotel, ou paciente mental crônico recolhido aos confins de seu próprio mundo, ou monge ou irmão de alguma ordem religiosa, como os trapistas, que se obrigam a guardar silêncio.

Se pode contar com o apoio da família e da comunidade e tem um trabalho, então o mais provável é que seja chefe estável e patriarcal de uma família. Se tiver desen-

volvida sua vida intelectual, pode ser acadêmico, absorvido numa área de seu interesse que lhe dá espaço para rica vida interior. Se tiver desenvolvido a capacidade de se expressar nas artes ou na literatura, seu trabalho será altamente subjetivo.

Se tiver desenvolvido e vivido vários outros arquétipos por meio de seu trabalho e de seus relacionamentos duradouros significativos, pode ingressar tanto no domínio emocional como no mental e da vontade, além de no interior. Sem Hades funcionando como arquétipo básico ou importante, pode ser que o homem não desenvolva naturalmente a familiaridade com esses reinos. A maioria de fato não a desenvolve, especialmente aqueles que acham fácil cumprir as tarefas de assentamento no mundo externo que lhe ocupam a primeira metade da vida. Dessa forma, o homem Hades que teve de se adaptar à vida externa está, na meia-idade, muito mais plenamente integrado nessas três esferas do que a maioria dos homens.

Terceira idade

O padrão que o homem Hades estabeleceu na meia-idade provavelmente será mantido na velhice. Sua familiaridade com o mundo interior dos sonhos e imagens e a ligação com o inconsciente coletivo geralmente tornam o prospecto da morte uma transição não temida. A analista junguiana Jane H. Wheelwright escreveu sobre a análise de uma mulher à morte em *Death of a Woman*, observando que a psique onírica não teme a morte e mostrando o valor de trabalho psicológico intenso baseado em sonhos, conforme a pessoa depara com a perspectiva de sua morte iminente.

Quando as pessoas demoram algum tempo a morrer, invariavelmente vão se desligando do mundo exter-

no, afrouxam os laços emocionais de ligação com os acontecimentos, as pessoas e as coisas, e voltam-se para dentro de si mesmas. Tornam-se então como o homem (ou a mulher) Hades, que é naturalmente distante e mais à vontade no mundo subterrâneo do que no mundo externo. Talvez esse mesmo processo ocorra com os portadores da doença de Alzheimer em estágio avançado, ou com quem está em coma. Estarão no mundo interno, vendo imagens, ouvindo, registrando sensações, no reino de Hades? Talvez, como dizem muitos moribundos, estejam até encontrando "as sombras" daqueles que morreram antes deles.

DIFICULDADES PSICOLÓGICAS

Os problemas psicológicos que assolam o homem (ou a mulher) com a disposição de um Hades são os que decorrem de ter perspectiva subjetiva, introvertida.

Problemas com a persona: o homem invisível

Freqüentemente, assim como o deus que quase nunca saía de seu reino, e quando o fazia colocava o chapéu da invisibilidade, o homem Hades não é visto porque evita as pessoas ou, se está presente, não se mostra. Além disso, não se interessa pelo que acontece no mundo, de todo jeito, de modo que não está atualizado quanto a esportes, moda, notícias da política, ou seja, assuntos para falar em coquetéis e nos churrascos de fim de semana. E suas reações são subjetivas, enfim, o que para os outros dá uma sensação de estranheza; por isso, aprendeu a ficar quieto e invisível, em vez de ser impróprio.

A personalidade solitária: pessoa esquizóide

O homem Hades tem predisposição para ser solitário. Se as circunstâncias e as pessoas confirmarem sua tendência a desconfiar dos outros e se sentir inadequado num mundo competitivo, ele se recolherá para dentro de si mesmo. Guarda para si o que percebe e como reage. Existe em sua vida esterilidade emocional, falta de relacionamentos e de espontaneidade emocional. Os outros deixam que seja recluso, uma vez que sua mensagem não-verbal e muitas vezes verbal é "Me deixe em paz". Sendo solitário, pode viver num mundo fechado em si, levando existência esquizóide que se baseia em distúrbio psicológico estável mas constricto.

Complexo de inferioridade

O homem Hades num mundo Zeus tem as mesmas dificuldades que o negro no mundo dos brancos. Neste universo, o negro não tem imagem positiva de si mesmo; é tratado como inferior, sempre forasteiro, e recebe toda sorte de projeções negativas ou da sombra. O mundo psicológico segue dinâmica semelhante. Se usarmos as descrições de Jung para os tipos psicológicos e aceitarmos suas observações de que a função "inferior" costuma ser desvalorizada e que a mais usada é a função "superior", Hades representa a função inferior no mundo industrial patriarcal ocidental. Neste são valorizados os fatos e a realidade objetiva, o pensamento lógico; o que é recompensado é a capacidade de chegar ao topo, de competir de forma bem-sucedida por status, poder e capacidade aquisitiva. Portanto, Hades tem a possibilidade de sofrer com sentimento de inferioridade, de baixa auto-estima, sem confiança, já que não atinge o "padrão" do que um homem deve ser.

O desempenho inferior nessa cultura também é fonte de baixa auto-estima. É difícil competir numa cultura estranha e a situação do homem Hades equivale a tanto. A cultura competitiva dominante, extrovertida, é estranha ao homem Hades. No entanto, é possível compensar e desenvolver segunda linguagem, adaptar-se bem a cultura diferente e até mesmo destacar-se. Ainda assim, continua alimentando sentimento básico de inferioridade, num monitoramento contínuo de si mesmo, além de sentir que de alguma forma é fraude quando obtém sucesso.

Depressão: aridez emocional

Hades está excluído do reino das emoções. Embora todos tenhamos de nos embrenhar pelo reino da realidade objetiva e do pensamento só para atender os requisitos mínimos de educação básica, e temos de aprender a linguagem desse mundo externo, é muito possível continuar em nível equivalente de analfabetismo emocional. Não é compulsório aprendermos como os outros se sentem e por quê, nem somos testados ou submetidos a alguma educação especial se temos dificuldade para avaliar nossos próprios sentimentos ou perceber os dos outros. Essas habilidades ou vêm naturalmente, ou se desenvolvem por meio de poderosos envolvimentos emocionais, que para Hades não lhe são propensões inatas. Assim, o problema da aridez emocional contribui para depressão moderada e crônica (para muitos homens em geral, mas para os homens Hades em particular). A subjetividade contida e não-verbal de Hades também pode ser considerada decorrência do hemisfério cerebral direito, que tem humor mais pessimista.

Distorções da realidade

A percepção introvertida é colorida por influências subjetivas; essa é sua natureza. A melhor situação para qualquer pessoa é ter tanto percepções objetivas quanto subjetivas, perceber com precisão o que existe fora e depois registrar sua reação subjetiva, que amplifica a experiência. (Precisão e objetividade dizem respeito ao que é consensual ou coletivamente percebido e decretado como "realidade".)

No entanto, num contexto de desconfiança e reclusão, as percepções subjetivas podem se tornar patologicamente distorcidas e fora de contato com a realidade. Não é o grau de distorção de suas percepções que traz "os homens de jaleco branco" com sua camisa de força para levá-lo para exames psiquiátricos, mas sim o que ele faz com essas percepções (o que diz e como age, quem é atingido por suas condutas) e se há outras pessoas com interesse ou poder suficiente para interferir em sua vida.

Distúrbios do sono e o reino das sombras

Narcolepsia é problema raro, em que os movimentos oculares rápidos do sono invadem o campo da consciência. Às vezes é possível estar desperto no meio de um sonho, o que alarma. O mais comum é a pessoa ser tomada pelo sono em qualquer tipo de situação, incluindo momentos altamente carregados de emoção. É como se o sono (Hades) se infiltrasse e raptasse o sujeito, tirando-o de seu lugar.

O adolescente ou adulto que sofre de narcolepsia pode também descobrir que os sonhos invadem sua vida de vigília. Por exemplo, uma pessoa pode estar no meio de uma conversa e ficar entrando e saindo de um sonho nítido,

com odores e sensações táteis, visões e sons. É isso que experimentamos quando estamos dormindo e sonhamos, mas é uma alucinação muito perturbadora se estamos acordados e ninguém mais está passando pela mesma experiência.

Fantasia e imaginação ativa são descidas voluntárias em que se pode entrar e de onde sair à vontade. O uso de drogas psicodélicas fornece outra via voluntária de acesso. E todas as noites, quando vamos dormir, entramos no reino das sombras, embora possamos não nos lembrar do sonho ao despertar. Quem tem sonhos lúcidos não só se lembra dos sonhos, como também sabe que está sonhando e pode tomar decisões capazes de mudar o desenrolar da cena onírica, inclusive despertando. Quando refletimos, pensamos e associamos livremente sobre algo do mundo externo, também ingressamos nesse mundo. E se nossa natureza for do tipo que assimila as experiências, como fazem as pessoas de tipo introvertido, então o reino de Hades pode dar a sensação de ser muito familiar. É questão de quando e onde, de quão fundo descemos, de se nos mantermos conscientes ou não, e de se escolhemos estar lá ou não, que determina se passamos ou não por dificuldades com os domínios de Hades.

Dificuldades para os outros

A dificuldade que Hades cria para os outros sendo como é, é que vive no interior de um mundo todo seu, e o resto das pessoas geralmente vive em outra parte. A direção desta energia psíquica ou libido é para dentro. E as pessoas emocionalmente significativas em sua vida querem que uma parte dessa energia flua para fora, na direção dos relacionamentos, ou do mundo. No mínimo, querem que Hades se comunique e fale do que acontece lá embaixo. Amar uma pessoa com temperamento tão re-

cluso é especialmente difícil para alguém extrovertido, que pode levar para o campo pessoal a exclusão que sente, achando que fez algo errado quando o parceiro ou filho introvertido recua. Essa tensão, assim como a tendência de os opostos se atraírem, podem fazer Hades se afastar ou tornar a outra pessoa mais introvertida ou solitária.

MODOS DE CRESCER

O homem Hades será sujeito isolado, a menos que desenvolva outros lados de sua pessoa. Ele precisa de persona para se tornar visível e abordável, e achar meios de expressar suas experiências interiores.

Desenvolver uma persona

Persona é a cara que oferecemos ao mundo. O termo *persona*, do latim, significa "máscara", e se referia às máscaras que eram usadas no palco, tornando imediatamente identificável o papel que a personagem representava. Persona é como nos apresentamos, a impressão inicial que causamos. O homem Hades que vive mais em seu mundo interior do que no externo deve esculpir conscientemente, para si mesmo, uma persona apropriada, dando atenção a como se apresenta. Como não lhe é natural entrar em conversas sobre trivialidades que permitem aos desconhecidos se sentirem à vontade entre si, ele precisará pensar mais sobre o que quer dizer e sobre como quer entrar em contato com alguém. Uma persona que funcione bem como as roupas que usamos precisa ser apropriada à situação e também refletir a pessoa. Em outras palavras, Hades precisa fazer o esforço de se tornar visível e também abordável.

Achando Perséfone

O homem Hades fará bem se encontrar mulher receptiva que seja capaz de fazer a ponte com o mundo por ele. O homem Hades abrir-se-á aos poucos e falará de suas percepções e da riqueza de sua vida interior, mas primeiro deve ser acessível. "Perséfone" faz isso por ele, seja como mulher de carne e osso, seja como sua *anima* que Jung descreveu como o aspecto feminino inconsciente de um homem através do qual ele expressa delicadeza, emotividade e sentimentos. Essa expressividade suaviza outros de seus aspectos mais proibitivos e o torna criatura mais sociável.

Ativando Hermes

Hermes era o único deus que entrava e saía livremente do reino de Hades. Na qualidade de Deus Mensageiro e psicopompo (o que significa guia das almas), Hermes entregava as mensagens, guiava as almas até o Hades e veio em busca de Perséfone. Era célebre por suas aparições repentinas que é como o *insight* intuitivo entra em cena assim como por sua velocidade mental e pela facilidade com que usava as palavras. Quando Hades e Hermes estão presentes juntos, Hermes é o meio pelo qual as imagens ou as sombras do mundo inferior de Hades são entendidas e depois comunicadas aos outros. Foi isso que fez C. G. Jung quando descreveu os arquétipos do inconsciente coletivo. Se ao ler Jung e outros psicólogos analíticos (junguianos), ou poetas como T. S. Eliot, o homem Hades encontra o vocabulário de que precisa para transmitir a riqueza de suas vivências, então seu Hermes terá sido ativado.

Aproximando-se dos outros deuses: entrando no mundo

O homem que é predominantemente Hades introvertido por natureza tem amplas oportunidades de desenvolver outros arquétipos, e é esse o caminho pelo qual ele cresce. Todos os anos dedicados à educação obrigatória ativam as qualidades de Apolo. Viver no tempo linear, cumprir horários e prazos, pensar de maneira científica, explicar racionalmente causas e efeitos, ajudam a desenvolver este arquétipo. Pôr idéias em palavras também é uma parte da escola que desenvolve Hermes. E, se for amado ou amar alguém, então o reino das emoções também se tornará parte de seu crescimento.

O homem Hades que se reconhecer nestas páginas e perceber que sua família foi tão disfuncional que ele afundou demais em seu próprio mundo, pode crescer psicologicamente mais além de Hades, agora que é adulto. Esse processo começa com a decisão e o compromisso de realizar isso. Depois exige a coragem de se aventurar fora do seu próprio mundo, dentro do qual encontrava segurança e isolamento. Pode participar das reuniões dos grupos para Filhos adultos de alcoólicos (a causa mais comum das disfunções das famílias), sabendo que pode ficar ali sentado ouvindo as pessoas falando por muito tempo, até começar a se relacionar com as experiências que os outros relatam, e então fazendo contato com umas poucas pessoas. Pode decidir que vai retribuir alguns gestos cordiais que recebeu no ambiente de trabalho. Pode buscar um terapeuta. Se perceber que está passando tempo demais em seu próprio mundo, pode estruturar seu tempo de modo a poder dar mais atenção ao plano externo. Pode fazer cursos que lhe expliquem o que sente e não entende, ou começar a praticar algum ofício que exija dedicação.

III PARTE

A GERAÇÃO DOS FILHOS: APOLO, HERMES, ARES, HEFESTO, DIONISO

Os filhos olímpicos foram Apolo, Deus do Sol; Hermes (que os romanos chamavam Mercúrio), o Deus Mensageiro; Ares (Marte), Deus da Guerra; Hefesto (Vulcano), Deus da Forja; e Dioniso (Baco), Deus do Êxtase e do Vinho. Essa segunda geração de deuses olímpicos era a dos filhos. Embora não fossem regentes de domínios específicos, estavam associados a determinados lugares, situações e tipos de contexto. Os viajantes sentiam a presença de Hermes nas estradas e nas fronteiras. Ares, nos campos de batalha; Dioniso nas festas do campo. Hefesto dava duro no trabalho em sua forja sob o vulcão, enquanto Apolo ficava em sua residência em Delfos, praticamente o ano todo. Os filhos eram definidos pelo que faziam, o que, por sua vez, tinha ligação com seus atributos e temperamentos.

Zeus era o pai dessa geração. Apolo, Hermes, Ares e Dioniso eram seus filhos e ele era pai nominal só de Hefesto, cuja mãe, Hera, era sua única genitora e a esposa de Zeus. Zeus preferia Apolo e Hermes, rejeitava Ares e Hefesto e foi, além de pai, a mãe substituta de Dioniso.

FILHOS PREDILETOS: APOLO E HERMES

Os filhos que Zeus preferia são os mesmos dois que, como arquétipos, ajudam os homens a seguir em frente no mundo patriarcal. Apolo e Hermes se sentiam mitologicamente à vontade no domínio celeste de Zeus. Como Deus do Sol, Apolo dirigia sua carruagem pelo céu. Como mensageiro de Zeus, Hermes podia viajar quando quisesse, sem obstáculos, até o alto do Olimpo. Esses dois deuses, como Zeus, estavam associados a distanciamento emocional e atividade mental. Como arquétipos, são os dois que mais estão em casa no plano mental. Os dois se associam com palavras, negociações e comércio, e recorriam a Zeus para resolver disputas. Ambos evitavam confrontos físicos. Nenhum deles teve esposa ou consorte.

FILHOS REJEITADOS: ARES E HEFESTO

Os filhos que ele rejeitou, Ares e Hefesto em contraste com Apolo e Hermes não usavam a mente nem as palavras. Ambos se expressavam por meio de atividades físicas. Em certo sentido, ambos eram manuais em vez de mentais. E ambos eram motivados por suas emoções. Ares era instigado a lutar pela ira ou pela noção de lealdade, usando armas com propósito destrutivo. Quando Hefesto era rejeitado e traído, colocava seus sentimentos nos objetos que produzia, usando ferramentas com propósito criativo. Zeus rejeitava Hefesto e detestava Ares. Esses dois deuses eram ridicularizados ou recebiam apelidos dos outros deuses; os homens que são como eles provavelmente têm problema de auto-estima. Esses dois deuses eram filhos de Hera, mãe desvalorizada, enraivecida e impotente.

Na qualidade de arquétipos, suas características não são valorizadas pelo patriarcado e, por isso, os homens que se parecem com tais deuses têm dificuldades para se saírem bem.

O FILHO VISTO COM AMBIVALÊNCIA: DIONISO

Dioniso pertence a uma categoria própria, na qualidade de único olímpico com mãe mortal e também o único que foi cuidado ou nutrido por Zeus, que então lhe serviu de mãe, além de ser seu pai. Quando Dioniso era feto pequeno demais para sobreviver por si, Zeus costurou-o em sua coxa, que lhe serviu de incubadora ou segundo útero, até estar crescido o suficiente para poder nascer.

Dioniso era o único deus que preferia estar com as mulheres e, em sua mitologia, as mulheres eram as pessoas principais. Dioniso tirou sua mãe do mundo inferior e levou-a ao Olimpo, onde foi instalada num lugar de honra. Foi até Ariadne, depois de esta ter sido abandonada, casou-se com ela e foi marido olímpico fiel.

O último deus a ingressar no panteão olímpico foi Dioniso, que transformou Zeus de pai distante em pai atencioso e próximo. Esse deus é considerado de maneira ambivalente: os homens no poder reagem a Dioniso como uma influência estrangeira que não deveria ter autorização para entrar em sua cultura, nem em seu psiquismo, ao passo que as mulheres e o aspecto feminino dos homens recebem com cordialidade sua influência. Os homens que são como este deus percebem que os outros reagem a eles com fortes sentimentos ambivalentes, mas nunca com indiferença.

OS DEUSES COMO PARTES PREFERIDAS,
REJEITADAS OU ACEITAS
DE MODO AMBIVALENTE POR NÓS

A cultura americana patriarcal difere em um aspecto significativo da cultura grega: os gregos clássicos não eram puritanos e, por isso, não tinham pai mítico puritano, como em nossa cultura e em nossa psique. Para Zeus, a sexualidade era demonstração de poder, instinto que ele podia satisfazer porque tinha poder para tanto; os gregos não consideravam o sexo sujo ou lascivo. Ao guardar Dioniso em sua coxa para alimentá-lo, Zeus também alimentou, em nível metafórico, a possibilidade de relacionar-se com o seu próprio aspecto Dioniso, por meio do qual sua sexualidade podia atingir dimensão extática, ou através do qual seu relacionamento com o feminino e as mulheres podia mudar. Assim, embora Zeus tivesse sentimentos positivos por Dioniso, e os gregos considerassem-no com ambivalência, a versão americana do patriarcado julga Dioniso negativamente.

Nós vivemos num patriarcado que tem seus favoritos declarados e esse viés é incorporado a nosso psiquismo. Assim, nossa atitude de aceitação ou de rejeição perante partes de nós mesmos é moldada pela cultura e pela família. "Quem" individualmente nós lembramos mais de perto, ou quais desses arquétipos são mais essencialmente "nós", começa com predisposições que nós mesmos acolhemos ou repudiamos.

Quando aprendermos os nomes desses padrões e eles se tornarem vivos nos capítulos que seguem, seremos capazes de reconhecer a presença ou ausência de cada um desses deuses em particular em nosso psiquismo, como imagino que já aconteceu com os três deuses paternos anteriores. Assim como o "Ah!" da história de detetive, que é momento culminante da descoberta da verdadeira

identidade de personagem significativa na trama, o "Ah!" mais importante deste livro pode ocorrer quando você descobrir algo acerca de sua verdadeira identidade ou um pedaço importante de si mesmo, que agora pode ser "re-membrado".

APOLO, DEUS DO SOL — ARQUEIRO, LEGISLADOR, FILHO FAVORITO

Todo tipo de beleza, quer na arte, música, poesia ou juventude, quer na sanidade como na moderação, está resumido em Apolo.

Neste que é o mais importante e influente de seus aspectos, podemos incluir tudo o que o relaciona com a lei e a ordem. Antes de mais nada, ele representava a preferência dos gregos pelo "inteligível, determinado e mensurável, em oposição ao fantástico, vago e informe".

W. K. C. Guthrie, *The Greeks and Their Gods*

Apolo rejeita tudo o que seja próximo demais enrascar-se nas coisas, olhares que derretem e, igualmente, a fusão de almas, a embriaguez mística e a visão extática.

Walter F. Otto, *The Homeric Gods*

Apolo é a personificação da atitude masculina que observa e age à distância. Como deus, arquétipo e homem, ele "brilha"; foi o mais importante dos filhos de Zeus e seus atributos conduzem ao sucesso, dentro do patriarcado. Sente-se totalmente à vontade no reino celestial do intelecto, da vontade e da mente. Não obstante, mesmo sendo notado por sua clareza e sua forma, existe um aspecto oculto e escondido em Apolo.

Apolo só perdia para Zeus como o deus grego mais importante. Era o deus do sol, das artes (especialmente a música), da profecia e da arte de manejar o arco. Era o legislador e quem punia os erros; patrono da medicina, capaz de também causar as pragas; protetor dos pastores. Era conhecido tanto pelos romanos como pelos gregos como Apolo, ou Febo ("brilhante", "reluzente") Apolo.

Era retratado em pé ou montado, como um jovem belo e imberbe, em sua força viril e com cabelos dourados flutuantes ao vento. Inscritos em seu templo em Delfos estavam seus dois mais famosos preceitos: "Conhece-te a ti mesmo" e "Nada em excesso". O arco e a lira eram-lhe objetos queridos; sua planta sagrada era o louro.

Apesar de toda a sua luminosidade solar, tinha aspecto sombrio menos conhecido, em que tanto o luminoso como o escuro se refletiam em seus símbolos. Apolo era conhecido como o deus puro, santo, higienizador, cujos atributos eram análogos ao sol, que era o seu símbolo mais importante. Cisnes que cantavam, as aves sagradas de Apolo, voaram em círculo sete vezes sobre Delos, quando seu nascimento era iminente, e Zeus deu-lhe uma carruagem com cisnes quando ele nasceu. Apesar disso, o corvo e o urubu — aves escuras — também estavam associados com Apolo, juntamente com a serpente e o lobo. Suas punições podiam ser cruéis e ele era capaz de agir de forma vingativa.

Genealogia e mitologia

Apolo era filho de Leto e Zeus e irmão gêmeo de Ártemis, Deusa da Caça e da Lua. Quando Leto (uma Titã, da geração regente que precedera a dos olímpicos) estava grávida de Apolo e Ártemis, perambulou pela ter-

ra tentando achar um lugar em que pudesse dar à luz. Nenhum lugar a recebia porque todos temiam, justificadamente, a cólera de Hera, a ciumenta esposa de Zeus. Finalmente, já em trabalho de parto, ela chegou à ilha deserta que mais tarde foi chamada de Delos. Durante nove dias e noites, Leto sofreu com as terríveis dores do parto de Apolo (Hera proibira a deusa do parto de ir ajudá-la). Apolo finalmente nasceu sob uma palmeira, no sétimo dia do mês. O número sete era sagrado para ele, e essa palmeira foi um dos mais famosos pontos turísticos da antigüidade.

Apolo e Ártemis: os gêmeos

Apolo e sua irmã gêmea Ártemis eram ambos arqueiros. O arco e as pontas das flechas de Apolo eram de ouro e ele era o deus do sol dourado. As armas de Ártemis eram de prata, como sua lua prateada. Ártemis era a gêmea mais velha e foi ela quem, segundo Homero, ensinou a Apolo o uso do arco. Ambos atiravam de longe suas setas invisíveis e infalíveis, que causam morte imediata e indolor. Os dois eram cultuados por sua pureza e famosos por sua distância, por não se deixarem abordar, por desaparecer (ela no meio da mata, e ele no misterioso reino dos hiperbóreos).

Tanto Ártemis como Apolo cuidaram de se manter jovens quando chegaram à idade adulta, e aplicavam punições rápidas e impiedosas. Por exemplo, quando a tola Níobe humilhou a mãe deles, Leto, vangloriando-se de ter seis lindas filhas e seis belos filhos, ao passo que Leto só tinha Ártemis e Apolo, Leto pediu ajuda a seus filhos divinos. Apolo então matou todos os seis filhos de Níobe, e Ártemis todas as seis filhas. A própria Níobe foi transformada num pilar de sal que chorava incessantemente.

Ártemis amou certa vez um caçador chamado Órion. O enciumado Apolo a desafiou a atingir um pontinho distante no meio do mar, duvidando de que ela fosse capaz de fazê-lo. A competitiva Ártemis aceitou o desafio e com mira perfeita atingiu o alvo, descobrindo, tarde demais, que tinha matado Órion, o qual tinha entrado no mar até que só a sua cabeça ficasse de fora.

Na famosa batalha dos deuses durante a guerra de Tróia, narrada na *Ilíada*, Posêidon desafiou Apolo para um duelo. Este declinou, alegando que não se dignaria lutar por mortais insignificantes e não se deixou levar pela provocação de Ártemis, que, enraivecida, chamou-o de covarde.

Apolo e seus amores mal-sucedidos

Dafne foi o primeiro amor de Apolo, e Eros (também conhecido como Amor ou Cupido), a causa de suas dificuldades. Depois de Apolo haver zombado da capacidade de Eros em usar o arco e a flecha, Eros atirou a flecha dourada do amor direto no coração de Apolo, e outra, de chumbo, para repelir o amor, no coração de Dafne. Apolo, tomado pelo ardor da paixão, perseguiu Dafne e, quando estava quase conseguindo dominá-la, ela orou a seu pai, o deus do rio, pedindo-lhe ajuda. Ele a transformou num loureiro. Apolo continuou a amá-la, mesmo assim. O louro se tornou sua árvore sagrada e de suas folhas faziam-se coroas que adornavam seus cabelos.

Cassandra foi a mais famosa das mulheres que rejeitou Apolo e pagou por isso. Era filha de Príamo e Hécuba, o rei e a rainha de Tróia. Apolo ensinou a Cassandra a arte da profecia desde que ela aceitasse a condição de depois tornar-se amante dele. Cassandra prometeu, mas não cumpriu a palavra. Embora não pudesse mais retirar-lhe o dom da profecia, a vingança de Apolo

foi seu decreto de que ninguém mais acreditaria nela. Quando iniciou a guerra de Tróia, Cassandra previu todas as calamidades que ocorreriam e, desacreditada, foi recolhida como lunática.

Apolo foi um pouco mais bem-sucedido com Coronis, linda moça que engravidou de seu filho. Apolo designou um corvo branco para vigiá-la. Esse corvo foi dizer a Apolo que Coronis o estava enganando. A reação de Apolo foi transformar as penas brancas do corvo em negras, e matar Coronis. Esse foi um assassinio precipitado do qual ele mais tarde se arrependeu, mas não havia o que pudesse fazer para dar-lhe a vida de novo. Quando ela estava na pira funerária, Apolo arrancou o filho ainda por nascer do ventre da mãe e deu-o a Quíron, o centauro, para criar. Esse menino foi Asclépio (Esculápio), que se tornou o deus da medicina e da cura.

Apolo também sofreu em seu amor por um homem. Uma vez ele se apaixonou por um rapaz, Jacinto, filho do rei de Esparta, e a tal ponto estava seduzido que abandonou Delfos para passar com o jovem todo o seu tempo. Certo dia, quando os dois estavam competindo com lançamento de disco, o disco de Apolo ricocheteou numa pedra e atingiu Jacinto, matando-o. Tomado de angústia pela morte do homem que amava, Apolo jurou que Jacinto seria lembrado para sempre. Do sangue de Jacinto brotou a flor que tem seu nome.

APOLO E AS PROFECIAS

Apolo era o deus da profecia, embora ele mesmo não profetizasse como parte de sua mitologia. Esse foi atribuído que ele expropriou. Apossou-se do oráculo de Delfos, local com longa tradição de adivinhações proféticas. Antes de Apolo, Delfos era santuário pré-helênico dedicado

a uma deusa, possivelmente uma deusa-serpente. Segundo a mitologia apolínea, esse deus matou um dragão-fêmea, ou serpente, de nome Píton, e se apossou de Delfos. Daí em diante ele passou a ser chamado de Pítia Apolo, e suas sacerdotisas eram as pitonisas.

Todas as médiuns de Apolo eram mulheres que ele controlava, e suas adivinhações paranormais eram explicadas como contatos com esse deus. Na prática, o controle era exercido por um exegeta, um sacerdote-intérprete, que dava atendimento às sacerdotisas. Quando a Pítia entrava em transe, o sacerdote fazia as perguntas e depois anotava as respostas que ela proferia. Essas eram depois entregues a outro sacerdote que em geral as reescrevia segundo uma forma métrica. O significado das palavras costumava ser obscuro, ambíguo, e o oráculo era regularmente utilizado para fins políticos.

Delfos

Ao pé do monte Parnaso, na câmara mais interna, repleta de fumaça dos grãos de cevada e das folhas de cânhamo e louro que ardiem, a idosa Pítia se assentava numa banquetta de três pernas e entrava em estado de transe.

Nessa câmara também estava o Ônfalo, ou pedra umbilical (o termo *delpys* significa "útero"). Delfos era considerado o umbigo ou útero da terra e centro do mundo, antes mesmo que Zeus movido pelo espírito da pesquisa científica houvesse decidido demarcá-lo. Para tanto, soltara duas águias, uma saindo do limite mais a leste do mundo que havia, e a outra, da fronteira oeste. Soltas ao mesmo tempo e voando à mesma velocidade, encontraram-se em Delfos.

Também nesse santuário interior do templo de Apolo achava-se o túmulo de Dioniso. Durante os três meses do

inverno, Apolo entregava seu templo a Dioniso enquanto ele mesmo se encaminhava para o norte, para a terra mítica dos hiperbóreos.

As pessoas dirigiam-se ao templo de Apolo por dois motivos (além do de prestar suas homenagens a esse deus): consultar o oráculo e obter purificação depois de ter cometido algum crime. Os legisladores buscavam o conselho de Apolo, que era tanto quem estabelecia as leis como quem as interpretava. Os Estados gregos atribuíam a Apolo a existência de seus códigos legislativos. Ele era a autoridade divina no que dizia respeito à lei e à ordem.

Além de seus dois famosos preceitos, havia outros que também estavam inscritos em seu templo e transmitem os valores apolíneos da moderação e da autoridade:

Doma teu espírito.
Respeita o limite.
Detesta o orgulho.
Tem língua reverente.
Teme a autoridade.
Curva-te diante do divino.
Não te vanglories de tua força.
Mantém as mulheres sob controle.¹

Apolo foi um deus pan-helênico, cuja influência só perdia para a de Zeus em toda a Grécia. Não só as cidades enviavam seus emissários até Delfos em busca de conselhos, mas também ministros de Apolo eram enviados às cidades gregas como intérpretes de Delfos para assuntos de lei civil e religiosa.

APOLO, O ARQUÉTIPO

Apolo podia enxergar nitidamente muito longe, observando os detalhes da vida de uma perspectiva panorâmica; podia mirar um alvo e atingi-lo com seu arco e

flechas, ou criar harmonia com a música. Enquanto arquétipo, Apolo personifica aquele aspecto da personalidade que quer definições claras, tem forte interesse pelo domínio de alguma habilidade, valoriza a ordem e a harmonia e prefere ver o que está na superfície a perceber o que se encontra mais atrás das aparências.

O arquétipo de Apolo favorece pensar em detrimento de sentir, manter-se distante em vez de próximo, avaliar objetivamente em lugar de usar a intuição subjetiva. O homem que mais de perto se ajustar ao arquétipo de Apolo é dotado de atributos que o manterão em caminho firme e sólido, em sua jornada pelo mundo. Pode ter êxito numa carreira e ser exímio em alguma forma de arte clássica com mais facilidade que a maioria.

O arqueiro

Ser arqueiro requer força de vontade, habilidade e prática. O arqueiro consumado pode mirar um alvo distante e ter a confiança de que o atingirá. Metaforicamente, é isso que o homem arquetipicamente Apolo tem a propensão natural para fazer.

A mente apolínea é lógica e se relaciona facilmente com a realidade objetiva. Para Apolo, as leis de causa e efeito não são lições a serem aprendidas pouco a pouco, por experiência própria e admoestações dos pais. São princípios que a mente apolínea parece ter em sua "programação" desde o princípio. Essa pré-programação é o arquétipo: o menininho que sabe o que quer e tem a força de vontade de alcançar essa meta é fiel à sua natureza Apolo.

Mirar um alvo requer contar com uma noção do futuro, o que o homem Apolo tem. Outros tipos de homens podem ter dificuldade para estabelecer metas, mas não Apolo. Ele sabe aonde quer ir, o que quer realizar, o que

quer ganhar. Não é sonhador. Seus alvos são realistas e exigem esforço para serem atingidos. Costumam também ser alvos visíveis aos outros. O menino que almeja tornar-se chefe dos escoteiros, ou ganhar o primeiro lugar numa competição, pode mais tarde decidir que quer entrar em Harvard, no MIT, em Oxford, e depois atingir uma posição de prestígio no campo de sua escolha. Apolo favorece a obtenção do reconhecimento.

Talvez o colegial e os anos da Faculdade sejam a fase em que o arquétipo de Apolo existe em sua forma mais intacta, pois esses são aqueles rapazes nitidamente marcados para terem sucesso, ainda não foram atingidos emocionalmente, nem tiveram muitas oportunidades de aprender a humildade. Provavelmente, você se lembra de um Apolo realizado: o rapaz de ótima aparência, elegante, de fisionomia franca, com notas excelentes, que toca um instrumento musical, tem bom desempenho nos esportes praticados por cavaleiros, provavelmente foi representante de classe exatamente quem o diretor de admissões de uma Faculdade da Ivy League quer em suas salas.

Como seria de esperar, a maioria dos astronautas mais famosos do programa espacial *Apolo* lembram Apolo. Penso em John Glenn, Edgar Mitchell ou Neil Armstrong, e vendo o deus. Eles e esse programa espacial foram como o deus Apolo para seu pai Zeus, executando a vontade do pai. Esses astronautas eram extensões da vontade do presidente, e refletiam com alto brilho toda uma série de administrações.

Filho favorito

Apolo era o filho favorito de Zeus e, depois deste, o mais importante deus grego. Descrito com seus cabelos dourados, Apolo era de fato filho de traços claros cujo propósito era executar a vontade do pai.

Nos Estados Unidos, o Partido Republicano é, na política, aquele que defende os valores patriarcais tradicionais. George Bush e Dan Quayle, os candidatos republicanos à presidência em 1988, foram feitos nos moldes de Apolo. Bush, filho de poderoso pai senador, e Quayle, cujos negócios de família no ramo jornalístico dominam seu Estado natal de Indiana, eram homens privilegiados, de boa aparência, acostumados a ter vantagens. Bush precisava superar um problema de imagem como o peregrino Apolo, segundo-homem-no-comando, se queria se tornar Zeus; e era praticamente inimaginável aos eleitores que um menino arquetípico tão clarinho quanto Quayle pudesse assumir o cargo de presidente. Filhos favoritos costumam subir até esse ponto apenas, porque são vistos como peso-leve, destinados ao papel arquetípico de filho ou irmão, carecendo da ambição motivacional e da capacidade de consolidar o poder e reger, como figura paterna, com a impiedade de um Zeus.

O arquétipo de filho favorito parece imune a dores e lutas. Sua propensão a manter-se mentalmente distante do sofrimento dos outros e fora de contato em relação aos seus próprios sentimentos torna provável que aconteça isso mesmo. Contudo, quando as pessoas acham que alguém é Apolo, os atributos desse arquétipo são projetados nele e torna-se difícil enxergá-lo de outra maneira.

O músico

Apolo estava associado a dois instrumentos de cordas, o arco e a lira. Ao manejar o primeiro, atirava flechas; ao tanger o segundo, produzia música. W. F. Otto, autor de *The Homeric Gods*, observou que para os gregos havia uma afinidade entre ambos os objetos: "Nos dois eles viam uma seta rumo a seu alvo, num caso a flecha certa, e no outro a canção precisa".² A música que vem

do mais vigilante de todos os deuses não nasce como um sonho da alma inebriada, mas voa diretamente na direção de uma verdade percebida com clareza.

Também em sua música, Apolo era novamente associado a clareza e pureza. Em contraste com a música de Dioniso que expressa o caos, o êxtase, a turbulência, conflitos emocionais e paixão, a música apolínea valoriza as notas claras, a pureza musical que é como a alta matemática, capaz de gerar harmonia através do tempo e das mensurações e eleva o espírito. A música clássica de Bach ecoa Apolo. Os que ouviram os violoncelistas modernos Pablo Casals e Yo-yo Ma tocarem descrevem, de maneira semelhante, uma espécie de experiência que é epifania espiritual, como se o próprio deus entrasse na execução desses mestres e levasse-os sem erros a cada alvo.

Moderação e beleza eram a essência e o efeito da música apolínea. Ela continha tudo o que fosse selvagem, todas as feras predatórias, ainda que encantadoras. Quando o atormentado rei bíblico Saul ordenou ao jovem pastor Davi que tocasse um instrumento de corda para acalmar-se, Davi deve ter tocado a espécie de música que Apolo faria, para obter esse efeito.

Defensor da lei e da ordem

Apolo deu às cidades suas instituições legais, interpretou as leis, defendeu a ordem e a moderação, forneceu a estrutura para que uma comunidade trabalhasse unida e os meios para a resolução de desavenças. O legislador e o músico expressam ambos o instinto deste arquétipo para instaurar a ordem e a forma. Apolo fica inconformado com o caos ou a turbulência, com a nota discordante, a intensidade apaixonada, tanto nas condutas como na música. Por meio de regras e leis, assim como de medidas e do tempo, o intento de Apolo é proporcionar forma e ordem.

O aspecto apolíneo da lei e da ordem tem certeza a respeito do que deve acontecer. Por meio de instruções precisas, Apolo decretou o que era permissível e o que não era. Nesse mesmo sentido, o legislador apolíneo prefere causas com a lei constitucional ou casos em que possa aplicar princípios e precedentes, em vez daqueles em que seja preciso alegar motivações e circunstâncias especiais. Não é de espantar que quando homens e mulheres são nomeados para a Suprema Corte dos Estados Unidos, suas qualidades apolíneas sejam invocadas por seus proponentes.

Tanto o idealista que vislumbra um tempo futuro em que todos possam viver pacificamente sob a égide de uma lei que garanta justiça e igualdade para todos, como os defensores contemporâneos da "lei e da ordem", com a forte convicção de que sabem o que é certo ou errado para todos, extraem essa noção de autoridade do arquétipo de Apolo.

Tanto o significado como a autoridade vêm de fazer um trabalho de base arquetípica. O jurista ou oficial defensor da lei tanto quanto o astronauta e o músico pode sentir isso muito profundamente e perceber que Apolo confere dimensão sagrada ao seu trabalho.

O muito distante

De vários modos diferentes, o arquétipo de Apolo predispõe o homem a ser emocionalmente distante. Ele pode viver no futuro como o arqueiro mirando alvos, ou como um sujeito profético; pode transcender as situações imediatas e enxergar tudo objetivamente em vez de se manter em contato com o que sente no plano pessoal; pode superar suas dificuldades emocionais e de relacionamento considerando que todas as experiências são lições espirituais (que, evidentemente, podem mesmo ser).

A capacidade de ver as coisas de forma racional ou espiritual, à distância da própria reação emocional imediata, faz, portanto, parte do arquétipo de Apolo. Esse dom predispõe os apolíneos a reagir à própria dor emocional distanciando-se desses sentimentos e "indo para as nuvens", através da compreensão intelectual, de uma prática espiritual consciente, ou pela repetição de seus preceitos pessoais.

Havia um tipo de distanciamento sobrenatural no deus Apolo que tinha a ver com sua ligação com os misteriosos hiperbóreos. O mitólogo W. F. Otto observou que, quando Apolo nasceu, Zeus lhe deu uma carruagem com cisnes, na qual ele foi não até Delfos, mas até onde viviam os hiperbóreos, com os quais viveu por um ano. Daí em diante ele periodicamente ia até "a terra abençoada da luz",³ passar uma parte do ano. Nos tempos atuais, a ênfase da Nova Era no mundo da luz nos faz retomar a imagem de Apolo e dos hiperbóreos. Hoje, aquele "reino ao norte, mais além das montanhas", vislumbrado pelos gregos como a terra dos hiperbóreos, é localizado na constelação das Plêiades, ou em alguma outra dimensão. O aspecto hiperbóreo de Apolo tem semelhança com o mundo inferior habitado por Hades. No nível psicológico, quer o local distante de retiro fique no mundo das estrelas ou no plano subterrâneo, ou no universo da alta matemática, o efeito é o mesmo: produz o sentimento de isolamento dos outros e o desaparecimento periódico deste mundo para o fundo de algum outro.

Os irmãos

O papel de irmão que Apolo tem é sua designação mais significativa dentro da família, havendo grande ênfase na rivalidade e na amizade entre os irmãos: ele e seu irmão Hermes, o Deus Mensageiro, e ele e sua irmã Ártemis, Deusa da Caça e da Lua.

Muitos incidentes mitológicos vinculam Apolo e Ártemis. Ártemis, que nasceu primeiro, ajudou sua mãe Leto em seu prolongado trabalho de dar à luz Apolo. Mais tarde, Leto convocou os gêmeos para vingarem-na do insulto de Níobe. O ciúme que Apolo sentia do afeto de Ártemis por Órion, como já mencionamos, levou-o a desafiá-la, e sem o saber ela mata o bem-amado. A competição também brotou entre Apolo e seu irmão mais novo, Hermes, cujo primeiro ato foi roubar o gado de Apolo; este recebeu de Hermes sua lira.

Enquanto arquétipo do irmão e filho mais velho favorito, Apolo predispõe os homens a fazerem parte de trabalhos em grupo. Ele se encaixa facilmente no papel de funcionário de uma grande empresa, onde pode ser o segundo nome da hierarquia de comando, sem sentir o ressentimento ou a inveja que o homem arquetipicamente pai ou rei, com necessidade de ter um reino todo seu, pode prontamente sentir. Ele também considera natural trabalhar com mulheres competentes e competir com elas. Enquanto competidor, Apolo participa do dar e receber na política e também nos esportes, e em geral não guarda mágoas. Em virtude de sua distância emocional, ele pode entrar na política como se fosse um jogo e se sair bem, em comparação com outros que se tornam emocionalmente envolvidos com as situações. Ele pode não chegar à mais alta posição, porém, porque parece cauteloso e não inspira os outros a enxergarem nele um chefe. Apolo foi o deus mais importante, *depois de Zeus*.

O não-herói

Apolo, cuja aparência física de virilidade e nobreza dava-lhe o ar de herói, era contrário a desempenhar esse papel. Especificamente, não se deixou levar para duelos como os heróis dessa cultura, desde a Guerra de Tróia,

até os duelos a pistola com tiros a queima-roupa, dos filmes de faroeste. Ao enfurecido Posêidon, Apolo calmamente respondeu: "Você teria de me ver sem medidas e sem prudência para me obrigar a lutar por causa de insignificantes mortais, que agora brotam como folhas nas árvores e depois fenecem e morrem". E, quando sua irmã Ártemis o chamou de covarde, ele mesmo assim não se deixou arrastar para um combate.

Não só isso: Apolo era contrário a heróis. Recusou-se a receber ajuda do herói Hércules através do oráculo Pítia. E se opôs a Aquiles, o mais famoso e preferido dos heróis gregos. Aquiles morreu quando foi atingido no calcanhar por uma flecha, naquele único lugar em que era vulnerável por não ter sido banhado pelas águas do rio Estige. Em diversas versões, foi Apolo quem o matou, seja disparando de Páris, seja com sua própria aparência. Mas isso não foi executado como ato heróico, num combate direto, mas por uma seta disparada de bem longe.

Apolo valoriza a prudência, evita riscos físicos, não se deixa levar por emoções, e prefere ser o observador. Esse é o perfil de alguém que fica à margem, não de um herói. Quando os generais tinham de conduzir suas tropas para a luta, provavelmente não havia Apolos entre eles. Mas é provável que muitos Apolos generais hoje ocupem postos de alto comando na carreira administrativa dentro do Pentágono. Quando os jogos de guerra são gerados como é hoje em dia e vários planos e opções são analisados, e quando a arma derradeira é disparada à distância, talvez por teclas de computador, o general de poltrona muito provavelmente será um Apolo, que considera todas as probabilidades estatísticas em vez de se deixar arrastar pelas paixões e alianças que motivam as pessoas. Foi esse o caso da guerra do Vietnã, em que o Pentágono era dirigido pelo Secretário da Defesa Robert McNamara e sua equipe de homens jovens e brilhantes

que vieram com ele e que tinham antes sido apelidados de "meninos maravilha".

Cultivando Apolo

Nesta cultura, os traços de Apolo são vigorosamente cultivados nos meninos desde bem pequenos. Desde a pré-escola até a graduação numa Faculdade espera-se das pessoas que pensem e se expressem de forma verbal e lógica. As lições sobre causas e efeitos são repetidas tanto na vida como na ciência. Boas notas e boas impressões obtêm-se hoje com vistas a garantir posição mais altas amanhã. Em todas as escolas não alternativas cada classe, e cada série promove, normalmente, os valores e as características apolíneas.

Apesar da pesada ênfase dada ao desenvolvimento das qualidades de Apolo, se a pessoa é dominada por outro arquétipo a necessidade de desenvolver as características apolíneas pode aparecer no início da idade adulta. Para tanto, a pessoa pode buscar ajuda para aprender como organizar o seu tempo, lidar com orçamentos financeiros, administrar o trabalho. A ajuda pode ser ainda mais específica; por exemplo, saber como redigir um currículo. Seja qual for a tarefa, nos domínios de Apolo, a educação e a prática provavelmente levam ao sucesso. Sempre parece haver um especialista apto e pronto a ensinar sistematicamente o que quer que seja.

APOLO, O HOMEM

O homem que lembra Apolo acha em geral muito fácil estar no mundo. Ele tem qualidades que tornam muito provável ganhar aprovação dos outros e obter sucesso. No entanto, podem aparecer transtornos e carências nos seus relacionamentos e em sua vida interior.

Primeiros anos de vida

A criança Apolo tem em geral (como é condizente com o mito) um estado de espírito ensolarado. Sua atitude típica é extrovertida e, por ser curiosa e inquisitiva, gosta de ver o que há no mundo e saber como são as coisas. Gosta de andar no alto, enfiado no porta-bebês às costas de um adulto.

Apolo reúne informações acerca de seu ambiente imediato. Tem interesse pelo que é uma coisa ou pelo que alguém faz. Quer saber o nome das coisas. Como não é sonhador por natureza, não fica perdido em fantasias, não tem amigos imaginários, nem fabrica monstros.

No berçário e no jardim da infância é um dos meninos ou alguém do grupo, aquela criança amistosa que sabe dar e receber, que se dá bem com todos e até pode ser líder. Em geral os outros querem que esse menino seja seu melhor amigo, mas ele não costuma ter um amigo favorito, especial.

Quando chega a fase dos esportes em grupo, ele pode se sair bem ou até mesmo se destacar. Se tiver um pouco de talento, otimizará seu potencial treinando. Se seus talentos forem em outra direção, ele os seguirá.

Parece que tem um relógio funcionando na cabeça e sabe que deve fazer hoje o que deverá ser entregue amanhã. Assim, fazer os deveres escolares e praticar o instrumento, ler os jornais e participar da reunião dos escoteiros ou ajudar como coroinha na missa, todas as atividades recebem a atenção devida.

Embora ele realmente possa ser mesmo no fundo o bom menino que aparenta na superfície, costuma ser considerado "o super certinho", não é incomum que tenha amigos que entram em enrascadas, apesar de ele próprio não. Os outros meninos podem se deixar levar por comportamentos impetuosos, excesso de arruaças, pequenos

delitos, e não perceber que estão pedindo para ter problemas quando ultrapassam os limites. Mas o menino Apolo não: ele pensa nas coisas e toma conta de si mesmo.

Seus pais

O deus Apolo nasceu gêmeo, em segundo lugar, e Leto teve trabalho de parto que durou nove dias e nove noites para que ele viesse à luz. Depois de grande esforço, nasceu "e Leto ficou feliz, porque o filho que gerara era forte e arqueiro".⁴ Suas palavras no Hino Homérico a Apolo Délio ecoam as das mulheres que "produziram com sucesso" um filho e herdeiro e que mais tarde são validadas pelos feitos de seus filhos apolíneos.

Depois de tanta luta, talvez até mesmo uma deusa teria ficado exausta e incapaz de amamentar o bebê. O que sabemos é que Apolo "não recebeu o seio da mãe. Em vez disso, Têmis com suas mãos divinas, verteu-lhe néctar e a adorável ambrosia".⁵ O primeiro alimento que Apolo recebeu, portanto, foi a comida dos deuses, dada por Têmis, deusa pré-olímpica da Profecia, cujo manto os oráculos de Apolo passariam futuramente a vestir. O paralelo para o homem Apolo era ter mãe fisicamente relutante, que não oferece o contato corporal e a fusão que o bebê sente com "mãe terra".

Desde o princípio, Apolo descreveu sua missão na vida, dizendo "Revelarei à humanidade a exata vontade de Zeus".⁶ Ele é o filho do papai que cresce ao calor da atenção e da aprovação do pai: "E uma luminosidade o envolve e vem dele, o brilho de suas passadas e sua túnica cuidadosamente tecida. E em seu coração se deliciam Leto, com seu cabelo dourado, e o sábio Zeus, quando miram seu querido filho brincando com os deuses imortais."⁷

O menino Apolo muito provavelmente é recompensado com aprovação, especialmente por um pai tradicio-

nal, por ser exatamente quem é. O filho Apolo é sucesso a caminho, o reflexo positivo dos pais, o realizador numa cultura que valoriza realizações. Está acostumado a estar sob as luzes da ribalta do prazer de seus pais, que é a "luminosidade que o envolve e vem dele". Essa é a posição tradicional de menino Apolo, especialmente o primogênito numa cultura patriarcal, de quem se espera ser capaz de levar adiante as tradições da família, ou seja, "cumprir a vontade do pai".

Não é incomum que o menino Apolo seja vencedor, e esteja acostumado a receber amor e aprovação pelo que faz. A cada etapa da vida (ou da competição), no entanto, ele depara com outros que também se saem muito bem. Portanto, ele sente muito prazer em se destacar e pode não estar mais à frente de sua classe, ou ser o astro zagueiro de seu time de rúgbi.

Surgem agora as questões de ordem psicológica: até que ponto seus pais precisam que ele se saia bem por eles? Será que é amado por si ou o amor que recebe está na verdade vinculado a suas realizações? Será que seu autoconceito de valor depende de suas últimas conquistas? Perder deixa-o arrasado? Nesse caso, ele toma as dúvidas e os desafios num plano exageradamente pessoal, embora costume disfarçar sua sensação de ser ameaçado e a hostilidade que isso gera nele por trás de máscara sorridente, brilhante como o sol.

Às vezes, o menino Apolo tem pais narcisistas que realmente precisam dele como extensão de si mesmos, e que se sentem melhores a seu próprio respeito quando o filho "ganha" e, assim, exigem dele que faça boa figura porque refletirá sobre eles. Esse menino carrega, portanto, um peso muito grande. Sua própria vontade de vencer torna-o competidor; precisar ganhar para conservar os pais, ou o amor condicional deles acrescenta ansiedade contraproducente à situação, o que o torna menos apto a se sair

bem. Nos treinos vai bem, mas, quando é para valer, não se desempenha no nível máximo de sua competência.

Quando uma habilidade excepcional e a personalidade de um Apolo se reúnem num jovem, dependerá em grande medida de seus pais e professores ele vir ou não a ser tudo o que pode, quer como jogador de xadrez, músico, gênio da matemática, médico, advogado, arqueiro, cientista, quer como ser humano. Enquanto criança com talento excepcional, e com a força de vontade para se destacar por si, o menino Apolo vai longe quando aprender é jogo a ser dominado e quando a maior satisfação vem da perícia pessoal e do amor pelo que faz.

Adolescência e início da idade adulta

Sua excelência como "arqueiro" é que dá o tom de seus primeiros anos como homem. Se for capaz de não sofrer com o viés da ansiedade, destacar-se-á ao repetidamente atingir as metas que almeja. Boas notas, cargos na sua turma, honrarias e prêmios, bolsas de estudo, são todos prêmios que o jovem Apolo recebe. Se vier de lar desprivilegiado, terá a aparência de um Horatio Alger. Trabalha com afinco e usa bem o tempo; consegue tirar boas notas, destacar-se nas atividades extracurriculares e ainda estar em algum trabalho de meio período.

Tem propensão para encontrar um pai Zeus, se a vida não lhe deu pai real capaz dessa função. Tem a afinidade arquetípica, o desejo de ser o filho favorito, a atitude de querer ser o melhor e agradar, que atraem a aprovação dos homens Zeus, que, assim, ajudam-no a prosperar no mundo.

As tarefas da primeira metade de sua vida, que para os homens são ter sucesso no mundo do trabalho, coincidem a tal ponto com a própria motivação do jovem Apolo em ter sucesso que essa fase de sua vida costuma ser

muito fácil para ele. Sua adolescência não é turbulenta, não tem os acessos de rebeldia contra a autoridade, nem as preocupações místicas ou sexuais ou íntimas da maioria dos outros: para a maioria dos Apolos e, pelo menos, até onde os outros podem enxergar.

A maior dificuldade desse período ocorre quando o homem Apolo é incapaz de ter sucesso por causa de problemas ou déficits psicológicos, sociais ou intelectuais. O Apolo disléxico com déficit de aprendizagem fica imensamente frustrado em seu desejo de realizar coisas. Pode conseguir superar esse obstáculo porque trabalhará para isso sistematicamente. A discrepância entre o que ele quer fazer e sua incapacidade, porém, pode criar internamente tanta indignação e frustração que ele não se torna capaz nem de se manter concentrado num alvo por vez e, com isso, acaba não conseguindo minimizar o déficit.

Trabalho

O homem Apolo tem nítida vantagem quando se trata de trabalho. Para ele é fácil se sair bem no trabalho porque tem capacidade natural para se concentrar numa tarefa, para querer repetir até dominar alguma coisa, e para ver o produto final de sua atividade. Dada sua objetividade e respeito de si mesmo e do mundo externo, suas metas são essencialmente realistas, conforme ele vai progredindo passo a passo de acordo com um plano.

Os homens Apolo muitas vezes estão em profissões que exigem anos e anos de formação educacional e a capacidade de estabelecer metas de longo prazo. A medicina e o direito atraem esses indivíduos. O campo do direito é muito indicado. No julgamento de Orestes, que assassinara sua mãe (por insistência de Apolo, já que ela havia matado o pai de Orestes, Agamêmnon), Apolo foi o bem-falante advogado de defesa.

O homem Apolo se adapta facilmente ao trabalho em instituições e empresas. Tem propensão para desenvolver relacionamentos fraternos competitivos com colegas e para assumir o papel de liderança perante eles. Busca a aprovação dos homens em posição de autoridade e executa facilmente suas instruções. Um atributo que lhe traz um benefício a mais, nestes tempos de igualdade com as mulheres, é que ele trabalha bem na companhia de mulheres competentes, com quem se relaciona com facilidade, formando alianças com aquelas que são como Ártemis e Atená, ou seja, elas mesmas competitivas e determinadas a atingir metas. Ele é o homem ideal das organizações.

O homem Apolo freqüentemente não alcança o topo nem é sucesso como empreendedor, porque lhe falta a motivação para acumular dinheiro ou poder, e também não tem a visão, a postura decidida e a impiedade de um Zeus. É o filho arquetípico do patriarcado e, embora aspire chegar ao alto, e seus êxitos ao longo do caminho pareçam indicar que chegará lá, o mais comum é não ser enfim o primeiro, ou fracassar no momento de consolidar seu poder e estabelecer sua autoridade, assim que atinge o topo, e então é derrubado.

Quando o homem Apolo chega tão longe quanto ele (e o arquetipo) podem levá-lo, e essa situação não é a que ele almejava, o trabalho não lhe serve mais como fonte de gratificação como sempre fora antes, e, em vez disso, se torna problema. Quando o homem Apolo vai além de seu nível de competência e não é mais o astro fulgurante, começam a ocorrer os problemas. Não tem preparo para fracassar ou falhar. Dedicou sua energia ao trabalho, sacrificou o desenvolvimento de outros interesses e esperou de sua família que ela também abdicasse de suas necessidades em favor da carreira profissional dele. Podem não existir alternativas para pronto uso quando ele precisar recorrer a elas, em sua busca de significado.

Relacionamentos com mulheres

O homem Apolo costuma sentir-se atraído por mulheres independentes, competentes, atraentes, que combinam muito com ele em seu estilo de vida; formam então aquele casal jovem e cosmopolita, arquetipicamente motivado ao desenvolvimento de cada uma das carreiras individuais. Ele também gosta de trabalhar com esse mesmo tipo de mulher.

Freqüentemente, o relacionamento tem sabor competitivo e eles se divertem juntos com jogos ou fazendo coisas que envolvem habilidades. Podem ter os mesmos interesses por arte e música. O relacionamento do casal, quando baseado em afinidades profissionais, pode funcionar muito bem, pois cada um desafia e apóia o outro para que se destaque em seu campo.

Vivendo na cabeça, em vez de no corpo ou nas emoções, o homem Apolo não é bom amante. Em seus relacionamentos com as mulheres ocorre uma típica falta de paixão. Além disso, o relacionamento com ele não tem muita profundidade emocional, pois prefere manter sua distância habitual. Por conseguinte, a mulher que está em sua vida pode decidir que a relação dos dois é a de irmão com irmã, e tentar rejeitá-lo como amante, seja diretamente, seja se deixando atrair por outra pessoa. Foi esse o destino do deus Apolo.

A irmã competidora precisa ficar atenta a uma possível faceta do homem Apolo. Sua personalidade pode conter um potencial hostil e desonesto. Embora possa manter uma fachada amistosa como competidor, pode também agir de modo altamente fraudulento, da mesma forma como Apolo ludibriou Ártemis a disparar uma flecha contra um alvo remoto que se revelou, depois, ter sido a cabeça de seu bem-amado Órion.

A atração entre opostos parece exercer atração magnética, quando como o deus que amou Sibila e Cassandra

o homem Apolo se deixa envolver por mulheres sensíveis que são criaturas emotivas, irracionais, sem senso prático e que não costumam se impressionar com o tipo de homem que ele é. Por seu lado, ele as considera fascinantes, frustrantes, imprevisíveis. Muitos homens Apolo são atraídos para essas mulheres e tentam controlá-las.

Relacionamento com homens

Os homens Apolo costumam se dar muito bem com outros homens. Respeitam e valorizam os relacionamentos com os mais velhos em postos de autoridade, e geralmente têm mentores que ajudam no seu progresso profissional. Sentem-se bastante à vontade nos relacionamentos de reciprocidade. Negociam bem e entregam o que prometeram.

Sua competitividade faz com que avaliem sua própria posição em relação à dos outros; a que lhes é mais confortável é a de ocupantes do posto número um perante os iguais, ou a do irmão mais velho predileto, e eles se esforçam para ocupá-la. O homem Apolo gosta de ser a estrela de um time, não o astro solitário. Rapidamente proporciona espaço para que outros caibam, e aceita a companhia de homens menos impecáveis que ele, desfrutando dela sem problemas. Mas não costuma ser o parceiro de copo de ninguém.

Sexualidade

O homem Apolo não é bom amante. Não se apaixona com facilidade e se dedica com tamanha exclusividade a um só interesse por vez que não se deixa distrair facilmente por mulheres atraentes. Em sua vida diária, o homem Apolo não passa muito tempo em pensamentos eróticos. Não fica despindo mentalmente as mulheres que

vê nem passa muito tempo com fantasias masturbatórias. Sua dimensão instintiva, sexual e sensual é, em geral, seu aspecto menos conscientemente desenvolvido, e, por isso, costuma não estar em sua mente.

De vez em quando, a sexualidade a que dá tão pouca atenção pode irromper. Por algum período, pode se dedicar a uma busca ardente, quando sua capacidade de focalizar num objeto combina com o desejo sexual. Se essa mulher não tiver se deixado arrebatado pelo feitiço do amor, a intensidade dos sentimentos dele pode parecer-lhe desproposital, pois é muito provável que não tenha havido nem a construção de uma intimidade por uma comunicação profunda da interioridade de cada um, nem o diálogo sensual e não verbal. Por isso, ela pode se sentir na mesma posição de Dafne, que, perseguida, fugiu de Apolo, sentindo-se muito mais um objeto que ele queria possuir a todo o custo do que a mulher sem a qual não poderia viver.

Como vive em sua cabeça, em vez de no corpo ou em sua imaginação, o homem Apolo é estrangeiro no território de Eros. Tem pouca experiência do fluxo e refluxo da atração sexual, assim como desconhece a contínua necessidade de ser tocado e de se comunicar no nível corpo-a-corpo (ou também de forma verbalmente íntima). Assim, se ele ganha a mulher que o despertou e depois, como amante, "vai embora" (o que é típico do homem Apolo), ela pode ser infiel na "ausência" dele. Esse padrão lembra o relato do corvo a respeito da infidelidade de Coronis.

Apolo, o deus, também se enamorou de Jacinto, o rapaz que o atraiu a tal ponto que ele abandonou Delfos para ficar o tempo todo com o jovem. Foram amantes e companheiros inseparáveis, fazendo tudo juntos, o que é típico do relacionamento em que no casal um é o "espelho" do outro: um se vê no outro e o ama. Narciso também

caiu de amores por sua própria imagem refletida no lago, mas não podia se aproximar da imagem e com isso sofria de longe; já Apolo e Jacinto tiveram um relacionamento íntimo, que terminou quando Apolo matou acidentalmente o rapaz numa competição, ao atirar seu disco, que ricocheteou numa rocha e atingiu Jacinto mortalmente na cabeça.

Quando Eros atrai Apolo para relacionamentos homossexuais, o início é semelhante ao que houve entre Apolo e Jacinto. O eu refletido no outro é então a primeira mostra de auto-aceitação. Há narcisismo nesse sentimento da semelhança por fusão e, geralmente, o esforço para limitar a outra pessoa a ser apenas o reflexo desejado. "Jacinto" pode ser morto (o relacionamento pode morrer) por causa da competitividade, porque um cresceu mais que o outro, ou se a necessidade de Apolo de ganhar e exibir sua superioridade eliminar a amorosidade do outro homem.

Casamento

O homem Apolo é evidentemente "bom partido" no páreo matrimonial. Na época em que os homens, ao saírem da Faculdade, casavam-se usualmente com mulheres mais jovens, sem experiência sexual e sem ambições pessoais, o tipo Apolo em geral conseguia obter a noiva que queria. O casamento era um passo dado pelo mesmo tipo de consideração com que tratava a escolha da carreira universitária e a primeira proposta de trabalho. A paixão e o impulso não eram fatores decisivos; a promessa de boa combinação, sim.

No casamento tradicional dominado pelos estereótipos de papéis, Apolo pode dar a impressão de que tem casamento estável, que funciona bem, e mantém essa imagem por algum tempo ou até a vida inteira, especial-

mente se tiver casado com mulher cujas necessidades particulares são ter relacionamento duradouro com sua realização pessoal atrelada ao papel de mãe (ou seja, arquetipicamente uma Deméter). Pode ser esse o caso do juiz Scalia da Suprema Corte, cujos compromissos no tribunal exigem muito trabalho, eles políticos, a determinação de fazer carreira no judiciário, e realizações que imponham respeito, o que deixa pouco tempo para o envolvimento com o dia-a-dia de se criar nove filhos.

Os homens Apolo também são muito visíveis em casais jovens cosmopolitas em que os dois têm sua própria atividade profissional. A esposa parece a lógica e intelectual Atená, tão alheia à sua vida instintiva quanto ele. O casamento "funciona" bem para os dois: cada um sabe dos horários do outro, administram a casa com a mesma postura com que cuidam dos negócios, sua atividade sexual é regular e saudável (geralmente na mesma intensidade e com a mesma satisfação de terem dado um jantar agradável para seus amigos, ou terem feito uma boa ginástica na academia).

No entanto, o casamento estará longe de correr bem se o homem Apolo se casar com uma mulher que quer substância em vez de forma, que precisa de profundidade emocional em vez da segurança de uma relação que dure a vida inteira, ou cuja natureza Afrodite seja apaixonada, intensa e imediata, e que, portanto, dá pouco valor a metas de longo prazo que a obriguem a viver de olhos no futuro. Esse tipo de casamento ou leva à infelicidade ou a crescimento. O homem Apolo tenta (em geral com êxito) "superar" a dificuldade que para ele não parece ser seu problema. Esse homem consegue ficar confortável dentro de um casamento marcado pela distância emocional e sem paixão. Se isso deixa a esposa infeliz, a duração do casamento depende dela e de suas opções reais ou percebidas de fazer alguma outra coisa.

Filhos

Os homens Apolo ou são pais bons ou neutros na vida dos filhos. Têm comportamento consistente e igualitário. Os critérios que estabelecem são justos e gostam de ter lemas como parâmetros de vida, e transmitem essas máximas aos filhos.

A distância é a dificuldade mais comum, pois o homem Apolo provavelmente se deixará absorver pela carreira profissional, deixando o reino do lar e dos filhos sob os cuidados da esposa, a menos que esta exija sua participação. Ele também não põe filhos no colo e, se acaba pegando o bebê nos braços (e descobre que gosta disso), será porque a esposa colocou-o lá até que ele e o filho formem um vínculo.

Se os filhos têm os mesmos interesses que ele, e quando ficam maiores podem conversar sobre os respectivos planos de vida, ou fazer coisas juntos, como tocar num conjunto de música de câmara, então o relacionamento com ele pode ser muito confortável e bom. Se esses filhos tiverem sentimentos intensos escondidos, que à superfície não aparecem, ele não saberá. E se eles esperam que o pai entenda quais são seus anseios e paixões, o mais provável é que fiquem decepcionados. Por outro lado, podem se sentir gratificados com a capacidade do pai de enxergar o que fazem e com o fato de que ele se mantém a par de como levam a vida.

Meia-idade

O homem Apolo pode ser como a crise de meia-idade esperando para acontecer. As expectativas culturais e familiares de que ele tenha êxito se encaixam belamente umas nas outras, e portanto deve ter-se dedicado a trabalhar a custo psicológico considerável, do qual provavelmente não estava consciente. Tem grandes porções de si mesmo esperando para serem vividas, partes que re-

moveu de sua consciência, e família que manteve emocionalmente distante.

Na meia-idade, a pressão e o ritmo de trabalho podem diminuir, e a predominância de Apolo como arquétipo costuma enfraquecer também. E, pela primeira vez, outras partes negligenciadas, rejeitadas, e não desenvolvidas de sua psique podem emergir.

Essa é a época em que o homem Apolo fica diante de seus limites. Pode descobrir que não conseguirá chegar ao topo. Não é mais o rapaz dourado. E a depressão pode se instalar como consequência.

Seus filhos podem, igualmente, reagir a um pai Apolo ausente, rejeitando-o pessoalmente ou rejeitando seus valores, e vivendo o que ele nunca se permitiu: podem se tornar rebeldes, sexualmente ativos, arruaceiros, deprimidos. Ele pode ter de encarar a realidade de que, como pai, foi um fracasso.

Seu casamento aparentemente funcional pode se desfazer quando a esposa reagir à sua distância emocional, tendo um romance ou abandonando-o por outro homem. Um dos comentários mais comuns sobre George Bush, o de que ele lembra às esposas quem foram seus maridos no primeiro casamento, realmente se refere aos homens Apolo em geral. A esposa maternal ressentida pode desencadear uma crise conjugal quando perceber que se sacrificou sozinho para criar os filhos. O casamento funcional pode chegar a impasse quando a esposa tiver depressão porque o ninho ficou vazio. Finalmente, o marido Apolo ter um romance na meia-idade pode provocar a crise matrimonial.

Embora possa ocorrer grande crise de vida na meia-idade, como uma depressão grave ou discórdia conjugal, as chances são de que o homem Apolo atravessará esses anos bastante intacto. Alguém pode balançar o barco, mas Apolo geralmente está num barco de quilha muito convencional. Sente, em geral, uma pressão interna e exter-

na para manter o casamento intacto, mesmo que esteja envolvido num romance extraconjugal que lhe seja muito importante e que ofereça mais satisfação e excitação sexual do que ele jamais sentiu em toda a sua vida.

Ele pode ameaçar largar o emprego, se mudar, ou fazer alguma coisa radicalmente diferente, quando atinge certo platô. O trabalho deixa de ser gratificante, mas o mais provável é que ele se mantenha lá, insatisfeito e cronicamente deprimido, em vez de fazer o que percebe que seria mudança drástica. É criatura ordeira, com hábitos, que valoriza a aparência. Perder o prestígio que o trabalho acarreta e que não gosta mais de fazer, perder a casa no bairro de alto nível, são preços altos demais para que, voluntariamente, desista em nome de alguma coisa que significa a possibilidade de mais realização pessoal.

Terceira idade

Como tem aspecto previdente sempre ativo, o homem Apolo entra na época da aposentadoria com lastro econômico suficiente. Se pertence a certo escalão de alguma empresa, esse Apolo terá aposentadoria acrescida dos investimentos que houver feito. E, se é da classe trabalhadora, terá a casa paga na ocasião em que receber o relógio de ouro do patrão em seu último dia de trabalho.

Assim que se aposenta, ele encontra uma ocupação regular. Pode se tornar rotariano ativo ou participante das obras de sua igreja, e continuar praticamente tão ocupado quanto era antes de se aposentar.

Se continuar sendo fiel à sua natureza Apolo, provavelmente evitará a Introspecção, que o deixaria desconfortável, porém mais sábio, e que é ingrediente necessário do crescimento psicológico nessa idade.

Dificuldades psicológicas

As pessoas que lembram Apolo têm dificuldades relacionadas com a distância emocional, por exemplo, problemas de comunicação, incapacidade para serem íntimas, rejeição. Também podem existir problemas com o status elevado dos Apolos, pois isso contribui para seu narcisismo e sua arrogância, e também para o que ele oculta, e que podem ser traços hostis e dissimulados.

Distância emocional

Tal como o Deus Sol, Apolo estava "acima de tudo" quando olhava para a terra distante, lá embaixo. O homem Apolo mantém a mesma postura distante característica, evitando se envolver. Quando as emoções entram em conflito, ele recua: "Não vale a pena brigar por causa disso". Essa foi a atitude de Apolo quando se recusou a responder ao desafio de Posêidon para lutar, na Guerra de Tróia.

Sua maneira indireta de comunicar suas emoções também é problema característico. Quando era consultado a respeito de algo que não entendia claramente, o deus falava por meio do oráculo de Delfos, cujas mensagens ambíguas exigiam interpretação. As pessoas que ficam perto de um homem Apolo (ou tão perto dele quanto ele lhes permite) sentem muitas vezes que precisam decifrar suas poucas e geralmente codificadas palavras, quando aludem a seus sentimentos. Se for interpretado errado, se recolherá ainda mais. Tente extrair mais informações dele, e se tornará mais distante. É paradoxo que o deus da clareza e o homem que pode falar com tanta exatidão e nitidez sobre um assunto impessoal (o advogado Apolo, por exemplo), fiquem tão carentes de palavras quando se trata de dizer algo sobre seus sentimentos

e tão obscuros e difíceis de interpretar quando falam de si mesmos.

Tem tão pouca disposição para se fundir com outra alma quanto para entrar em conflitos emocionais. Para o homem Apolo o vínculo com outra pessoa é difícil. Ele prefere avaliar (ou julgar) a distância, a situação ou pessoa, sem saber que deve "se aproximar", ser vulnerável e solidário para conhecer alguém de verdade. Como é homem, pode ir além das limitações do arquétipo de deus remoto, e ser mais plenamente quem é.

O amante rejeitado

Apolo foi o mais belo dos deuses, além de ser responsável e confiável: o sol sempre nasce, sobe ao zênite e se põe, sem mudar nada. Enfatizava as virtudes e tinha preceitos de vida entalhados nas paredes de seu templo. Já no amor tinha azar: foi rejeitado por Cassandra, Sibila, Dafne e Marpessa. As mulheres que o deus Apolo queria e que o rejeitaram são do tipo que também pode rejeitar o homem apolíneo.

A mulher que rejeita o homem Apolo belo, virtuoso e confiável age dessa maneira porque a ele faltam qualidades que são essenciais para ela, como profundidade e intensidade, proximidade emocional, espontaneidade sexual. Às vezes, a mulher sente que esse determinado Apolo é apegado demais a aparências e beleza para ficar com ela também na velhice.

Marpessa foi amada por um mortal, Idas, e por Apolo. Zeus consentiu que ela escolhesse entre ambos. Marpessa, ciente de que o deus a abandonaria quando ficasse idosa e grisalha, sabiamente escolheu Idas. Metaforicamente, ela escolheu com bom senso a relação "humana", que tinha a possibilidade de crescer com o tempo, em vez do vínculo imutável com Apolo.

Como observamos antes, Apolo ensinou a Cassandra a arte da profecia, desde que ela consentisse em se entregar amorosamente a ele, mas ela não manteve sua palavra. Sibila (que deu o nome aos famosos oráculos sibilinos) também aceitou os dons proféticos de Apolo e rejeitou-o como amante. Apolo presumia, erroneamente, que o amor era um bem para ser dado em troca de algo que ele poderia fornecer.

Os homens Apolo são rejeitados pelas mulheres que querem um elo de ligação mais profundo, com mais intensidade e manifestações emocionais do que ele é capaz de dar. A integridade com que o homem Apolo vive segundo os seus preceitos ou corresponde a seus acordos desperta admiração e respeito, mas não amor ou paixão. As mulheres que tomam ciência dessas prioridades não o escolherão, para início de conversa, ou, quando descobrem o que falta, podem vir a rejeitá-lo posteriormente como amante.

Narcisismo

O homem Apolo prefere recolher-se e pensar abstratamente sobre idéias e sobre a forma das coisas, à distância, em vez de se preocupar com o reino dos sentimentos, que é o mais necessitado de desenvolvimento e o menos naturalmente presente.

Suas características inatas e a cultura, bem como a família em que se criou, moldam sua personalidade. O homem Apolo intelectual e sem emoções vive numa cultura patriarcal que não espera dos homens postura acolhedora e que desaprova neles a exibição de sentimentos vulneráveis, incentiva-lhes a competitividade e recompensa a conquista do poder. Se sua família também desencoraja a expressão e a percepção dos verdadeiros sentimentos, e ainda reforça a noção cultural de como deve ser o homem, então

está armado o palco para que se torne narcisista, especialmente se for inteligente e bem apessoado.

Crueldade e capacidade de punir

Apolo foi insolentemente desafiado por um sátiro tocador de flauta que cometeu o erro de afrontá-lo com a proposta de uma competição musical. Apolo foi ao mesmo tempo juiz e júri e declarou-se vencedor porque era capaz de tocar lira de cabeça para baixo, ao passo que o sátiro Mársias não conseguia fazer o mesmo com a flauta. Pelas regras do desafio, o vencedor poderia fazer o que bem quisesse com o vencido. Apolo esfolou Mársias vivo, o que foi cruel e desumano.

Esse traço de crueldade, exercida dentro de limites legais, pode ser o lado repulsivo do homem Apolo que tenha sido humilhado e dominado por outra pessoa e que, então, se identifica com o agressor. Quando derrota um rival, não demonstra misericórdia e, em vez disso, escarpela-o de cima abaixo, vivo, com toda a frieza. Dessa mesma maneira, Apolo puniu Cassandra, a quem dera poder de prever o futuro, decretando que nunca acreditariam em nada do que ela dissesse. Essa punição foi criativa e cruel, especialmente porque ela pôde prever uma série de tragédias que, porém, era impotente para impedir. Sofreu em dobro, antecipando o que sabia que ocorreria, e depois vivendo os males quando aconteceram.

Veneno

Embora Apolo exemplifique a clareza do sol e a áurea moderação, também tinha um lado escuro muito menos conhecido. Esse Apolo vem como a noite e dispara suas flechadas letais. Homero chama essas setas de "serpentes aladas" e Kérenyi dizia que essas setas envene-

nadas eram como serpentes venenosas.⁷ O terapeuta conhece esse veneno como palavras "venenosas", que têm como intento ferir. Costumam ser dirigidas a alguém que essa pessoa ame ou que era de sua mais alta consideração e que a traiu, humilhou, ou não correspondeu a suas expectativas.

Quando o Apolo como homem racional e moderado dá livre curso a sua fúria, liberando emoções que normalmente reprime, o que aparece são elementos irracionais e primitivos (ou seja, subdesenvolvidos). Ele se torna cobra venenosa que ataca com sua pestilência. Embora possa causar danos a alguém com sua hostilidade, seu próprio eu positivo é quem mais sofre.

Arrogância

O homem Apolo que foi o menino de ouro e cabelos cor do sol, com toda uma vida de sucessos atrás de si, pode presumir ser capaz de assumir muito mais do que pode, o que lhe traz resultados desastrosos. Sua idéia de si mesmo é inflacionada: identifica-se com o deus, com o arquétipo. Esquece que é humano. Pode chegar a reencenar em sua vida o mito do filho de Apolo, Faéton.

Faéton ouviu de sua mãe que era filho de Apolo e, quando se vangloriou disso, foi desacreditado. Para confirmar a verdade, ele partiu para encontrar Apolo. Este reconheceu a paternidade e, para dar a Faéton ainda mais segurança, fez-lhe a promessa inviolável de conceder-lhe o favor que ele desejasse. Faéton pediu para conduzir a carruagem do sol através do céu, por um dia.

Ao romper do dia, Faéton colocou a coroa do sol de seu pai na cabeça e subiu na carruagem. Os grandes cavalos do sol sentiram sua mão estranha e inexperiente nas rédeas e saíram do seu trajeto usual. Faéton não tinha nem a força nem a destreza para detê-los em sua

disparada e o calor abrasador do sol torrou a terra. Teriam ocorrido ainda mais desgraças, mas Zeus atingiu Faéton com um relâmpago. Desesperado com a perda do filho, Apolo deixou que a terra ficasse sem luz por um dia inteiro, antes de mais uma vez pôr a carruagem do sol no seu trajeto normal.

Quando penso em Faéton, fico imaginando os homens que acham que podem usar a energia nuclear para fazer guerras "controladas". Essa inflação pode acarretar a destruição da terra pelo calor tórrido; as cinzas na atmosfera bloqueariam a luz do sol e provocariam a escuridão de um inverno nuclear. As pessoas correm o risco dessa arrogância quando um sucesso se segue a outro. Ela também pode fazer com que um sujeito Apolo presuma, equivocadamente, que, por ser especialista numa área, é autoridade também em outras, ou que tem o direito de fazer tudo o que desejar.

No jargão da psicologia contemporânea, a suposição de Faéton de que poderia dirigir o carro de Apolo foi "uma viagem do Eu", que causou danos a muitas pessoas e levou à sua destruição. Também são comuns variações menores desse mesmo tema.

DIFICULDADES PARA OS OUTROS

Surgem dificuldades para as mulheres que amam homens Apolo porque a forma e a aparência do relacionamento geralmente tem mais importância para ele do que profundidade ou intimidade.

Desvalorização da "não esposa"

É importante que a mulher que se envolve com o homem Apolo saiba que ele pode colocar as mulheres em duas categorias: a daquelas que em sua opinião dariam esposas apropriadas, e a das que não. Ele pode até ser atraído por mulheres que não pertencem às categorias das "esposas apropriadas". Mais que qualquer outro tipo, é freqüentemente regido pela noção do que devem ser as coisas.

Como desvaloriza o lado emocional e instintivo da vida, mesmo quando está num relacionamento que o conforta, pode não conseguir reconhecer o valor que este tem para si. Por conseguinte, desvaloriza a mulher. Embora seu coração possa estar envolvido em sua provável escolha, nunca é questão estritamente afetiva a escolha feita pelo homem que vive quase que só na cabeça e que valoriza tanto a forma. Ao escolher a esposa, não vê apenas a mulher; considera também como aparecem enquanto casal. Para ele, o casamento é instituição essencial à cultura e à civilização, e em parte serve para pôr ordem em seu mundo e no mundo em geral.

O homem Apolo de meia-idade pode ter relacionamento extraconjugal (que geralmente é seu primeiro e único romance fora do casamento) que o envolve. Pode descobrir que sente mais ternura por essa mulher do que pela esposa e que tem mais paixão sexual por ela do que já sentiu em toda a sua vida. O mais provável, no entanto, é que retorne para a esposa, a casa e a vida habitual.

É difícil para a mulher que ama o homem Apolo, e que sabe que ele a ama mais do que já amou alguém, entender como pode deixá-la e voltar para a casa e a esposa, para o casamento vazio, depois de ter vivido o melhor. No entanto, se não superar o padrão de Apolo, é o que ele fará. A mulher que ele abandonar sofrerá com o

fim do relacionamento, mas, sendo essencialmente um Apolo, ele pode se distanciar de seus próprios sentimentos de perda e dar a impressão de que não está sendo atingido.

Solidão dentro do relacionamento

Objetivamente, a mulher casada com sujeito Apolo pode parecer que tem pouco de que se queixar. Ele tem temperamento ameno, é confiável, fiel e provavelmente até ajuda na lida da casa quando está lá. As pessoas têm boa opinião a respeito dele; provavelmente, aos olhos dos outros ele é homem bem-sucedido e boa pessoa. Muitas mulheres casadas com homens Apolo consideram-se realmente felizardas.

Mas se a mulher quiser relacionamento mais profundo e pessoal, então terá dificuldades. Pode se queixar de solidão, porque o marido, além de emocionalmente distante, geralmente está ausente de fato em virtude das exigências de seu trabalho e do quanto se dedica a ele.

Se ela quer mais espontaneidade ou paixão, esse homem não pode dar-lhe isso (para tanto teria de ter outros arquétipos ativados em sua psique). Se ela quer profundidade na comunicação, ficará desapontada.

O efeito reostato: aumentando ou diminuindo a intensidade

A mulher casada com o homem Apolo pode descobrir que se torna cada vez mais parecida com ele, conforme segue o padrão que ele dita, em particular se ela também dá mais valor ao pensamento que aos sentimentos e se propor metas profissionais para atingir. Aumenta a distância emocional enquanto a forma do relacionamento continua, à medida que os dois dedicam cada vez mais tempo e energia a suas existências individuais. Confor-

me ela vai ficando cada vez mais fora de forma a respeito de falar do que sente, mais e mais se distanciará dessa dimensão até não saber mais o que sente.

Ocorre justamente o contrário com a mulher que ri e chora com facilidade e que costuma ser afetiva e expansiva acerca de seus sentimentos. Num casamento com o Apolo inexpressivo, essa mulher pode acabar percebendo que, com o tempo, se torna versão exacerbada de si mesma e se mostra cada vez mais irracional e histérica, conforme ele vai se recolhendo mais e mais. Os esforços dela são provocadores e normalmente mal-sucedidos. Ela tenta obrigá-lo a ter reação emocional, seja pelas lágrimas, seja pela raiva, com ameaças ou acusações. Mas tudo o que consegue é ele ficar ainda mais frio e racional, e progressivamente mais distante, e ela cada vez mais descontrolada.

MODOS DE CRESCER

A tarefa do homem Apolo é crescer e superar os limites da mente lógica e racional. Para que se torne pessoa completa, ele precisa conhecer tanto do coração quanto estar em sintonia com o corpo. Podem ser necessárias também algumas lições de humildade.

Proporcionando espaço para Dioniso

O deus Apolo deu espaço a Dioniso em Delfos: durante os três meses do inverno, Dioniso era cultuado e celebrado nesse templo. Nesse sentido, Apolo repartiu seu recinto secreto com o deus que era seu oposto. Para que o homem supere os limites do arquétipo de Apolo, também precisa dar espaço a Dioniso em seu psiquismo.

O Apolo de idéias claras e que vê a realidade é expressão mítica do funcionamento do hemisfério cerebral

esquerdo, ao passo que Dioniso, como deus da fusão de almas, da embriaguez mística e da visão extática é o lado direito do cérebro em ação. O homem Apolo vive conscientemente só na metade esquerda de sua cabeça e presume que sua perspectiva é a única realidade que importa. O preceito do filósofo René Descartes "cogito, ergo sum" (penso, logo existo) resume a noção de identidade do homem apolíneo: não tem consciência de que alguma outra coisa além de sua capacidade de pensar pode definir o homem e dar-lhe significado.

Assim como foi em Delfos, Apolo deve sair para que Dioniso seja reverenciado. O homem Apolo deve captar cognitivamente essa necessidade antes de ceder tempo e espaço em sua vida e em sua psique para Dioniso. Ele deve buscar a oportunidade de viver no momento, de se deixar absorver pelas sensações, pelos sentimentos, pela imaginação, pelas experiências externas. Depois, pode ser possível que Dioniso se torne presente.

Para muitos homens Apolo, o acesso mais fácil a Dioniso ocorre por meio da música e da dança dionisíaca. Apolo já pode ter alcançado altas esferas espirituais por intermédio da música clássica, e saber como é poderosa a música que o transporta a nível mental de êxtase. A música dionisíaca, por outro lado, percebe-se como vivência corporal, que o convida a dançar sem inibições, espontaneamente, e a reagir de maneira instintiva, deixando que o corpo faça o que sentir vontade de fazer, sentindo que é a música que o leva.

Dioniso faz amor como faz música, diferentemente de Apolo. O homem Apolo é interessado em atingir metas e agir de forma técnica, quando faz amor e em todas as demais esferas de sua vida. Quando descobre como levar determinada mulher até o orgasmo, sua experiência se torna progressão linear que vai de uma zona erógena a outra, até que seja alcançada a meta do orgasmo. Como

amante, Apolo pode dominar a técnica, da mesma forma como o músico domina determinada peça musical no seu instrumento predileto. Com a dedicação vem o progresso e até mesmo certo virtuosismo. Mas ainda é performance. Embora fazer amor de maneira apolínea possa ser agradável (afinal orgasmos regulares são uma boa sensação), a menos que Apolo fique de lado para que Dioniso penetre nesse nível, a experiência sexual do casal muito provavelmente não se tornará comunhão de almas nem terá união emocional.

Apolo não pode deixar a esfera do amor e da sexualidade a cargo de Dioniso se precisar ficar atento ao relógio ou se se sentir inibido com os ruídos, ou ficar constrangido de alguma outra maneira. Apolo continua dominando se o homem se observa e critica o modo como faz amor.

É esse motivo que os terapeutas sexuais enfatizam o "processo de sentir prazer", a lenta descoberta do que traz uma sensação gostosa no corpo e cultivar essas vivências, pelo prazer que dão.

Liberando a mulher interior

Um dos preceitos de Apolo, "Mantenha a mulher sob controle", descreve o que o homem Apolo faz com a sua própria "mulher interior". Esta é chamada de *anima* pela psicologia junguiana e é o arquétipo do feminino na psique masculina e pode também ser personificada como deusa. William Sloane Coffin, antigo capelão universitário na Universidade de Yale (bastião dos homens Apolo), comentou certa feita: "A mulher que mais precisa ser liberada é a que está dentro de cada homem".

A *anima*, ou mulher interior, é o aspecto feminino em grande parte inconsciente nos homens que, para Jung, era o mesmo que o reino dos sentimentos e dos vínculos

afetivos. A *anima* está ligada à emotividade do homem e à sua capacidade para a proximidade e a receptividade, que Jung considerava subdesenvolvidas no homem. (Acho que essa dinâmica é verdadeira para maioria significativa dos homens, mas não para aqueles cuja função sentimento é mais desenvolvida que seu pensamento.)

Ao liberar a *anima* e demonstrar apreciação pelos valores afetivos "femininos", o homem Apolo pode honrar os seus próprios sentimentos e os dos outros. Isso lhe abre a possibilidade de se sentir conectado com a terra e todas as criaturas vivas, ao retirá-lo de seu distanciamento mental e situá-lo no coração ou em seu corpo.

Para a maioria dos homens Apolo, a mulher interior a *anima* se desenvolve aos poucos, por meio de mulheres amorosas que não vivem em sua cabeça e que podem defender seus valores afetivos. Entre elas estão a mãe, a irmã, a amiga, a namorada, a esposa. O homem Apolo costuma ofender ou ferir os sentimentos das pessoas não tomando consciência da afetividade ou sendo autocentrado. Mas se ele se importar com elas o suficiente para não querer causar-lhes dano nem deixá-las com raiva, ele lhes dará ouvidos e aprenderá sobre os sentimentos e, assim, poderá soltar a sua própria mulher interior, que defende os mesmos valores.

Aprendendo a humildade

Quando o homem é Apolo abençoado pelo sol, começa a vida com o status de filho favorito da família e com a nítida vantagem de ter a personalidade que mais tem chances de obter êxito no mundo patriarcal. O homem Apolo bem-sucedido assume de forma característica o crédito por suas realizações e presume que seu êxito é bem merecido. Sua arrogância, ou orgulho, envolve receber todo o crédito por suas realizações. Ele também pode cul-

par os outros por não conseguirem se sair bem, sem considerar as circunstâncias, o sexo, a personalidade ou a inteligência — o que é típico do homem Apolo que acha difícil se imaginar no lugar da outra pessoa. Por exemplo, o membro da Suprema Corte dos Estados Unidos, William Rehnquist, e o juiz Antonin Scalia, que correspondem ao modelo de Apolo, são descritos como “homens que construíram a própria carreira, que tendem a ser impacientes com as queixas dos que não conseguiram corresponder às realizações deles”.⁸

Talvez o homem Apolo tenha realmente de passar pela necessidade de se pôr numa posição bastante diferente, sofrendo perdas e entrando em luto, antes de perceber quanto fora arrogante até então e quanto não sabia ou não valorizava. Pode ser que ele precise cometer erro terrível e ser perdoado para vivenciar a humildade. Pode ser que precise envelhecer para ficar mais sábio, e isso só porque a vida oferece situações humilhantes que lhe ensinarão que ele e os outros são humanos. Só então é que o homem Apolo pode conseguir pensar: “Ainda que não seja por mérito meu, ou que seja por uma dádiva que me foi dada, vou”; ou conjecturar: “Se aquilo tivesse acontecido comigo, será que eu conseguiria ter-me saído tão bem?”

O amor como motivação

O homem Apolo tem a acentuada tendência de sempre fazer o que se espera dele, sem se questionar se é mesmo o que ele realmente quer fazer. Desde os tempos em que era garotinho, ganhava aprovação e amor por se conformar com as regras que, dada sua base arquetípica, não tinha dificuldades para aceitar. Em geral leva mais da metade da vida e talvez até uma depressão na meia-idade, para que o homem Apolo passe a questionar se faz o trabalho que quer fazer, se está onde quer estar, se ama a esposa.

O homem Apolo transcende os limites de sua identificação com o arquétipo que o cobre quando toma decisões baseadas no amor. Então vai mais além de Apolo cujas decisões são tomadas só com base na lógica. A partir desse momento, começa a percorrer território desconhecido. No entanto, a capacidade de Apolo para discriminar e avaliar, e para aguardar, podem ajudá-lo quando precisar distinguir entre amor e fascínio passageiro.

Quando segue o seu coração, o homem Apolo se torna humano; sabe que é falível e vulnerável, mas pode ir além dos limites de seu mundo “conhecido” (racional). Pode correr riscos. Ele abre mão da distância emocional que o protegia e o mantinha isolado.

HERMES, DEUS MENSAGEIRO E GUIA DAS ALMAS — COMUNICADOR, TRAQUINAS, VIAJANTE

Ele é o deus do inesperado, da sorte, das coincidências, da sincronicidade. "Hermes está entre nós", diziam os antigos gregos quando um silêncio súbito caía na sala, envolvia a conversa, acrescentava outra dimensão à reunião. Sempre que as coisas parecem fixas, rígidas, "empacadas", Hermes introduz a fluidez, o movimento, novos começos e a confusão que quase inevitavelmente precede novos inícios.

Arianna Stassinopoulos, *The Gods of Greece*

Temos nele o mestre da engenhosidade, o guia dos bandos, o amigo e amante das ninfas e graças, o espírito da noite, do sono e dos sonhos. Nada pode expressar melhor os elementos joviais e, ao mesmo tempo, sombriamente misteriosos, ternos e sedutores de Hermes que os tons magicamente suaves da lira ou da flauta.

Walter W. F. Otto, *The Homeric Gods*

Hermes, como deus, arquétipo e homem personifica a rapidez de movimentos, a agilidade mental, a habilidade com palavras; movendo-se depressa, seja como metáfora, seja como imagem do masculino, ele cruza as fronteiras e muda facilmente de nível.

Hermes (mais conhecido por seu nome romano, Mercúrio) é o mensageiro dos deuses, o eloqüente deus da fala, e o guia das almas até o mundo inferior; protetor dos atletas, viajantes, ladrões e negociantes; tido como inventor da lira, dos números e do alfabeto. Era conhecido como "o mais amistoso dos deuses para os homens", e a divindade que trazia sorte.

Hermes costumava ser retratado como rapaz. Homero descreveu-o como jovem príncipe na época em que a barba começa a crescer. Em suas missões como mensageiro dos deuses, usava um chapéu de viajante de abas largas, onde às vezes colocava duas asas. Seus calçados, ou sandálias, também eram alados e ele levava um caduceu. Geralmente, o caduceu era representado como um bastão simples envolvido por duas fitas (ou serpentes) brancas, um tipo de varinha mágica que era o símbolo da autoridade e da inviolabilidade do arauto dos deuses.

Hermes, cujo nome significa "aquele da pilha de pedras", foi chamado dessa forma em razão das pilastras de pedras que serviam de demarcação de território para os viajantes; cada um que passava, acrescentava a sua pedra à pilha. Às vezes, esses montes de pedras também assinalavam túmulos, que eram comuns à margem dos caminhos, na antigüidade. Mais tarde, esses pilares de pedra chamados "hermas" passaram a ser colocados na entrada das casas gregas ou sinalizavam os limites das propriedades.

Genealogia e mitologia

Hermes era o filho de Zeus e Maia. Maia era deusa tímida, que vivia numa caverna da montanha, onde à noite era visitada por Zeus (enquanto Hera dormia e, pelo

menos então, não tomava conhecimento das infidelidades do marido.) Maia era filha de Atlas, o Titã que carregava os céus nos ombros. Era uma das Plêiades, a constelação das estrelas irmãs, no céu noturno.

Sempre em movimento, desde o instante em que nasceu, Hermes veio à luz pela manhã, inventou e tocou a lira à tarde, roubou as vacas de Apolo ao entardecer e à noite estava de volta em seu berço, fingindo-se inocente. Esse seu primeiro dia de vida foi o prelúdio em que ficaram expostos os principais temas que caracterizam Hermes. Recém-nascido, ele se aventurou audaciosamente fora do berço indo em busca do mundo, observando uma tartaruga movendo-se lentamente perto da entrada da caverna onde morava sua mãe. Inspirado pelo que poderia fazer com a tartaruga, e agindo rapidamente para pôr em prática sua idéia, cortou o animal, tirou a carapaça, atou a ela duas travessas de bambu nas quais amarrou sete cordas e, com isso, inventou a lira. Hermes tocou a lira e cantou, fazendo música que despertava alegria, amor e sono tranquilo.

Depois de colocar a lira no berço, o bebê Hermes teve fome de carne. Novamente saiu da caverna, desta vez para espreitar e roubar algumas cabeças de gado de seu meio-irmão, Apolo. O jovem ladrão de gado encontrou as vacas de Apolo pastando; apartou cinquenta animais e fez com que elas andassem de costas, e com isso as marcas de seus cascos traseiros apareciam na frente e as dos dianteiros, atrás. Para si, confeccionou palmilhas com folhas e galhos e com isso encobriu os próprios rastros. Quando chegou com as vacas a um local em que poderia escondê-las, Hermes fez grande fogueira (esfregando gravetos uns nos outros com um pavio e, assim, inventou a mecha) e assou duas reses. Quando terminou, jogou as palmilhas de galhos no rio, espalhou as cinzas e voltou silenciosamente para a caverna de sua mãe. Ali se deitou de novo

em seu berço, colocou a lira sob o braço e se enrolou em suas fraldas e cueiros.

Apolo descobriu que seu gado fora roubado, observou que havia pegadas que pareciam ir em direções opostas, e não se deixou enganar. Cheio de raiva foi até a caverna de Maia e exigiu que Hermes lhe dissesse onde as vacas estavam escondidas. O bebê Hermes negou com convicção qualquer conhecimento do paradeiro das vacas que faltavam, e perguntou: "Será que pareço um homem forte para roubar vacas? Minhas ocupações são muito diversas e fico dormindo, bebendo o leite de minha mãe, deitado em meu berço entre as minhas fraldas e cueiros, ou tomando banho de água morna. Eu nasci ontem, e meus pés são macios contra o chão duro". E Hermes jurou pela cabeça de seu pai que não sabia de coisa alguma sobre as vacas.

Apolo sorriu diante dessa demonstração de inocência e chamou Hermes de "astucioso enganador", que falava como ladrão experiente". Mais tarde, na presença de Zeus, Apolo e Hermes repetiram suas histórias, divertindo Zeus, que percebeu a verdade e obrigou Hermes a mostrar a Apolo onde estava escondido o seu gado.

Apolo sentia uma vontade imensa de ter a lira e prometeu dar qualquer coisa por ela. Por sua habilidade na confecção do instrumento, Hermes ficou com as cinquenta vacas, o cajado e o status de pastor, e, ou o bastão dourado encimado por três folhas, que garantem riqueza, domínio sobre os animais e modesta habilidade de prever o futuro, e/ou o caduceu, o bastão alado e adornado por duas fitas ou serpentes brancas, que o identificam como mensageiro e acompanhante das almas até o mundo inferior.

Hermes é mais conhecido como o Deus Mensageiro e como o deus que prestava muitos outros serviços de utilidade para os olímpicos. Atendendo a um pedido de Zeus,

foi até o mundo inferior para trazer Perséfone de volta para a mãe. Também salvou Ares, que estava preso num jarro de bronze; ajudou Zeus a dar à luz Dioniso, que estava guardado em sua coxa, e acompanhou Afrodite, Atená e Hera ao julgamento de Páris (no qual Páris escolheu Afrodite como a mais linda).

Os filhos de Hermes

Os muitos filhos de Hermes foram descendentes de sua própria natureza. Em Autólico e Mírtilo seus piores lados se mostraram com toda a intensidade. O fato é que Autólico era arquiladrão e capaz de todos os perjúrios, mas sem o encanto do jovem Hermes. A engenhosidade de Mírtilo e sua sociopatia causaram a morte de seu governante numa corrida de carros. Subornado por um dos competidores, ele colocou cavilhas de cera em lugar das de metal, no eixo do carro adversário.

O amoral Pã foi outro dos famosos filhos de Hermes, criatura que era bode da cintura para baixo, com chifres e barba de bode, arisco, lascivo e facilmente irritável. Pã era o deus das florestas, das pastagens, dos rebanhos e dos pastores. Já seu filho, Eudoro ("o áureo doador"), personificou o lado gentil de Hermes, como o pastor fiel e singelo que conduz o rebanho, e é extensão ou expressão do aspecto prestativo e acolhedor que Hermes também tinha. Seu filho mais notável, Hermafrodito, reflete a natureza andrógina e bissexual de Hermes, e traz o nome e as características sexuais de seus pais Afrodite e Hermes.

Hermes teve vários romances. Exceto por sua ligação com Afrodite, nenhum deles foi relatado em detalhes, e nenhuma das mães dos outros filhos que não Hermafrodito merece menção em seus mitos. Hermes pode ser considerado o deus solteiro.

Hermes e a alquimia

Na alquimia, Hermes-Mercúrio era o espírito oculto na matéria. Era o símbolo que unia os opostos: metálico e ao mesmo tempo líquido, matéria e ao mesmo tempo espírito, frio mas explosivo, veneno e ao mesmo tempo cura pela seca.¹ Como substância, o mercúrio só adere a metal precioso; metaforicamente, Hermes pode mostrar o caminho até o ouro espiritual.

A alquimia floresceu durante a época da Inquisição na Idade Média, quando os esforços para encontrar a verdade espiritual e as experiências místicas fora da Igreja católica romana eram banidos e punidos como heresia. Há quem diga que Hermes inventou a alquimia; e ele também foi tema de metáforas sexuais alquímicas, já que era o hermafrodita. Escondido nos tratados de alquimia, como descreve C. G. Jung em seu *Psicologia e alquimia*, Hermes era o comunicador: por meio das metáforas, era o guia das almas na jornada mística e psicológica que buscava unir os elementos masculinos e femininos.

O caduceu: bastão de Hermes

Hermes portava o caduceu, bastão encimado por asas e em cujo eixo se enrolavam duas serpentes que o identificavam como deus mensageiro e guia das almas. As serpentes gêmeas do caduceu de Hermes têm muitos significados: os alquimistas consideravam as serpentes macho e fêmea; por meio do misticismo hermético, o espírito masculino e a alma feminina se uniam. As serpentes duplas também representaram os fios gêmeos da morte e do renascimento. Mais recentemente, foram considerados símbolos da cadeia de DNA, através da qual a informação genética codificada é comunicada na forma da matéria viva. Seja como novo simbolismo, seja como me-

táfora ancestral, no entanto, Hermes está firmemente identificado com o papel de mensageiro entre reinos.

O caduceu de Hermes é diferente do de Asclépio, deus da cura, que tinha uma única serpente enroscada em seu eixo.

HERMES, O ARQUÉTIPO

Como o deus Hermes, o arquétipo também tem potencialidades positivas e negativas. Inventividade, a capacidade de se comunicar bem e a capacidade de pensar e agir rapidamente são traços que podem ser usados criativamente tanto para obter resultados como para ludibriar. Hermes ainda é arquétipo essencialmente criativo como comunicador de significados e salvador da criança.

O mensageiro

Hermes viajava freqüente e velozmente entre o Olimpo e o mundo inferior, entre o Olimpo e a terra, entre a terra e o mundo inferior. Deslocava-se facilmente entre todos esses níveis, cruzando sem obstáculos todas as fronteiras.

Os homens (e as mulheres) que também contam com essa mobilidade costumam se sentir à vontade nos mundos da diplomacia, da mídia e do comércio. São os negociantes e comunicadores do mundo, transportando bens, informações e cultura de um lugar para outro. Para Hermes, cabe tudo num dia de trabalho: ir até outra cidade ou país, penetrar na Cortina de Ferro, ou ser o primeiro a chegar a um lugar de difícil acesso. Hermes pode viajar pessoalmente ou por meio de rádio, televisão ou texto escrito. Fazer acordos, fazer dinheiro e fazer aliados são desafios que empolgam as pessoas Hermes.

Os famosos viajantes do passado, Marco Polo (que abriu as rotas comerciais entre a Europa, a China e a Índia), e Sir Richard Burton (homem de muitas máscaras cujas diversas aventuras nos países islâmicos culminaram com sua entrada em Meca), precisavam ser como Hermes e sentir prazer nas suas aventuras, sendo bem-sucedidos no que faziam como viajantes e escritores. Isso também é verdade a respeito de Alexandra David-Neel, que se aventurou pelo Tibete e escreveu sobre suas incursões nos mistérios do lugar. Os mais conhecidos exploradores das realidades extraordinárias, na atualidade, são os autores Carlos Castañeda e Lynn Andrews, cada um dos quais escreveu uma série de livros narrando suas aventuras, riscos e conhecimentos obtidos em seus respectivos processos de aprendizagem com os xamãs nativos norte-americanos. Como Hermes, Castañeda e Andrews passam de um nível para outro quando atravessam as fronteiras do mundo ordinário e entram no mundo dos espíritos e forças telúricas.

O Hermes contemporâneo pode trabalhar em escritórios diplomáticos, ser representante de corporação multinacional, peripatético, palestrante de reputação internacional, guia turístico. Quer negociando um acordo ou barganhando quinilhões, quanto mais parecida com Hermes for a pessoa, mais tem chances de se superar em sua capacidade de persuasão e resolver a situação com uma "abordagem financeira criativa".

Preocupar-se com a coisa ser ilegal ou errada não faz parte das maiores cogitações da mente hermética. Ele raramente perde o sono refletindo se algo é certo ou errado. Portanto, pode ser o conselheiro legal de mafiosos e, no melhor estilo de um Hermes, cruzar as fronteiras entre o que é o mundo legítimo e o submundo do crime. Sua única preocupação é se o plano ou a negociação funcionarão; pensar criativamente faz dele solucionador de problemas nota dez.

O traquinas

No primeiro dia de nascido, Hermes estava às voltas com o furto das vacas do seu irmão Apolo, astutamente encobrendo suas pegadas ao amarrar palmilhas de galhos nos pés e fazendo os animais deixarem pistas falsas ao obrigá-los a andar de costas. Em seguida, tenta se fazer passar por um recém-nascido inocente, mentindo com toda a sinceridade a seu próprio respeito. Esse é o Hermes Traquinas, o arquétipo conhecido no mundo todo, caracterizado pela astúcia, pela esperteza e pela capacidade de mudar de forma.

O Traquinas é conhecido como Coiote pelos nativos norte-americanos. Para os esquimós, é o Corvo. Para os japoneses, o ardiloso Texugo. É uma criatura inventiva e obtém o que quer, seja pela astúcia, seja furtando. É mais vezes admirado que condenado pelas espertezas, dependendo do que furta e de quem. Quando é Robin Hood tirando dos ricos opressores para dar aos pobres, ou quando é Prometeu roubando o fogo dos deuses para dá-lo à humanidade, o Traquinas é valorizado como herói. Por exemplo, há séries de televisão hoje em dia em que o protagonista tem a natureza de Hermes, e que, seguindo o princípio "os semelhantes se conhecem", usa agora só em causas nobres seu antigo talento para se apossar dos bens alheios, devido à sua exímia capacidade para entrar rapidamente e de forma ilegal em lugares diversos e de se disfarçar, como verdadeiro camaleão.

No entanto, o traquinas da vida real pode acabar se revelando "vigarista", em vez de herói improvável. Pode ser o vendedor inescrupuloso que planta armadilhas astutas para lograr as pessoas fazendo-as comprar o que não precisam, ou o homem de inteira confiança que ludibria as pessoas. Como traquinas, Hermes é o arquétipo do sociopata charmoso que não tem nenhum pudor para mentir ou se apossar do que quer.

Esse lado traquinas de Hermes não precisa, porém, ser vivido de forma negativa. A capacidade de pensar como traquinas pode ajudar o terapeuta a entender o que pode se passar na cabeça da outra pessoa, ajudar o detetive a sobressair em suas investigações, ajudar uma pessoa a resolver problemas de forma criativa e inédita.

O irmão rival mais novo

A posição na seqüência dos nascimentos pode contribuir para o desenvolvimento do arquétipo do Hermes. O relacionamento do deus Hermes com o irmão mais velho, Apolo, é a chave para entender o aspecto competitivo e aquisitivo de sua personalidade. Hermes chega ao mundo agudamente consciente de seu status de "não-ter" e prontamente furta do irmão mais velho. Em resposta a Hermes, Apolo foi por sua vez vitimizado, enfurecido, apaziguado e seduzido. Embora os dois irmãos adquiram, no fim das contas, as habilidades ou o poder um do outro, em suas permutas, foi Hermes quem começou com nada e ganhou muito.

Como entra em cena mais tarde que um irmão mais velho, o mais novo em geral começa competindo, e se valendo de seus encantos de bebê para tanto. Apesar de ir ficando mais velho, continua menor em tamanho e com menos experiência. Por isso, precisa usar de astúcia. Sendo mais novo, não pode bater no mais velho. Tendo Hermes como arquétipo, o irmão mais novo aprende como usar as palavras para sair de confrontos físicos, nos quais estaria em desvantagem. Usa estratégia para obter o que quer, seja um objeto material ou uma prerrogativa que pertença ao irmão mais velho.

O "irmão mais novo" se vê como o inferior que precisa lutar para ter uma posição. Até que Joseph Kennedy Jr., o mais velho dos filhos da dinastia, fosse morto em

combate aéreo durante a Segunda Guerra Mundial, o papel de Hermes segundo-lugar era do irmão seguinte, John F. Kennedy. A saúde mais débil e o menor vigor físico de Jack colocavam-no em desvantagem, que ele compensava esforçando-se para atingir o domínio da expressão verbal, e otimizava escolhendo cuidadosamente as arenas em que iria competir.

O guia

Em sua mitologia, Hermes freqüentemente acompanhava as pessoas que iam de um reino para outro. Como Hermes Psicopompo, era o acompanhante das almas dos mortos até o mundo inferior. Também estava ao lado de Perséfone quando ela saiu do mundo inferior, voltando para a mãe, Deméter.

Hermes era representado pela "herma", pilha baixa ou pequeno pilar de pedras que demarcava os limites de uma propriedade, as margens das estradas, os túmulos e a entrada de cada casa. Nesse sentido, Hermes era o deus que sinalizava os limites e também o deus que cruzava todos eles.

Murray Stein, analista junguiano, chama Hermes de o Deus das Passagens Significativas. Hermes é o arquétipo que se faz presente quando há uma transição entre fases psicológicas, especialmente nas mudanças da vida adulta. É deus liminal, presente no espaço transicional (liminal vem do grego *limen*, que era o espaço sob a soleira da porta, ou o limiar).²

Muitas vezes o psicoterapeuta faz o papel de Hermes, como guia das almas que estão em processo de passagens significativas. As pessoas buscam ajuda nas fases de depressão que seguem à perda de pessoa importante ou de papel significativo em sua vida, ou nos períodos de incerteza e de ansiedade quando algo novo e forte lhes apare-

ce, ou nas transições de uma fase da vida para outra. Por algum tempo, o terapeuta acompanha a pessoa em sua jornada, da mesma forma que Hermes fazia com os viajantes. Às vezes, o terapeuta ajuda a pessoa a enxergar os perigos numa situação e sobreviver a eles, assim como Hermes fez com Odisseu, aparecendo no momento em que este estava prestes a encontrar-se com Circe, a feiticeira que havia transformado os homens em porcos. Hermes deu a Odisseu a visão e a proteção contra o poder de Circe.

O padrão Hermes também guia a pessoa que busca significado e a integração dos reinos do espírito (Olimpo), da vida humana (terra) e da alma (mundo inferior), e depois comunica ou ensina o que aprendeu. Enquanto viajante que atravessa níveis, Hermes busca entender, integrar e comunicar conteúdos do mundo mental consciente da mente e do intelecto (Olimpo), do reino em que o Eu decide e age (terra), e do inconsciente coletivo (o mundo inferior).

O alquimista

Hermes foi considerado o pai da alquimia, a ciência arcana que se dedicava a tentar transformar chumbo em ouro, e que também era busca espiritual e psicológica para transmutar o que era básico na psique em ouro. O "alquimista" busca o significado (o "ouro") da experiência e almeja passar por momentos de transformação. Jung comenta sobre esse aspecto do arquétipo de Hermes como o Espírito Mercurius, segundo o nome romano desse deus, Mercúrio.

Salvador da criança

Hermes desceu ao mundo inferior para tentar trazer de volta a filha raptada de Deméter, Perséfone. Ele resgatou o deus bebê Dioniso pelo menos duas vezes, sal-

vando-lhe a vida e protegendo-o de danos. O menino Ares também devia a vida a Hermes. Hermes é o arquétipo ou a metáfora que salva o que é inocente e vulnerável, ou divino e sagrado, conferindo significado ao que, se não fosse por ele, seria experiência terrível.

Senti a presença salvadora de Hermes quando meus pacientes adultos falaram dos abusos sofridos na infância, e quando li sobre crianças que não desistiram, mesmo em pânico, ao se perceberem perdidas no mato ou lutando para boiar no mar durante horas. Uma mensagem de explicação foi até elas e lhes deu ânimo para continuarem. Para a criança vítima de abuso foi alguma explicação; por exemplo, "esses não são meus pais; estou sendo testada". Para a criança que não desiste, a mensagem pode ser "alguém virá", ou "não posso morrer, eu sou importante para alguém". Em meio à horrível provação, a criança se agarra à mensagem, que salva sua alma e não a deixa desistir.

Hermes também resgata a criança embutida no adulto deprimido. Nesse caso, Hermes pode ser parte de outra pessoa (tanto quanto uma figura interior), que fornece a experiência libertadora ou o *insight* transformador que libera a parte jovial, confiante e vulnerável do adulto, até então cativa no mundo inferior (outra metáfora é o jarro que aprisiona: o jarro de bronze de Ares, ou a redoma de vidro da poetisa e romancista Sylvia Plath). E, finalmente, Hermes ativa ou salva o arquétipo da criança divina (representado pelo Dioniso criança), como dinamismo latente em todos nós (e que será tema de discussão mais minuciosa em capítulo à parte).

Cultivando Hermes

Convidamos Hermes a estar conosco todas as vezes que nos dispomos a explorar novos territórios, com abertura e destemor, numa atitude que pode tanto servir a

leituras quanto a viagens por países desconhecidos. Esse arquétipo torna possível a espontaneidade entre nós e quem e o que encontramos, sejam estes lugares, objetos, pessoas. Hermes nos abre para momentos de descoberta e para eventos sincrônicos, ou seja, aquelas "coincidências" que acabam se revelando significativas, os eventos imprevistos e "acidentais" que nos encaminham para alguma parte que não havia como saber antes que iríamos conhecer e que, não obstante, termina se revelando inacreditavelmente perfeita. As pessoas carecem de Hermes se sua mente fica apegada a determinado itinerário ou horário, se elas já saem sabendo com antecedência exatamente o que verão e quando. Assim, quando saímos de férias ou simplesmente passamos um dia sem programação, numa atitude de aventura, sem saber o que iremos encontrar, deixando que cada dia se configure por si, convidamos Hermes para nos acompanhar, para fazer parte de nós.

Também entramos em contato com Hermes, o comunicador e mensageiro, quando temos oportunidade de falar e nos dispomos a "dar asas" a esse conteúdo. Hermes é a eloquência não planejada, o vínculo que acontece de improviso, que pode oferecer experiência profunda ou elevada tanto para o orador como para a audiência, e que leva as pessoas de um nível para outro. Confiamos em que Hermes, o alado, estará conosco quando, em vez de redigir um discurso bem-estruturado e cheio de referências, falamos espontaneamente, tendo na cabeça apenas um esboço dos tópicos a serem abordados. Quando damos asas a esses conteúdos, entramos em contato com a engenhosidade de Hermes, guiamos o material de maneira fluida, que não ocorre de jeito nenhum nas apresentações planejadas e minuciosamente esculpidas de um Apolo. Falamos do que sabemos, com base em nossa própria experiência. Isso frequentemente requer coragem no

princípio, mas com a prática de agir espontaneamente vai aumentando nossa confiança em Hermes.

HERMES, O HOMEM

O homem Hermes tem mente ligeira. Capta o significado de uma idéia ou situação e age rapidamente com base em sua intuição. Em geral também tem uma qualidade física de "estar sempre em movimento", ao elegante e agilmente ir de uma pessoa a outra, de um lugar a outro, de uma idéia a outra. Tentar fixá-lo em qualquer coisa pode ser tão difícil quanto tentar pegar mercúrio com os dedos.

Primeiros anos de vida

O deus Hermes foi o mais precoce dos deuses. Desde seu primeiro dia de nascido, estava em atividade, mostrando-se criativo e enganador. Traços como esses são típicos da criança Hermes pequena, que normalmente fala e anda cedo e desde logo mostra-se curiosa. Para ela, a questão é passar por cima das grades do berço ou do chiqueirinho e entrar de vez no mundo. Explora tudo, toca tudo em que puder colocar as mãos e participa de todas as situações, passando por todas as portas que estiverem destrancadas. Se for pega com "as mãos na botija", provavelmente vai fazer a maior cara de inocente encantadora. É o menino curioso e amistoso, com interesse genuíno por tudo e por todos, de modo que se dá bem com pessoas de todos os tipos e idades. Por ser curioso, o mundo para o menino Hermes é lugar fascinante.

A pré-escola e os primeiros anos do primeiro grau são normalmente fáceis para o pequeno Hermes. Na escola, aprende depressa e acha tudo ali compatível com

sua natureza, até que esperem dele que fique quieto no lugar e desenvolva bons hábitos de estudo.

Alguns de seus possíveis problemas começam, de maneira bem inocente, já na infância. Ele pode inventar histórias e desculpas e atravessar a linha passando a mentir habitualmente, mesmo quando a verdade seria aceitável. Ele talvez não aprenda o que são as "coisas dos outros", crie "dedos compridos", e pegue tudo pelo que se sentir atraído. Esse inocente comportamento infantil pode transformar-se num jovem larápio. Como o que faz em geral não tem uma intenção maldosa, suas transgressões não costumam ser levadas a sério o bastante, e suas desculpas são recebidas como divertimento. Tudo isso pode prejudicar a formação de seu caráter. Por outro lado, pode ser julgado com severidade excessiva e, desde bem cedo, ser injustamente rotulado como má criança.

Seus pais

É crucial o modo como os pais de um menino Hermes reagem a suas histórias, inventadas no calor do momento, e às coisas que aparecem com ele e que não consegue explicar. Precisa ser flagrado na mentira ou no ato ilícito e ensinado quanto à diferença entre a verdade e o faz-de-conta (já que pode transitar entre a realidade e a imaginação prontamente, sem respeitar os limites), em vez de ter licença para continuar com conduta que futuramente lhe trará problemas ou será motivo de má opinião a seu respeito. O respeito pela propriedade e pela privacidade dos outros também são lições que precisa aprender.

Quando a mãe de menino Hermes cria sozinha esse filho, a história mítica de Hermes e sua mãe Maia pode ser reencenada na vida real. O menino inteligente e desprivilegiado pode, bem cedo, enxergar que para ele e a mãe terem alguma coisa, vai ter de descobrir um jeito.

No "Hino Homérico a Hermes", Hermes e a mãe têm uma conversa na qual ele lhe diz claramente que não aceitará a situação precária em que vivem e nem a definição que ela dá para o que é certo que ele faça. O diálogo dos dois contém a essência do relacionamento entre o filho brilhante e ambicioso que não pretende viver segundo os critérios da mãe, que se atém às regras convencionais e que, não obstante, se esforçará para dar-lhe as melhores coisas da vida. Depois de sua saída noturna para roubar as vacas de Apolo, Hermes entra de volta na caverna de Maia na ponta dos pés e, bem quietinho, se enfia de volta no seu berço, a imagem perfeita do bebê inocente:

Mas o deus
não conseguiu enganar sua mãe,
a deusa,
que assim disse:
"O que você está aprontando, espertinho?
Onde foi que você esteve que voltou
só a esta hora da noite
com esse descaradamente todo?..."
Hermes lhe respondeu astutamente:
"Mãe, por que está me dirigindo todas essas farpas,
como se eu fosse menino
que sabe muitas regras
de cor, e que poderia se assustar,
menino que poderia se assustar
com as palavras de sua mãe?
Ora, eu me dedicarei
da mais artística maneira
sempre preocupado com você,
claro, e comigo.
Nós não permaneceremos aqui para sempre,
como você quer, os únicos dois
de todos os deuses imortais
sem receber oferenda alguma,
sem nem preces!"³

O filho Hermes pode decidir que melhorará a vida de sua mãe (e a sua também). Tem a autoconfiança e a habilidade para ver como é preciso agir para chegar aonde quer na vida, freqüentemente por vias não convencionais.

Como Hermes não gosta de ficar preso, não costuma se estabelecer. Por isso, casa é onde está a mãe. A situação que lhe parece mais compatível é a que lhe dá liberdade de ir e vir. A mulher caseira introvertida, não possessiva e auto-suficiente como Maia (a mulher que arquetipicamente é a deusa guardiã do fogo da lareira, Héstia), é a mãe mais fácil para o filho Hermes. A mãe possessiva ou vigilante de menino Hermes trará para si muitos problemas. Os esforços para mantê-lo preso a ela, especialmente pela culpa, costumam não ser bem-sucedidos. O homem Hermes é em geral filho dedicado ao seu próprio modo, e sua mãe pode continuar pela vida toda a mulher mais importante de todas, especialmente se ele não se casar, mas mesmo que o faça.

Hermes, o deus, que começou na vida como pequeno larápio, e tornou-se grandemente honrado como deus, teve pais que o ajudaram a crescer bem. Maia e Zeus deram-lhe ambos mostras de atitudes materna e paterna positivas.

Zeus era amoroso para com Hermes, e não lhe julgava o caráter, também quando era capaz de ver claramente as artimanhas do filho para tentar enganar e provar sua inocência no caso do roubo das vacas de Apolo. Depois de ouvir as juras de Hermes de que não tinha culpa, Zeus simplesmente ordenou que ele "mostrasse o lugar sem mais nenhuma tentativa de logro onde tinha escondido a formidável quantidade de vacas roubadas". E sem proferir mais nenhuma palavra Hermes obedeceu.

Essa atitude firme de Zeus, que não consente com bobagens que nada desculpam, é do que a maioria dos meninos Hermes mais precisa. Os meninos Hermes

felizardos e bem criados são, por exemplo, os que tiveram de pedir desculpas e restituir ao gerente da loja o objeto que pegaram. (Essa atitude paternal de um Zeus, assim como o amor não possessivo de Maia, podem ser expressos tanto por homens como por mulheres, pois uns e outros podem ser igualmente "paternais" e "maternais".)

Os pais de jovens Hermes delinquentes pode não reconhecer que encorajaram o potencial do filho para comportamentos anti-sociais ao lhes transmitir "mensagens duplas", assim como Zeus fez no início com Hermes. Quando ouviu Hermes mentindo sobre o roubo das vacas,

Zeus deu grande risada
enquanto olhava para aquele garoto
que fizera uma coisa nada boa
e a negava tão bem,
tão suavemente,
dizendo que não sabia de coisa nenhuma
a respeito de vacas.⁴

A risada divertida de Zeus era mostra de aprovação; sua reação às deslavadas mentiras de Hermes e ao seu perjúrio era como se Hermes tivesse feito algo que lhe agradava imensamente. Depois, Zeus teve mão mais firme.

Quando um pai ou mãe dá ao filho "mensagem dupla", essa criança recebe uma mensagem implícita que é diferente da explícita. Em suas pesquisas sobre pais de delinquentes, a psicanalista infantil Adelaide M. Johnson diz que é isso o que acontece com mais frequência.⁵ O pai ou a mãe podem rotular o comportamento de mau e até puni-lo (a mensagem explícita), mas um sorriso incongruente ou um óbvio fascínio pelos minúcias de como foi cometido o delito transmite implicitamente a mensagem de que esse adulto gostou daquela conduta. O filho desobediente "atua", portanto, de forma obediente às instruções desse pai ou dessa mãe, que experimenta vicariamente a excitação ou talvez a promiscuidade sexual, ou

os atos anti-sociais que não ousa cometer, mas que secretamente aplaude.

Adolescência e início da idade adulta

O provérbio "é de pequenino que se torce o pepino" certamente se aplica ao crescimento e ao desenvolvimento de menino Hermes. Na adolescência e início da idade adulta, o homem Hermes questiona as regras convencionais do sucesso. Interessa-lhe obter da vida tudo o que quer, mas não tem o mesmo interesse em seguir os passos que normalmente levam aonde quer chegar. Além disso, sua diversidade de interesses torna provável que esse caminho seja verdadeiro zigzague.

"Testa limites", o que é tendência apropriada para os rapazes cujo padrão de personalidade seguem Hermes, o deus dos limites, e que cruzava todos eles sem dificuldades. Esses limites podem ser "o jeito como se fazem as coisas por aqui", os horários de chegar a casa, ou o desafio de descobrir como entrar em arquivos "secretos" de um computador. Pode abandonar os estudos no colegial ou na Faculdade, para ter mais tempo de se dedicar a negócio inovador ou a nova invenção, ou cuidar de grupo de rock em que também toca, ou ser jogador profissional de rúgbi ou golfe. O homem Hermes não costuma se esforçar para tirar notas ou obter a aprovação de outros (para isso ele precisaria ter atributos de Apolo ou Zeus); quando tem sucesso, é porque o trabalho em si o fascina e estimula sua inventividade. O problema que resolve não é em geral de teor puramente intelectual ou estético; em vez disso, contém possibilidades comerciais. A carreira de Steve Wozniak, que largou a Faculdade e inventou o computador Apple, tem muitas dessas qualidades herméticas. Quando sua pequena e engenhosa empresa cresceu e uma administração de mentalidade corporativa se

instalou, Wozniak levou sua inventividade e sua recém-amealhada fortuna para outro segmento e desenvolveu um aparelho de controle remoto universal que chamou de Core. Talento, sorte, e a capacidade de efetuar mudanças em seus empreendimentos são traços típicos do Hermes bem-sucedido.

Na adolescência e início da idade adulta, outro tipo de Hermes pode começar seu padrão de perambular de um lugar a outro, de um trabalho a outro. Se seu interesse não for cultivado e seus talentos e habilidades não deixarem de ser potenciais para ser postos efetivamente em prática, ele corre o risco de permanecer em serviços marginais e se tornar perpétuo errante.

Nesse mesmo período, o Hermes adulto pode se identificar solidamente com o Hermes mentiroso e ladrão, passando a trilhar o caminho do crime, em geral como o homem de confiança de um bandido ou um criminoso de colarinho branco.

Em contraposição à tendência comercial ou criminosa que o Hermes adulto pode desenvolver no início da idade adulta, há aqueles que mergulham profundamente no estudo de temas espirituais, filosóficos ou psicológicos durante essa fase. Foi esse o caminho escolhido por Richard Alpert, o jovem e brilhante professor de Harvard que deixou uma carreira notável para buscar um guru na Índia. Hoje conhecido como Ram Dass, é professor espiritual, Hermes que pode ser identificado como guia de almas.

Trabalho

Hermes foi o mensageiro dos deuses; guia das almas ao mundo inferior e guia dos viajantes; deus da fala, dos ladrões, dos comerciantes e dos atletas; inventor dos números, do alfabeto e de dois instrumentos musicais, a lira

e a flauta doce. Em sua escolha de trabalho e em sua atitude perante o trabalho, o homem Hermes revela suas semelhanças com esse deus: o homem Hermes não costuma ser especialista em algo muito específico, nem engrenagem feliz numa imensa corporação. Sua individualidade e sua diversidade de interesses tornam improváveis essas duas ocupações. Ele não gosta de fazer nada "segundo regras fixas". Sua mente ligeira acha caminhos alternativos e soluções ou atalhos. Seja em que campo for, é provável que seja engenhoso generalista com atitude empreendedora. É oportunista no senso mais neutro possível da palavra: é capaz de captar a importância de uma idéia ou de uma pessoa e aproveitar a oportunidade que o momento oferece. Isto, ao lado de sua capacidade como comunicador, fazem dele vendedor ou negociador muito bom. Esse Hermes é inovador sempre aberto a novidades, que entrecruza prolificamente idéias de campos diferentes e pode ir bem além das limitações costumeiras para concretizar o que quer.

Gordon Sumner, conhecido como Sting, é Hermes contemporâneo que conseguiu administrar com grande êxito várias facetas de sua carreira profissional: de professor escolar a astro do rock, de compositor a cantor do famoso grupo *Police*, cujos álbuns venderam milhões de cópias (o que se chamou *Synchronicity* deveu seu nome aos escritos do psicólogo Carl Jung, e *The Ghost in the Machine* foi inspirado no trabalho do filósofo Arthur Koestler). Sting foi de astro do rock para astro do cinema; de espetáculos com a banda *Police* para trabalhos solo, no disco *The Dream of the Blue Turtles*.

Sting é descrito por um jornalista como homem que "está sempre com pressa. Viaja com pouca bagagem e só permanece brevemente em cada lugar... cruzei com ele em três países diferentes num intervalo de três meses".⁶ Como Hermes típico, não gosta de se fixar em nada, valo-

riza sua liberdade para trafegar por todos os reinos psicológicos e físicos que atravessa depressa, incluindo os aspectos "claros e escuros" de sua personalidade. A esse respeito, parece muito junguiano, o que é bem apropriado para um homem que cogita em se tornar um analista junguiano quando ficar muito mais velho.

Segundo citado na revista Record, Sting disse:

Se você lê a minha história na imprensa inglesa, primeiro sou apresentado como o menino de ouro, de cabelos loiros, talentoso, belo. Nessa fase sou o sujeito que dá aulas numa escola primária, que tem uma esposa linda e talentosa e um filho. Era esportista, não usava drogas. Depois a imprensa descobriu que prejudiquei pessoas e que, é verdade, usara drogas. Então comecei a representar esses papéis de vilão e de repente me tornei mau elemento, nos jornais da Inglaterra. Para mim isso foi ótimo, porque significava que estava livre para fazer o que quisesse. Portanto, agora a imprensa inglesa está totalmente confusa quanto a quem eu sou, o que para mim é excelente. Às vezes, sou um bom menino, às vezes sou mau. Sou assim.⁷

Essa designação de "bom menino, mau menino" é evidentemente também o Hermes falando.

O arquétipo de Hermes confere qualidades que contribuem para bom desempenho dentro da psicoterapia. Como o Hermes que acompanhava e guiava os viajantes, o psicoterapeuta também acompanha as pessoas em suas jornadas psicológicas, atravessando com elas as áreas de luz e sombra, passando junto com os clientes pelas transições difíceis da vida como as crises da meia-idade, os surtos psicóticos, os quadros limítrofes. Quando Hermes está presente numa pessoa, esse homem ou mulher pode ver o lado sombrio, hostil, psicótico, instintivo, sexual ou agressivo, e também o altruísta, místico, iluminado, o que há de comum na pessoa, até em si mesma, sem fazer comentários condenatórios. Essa capacidade é manifesta-

ção do lado "amistoso" de Hermes. Em *Hermes e seus filhos*, o analista e autor Rafael Lopez-Pedraza comenta: "Se nós internalizamos o lado amistoso de Hermes, então é Hermes em nós que recebe com simpatia nossos complexos psicológicos que têm por centro outros deuses".⁸

Quando é o mais característico dos dinamismos, a presença de Hermes na psique masculina dota o homem da capacidade de se comunicar de forma persuasiva, construindo uma postura amistosa que facilita para o homem Hermes seu progresso pela vida, abre-lhe o potencial para ser espontâneo, e para ter reações apropriadas, que o colocam em boa situação. Hermes era o Deus do Comércio; ser como Hermes favorece ser excelente vendedor, comerciante inovador, um extraordinário assessor de relações públicas e, muito apropriadamente, ótimo guia turístico.

Relacionamentos com mulheres

Homens Hermes encantadores parece que surgem de repente na vida da mulher: é o passageiro que se sentou ao seu lado no avião; é o amigo do dono da casa que não o visita há muito tempo, e que aparece na festa em que todos os outros convidados são os de sempre; é quem pára para ajudá-la quando ela encosta no meio-fio para trocar o pneu furado. É prestativo e amistoso. Sua conversa a fascina; ele acaba de vir de lugares sobre os quais ela leu recentemente; há um quê de aventura e de travessura nele. Ela acha que enfim encontrou o homem certo mas ele é esquivo.

É típico de Hermes que, da mesma forma inesperada como chegou a sua vida, subitamente desapareça. Por exemplo: parte para uma viagem de negócios e telefona para dizer que uma coisa levou a outra e que ficará fora mais tempo do que previa, o que torna seu regresso imprevisível. Talvez ela receba um cartão-postal. E en-

tão ele desaparece de vez, sem nunca mais dar notícias, até o dia em que ressurge sem nenhuma desculpa. Aos homens Hermes cabe o ditado: "o que os olhos não vêem, o coração não sente".

Talvez esse Hermes não seja do tipo que está o tempo todo em aviões, mas alguém que não sai muito de sua cidade. Ainda assim, o padrão é o mesmo. A aventura que o chama pode ser o envolvimento em certo projeto, ou a temporada da liga amadora de beisebol, com sua programação de jogos noturnos e de final de semana. Sem sequer levar em conta como isso concerne à mulher, o homem Hermes quer entrar e sair da vida dela sem se responsabilizar pelos sentimentos dela e sem ser fiel.

O homem Hermes entra no território do amor quando se descobre no limiar, sendo convidado pela mulher que o achou fascinante. Para ele, isso pode ser como visitar novo país: nova mulher é novo território para investigar e explorar; depois, sente a vontade irresistível de seguir viagem. É essa qualidade que faz com que os homens Hermes se comportem como Don Juans, sempre adejando de flor em flor. Warren Beaty, ator e renomado amante de lindas mulheres, parece personificar esse lado de Hermes.

O homem Hermes pode se dar muito bem com mulheres que não alimentam expectativas irreais a respeito dele, nem têm necessidades que ele não poderá satisfazer. Pode ter amigas mulheres que adoram vê-lo quando ele está por perto, e que não esperam notícias até que ele apareça da próxima vez. Podem manter "leve contato" nesse ínterim: telefonema ocasional, bilhete, convite aberto, são o que mantém a porta aberta para que Hermes torne a entrar. Essa amizade pode conter uma fase ir-juntos-para-acama que de tempos em tempos pode ser retomada.

Existe também um potencial mais sombrio e espoliador no homem Hermes. Agir por impulso e pegar o que quer quando quer são características negativas em

Hermes. Se é mulher o que ele quer, pode se tornar sedutor e manipulador. Importando-se só em conseguir as coisas do seu jeito, ele mente, seduz, faz qualquer coisa que ache que vai funcionar, não pensa nas conseqüências que isso terá para ela, nem no casamento dela se for casada e não tem a menor intenção de cumprir as promessas que tiver feito enquanto a estava cortejando.

Relacionamentos com os homens

Hermes foi o deus amistoso e o protetor-patrono dos atletas, mercadores, viajantes, ladrões e músicos. Passava muito tempo na companhia de grande variedade de homens. Isso também é verdade para o homem Hermes. Faz coisas com uma variedade de amigos homens e provavelmente tem mais conhecidos que o consideram amigo do que qualquer outro tipo de homem. Costuma aparecer de repente na casa de seus amigos, para um jogo de cartas ou uma partida de golfe; se for músico, de tempos em tempos vem com seu instrumento para participar de uma "jam session". Nos negócios, pode se manter em contato com "um negócio", no qual quer "enfiar" os amigos. Costuma ser generoso com suas gorjetas; quando tem acesso privilegiado a alguma coisa, reparte com os amigos, que adoram esse "presente" inesperado.

Hermes é, no fundo, solitário gregário. Tem o dom de ser amistoso, o que lhe torna fácil conhecer muitas pessoas e fazer coisas com elas. Como a maioria das amizades masculinas se baseia na partilha de alguma atividade, em vez de em revelações sobre aspectos da própria vulnerabilidade e intimidade; o homem Hermes tem círculo mais largo de amigos que qualquer outro. É típico que procedam de várias partes e representem toda a gama de interesses diversificados que costuma caracterizar o homem Hermes.

Sexualidade

No reino da sexualidade como em outras áreas, o homem Hermes prefere em geral o pessoal e o vivencial. Suas aventuras trafegam além dos limites. Por causa disso, é possível e provável que tenha tido uma ampla variedade de experiências sexuais, com muitas pessoas, nas mais diversas circunstâncias. Novamente, se agirá ou não impulsivamente sem sequer pensar nas conseqüências ou nos sentimentos e necessidades dos outros, depende da força de outras influências arquetípicas e da influência de sua família, da igreja e de seu meio social.

Desde pequeno, nas brincadeiras de "médico" e "me mostra o seu que eu mostro o meu", ele deve ter começado a ter experiências sexuais. É persuasivo e consegue que os coleguinhas façam o que ele quer: com seus oito anos, deve ter conseguido que a vizinha tire a calcinha e deixe que ele a veja e toque. Aos treze, talvez já tenha reunido um grupo de garotos em círculo, para uma roda secreta de quem "cospe mais longe" (masturbação com ejaculação coletiva) ou para "campeonato" de quem esguicha a urina mais forte. Pode ser o primeiro da roda a conseguir que uma garota o deixe tocar-lhe os seios ou "ir até o fim". Com sua intuição, estratégia e poder de persuasão, além de ser um "cara legal", o rapaz Hermes descobre que sabe como agir com as mulheres e que frequentemente realiza seus desejos sexuais.

Algumas das piadas sexuais mais conhecidas são a respeito do vendedor viajante e a filha do fazendeiro. Hoje são verdadeiras vinhetas do Hermes contemporâneo, deus dos viajantes e do comércio, deus e ladrão errante, que rouba a virgindade da moça e assim tira algo de valor do irado fazendeiro, cuja filha agora (num contexto patriarcal) não tem mais valor porque não é mais virgem.

Ele pode ser tanto homossexual como heterossexual. Em ambos os casos, mais do que qualquer outro tipo de homem, é provável que tenha tentado (ou pelo menos fantasiado) sexo com um ou mais homens (se é hetero) ou com mulheres (se é homossexual). Seja qual for sua preferência sexual, o homem Hermes geralmente tem atitude bissexual; ele não se condena nem se sente ameaçado por suas próprias tendências. Essa atitude é mitologicamente compatível com o deus Hermes, que foi pai do Hermafrodito, o deus bissexual.

Casamento

Se o homem Hermes permanece emocionalmente o eterno adolescente, que é possibilidade para este arquétipo, então será o mais esquivo dos solteirões. Sua atitude de nunca se comprometer, de estar sempre atrás de uma novidade, transparece em seus relacionamentos com mulheres. Assim que o brilho do romance dá o primeiro sinal de empalidecer, ele se afasta. A mulher possessiva ou dependente faz com que ele fuja de pronto.

O Hermes maduro pode se comprometer seriamente com o trabalho e com um relacionamento significativo. Ainda assim, nas duas áreas, é mais provável que continue solitário. Se se casar, espera que a esposa cuide das coisas em sua ausência, e mantenha aceso o fogo do lar até que regresse. Ele vem e vai, e não comenta sobre os pormenores de seu trabalho com a esposa, nem espera que se dedique a ajudá-lo a progredir.

Com o homem Hermes, o casamento de duas almas independentes pode dar certo. Nos lares gregos, a "herma" pilar simbolizando Hermes fica bem junto da porta pelo lado de fora; dentro, uma lareira redonda com fogo aceso representava Héstia, a Deusa do Lar. Era o fogo de Héstia que tornava uma casa um lar. As mulheres que representam este

arquétipo são pessoas independentes, centradas na própria interioridade, que apreciam a solidão. O casamento Hermes-Héstia pode ser harmonioso para ambos. Ela pode dar a impressão de ser esposa tradicional, mas ser esposa não é a fonte de seu sentido de vida e não tem problemas de ciúme.

Héstia era deusa virgem. A mulher que estiver envolvida com homem Hermes faz bem em ter o padrão de Héstia ou de outra deusa virgem em seu psiquismo, porque ele vem e vai. Por exemplo, Jacqueline Kennedy era mulher independente e tinha aparente habilidade para lidar com os inúmeros romances de JFK e administrar a importância que seus amigos tinham para ele, além de todo o envolvimento na política e o interesse pelo cargo de presidente; provavelmente essa postura decorria da presença do padrão de Atená, deusa virgem, como principal determinante arquetípico de sua personalidade.

Afrodite e Hermes foram mitologicamente ligados, e essa combinação também pode dar certo na vida real. Em vez de serem opostos compatíveis, como Hermes e Héstia, as mulheres que lembram Afrodite, a Deusa do Amor e da Beleza, têm características parecidas com as dos homens Hermes. No terreno do amor, ambos não são possessivos e têm abertura para passar por muitas experiências. Os dois podem também tornar-se intensamente envolvidos naquilo que fizerem no momento: geralmente no âmbito do trabalho criativo, no caso dela, e no último desafio profissional para ele, como um projeto, por exemplo. Como nenhum deles gosta de horários, a irregularidade de suas vidas dá muito certo para eles. Preferem geralmente viver juntos a se casar.

Filhos

Hermes, o deus, teve vários filhos cujo comportamento ia muito além dos limites aceitáveis usuais. Autólico foi o mais consumado mentiroso e ladrão de seu tempo.

Mas foi considerado menos repreensível que Mírtilo, que, ao confeccionar e instalar cavilhas de cera em lugar das de metal nos eixos do carro causou a morte do condutor durante uma disputa. Pã (deus das florestas, dos pastos, rebanhos e pastores) gostava de tirar o cochilo da tarde e aterrorizava qualquer que perturbasse sua sesta. Induzia pânico, ou seja, estado de terror sem motivo, que passou a ser chamado assim por causa do seu nome, e que levava as pessoas a fugirem em desabalada correria. Os mais suscetíveis eram os viajantes amedrontados, passando por locais ermos ou isolados. Pã tinha a aparência de bode e modos lascivos. Embora os filhos de um deus possam ser metáforas para qualidades que o arquétipo "gera", o mito pode também ser paralelo para a vida real. Os filhos de um Hermes podem efetivamente (tal pai, tal filho) ter problemas com impulsos sexuais ou anti-sociais.

Quando agir impulsivamente sem pensar nas consequências é qualidade inata a mentalidade "faça agora, pague depois" que tem a ver com viver no presente, então aprender a medir consequências, a considerar os efeitos sobre os outros, saber quais são os limites, são elementos essenciais do crescimento para que o menino Hermes possa amadurecer e se adaptar às expectativas do mundo. Essas lições equivalem a ter um "bom pai", no sentido de que é o pai quem tradicionalmente intercede junto ao mundo externo. Infelizmente, os homens Hermes têm filhos, mas não são psicologicamente adequados ao papel de bons pais para eles (a menos que outros arquétipos patriarcais estejam também presentes, ou que eles mesmos tenham tido bons pais quando meninos).

Como pai, o homem Hermes não costuma impor limites e se ater a eles. Seus filhos sabem que podem fazer o que bem entenderem, especialmente se puderem apresentar a questão de maneira persuasiva, desde adiar a

hora de ir para a cama, até poderem faltar na escola. Descobrem também que podem dar desculpas ou mentir para encobrir seus comportamentos impulsivos, e que seu pai Hermes não os considerará culpados. Por conseguinte, os filhos de Hermes aprendem bastante bem que as regras podem ser quebradas, que as tarefas que deveriam executar podem ser deixadas de lado com desculpas, e que podem dar um jeito em tudo. Não conseguem aprender a ter respeito pela autoridade e freqüentemente não sabem direito o que é certo e o que é errado.

Os filhos de Hermes, então, encontram-se mal preparados para o mundo da escola ou do trabalho. Sabem muito pouco sobre disciplina. Esperam poder se safar de problemas, mesmo não se desempenhando segundo os padrões esperados, sem serem penalizados e, em geral, descobrem mais tarde que não podem.

Do lado positivo, o pai Hermes sabe como brincar com seus filhos, gosta de sair com eles em aventuras, valoriza e estimula a imaginação e muitas vezes se comporta como um garoto quando está com eles. Pais Hermes eram muito visíveis na geração dos hippies ou o pessoal paz e amor dos anos 60. Diversamente dos pais tradicionais que preparam os filhos para se adaptar ao mundo, para desempenhar-se, realizar e produzir, o pai Hermes influencia os filhos para que vejam a vida como uma série de aventuras.

Além de não estabelecer limites e de ser inconsistente, o pai Hermes também pode ser ausente. Pode até ter abandonado os filhos e mudado para outro lugar. Ou pode estar sempre viajando, seja como negociador ou vendedor, indo e vindo, sem ficar muito tempo em casa. Tanto em razão de sua atitude não paternal e mais de colega de brincadeiras, com relação aos filhos quando está em casa, como em virtude de raramente parar por lá, ele em geral deixa a carga da mãe criar as crianças.

Meia-idade

Se se trata de Hermes maduro cujo trabalho é ao mesmo tempo desafio e materialmente recompensador, esse homem constata que em sua meia-idade a vida lhe oferece mais opções do que em qualquer outra fase. Aparecem-lhe oportunidades de crescimento, viagem e diversidade. Mais do que a maioria dos outros tipos de homem, esse Hermes pode não só achar a vida externa gratificante como ainda começar a explorar o mundo interior, adaptando-se com facilidade a essa fase da vida.

Contudo, se na meia-idade esse homem Hermes ainda é o eterno adolescente, saltitando de lugar em lugar, trocando toda hora de trabalho e de mulheres, a vida nessa etapa pode tornar-se inesperadamente complicada. As atitudes sedutoras não funcionam mais para encobrir sua falta de substância. É evidente que é um fracasso. Essa é fase em que alguns homens Hermes sofrem acidentes fatais e em que outros entram numa séria depressão.

O destino do Hermes anti-social ou sociopata varia, na meia-idade. Ele pode ser bem-sucedido financeiramente e continuar o mesmo de sempre, ou cair em desgraça e ir preso, ou ter de se tornar fugitivo porque agora as conseqüências de todos os seus atos passados o alcançam.

Terceira idade

O Hermes na terceira idade pode se revelar sujeito incomum, não aquele aposentado resignado e entediado. Se, mesmo na velhice, continua sendo o eterno adolescente, ou manteve a identidade de ladrão marginal, pode acabar viajante sem-teto, perambulando de cidade em cidade, conforme sopra o vento ou lhe apareçam as oportunidades, conseguindo dinheirinho aqui e ali, sobrevivendo por causa de sua esperteza e boa lábia. Uma variação

contemporânea desse tipo de Hermes é atendida pelos psiquiatras dos hospitais norte-americanos para os veteranos de guerra: eles descobrem como se matricular nos programas, conseguem abrigo por um tempo e depois vão adiante.

Em contraposição, o Hermes que teve evolução positiva pode ter-se tornado guia calejado para outros "viajantes" dos mesmos trajetos que ele percorreu, e por meio dos quais consolidou experiências de vida e aprofundou o entendimento de seu significado. Pode ser empresário astuto com lições que pode dar, investigador de âmbitos psicológicos capaz de mapear o terreno para os outros, ou político que merece bem ser chamado estadista consumado. Seja em que área for, pode ser palestrante ou autor de sucesso que agora transmite seus conhecimentos obtidos nas "viagens". Como típico Hermes que é, até o dia em que morrer ainda estará explorando novas dimensões, encontrando novas pessoas ou se deixando intrigar por novas idéias. E provavelmente considera a morte sua próxima aventura.

DIFICULDADES PSICOLÓGICAS

Quando Hermes é a principal influência arquetípica na personalidade de um homem, o modo como ele se comporta, o que faz, com que nível de impulsividade age, se pensa ou não nas conseqüências de seus atos é o que importa. Os aspectos de sombra de Hermes são defeitos de caráter.

Impulsividade e ausência de limites

Desde o primeiro dia de nascido, Hermes, o deus, provou que era ladrão engenhoso e mentiroso convincente. Não tão cedo, mas sem demora, problemas semelhan-

tes podem acontecer com o menino Hermes. É crucial para o seu desenvolvimento que aprenda a respeitar os bens das outras pessoas, seus sentimentos e direitos, e não simplesmente se apodere do que gosta, sem medir conseqüências. O menino Hermes precisa ser ensinado a ter limites e obedecer a estes quais são os comportamentos aceitáveis, quais não são, e por quê, para que desenvolva noção de certo e errado que possa modificar o que ele pensaria em fazer. Se não for assim, o Hermes típico agirá imediatamente, por impulso, concentrando sua mente inventiva em como obter o que quer. Suas lições ainda podem ser aprendidas quando chegar à idade adulta porque é pessoa imaginativa. Ele usa com muita naturalidade esse dote da imaginação para seus pensamentos, mas também pode usá-lo no desenvolvimento da empatia e do entendimento se as pessoas que lhe são afetivamente importantes, ao se sentirem magoadas com suas condutas negativas, falarem de como se sentem e expuserem claramente seus limites.

Hermes sociopata: o traquinas

Quando o menino Hermes cresce dentro de situação de abuso em que os adultos significativos agem com ele de forma impulsiva e agressiva, não aprenderá nem a distinguir o certo do errado, nem a se controlar. Furtar e roubar, mentir com despudor, são condutas que rapidamente passam a aparecer, e depois levam à consolidação de padrão de personalidade sociopático e a condutas anti-sociais.

Surgem então conflitos entre ele mesmo e outros que desaprovam seu comportamento ou sofrem com ele. Quando vai ficando mais velho, se o que faz é ilegal, corre o risco de ser apanhado, embora sua agilidade mental e sua conversa persuasiva lhe dêem alguma vantagem. Não

usa de força nem de violência; assim como foi quando Hermes roubou o gado de Apolo, pega o que não lhe pertence em geral de maneira astuciosa. Como traquinas, é "artista" que ganha a confiança de sua vítima e depois a esfola, ou ladrão imaginativo que escolhe a dedo o que roubar, ou impostor. Por exemplo, vemos a respeito de homens Hermes que se fizeram passar por médicos, enganando toda a equipe de um hospital por muito tempo, antes de serem denunciados.

Às vezes, porém, os homens Hermes são flagrados. E ir para a prisão é especialmente difícil para eles. Esse indivíduo está fora de seu elemento, com as asas presas, passando pelo que ele acha mais difícil de tudo: rotina, confinamento e falta de liberdade.

O eterno jovem: o homem que nunca cresce

O homem Hermes acha difícil se aquietar num lugar. Gosta de explorar possibilidades e novas opções. Mas essa abertura interfere no processo de permanecer com alguma coisa até que ela se desenvolva e amadureça. Está sempre encontrando uma grama mais verdinha ali adiante, algo que o convida a trocar rapidamente de situação e de pessoas.

Para ele é fácil começar. Com seu poder de sedução, faz amigos rapidamente. Porque é ligeiro para captar mentalmente uma situação, pode impressionar as pessoas. A menos que ele ou a situação se obriguem a ficar até que aprenda alguma coisa em profundidade, terá só entendimento ou habilidade superficial: "Faz de tudo, mas nada domina". Essa superficialidade é aspecto do *Puer aeternus*, o eterno adolescente.

O eterno adolescente vive no reino das possibilidades, sem se dispor a compromisso com alguém ou com alguma coisa, porque não quer desistir da nova possibili-

dade seguinte, que está por vir. Até que geralmente seja tarde demais, acha que é imortal, como se tivesse todo o tempo do mundo; e não tem. Enquanto os outros homens definem suas carreiras profissionais e constroem suas famílias, ele pode ir só atrás de aventuras ou simplesmente passando de uma coisa para outra, para descobrir, na meia-idade, que a vida é que passa por ele e que ele fica velho. Ficou como o Peter Pan vivendo na Terra do Nunca, e agora já tem quarenta e poucos anos; olhando-se ao espelho e vendo sua vida, dá de cara com a constatação de que já é ou pode ser tarde demais para ele. Resulta daí a depressão da meia-idade.

Ausência de compromisso emocional e de intimidade

Os homens Hermes parecem mais imunes que a maioria a paixões intensas. Em seus muitos namoros, o gosto pela variedade e pela novidade muito mais que a paixão é o que o atrai para relacionamento e para sair dele também. Se se apaixona, pode ficar tempo suficiente para que esse sentimento se torne depois amor mais profundo; se anseia pelo fogo do lar para o qual regressar, e sentir que poderá ir e vir livremente, pode acabar se casando e descobrindo que, com o tempo, esse relacionamento se aprofunda. Porém, nem o compromisso nem a intimidade lhe vêm com facilidade. Está ocupado demais para se aquietar, muito envolvido com seus pensamentos a respeito de várias coisas para conseguir dedicar algum tempo a cogitar sobre o relacionamento assim que está em um, e bastante propenso a ir embora tão logo se sinta aprisionado.

DIFICULDADES PSICOLÓGICAS PARA OS OUTROS

Os homens Hermes concernem negativamente aos outros que os amam ao evitarem se comprometer, ao partirem, ou ao não amadurecerem.

O namorado esquivo

Os homens Hermes podem causar muito sofrimento às mulheres que se apaixonam por eles. O Hermes típico é encantador, falante, persuasivo. Acha que a resistência é desafio e pode se instalar na casa dela assim que tiver dado um jeito de se infiltrar no coração e no quarto dela.

Freqüentemente é difícil para a mulher enxergar com clareza um Hermes. Ele pode acabar se revelando diferente do que ela pensou que fosse, porque só via um aspecto dentre uma variedade de facetas da personalidade dele, sua facilidade com as palavras e seu lado traquinas. O homem Hermes pode assumir tantos disfarces quantas partes de si mesmo que quiser manifestar, sem, porém, expor as outras, o que o faz parecer verdadeiro camaleão.

Seu aspecto esquivo e sua evitação de compromissos põem dificuldades no caminho da mulher que busca casamento e segurança. Para ele, o compromisso dá a sensação de amarrar a bola com corrente dos presidiários em seu pé; quanto mais a mulher espera ou depende dele para a satisfação de suas necessidades, mais provável é que saia correndo. Gosta de entrar e sair, prefere agir por impulso em vez de planejar com antecedência, e gosta de sondar o terreno. Para muitas mulheres, o homem Hermes é o rato arquetípico, o homem encantador que a ludibria, primeiro fazendo-a acreditar que é muito importante para ele, e depois (até que ela finalmente enxergue quem é no fundo ou que desapareça de sua vida) ha-

verá vários instantes de decepção, em que não agirá como ela esperava dele e, todas as vezes, terá uma história e uma explicação.

O pai inadequado

Ser pai não é algo que a maioria dos homens Hermes faça bem. Se for sujeito inconsistente, com quem não se pode contar, seus filhos crescem desconfiados dele e ressentidos, e esses sentimentos contaminarão os outros relacionamentos de sua vida. Danos especialmente mais intensos são causados aos relacionamentos de sua filha com outros homens. Se ele não se dá bem no trabalho por falta de autodisciplina e de autoridade, seus filhos geralmente terão desvantagem quando chegar sua vez de enfrentarem o mundo; os filhos homens, especialmente, têm receio de suas próprias inadequações. Para que o homem Hermes possa servir de modelo positivo de papel para os filhos, assim como ser pai adequado e consistente, deve amadurecer e superar sua identificação com o lado eternamente adolescente do Hermes arquetípico.

MODOS DE CRESCER

Na mitologia, dois outros deuses foram importantes para Hermes e ajudaram-no a crescer: seu irmão Apolo e seu pai Zeus. Esses arquétipos também são os dois de maior importância para o homem Hermes. A fim de poder funcionar com eficiência no mundo externo, deve ir além dos padrões de Hermes e desenvolver as características que Apolo e Zeus representam. Da mesma maneira que Apolo e Zeus, Hermes funciona no território da mente; como eles, precisa desenvolver sua vida emocional e sensual.

Dizendo “não” a Hermes

O homem que supera a sua identificação com Hermes consegue esse feito ao reconhecer as vantagens e as limitações de tal arquétipo. Precisa estar especialmente alerta para o potencial negativo do traquinas típico de Hermes. Precisa agir com plena consciência das conseqüências de suas atitudes tanto para si como para os outros, dizendo “não” ao lado impulsivo de sua pessoa.

Ajuda de Apolo

Apolo, Deus do Sol, enxerga claramente e, por isso, não se engana. Viu no mesmo instante que Hermes mentia. Se o homem desenvolve a clareza de percepção de um Apolo, assim como sua capacidade de raciocinar de forma conseqüente, não se deixará embromar pela tendência hermética a ficar sempre se racionalizando e explicando para os outros. Apolo também representa o pensamento linear e a capacidade de concentrar a atenção num alvo distante. Tem noção clara da passagem do tempo e da abordagem gradual necessária à construção de um trabalho disciplinado. Apolo também se identifica com preceitos éticos e com o que é certo ou errado. Esses traços são muitíssimo necessários aos homens Hermes, para que consigam realizar algo na vida.

Felizmente, para a maioria deles, especialmente os Hermes da classe média americana, o padrão apolíneo é inevitável. Esse é o padrão que domina a cultura em que vivem. Todas as instituições importantes — a igreja, a escola, o escotismo — trabalham no sentido de ensinar-lhe o que ele precisa aprender.

Já adulto, o indivíduo Hermes pode constatar por si só que precisa achar maneira de construir por esforço próprio, pelo menos em parte, o seu lado Apolo, tornando

possível obter sucesso com os projetos que concluir. Pode vir a ter êxito na vida quando se der conta de que é preciso acabar o que começou, aprender exatamente quais são as exigências e obrigar-se a agir segundo esses parâmetros.

Buscando Zeus, pai e mentor

Zeus tinha claramente a autoridade de dizer a Hermes que parasse de mentir e devolvesse as vacas roubadas. Não deu espaço a ambigüidades e nenhuma margem para desculpas. Hermes reconheceu essa autoridade e sem mais nenhuma palavra fez como Zeus ordenara. O homem Hermes geralmente precisa reconhecer e respeitar uma autoridade, e fazer o que é esperado dele. Normalmente essa espécie de intervenção ocorre porque uma figura externa age como figura paterna, como a pessoa que detém a autoridade de um Zeus, que marca sua impressão no homem Hermes. Se este tem relacionamento positivo com um homem Zeus que lhe serve de mentor no mundo, esse indivíduo Hermes também se beneficia da rede de comunicação entre o mais velho e o mais novo. Nesse tipo de relacionamento com um mentor, o homem Hermes se posiciona como aprendiz e é encorajado tanto a usar seus dons mentais e de comunicador, como a galgar postos mais elevados na hierarquia. Os valores patriarcais são os de Zeus e Apolo e, em geral, trabalham bem o lado aprendiz de Hermes, aprimorando seus dotes. Num contexto patriarcal, mais que qualquer outro tipo de homem afora os Zeus e Apolos, o homem Hermes é apoiado, recompensado e incentivado a avançar em seu desenvolvimento. Esses três padrões psíquicos têm em comum a afinidade com o âmbito do mental, e os homens tipo Zeus e Apolo admiram a engenhosidade de um Hermes e sua capacidade de comunicação.

O homem Hermes, ao descobrir que o eterno menino dentro dele teve vida longa demais como condutor de sua vida, pode às vezes alterar o curso de sua existência buscando mentor e decidindo empreender seriamente algum trabalho. Quando se esforça para controlar sua própria eterna juventude, que preferiria muito mais levá-lo a ir sempre embora e brincar, convoca o Zeus em seu interior.

Achando sua Afrodite

Hermes não se casou nem teve consorte. Seu maior amor foi Afrodite, que era casada com Hefesto e que teve dois outros amantes pelos quais era intensamente atraída. Hermes desejava-a muito e, no início, ela não queria saber dele de jeito nenhum. Zeus teve pena dele e mandou sua águia roubar uma das sandálias de ouro que ela usava, enquanto ela se banhava. Hermes então foi devolver-lhe a sandália em troca de seus favores, com o que ela consentiu.

Um dos principais caminhos de crescimento para Hermes, portanto, é se apaixonar por mulher que assim se torne sua Afrodite. Ela precisa, tipicamente, ser desafio, mulher que ele deseje muito, mas não possa ter imediatamente, alguém que o encaminhe até um plano mais profundo de sua vida emocional ao torná-lo consciente de sua própria vulnerabilidade a ela, assim como seja capaz de tirá-lo de sua estrita perspectiva mental sobre as coisas, levando-o para o terreno de sua sensualidade corporal. (O modo para Apolo crescer, ao desenvolver seu Dioniso, também serve para Hermes. Como Apolo, também, o crescimento pode advir por meio do relacionamento com sua *anima* ou mulher interior). Evolução espiritual

Hermes tem potencial inato para se tornar guia das almas e buscador de significados. Inspirado e centrado na alma, busca acesso às verdades espirituais e se aven-

tura pelos abismos do Hades. O homem (ou mulher) que está em contato com esse aspecto de Hermes sente atração pelo sagrado, pelos mistérios da vida e do além-vida, e não se contenta em seguir um único caminho. E, tal como Hermes, o comunicador, tudo o que aprende é capaz então de transmitir e ensinar.

No mito do estupro de Perséfone, que está no "Hino homérico a Deméter", Hermes vai até o mundo inferior para trazer a virgem Perséfone de volta ao mundo superior e à sua mãe. Esse mito serviu de contexto para os mistérios de Elêusis, cujas iniciadas "não temiam mais a morte". Os mistérios de Elêusis são anteriores ao cristianismo e celebravam o retorno de Perséfone do mundo inferior. Como Jesus, Perséfone voltou do reino dos mortos. Na mitologia de Dioniso, Hermes desempenha papel igualmente crucial, desta feita salvando-o quando era criança. Perséfone pode simbolizar a alma que, na maioria dos homens e também em muitas mulheres, é personificada como feminina, assim como Dioniso simboliza a criança divina. Hermes, como arquétipo, está presente nas pessoas que mantêm contato com esses aspectos de sua personalidade e que buscam significado espiritual para sua vida.

ARES, DEUS DA GUERRA — GUERREIRO, DANÇARINO, AMANTE

Como a encarnação da agressão, Ares foi uma das forças mais potentes em ação ao longo da história humana. Ele é o "homem de ação" do Olimpo, o deus da guerra e das discussões, o amante inquieto e turbulento, que prospera nos conflitos e se regozija com os prazeres da contenda. Em Ares vemos a nossa própria agressividade nua e sangrenta, antes que a civilização a moderasse ou reprimissem.

Arianna Stassinopoulos, *The Gods of Greece*

Na literatura e nas artes, Ares é conhecido nos dois papéis que Homero lhe atribuiu: guerreiro e amante. Sob sua designação romana de Marte, é praticamente o sinônimo de guerra e daquele que sente prazer em seus aspectos sangrentos.

Philip Mayerson, *Classical Mythology in Literature, Art, and Music*

Como deus, arquétipo e homem, Ares é a imagem da força física masculina, de sua intensidade, e da ação imediata. Seu coração e seus instintos mobilizam-no literalmente a agir e reagir com o corpo, sem dar a menor importância às conseqüências. Seu pai, Zeus, não gostava dele e lhe fazia oposição, da mesma forma como o patriarcado desvaloriza seus atributos.

Ares, que os romanos chamavam Marte, era o Deus da Guerra. Foi o deus que os gregos menos respeitaram e honraram dos doze olímpicos, devido à sua irracionalidade e sede de guerra. Ares representava a ânsia descontrolada por batalhas e derramamentos de sangue. Por sua vez, os romanos tinham Marte em alta conta, considerado menos importante só que Júpiter (Zeus). Para estes, ele era o protetor da comunidade e o pai de Rômulo e Remo, os gêmeos que fundaram Roma.

É retratado como homem vigoroso e viril, em geral mas não sempre barbado, normalmente usando capacete e escudo, espada e lança, às vezes com proteção peitoral, raras vezes com armadura completa.

Genealogia e mitologia

Ares foi o único filho de Zeus e Hera. No entanto, como Hefesto, o outro filho olímpico de Hera, há uma versão romana para o seu nascimento (a de Ovídio) segundo a qual sua mãe o concebeu partenogeneticamente, usando uma erva que, ao ser tocada, deixava prenhe a mais estéril das mulheres. Não há detalhes sobre o seu nascimento. Os gêmeos gigantes chamados Aloadaí quase conseguiram matar Ares, provavelmente quando eles ainda eram todos crianças. Os gêmeos o capturaram e trancaram dentro de um jarro de bronze. Ares ficou contido durante treze meses e teria padecido (mesmo que fosse deus e imortal, o que é peculiar) se sua madrasta não tivesse contado a Hermes. Quando este o libertou, Ares estava quase morto de aflição.

Hera escolheu Príapo para tutor de Ares, e esse mentor era um deus fálico e deformado. Príapo treinou primeiro o menino para ser o dançarino perfeito e só depois para ser guerreiro.

No campo de batalha

A visão de Ares dada por Homero em sua *Iliada* é a que tem prevalecido. Ares ficou do lado dos troianos contra os gregos, e Homero descreveu-o como sedento de sangue, vil, gabola choramingas que era seguidamente derrotado, ferido, insultado ou envergonhado por sua meia-irmã, Atená. Quando um de seus filhos foi morto, e ele desfechou um ataque contrariando ordens de Zeus, Atená repreendeu-o chamando-o de "Cabeça dura!" e "Maníaco!", por perder o juízo e o autocontrole (que eram justamente as virtudes dela e os ideais dos gregos). Era descrito como criatura que não sabia "o que era certo" e a quem faltava caráter, por que "ora ia com um, ora com outro". Ares tinha reações emotivas; seus sentimentos levavam-no aos campos de batalha em defesa dos homens aos quais se sentia ligado, geralmente por sangue. A lealdade e a retaliação eram seus motivos para agir e aniquilavam todas as demais considerações. Para os demais olímpicos, a Guerra de Tróia muitas vezes parecia ser um esporte para espectadores, visto que a metade defendia os gregos, e a outra metade, os troianos. Os próprios olímpicos participavam da guerra de tempos em tempos, mas sempre sob as ordens de Zeus. Ares, pelo contrário, definitivamente não enxergava essa luta como um "jogo".

Quando os deuses e os homens estavam em guerra uns contra os outros, em outra batalha, Atená conduziu um de seus heróis favoritos, Diomedes, e fez com que ele ferisse Ares com uma lança. Este lançou um urro e foi se queixar a Zeus do que Atená fizera. Zeus defendeu a filha e rejeitou-o e humilhou-o ainda mais, dizendo "Não me venha com lamentações. Aquilo de que você mais gosta é discutir e brigar, e é justamente por isso que eu detesto você mais do que qualquer outro deus do Olimpo".

Não obstante, Homero reconheceu explicitamente que Ares lutou ao lado das forças troianas, vindo várias vezes em ajuda deles com sua poderosa lança e acompanhado pelos dois filhos, Medo e Pânico.

Amante de Afrodite

Ares e Afrodite, a Deusa do Amor, eram amantes famosos. Ela teve vários filhos de Ares: os meninos Deimos (Medo) e Phobos (Pânico), que iam com o pai para o campo de batalha; a filha Harmonia, cujo nome sugere a possibilidade da harmonia entre as duas grandes paixões, o Amor e a Guerra; e talvez Eros, o Deus do Amor. Eros tem duas origens mitológicas: pode ser filho de Ares e Afrodite, ou uma força primal e generativa, presente desde o início dos tempos.

Esses dois amantes tiveram uma longa história em comum, naquele que foi o mais estreito elo de compromisso entre os olímpicos. Na *Iliada*, quando Atená derubou Ares com uma pedrada, Afrodite tentou ajudá-lo a sair do campo de batalha, e foi golpeada por Atená com um soco. Esses dois também tiveram muitos outros amantes. Quando Afrodite estava apaixonada por Adônis, Ares se transformou num javali vingativo, que matou o belo rapaz.

Quando o marido de Afrodite, Hefesto, Deus da Forja, soube do romance, elaborou um estratagema para flagrar os amantes no próprio ato do adultério. Construiu uma corrente invisível e inquebrável, que instalou como uma cortina sobre os balaústres da cama através das vigas do teto. Quando fingiu que ia para sua oficina, que era o sinal para que Ares entrasse em sua casa e em sua cama, Hefesto lançou a armadilha sobre os amantes, e depois convocou os deuses para darem seu testemunho da perfídia. Em vez de ficarem indignados como estava

Hefesto, no entanto, os deuses tiveram um monumental acesso de riso diante da cena.

Pai de muitos filhos

Ares foi o pai de pelo menos três dos quatro filhos de Afrodite (e, como o deus romano Marte, também foi o pai de Rômulo e Remo). Além desses filhos declarados, ele teve perto de outros vinte descendentes, de suas relações com inúmeras mulheres, várias das quais tiveram mais de um filho com Ares. Pelo menos três desses filhos foram Argonautas, e uma das filhas foi a rainha amazona Pentésiléia.

Ares era pai de sentimentos intensos que agia em defesa dos filhos. Quando um dos filhos de Posêidon estuprou Alcipe, uma de suas filhas, Ares o matou de um só golpe no mesmo instante. Posêidon então acusou-o de assassinio perante um conselho de deuses, e ele foi julgado nesse mesmo lugar e absolvido. Esse tribunal situava-se numa colina em Atenas próxima da acrópole e, dessa ocasião em diante, passou a ser denominada como Areópago (a colina de Ares). A morte de um de seus filhos durante a Guerra de Tróia também despertou em Ares uma reação de porte semelhante: quando soube que seu filho Ascálafo fora abatido em combate, Ares impetuosamente entrou na luta para vingá-lo, mesmo inteirado da proibição de Zeus contra a participação dos deuses nessa disputa.

Quando Hércules foi desafiado por Cicno, salteador que atacava os viajantes a caminho de Delfos com presentes, e que era um dos filhos de Ares, este lutou do lado do bandido. Atená veio em auxílio de Hércules e, com a ajuda dela, Hércules feriu Ares e matou Cicno.

Outro descendente de Ares foi uma serpente sagrada que guardava a fonte de Tebas. Quando Cadmo, um

humano, a matou, teve de servir Ares durante oito anos; depois disso, casou-se com Harmonia, a filha de Ares e Afrodite, e fundou a cidade de Tebas.

Versões variadas

A visão predominantemente negativa de Ares é a do poeta grego Homero. Ares foi a mais formidável das deidades aliadas dos troianos, os quais perderam a guerra e o direito de escrever a própria história. Como diz sobre Ares o mitólogo Walter Otto: "Contra o pano-de-fundo do sombrio espírito de carnificina e derramamento de sangue, a forma luminosa de Atená se destaca num contraste admirável, contraste que era intencional por parte do poeta".¹

No "Hino Homérico a Ares", porém, as virtudes arianas são exaltadas em linhas como "Ares tinha coração grandioso", "Ares, pai da Vitória", "Ares, sustentáculo da Justiça", "Ares, líder da maioria dos justos, Ares que carrega o bastão da masculinidade". Ele é chamado o "auxiliar da humanidade, aquele que oferece a doce coragem da juventude".² Essa visão de Ares, que também pertence à tradição grega, é compatível com a visão positiva que os romanos tinham do Deus da Guerra, a quem chamavam de Marte.

Quando é comparado com a racionalidade e com Atená, Ares é visto por prisma hostil, negativo, como carneiro enlouquecido. Quando é visto por prisma positivo, sobressaem-se suas qualidades de coração e coragem (do francês, *coeur*, "coração"). Ele é deus que reage emocionalmente. Numa família comandada por Zeus, o filho favorecido era, pelo contrário, aquele que se destacava por seu distanciamento emocional.

ARES, O ARQUÉTIPO

O arquétipo de Ares, como o deus, está presente nas reações intensas e apaixonadas. Com Ares, um surto de emoção provavelmente mobiliza uma ação física imediata. Esse é arquétipo reativo, de tipo aqui-agora. O arquétipo de Ares predispõe sem sombra de dúvida o homem (e a mulher) a estar em contato com seus sentimentos e seu corpo, o que pode ser muito positivo quando se fala de fazer amor. No entanto, quando a ira e a raiva aparecem, ele reage de maneira instintiva e, muitas vezes, entra em situações que o prejudicam e causam danos aos outros. Em ambos os casos, ao não levar em conta a quem está reagindo, nem quais as conseqüências de seus atos, causará problemas.

O guerreiro como herói ou brigão

Ares é a personificação da agressão, a reação impetuosa a lutar, aquele instinto que faz alguns homens invadirem uma briga e saírem dando socos para todo lado, sem pensar em mais nada. Se esse homem é soldado, pode se tornar herói muito condecorado, com comentários mais ou menos como "sem se preocupar com as conseqüências que lhe poderiam advir pessoalmente, ele...".

Os filmes e os programas de televisão apresentam enredos nos quais o arquétipo de Ares é provocado, e em que o homem se transforma numa força enfurecida e incontrolável. Na famosa série de televisão *O incrível Hulk*, vemos o cientista retraído que é instigado a sentir muita raiva e se transforma, pela ira, no gigante de músculos Hulk, criatura de cor verde e força sobre-humana, incapaz de ser detida e de raciocinar. Nos filmes da série *Rocky*, estrelados por Sylvester Stallone, chega um momento em que o boxeador está exausto e coberto de san-

gue e em que luta por puro instinto, acabando por vencer. Ele representa um Ares bem menos dramático que Hulk, mas, da mesma forma que este, é possuído por agressão irracional. Os filmes da série *Rambo* também mostram herói ariano, que, tal como o deus, é movido pela lealdade, pela indignação e pela fome de vingança.

Na mitologia, Ares representava o frenesi descontrolado e irracional da batalha. Ficava intoxicado pelo tumulto. Na vida real, essa intoxicação costuma desempenhar papel predominante na mobilização do aspecto Ares: as brigas de bar resultam de provocar Ares, que não entra em lutas simbólicas, de competição por razões estratégicas; sua reação é resposta emocional a algum tipo de provocação.

O arquétipo de Ares representa a sede de brigar. Homero retratou Ares como o deus que amava guerrear pelo prazer que isso lhe dava, que se deleitava com o fragor das batalhas, com a carnificina, com a destruição. Esse lado de Ares torna as brigas corporais acontecimento muito excitante, seja para o brigão de bar, seja para o herói de guerra condecorado.

Para os olímpicos, que eram imortais, batalhas como as da Guerra de Tróia eram jogos. Nessa guerra embora as deidades fossem em sua maioria espectadores que apoiavam, uns os gregos, outros os troianos, de tempos em tempos algumas delas entravam diretamente em combate. O Ares contemporâneo se delicia quando está no campo de batalha em meio a todo o tumulto e a toda a confusão da luta, não nos camarotes ou apostando qual será o resultado final, mas manifestando ele mesmo a agressão nua e crua. Um zagueiro de futebol ou jogador de hóquei ativado pelo arquétipo de Ares provavelmente é penalizado por jogar muito duro, ou por faltas desleais, ou por armar brigas quando os ânimos ficam muito exaltados. Esses são os esportes de contato em que Ares rece-

be reconhecimento, pode até ser penalizado, mas não é denegrido por seu temperamento. No esporte mais cavalheiresco do tênis, no entanto, em que é dada importância à postura elegante e ao espírito esportivo, reagir com raiva é sem dúvida conduta inaceitável. O campeão de tênis deve se comportar como um Apolo e, como John McEnroe constatou, será vaiado pelos espectadores nas arquibancadas quando reage como um Ares.

O amante

Ares e Afrodite foram amantes que Hefesto, o marido dela, flagrou ao suspeitar que Ares entrava em sua cama assim que ele partia para a oficina. Esse foi relacionamento prolongado e igualitário entre parceiros de mesma estatura. Ares foi o pai de quatro filhos de Afrodite. Outras amantes suas também lhe deram mais de uma criança. Em contraposição, a maioria dos casos amorosos envolvendo olímpicos eram sedução "de uma noite só", normalmente entre uma divindade e um humano. Mesmo entre duas deidades era comum haver sedução ou estupro. Geralmente a mulher era dominada à força, enganada ou raptada. Raramente fazia-se amor com ela.

A natureza passional de Ares, sua presença física e a totalidade em que é aprisionado na emoção do momento são as qualidades do amante ariano. Esse amante não se preocupa com comparações com outros homens quando faz amor com uma deusa sexualmente mais experiente. Sua sexualidade é exuberante e pessoal, sem a dimensão dionisíaca transpessoal, extática. No livro de D. H. Lawrence, *O amante de Lady Chatterley*, o autor criou Mellors, personificação fictícia do amante Ares que, como este, era considerado inferior por sua ligação com o mundano e por seus afazeres.

O dançarino

Na mitologia grega, Ares aprendeu primeiro a dançar com o tutor Priapo e só depois é que aprendeu a guerrear. Embora esse lado de Ares não seja quase nunca descrito, corresponde ao padrão arquetípico do homem mais físico que mental, cujas emoções e cujo corpo agem juntos. Seria fácil predizer que se tornaria dançarino famoso por seu ardor e intensidade mais do que pela técnica da interpretação. Quando a platéia vê Mikhail Baryschnikov dançar, por exemplo, essa experiência não é a apreciação contida da beleza e da forma, embora haja esses elementos em sua dança. O carismático astro do balé Bolshoi, que fugiu para o Ocidente e tem a reputação de conquistador, exerce forte impacto físico e emocional nos espectadores.

O jovem Cassius Clay, que se tornou campeão mundial de boxe na categoria peso-pesado (e que mais tarde mudou de nome passando a se chamar Muhammad Ali), também tinha a graça e a forma do Ares dançarino, ao lado de seu instinto agressivo.

Nas culturas tribais, os guerreiros são dançarinos: antes da batalha, os homens dançam. Os tambores e a música encorajam o guerreiro a se tornar Ares.

O filho rejeitado de um pai celestial

O arquétipo de Ares, como o deus, é menosprezado pelos homens que exercem seu poder à distância, que são estrategistas de cabeça fria e às vezes se comportam como trapaceiros astutos (quando são lobistas de poder e conquistadores). Enquanto Ares desce ao nível do soldado no campo de batalha, Zeus preferia desfechar seus raios e trovões do alto dos céus, e Hermes roubou o gado de Apolo em vez de ser direto na manifestação de sua rivalidade com o irmão. Os gregos idealizavam o pensamento e a racionalidade e, desse ponto da história em diante, esses

foram os valores do patriarcado. Zeus detestava Ares. Psicologicamente, este representava a sombra de Zeus, aquela parte de sua personalidade que ele depreciava porque era subdesenvolvida e/ou contrária à imagem ideal que alimentava a seu próprio respeito.

Em nossa cultura, Ares é igualmente desvalorizado e rejeitado. Os negros tornaram-se os portadores dos atributos arianos e os destinatários de toda a depreciação e de todo o menosprezo que Ares recebeu do pai. Sexualidade, violência e até o aspecto dançarino de Ares (nos estereótipos racistas) são atributos do filho "inferior".

Nas famílias brancas, esses mesmos valores e julgamentos são perpetuados. Costumo ouvir dos meus analisandos como se sentiam invisíveis e desvalorizados quando seu pai idealizado ou bem-sucedido de fato preferia de modo evidente o irmão ou a irmã mais verbal, com postura mais mental. Um se sentia incapaz de falar quando, para permitir que tomasse parte na conversa, era submetido a uma bateria de perguntas pelo pai, na frente de convidados, que, por seu lado, jamais fora assistir a uma só partida do filho nem sabia que esporte ele desempenha acima da média. Mesmo diante de tanta falta de apoio, esse paciente tinha pelo menos a satisfação profunda de poder viver esse lado do arquétipo de Ares. Muitos homens aceitam a desvalorização ou desistem de aspectos naturalmente significativos de Ares em sua pessoa para poderem se ajustar ou ter sucesso, e jamais experimentam a alegria de fazerem bem aquilo que está em sua natureza arquetípica.

Ares, o protetor

A pessoa prudente não ataca ninguém vinculado a um Ares pois isso provoca nele reação imediata de revide. Ele cuidava do que era seu, fossem as filhas ou os filhos.

Na realidade, Ares foi o único deus a agir dessa maneira. Como Marte, protegeu posteriormente os cidadãos de Roma da mesma maneira ferrenha.

Na qualidade de Procurador-Geral da República, Bobby Kennedy tinha um lado Ares que tanto a Máfia quanto os sindicatos corruptos temiam porque as perseguições que sofriam não eram uma questão de ordem legal, eram uma luta passional. Conhecido por sua lealdade e seu partidarismo, por suas reações viscerais, e por ter muitos filhos, foi o mais ariano de todos os irmãos Kennedy.

Ares entra na luta quando alguém que lhe é caro é atacado, especialmente se leva a pior. Em contraste com o colérico Posêidon, Ares não fica remoendo raivas que o motivam a buscar vingança, ainda que isso custe anos. Mesmo ao ser humilhado, Ares é capaz de lambe as feridas e seguir em frente.

Cultivando Ares

Hoje, no mundo patriarcal que continua se pautando pelas diretrizes de Zeus, o arquétipo de Ares ainda é desvalorizado, e mais provável de ser reprimido em lugar de cultivado, especialmente nos homens que buscam sucesso.

Mas se o arquétipo de Ares é reprimido na psique masculina, os sentimentos corporais não lhe permanecem acessíveis. Essa dimensão inteira se mantém subdesenvolvida e aprisionada: a imagem do menino Ares preso na jarra de bronze.

O resgate é possível, mas só quando o homem sentir em seu íntimo a agitação do menino, que um dia foi espontâneo e se expressava fisicamente. O menino Ares trancado no jarro é o anseio que o homem sente pelo contato físico com o pai que nunca tem "lutinhas" com ele

nem o abraça com força; é o impulso a que não pode dar vazão de jogar o braço sobre os ombros do amigo, no gesto universal dos camaradas; é o guri dentro dele que girava ao som da música ou queria fazê-lo, e que um dia jogou taco nas ruas do bairro; é a robustez, a simplicidade do corpo, o suor. É não se sentir constrangido. Há momentos e oportunidades em que o homem sente a vontade de soltar Ares: será que solta o menino de dentro do jarro ou o mantém lá dentro?

Quando Ares fica muito tempo engarrafado, a capacidade de reagir de maneira física a pessoas e situações, as reações emocionais que o corpo expressa pode estar inteiramente fora do alcance da consciência. Essa pessoa, homem ou mulher, pode dar a impressão de que só vive na cabeça e, apesar disso, seu corpo ainda reage com tensão ou descontração física. Por exemplo, ele pode não sentir raiva nem medo, mas seus músculos se tensionam ou as mãos se fecham como se fossem socar. Normalmente, ele não percebe essa espécie de reação física até que alguém comente. Ainda mais removido do campo da consciência é aquele Ares que só se deixa reconhecer em acessos de pressão alta, ou em distúrbios intestinais, na forma tanto de diarreia como de constipação.

Quando Ares é detestado, como Zeus o detestava, esse arquétipo pode permanecer subdesenvolvido ou reprimido, especialmente quando esse não é o arquétipo principal. Antes que o Ares aprisionado possa ser salvo ou libertado, a pessoa deve tornar-se consciente de sua situação. A ajuda pode vir por meio de outras pessoas: se as pessoas afetivamente significativas realmente se importam com o que o homem (ou a mulher) sente e conseguem ler sua linguagem corporal, ou intuir os sentimentos que ele mesmo não sabe quais são, e se ele dá atenção a tais comentários e os valoriza, começa enfim a aprender. Pode também passar a notar sua própria linguagem

corporal. Esse é só o começo; a seguir, deve passar pelas experiências concretas do contato físico com os outros, ou realizar atividades que demandem que cultive Ares em seu corpo e o liberte, permitindo-lhe que cresça.

ARES, O HOMEM

O homem Ares é pessoa firme, ativa, intensamente emocional e corporal, que não pensa antes de agir. Seus traços inatos põem-no em dificuldades e as reações dos outros têm grande importância no formato que sua vida assumirá.

Primeiros anos de vida

O menino Ares é ativo, emocional e expressivo, desde o primeiro minuto de sua chegada. O mais provável é que tenha dado os primeiros sinais de sua personalidade no primeiro grito bem audível de protesto. Logo esse mesmo choro vigoroso se torna familiar, pois se alguma coisa está errada e ele está com fome ou molhado, ou com alguma dor, não há como não entender a intensidade de sua reclamação: "Faça alguma coisa agora!". Quando choraminga, seu corpo todo está envolvido nesse protesto, desde o rubor do rosto até a tensão dos bracinhos e perninhas, a mensagem inequívoca é ou "Estou sentindo dor", ou "Estou com raiva!". E quando chega a mamadeira ou o peito, ou o arrote que alivia a bolha de ar presa até então, a totalidade da mudança é igualmente dramática. Se esse menino for Ares típico, come com vontade e sua personalidade é envolvente, expressiva, quando está tudo bem. Gosta de estimulação, e desde seus primeiros meses ri satisfeito quando sente o prazer físico de brincar, ou se atira com tudo na confusão e na algazarra. Se se machu-

car ou for assustado de maneira inesperada, seus protestos serão da mesma maneira vigorosos. Quando fica mais velho, se alguma coisa o atrai e está ao seu alcance, dificilmente haverá um segundo de intervalo entre sua mão se estendendo e o olho que admirava o objeto. Agora se torna especialmente importante pôr a casa à prova de bebês, pois ele é do tipo que cai rolando pela escada, que leva choque quando enfia o dedo nas tomadas, que derruba os vasos, sai com arranhões e mordidas do animal de estimação da casa. É destemido ao se aproximar de qualquer coisa que atraia o seu interesse. Precisa de muito mais curativos do que a média das crianças de sua idade, porque está sempre querendo aprender experimentando diretamente, o que causa calombos e escoriações, joelhos esfolados e pele arranhada.

Sua emergente auto-estima também sofre seus percalços, porque sua atitude impulsiva leva-o a entrar em atritos e convida críticas e punições. Depende muito de que os pais e os professores tenham paciência com ele, sejam consistentes e tenham a capacidade de valorizar o fato de ele ser garoto espontâneo, impulsivo e emotivo, criança intensa que exagera em suas reações.

Seus pais

Como a criança Ares tem muita energia e geralmente exige bastante cuidados, além de não costumar pensar antes de agir, normalmente não é bebê ou jovem fácil. Portanto, tem a necessidade especial de que seus pais sejam firmes, amorosos e muito pacientes. Embora precise de mais orientação que as outras crianças, em geral recebe justamente o contrário. Já que para ele é natural entregar-se ao momento e esquecer o que lhe disseram, provoca os pais, especialmente os de estilo mais autoritário e legalista, por ser tão esquecido. Esses definem o compor-

tamento do filho como desobediência ou incapacidade de se conduzir dentro dos acordos estabelecidos. Ele não toma cuidado com uma série de coisas, até com a língua, que não segura, e pode dizer coisas, no calor da raiva, capazes de provocar violência num pai dado a agressões físicas.

Por outro lado, a mãe que tem personalidade mais dócil pode às vezes descobrir que tem dificuldade para defender sua posição diante de um filho Ares exigente e enraivecido, que a intimida, mesmo quando ainda não passa de garotinho de quatro anos: o moleque ariano dessa idade é capaz de tyrannizar certo tipo de mãe. O ideal seria que sua mãe fosse mulher corporal, forte e amorosa, constante no estabelecimento dos limites que desse ao filho espaço suficiente para ser quem é. Essa mulher é capaz de abraçá-lo com frequência e sabe como canalizar a energia do menino para atividades físicas que favoreçam sua sensação de competência e o ajudem a aprender a ser paciente e disciplinado.

Às vezes, a vida imita o mito, e o menino Ares tem como pais uma Hera enraivecida e um Zeus rejeitador. As versões contemporâneas dessas personagens podem, por exemplo, ser o homem bem-sucedido e poderoso que é um pai distante, na melhor das hipóteses, até mesmo para os filhos que aprova, e que rejeita o filho Ares por este ser emotivo, dado a reações intempestivas, físicas, em vez de intelectuais. Ou, se for homem enfurecido, cuja ira é desproporcional ao motivo que a desperta, o filho impulsivo pode logo se perceber o alvo de abusos físicos e verbais, que por sua vez tornam-lhe ainda mais difícil aprender a se conter, e decorre aquele padrão típico em que o menino que sofreu abusos cresce e se torna adulto agressor.

Ter mãe tipo Hera quer dizer que o principal elo de ligação dessa mãe é com o marido: arquetípica e emocionalmente, ela é "a esposa", e não "a mãe". Seu filho Ares geralmente não recebe dela qualquer maternagem, ela

fica incomodada com a sensibilidade e a vulnerabilidade dele, e espera que ele se comporte como "homenzinho". Muitas vezes, é a mãe enraivecida de filho Ares que se mostra a figura agressiva, tanto falando quanto em suas atitudes físicas. O menino recebe essa raiva que ela sente do marido, quando está humilhada e impotente mas, ainda assim, fortemente vinculada a ele, como uma Hera é capaz. O garoto mais introvertido pode conseguir se safar das confusões e se criar com o mesmo tipo de pais que, para o menino Ares, são verdadeiros desastres. Quem ele virá a ser depende em extensa medida da qualidade das atitudes que os pais tiveram com ele.

Adolescência e início da idade adulta

A adolescência é período crucial: a intensificação hormonal da puberdade aumenta a expressão de aspectos como a impulsividade, agressividade e emotividade, as reações corporais e a sexualidade. Para Ares são muito importantes os grupos de colegas: será que ele se dedicará a esportes como rúgbi, futebol ou basquete, por exemplo, e aprenderá disciplina, canalizando sua agressividade para a competição esportiva, e então obtendo o reconhecimento e a admiração como conseqüência? Ou se enfiará em gangues e nas brigas entre elas? Vai até o fim da formação básica na escola, ou pára antes? Ignorará as autoridades, tornar-se-á anti-social, e se meterá em encrencas sérias? Ou encaminhará sua energia altamente assertiva e sempre concentrada no momento para atividades como corrida de carros ou alpinismo? Será que a música, a dança e o romance serão grandes descobertas e fontes de prazer? Ou sua sexualidade servirá como canal de expressão de sua agressividade?

O colegial e a Faculdade oferecem a Ares a possibilidade de fracassos logo no início, ou de possíveis sucessos.

Se não puder pensar no longo prazo e se envolver em alguma oportunidade ou situação emocional do presente imediato, pode sair cedo da escola. Embora o estímulo que provoca mudança, ou movimento em sentido diferente do caminho que era trilhado, possa vir a dar muito certo, o homem Ares pode prejudicar suas chances de sucesso na vida se abortar precocemente suas atividades na escola, ou no campo da música, e nos esportes.

Trabalho

Por temperamento, Ares é levado a agir e se envolver com coisas intensas, como o uso de ferramentas, e aprecia muito estar em movimento. Fica entediado e inquieto se trabalha com papéis tendo em vista metas de longo prazo. Não é pessoa que possa se encaixar numa hierarquia empresarial. As ocupações que apresentam riscos interessam-no, e suas habilidades podem crescer no processo de levar adiante um projeto por vez. Gosta de lidar com outras pessoas e oferece aos homens sua lealdade fraternal.

Tal como Ares, o Guerreiro, ele pode entrar para o exército ou a marinha, e é muito provável que sua ficha tenha várias anotações negativas. Pode se tornar oficial subalterno ou receber uma promoção por seu desempenho no campo de batalha. Se outros arquétipos também estiverem presentes e ativos, pode se tornar oficial com fama de ir sempre atrás de ação. Soldados por acaso, mercenários contratados para certos combates, que no passado teriam ido para a Legião Estrangeira, também é provável que vivam esses que são papéis consistentes com Ares, o Guerreiro.

Se se torna atleta profissional, pode se dedicar inteiramente a tal atividade e ter dificuldade em controlar sua agressividade no meio de prova mais emocionante.

Se aprender a conter suas reações imediatas diante de provocação ou de partida mais disputada, verá as vantagens de saber recorrer ao autocontrole em outras áreas de sua vida. Se for jogador de hóquei ou de futebol que não consegue controlar seus impulsos, prejudicará seu time e a si mesmo com muitas penalidades por faltas duras demais, por comportamentos anti-esportivos, por discutir com os árbitros. (Pode também ser artista: ator, dançarino ou músico, famoso por sua emotividade e desempenhos às vezes erráticos, no palco e fora dele.)

As áreas da construção civil e da exploração do petróleo atraem vários homens de personalidade Ares, atraídos pela ação e pelos riscos. Como são bem pagos, tornam-se propensos a gastar de maneira impulsiva quando têm dinheiro.

Seu sucesso depende em grande parte de sorte, porque Ares não obedece a plano de longo prazo. Seu sucesso também pode vir porque uma coisa simplesmente levou a outra e também pode depender de haver desenvolvido habilidades inatas, capacidades que cultivou, não de maneira deliberada, mas porque fez bastante tempo uma coisa que adorava fazer.

Quando tem êxito, muitas vezes surpreende todo o mundo, até a si mesmo. Ao longo do caminho, ele sem dúvida teve problemas com figuras de autoridade e foi despedido por ter perdido a compostura ou por apenas não ter aparecido para trabalhar. Se sua vida profissional corre bem, é porque terminou aprendendo algumas lições, algumas habilidades, e porque a sorte deu uma mãozinha.

Relacionamentos com mulheres

Na mitologia, Ares e Afrodite foram amantes e seu relacionamento é o padrão mais compatível para o homem de natureza Ares. Ele e as mulheres que se parecem com a

Deusa do Amor e da Beleza são semelhantes em temperamento e em sua intensidade e natureza sensual. Ambos são pessoas aqui-agora. A probabilidade de incêndios, tanto devidos a chamas eróticas quanto a explosões de raiva, pode tornar tempestuoso seu relacionamento, cheio de brigas e reconciliações. No entanto, apesar de toda a sua expressividade, seu relacionamento é às vezes muito harmonioso, com muito mais tolerância e aceitação mútuas do que são capazes de encontrar em outras ligações. No entanto, quando o homem Ares enraivecido e emocionalmente ferido, dado a agressões físicas, combina com uma mulher de baixa auto-estima que, na sua própria infância sofreu agressões e abusos, essa ligação pode ser uma das mais destrutivas possíveis para as duas pessoas.

As mulheres que lembram Atená, a deusa com a mente de ótima estrategista, que desprezava a emotividade de Ares e suas reações impulsivas, julgam da mesma maneira os homens Ares. As mulheres que avaliam as chances futuras de esse homem amealhar poder e bens, que se interessam por status, e querem estabilidade e segurança, evitam esses Ares como eventuais parceiros. Há mulheres que até se livram, com evasivas, das atenções desses homens quando eles agem de maneira muito mais pessoal do que lhes é confortável. Dessa maneira, esses indivíduos Ares costumam se sentir freqüentemente julgados pelas mulheres e considerados menos do que era de esperar e, por sua vez, alimentam e acumulam ressentimentos até explodir de raiva o que os afasta ainda mais.

Os homens Ares são amistosos em relação a muitas mulheres para as quais praticam gestos afetuosos e a quem dirigem comentários agradáveis seja qual for a idade delas, mas normalmente não terão mulheres como suas melhores amigas. Não costumam comentar sobre seus interesses ou preocupações de trabalho com as mulheres.

O homem Ares gravita em torno de mulheres de quem realmente gosta e com quem pode ser espontâneo e manifestar corporalmente seus afetos. Seja fazendo amor ou dançando, desfrutando de refeições ou em jogos, ele se torna totalmente envolvido e se sente mais confortável com mulheres que também possam se envolver na mesma medida.

Relacionamentos com homens

O homem Ares gosta de passar tempo com seus amigos, fazendo coisas, em jogos, em desafios de brincadeira, assistindo a partidas esportivas ou praticando algum esporte. Não se interessa por conversas profundas ou filosóficas; seus temas prediletos são mulheres, esportes e qualquer coisa que ele e seus amigos façam. Ele é ligado aos amigos e age fisicamente para defendê-los.

Freqüentemente, suas ligações mais fortes ocorrem com os homens que vestem o mesmo uniforme, nos combates e em conflitos como soldados, ou membros de um time, ou até mesmo na gangue, quando pode demonstrar fisicamente sua agressividade, lutando com os outros para ganhar. Nesses contextos, sua agressividade é valorizada e também sua capacidade de demonstrar claramente seus sentimentos. Nessas arenas, também pode chorar sem ser chamado de maricas, e dar seus abraços de urso sem despertar reações homofóbicas nos amigos.

Ser evitado e usado como bode expiatório pelos colegas, algo que pode acontecer com o menino ou o homem Ares, é experiência imensamente dolorosa e intolerável. Não só se sente magoado, como também privado da camaradagem que tem valor tão especial para si.

Sexualidade

Depende do que aconteceu na infância do homem Ares ele, já adulto, amar as mulheres ou espancá-las. Se essa infância foi boa o suficiente para que desenvolvesse seu lado amoroso, tornar-se-á homem que adora fazer amor, que adora o corpo feminino, que pode passar horas fazendo amor, que prefere a mulher madura e sexualmente liberada que aprecia sexo tanto quanto ele. Não tem a mesma tendência mística e de busca do êxtase do amante dionisíaco, nem tem em mente conquistas e mais conquistas; faz amor pelo prazer físico que isso dá, e o faz de maneira exuberante. No filme *Tom Jones*, baseado no romance homônimo de Henry Fielding, Albert Finney desempenhou o papel título com a praticidade, a amoralidade, o deleite e o apetite de Ares, o Amante.

O homem Ares não se sai bem na cultura que é igualmente puritana e hipócrita. Pode julgar o próprio apetite sexual como pecado e achar que essa sua parte deve ser condenada e suprimida, especialmente se se casar com mulher inibida e puritana e se pensar em situações adúlteras ou se entregar a isso. Se der vazão a tais sentimentos, geralmente não se comportará como bom estrategista para encobrir seus atos ou prever problemas. Com isso, assim como ocorreu com Ares, o deus, ele é flagrado e denunciado.

O Ares homossexual tinha vida amorosa muito mais tranqüila — pelo menos até a epidemia de AIDS — por causa de sua impulsividade, da total absorção no momento imediato, de sua amoralidade e imediata disponibilidade de parceiros em saunas e bares. Além disso, a aceitação da cultura *gay* aos relacionamentos não-monogâmicos dá espaço ao tipo de romance que Afrodite e Ares tinham, em que os dois parceiros podem ter outros amantes e mantêm entre si, mesmo assim, um relacionamento se-

xual duradouro e significativo. O homossexual Ares vestido de couro, na versão contemporânea do guerreiro em sua armadura, que cultiva sua musculatura, está cada vez mais parecido com Ares.

Casamento

O homem Ares não planeja casamento, nem o evita. Ele se deixa envolver intensamente e não pensa no futuro distante. Não fica matutando: "Será que essa mulher dará uma boa companheira?", "Será uma boa mãe?", "Favorecerá minha carreira?", "Devo me casar com ela?".

Se os outros — a própria mulher, a família dela ou a dele — pensam em casamento, então este acontece. Ele se casa assim que sai do colegial, especialmente nas comunidades dos trabalhadores de indústria e comércio, nas quais espera-se esse comportamento. Diante da natureza sensual e prática do homem Ares, seu casamento pode ser causado pela gravidez da moça. Se ele a ama e o relacionamento sexual entre ambos é satisfatório, se ele tem trabalho estável e pode jogar beisebol ou basquete com os amigos, e se a esposa está contente com a vida que levam juntos, a vida dele também é boa. Ele se ancora em sua família e na estabilidade dessa existência, tem auto-estima e a estima dos outros.

Quando as coisas ficam mais complexas, começam os problemas. Por um lado, sua natureza impulsiva e reativa pode naturalmente levar a instabilidades no trabalho e à infidelidade, o que submete o casamento a pressões e pode até pôr-lhe fim. Por outro lado, influenciado pelos aspectos não-Ares de sua personalidade, o homem Ares que se casa cedo e depois desenvolve ambições de vida e descobre o próprio intelecto, ou vem a conhecer homens e mulheres que o fazem querer mais da vida, pode decidir que a mulher que um dia tanto atraiu a sua natu-

reza física agora se mostra muito limitada para ele. Se a química física do início se perdeu para eles, ou se a reação da esposa a seu ardor durante a fase de conquista não era genuína nem forte o suficiente, e agora está menos ainda, ou se ela é mais ambiciosa ou ciumenta, resulta um grande estresse ao qual se acrescenta tudo o que ele faz, e podem surgir muitas brigas de casal.

Filhos

Os homens Ares têm filhos sem querer, resultado de sua natureza "do momento, sem cuidar das consequências", em conjunto com a sua sensualidade. Se a mulher não tomar medidas que a previnam de engravidar, provavelmente a paternidade será apenas uma questão de sorte.

Se se mantiver presente na vida dos filhos, parecerá uma figura de grandes proporções. Se a vida terminou por lhe sorrir, e sua família é o eixo de uma vida gratificante, ele passa um bom tempo fazendo coisas com os filhos. Ensina os meninos a jogar beisebol e futebol, vai com eles aos jogos, brinca de luta com eles, gosta de tê-los por perto. Dança com a filha pequena, leva-a ao colo e coloca nos ombros, quando sai para dar um alô para os amigos. Oferece às crianças pequenas a sensação de que podem contar com o pai. Quando os filhos vão ficando maiores, é freqüente surgirem conflitos, se forem de temperamento introvertido ou intelectual, e não puderem partilhar dos mesmos interesses que ele, ou se sentirem que a personalidade do pai é invasiva. Se a família pertence à classe trabalhadora e os filhos têm aspirações de ascensão social, também surgem conflitos e dores afetivas.

Se esse pai for homem rejeitado com muita raiva guardada, instável no trabalho e nos seus relacionamentos, os filhos provavelmente sofrerão suas agressões. E

pode reagir com medo e terror diante da cólera que ele espalha ao seu redor, disparada pelas menores provocações. Pode cometer abusos de ordem física, especialmente quando se embriaga.

Também há aqueles filhos de homens Ares que são negligenciados, especialmente se eles nasceram quando esses pais ainda eram emocionalmente adolescentes. O homem Ares pode ter espalhado muitas sementes sem saber, e não ter nem o temperamento nem a capacidade financeira de cuidar dos filhos que gerou, tanto dentro do casamento quanto fora dele. Além disso, pode ser pai ausente. No entanto, se puder cuidar dos filhos, normalmente o fará. É de sua natureza ser generoso quando tem algo que possa dar.

Meia-idade

O status da vida do homem Ares nos seus anos de maturidade tem ligação íntima com a classe social em que nasceu. Por exemplo, é tragédia para muitos homens Ares terem nascido em famílias com ambição de ascensão social, ou em lares da classe média alta, nas quais os valores predominantes são a distância e a frieza emocional, o intelecto, a capacidade de manipular os outros e de adquirir poder e dinheiro. O destino desses homens imita o do deus Ares, que, como alvo do desprezo de Zeus, foi tido como sem valor e em seguida rejeitado. Muitos homens Ares que têm pais Zeus e nascem numa família que corresponda hoje à classe social olímpica da mitologia cumprem o mesmo destino de Ares, o deus, humilhado e denegrado como fracassado nos campos de batalha das grandes empresas.

Para que o homem Ares oriundo de família de empresários ou de profissionais liberais se sinta bem a seu próprio respeito na meia-idade, deve ter sido capaz de, desde

cedo na vida, reconhecer que seus interesses e ritmos eram diferentes dos de seu pai e sua classe social. Deve ter recebido apoio emocional para ir atrás de seus próprios interesses e para desenvolver o próprio talento, além de se sentir bem com o seu temperamento, que vai de cáldo a tórrido em vez de a frio. Apoio emocional para ser quem e como é tem valor essencial no seu caso. Às vezes psicoterapia, ou uma pessoa significativa, quase sempre pais que o amaram e enxergaram sua natureza, tornam possível que isso aconteça. Mesmo assim, para se sentir estabilizado na meia-idade, ele teve de lutar muito para achar um lugar para si no mundo. Seu sucesso é altamente individualista e, por isso, arduamente conquistado.

É mais fácil para o homem Ares atingir uma situação estável e satisfatória na meia-idade se tiver nascido numa família de operários dentro de comunidade unida, pois são mais fáceis de lhe ocorrer vias de manifestação aceitável para o seu temperamento e sua natureza física, tanto nas ocupações profissionais quanto nos passatempos. A camaradagem entre os rapazes, esportes, e até mesmo as brigas ocasionais servem como canais de saída para sua agressividade, e ele precisa dos outros para consentir e até mesmo apreciar a sua própria exuberância; todas essas saídas simplesmente não existem para os homens urbanos com estilo de vida voltado para a ascensão social. Na classe trabalhadora, as ocupações que envolvem fisicamente o homem são respeitadas, e por isso a aceitação e a auto-estima subsequente são mais fáceis de acontecer.

Mais do que com qualquer outro tipo de arquétipo, o destino do homem Ares parece estar decretado pela meia-idade, e é mais predeterminado por fatores externos, tais como classe social e família, porque a própria cultura não apóia naturalmente o tipo de homem que ele é.

Terceira idade

Por volta de sua meia-idade, já estão amplamente definidas as linhas gerais de como será a vida do homem Ares daí em diante até o fim. A estabilidade e a autoestima (ou a falta delas) que tiver consolidado nessa época fará toda a diferença quando ele se tornar idoso.

Muitos homens Ares não chegam a viver até idade avançada. A morte pode levá-los cedo, seja por violência, seja por acidentes, ou por guerra. Por temperamento e por causa de sua ocupação, a vida desses homens é mais fisicamente perigosa. E, se o país estiver em guerra, a possibilidade de morte precoce é ainda maior. Os homens Ares constam em grandes números entre as fileiras de soldados e de baixas da Guerra do Vietnã, com suas dispensas e alternativas. Problemas físicos induzidos por estresse exacerbado também ceifam a vida dos Ares quando a raiva e a impotência coexistem por muito tempo, como geralmente acontece. Em épocas de recessão econômica, quando o parque industrial e comercial estagna, pode acabar a segurança e daí resultar instabilidade e violência familiar.

Apesar de tudo, alguns homens Ares são contentes em sua velhice e talvez mais do que em qualquer outra época de sua vida. O homem caseiro, da classe operária, agora está feliz porque chegou a hora de sua tão esperada aposentadoria, com toda a família em torno, a possibilidade de acompanhar os eventos esportivos de seu gosto, passatempos e os amigos com que se ocupar, os netos para cuidar, talvez a casinha à beira do lago que construiu e sua capacidade inata para viver o momento presente.

Uma satisfação mais arduamente obtida alcança os homens Ares que tiveram de lutar contra a maré. A vida desses em geral não recebeu apoio da malha comunitária e teve de recorrer a soluções altamente individualizadas.

Onde moram, e com quem, assim como o que fazem, é, então, resultado de suas escolhas pessoais baseadas em reações autênticas e profundamente ancoradas em sua verdade pessoal. Esse tipo de Ares aprendeu a se adaptar e permanecer ao mesmo tempo fiel à própria natureza, e surge como o mais individuado e evoluído dos homens: a terceira idade, para este homem, é a época de colheita farta.

DIFICULDADES PSICOLÓGICAS

Da mesma forma como o deus Ares foi o mais escorraçado dos deuses do Olimpo, tendo sofrido humilhações e ferimentos, também muitos homens Ares conhecem o que é ser vítima de abusos e rejeição, na infância, meninice e adolescência. Em decorrência desses traços de personalidade e de maus-tratos, diversas dificuldades perturbam os homens Ares.

Identificação com o deus da guerra

O homem que é "só Ares" se identifica com esse arquétipo e nunca desenvolve a capacidade de se observar e refletir sobre seus atos. Faltam-lhe escolhas e ele é um feixe de reações impulsivas e nada mais. Um exemplo extremo é o brigão de rua que não consegue deixar passar uma só provocação. De vez em quando, celebridades de Hollywood ganham as manchetes dos jornais por esse tipo de comportamento. O fotógrafo tira uma foto não encomendada, e pouco recomendável, ou um comentário maldoso é feito em voz alta demais, e apesar das manchetes, da prisão, dos processos por danos que seguem quando alguém "aperta os botões errados" com alguma provocação o descontrolado deus da guerra explode, e eis

o astro aos socos com um infeliz enquanto as luzes dos *flashes* estouram por todo lado.

O agressor agredido

Quando seus punhos e sua raiva são direcionados contra mulheres e crianças, o homem Ares em geral é o agressor que foi agredido, que foi, em sua própria infância, espancado e humilhado. Suas emoções disparam a reação corporal. Uma criança maltratada, aterrorizada e humilhada habita o corpo desse tipo de homem, que então desconta ou espanca alguém quando se sente inadequado. Dessa maneira, os pecados dos pais são perpetuados por gerações. Se você participar de uma reunião de grupo de homens violentos cujo modelo de trabalho copia o do AA constatará com que frequência esses agressores foram crianças seriamente maltratadas.

Para sobreviver a essa infância da melhor maneira que consegue, esse homem reprimiu seus próprios sentimentos de terror e impotência. Por causa disso, ele não consegue se colocar no lugar da vítima. Melhor que qualquer outro, ele deveria ser capaz de imaginar a sensação de ser espancado por alguém que está descontrolado e é fisicamente capaz de causar sérios danos, pois isso já aconteceu com ele. Mas ele não consegue sentir solidariedade até que seja capaz de arriscar-se a expor a vítima que ele mesmo foi.

É assim que o lar se torna um campo de batalha para Ares, pois é lá que ele pode praticar seus abusos a torto e a direito, atingindo todos os membros da família quando se sente inadequado. O arquétipo do deus enfurecido age em prol de sua própria criança interior, do menino humilhado e agredido dentro de si mesmo que, agora, se tornou potente o bastante para revidar e agredir.

Bode expiatório

Quando é criança, ou adolescente, o Ares pode ser aquele que é provocado por um grupo no recreio da escola e que reage com mágoa e ira, quando seria muito melhor se "esfriasse a cabeça" e não se deixasse arrastar pela raiva. A vida pode imitar o mito se ele for encurralado pela gangue e maltratado (como quando os gêmeos gigantes aprisionaram Ares no jarro). Ele também pode sofrer danos emocionais se for rejeitado e excluído do grupo. Essa rejeição costuma acontecer realmente com Ares porque ele age sem pensar e exhibe suas emoções aos olhos de todos. Além disso, se já for vítima de agressões e menosprezos em casa, será ainda mais vulnerável ao ostracismo na escola.

Na família, pode deparar dificuldades não só junto aos pais, mas também por ser o filho que sempre perde as disputas entre os irmãos (como aconteceu repetidamente entre Ares e Atená). Frequentemente, entra em confusão e causa má impressão, seja por mérito próprio, seja porque é provocado, cutucado ou exasperado, cai na armadilha, e então "é enquadrado" por pai autoritário, que sempre deprecia essa criança em particular devido a suas facetas inaceitáveis.

Na sala de aula, o menino Ares pode se ver lançado no mesmo papel de bode expiatório. Quando reage, pode ser expulso da sala e mandado para a sala do diretor. Também é o bode expiatório quando o professor tem prevenção contra ele. Sabendo desse seu papel, as outras crianças deixam que seja ele a levar sempre a culpa.

Assim que esse padrão de ser o bode expiatório fica estabelecido, costuma continuar até a idade adulta, quando ainda se mantém como aquele que é provocado a agir mal e é depois vítima de ostracismo. A probabilidade maior então é que ele desconte na família aquilo que lhe fizeram fora de casa.

Trabalho e depressão por desemprego

O homem que reage com raiva sem sequer pestanejar sem dúvida tem problemas no trabalho. Explode e é despedido. Ares também tem dificuldade especial de "fazer como manda o livro", e seguir regras ou procedimentos e princípios, em vez de ir pelo que seus sentimentos dizem que é o certo para aquela situação. Pode entrar em dificuldades ao falar a verdade, quando isso não é nem diplomático, nem prudente. Pode ser também que tenha seguido a voz do coração e feito exceção, quando as regras diziam que não. Por conseguinte, mesmo quando o problema não é com a raiva, o homem Ares costuma não ficar muito tempo num trabalho burocrático ou dentro de uma empresa.

A evolução profissional também é área de atrito. Ares não é estrategista e não vê as coisas no longo prazo, e isso tem efeitos negativos sobre sua vida profissional. Pode ter saído logo da escola ou talvez não tenha sido bom aluno, porque não conseguia pensar no amanhã.

Álcool e Ares

Ares é desencorajado e reprimido como amante, dançarino, guerreiro e agressor que faz tudo no ato, e recebe a oposição dos outros arquétipos e da cultura que quer que os homens vivam no plano mental e não no plano corporal. O álcool muitas vezes liberta Ares e, mais uma vez, de maneira tanto positiva quanto negativa. Às vezes, o álcool dissolve as inibições contra a afetividade e a espontaneidade: basta observar a camaradagem que se instala entre os homens que são membros de um time esportivo ou soldados do mesmo batalhão, que bebem juntos depois das batalhas. O álcool pode também soltar as rédeas do homem agressivo, cuja violência é muito mais facilmente atizada quando está embriagado.

Expectativas não atingidas

O deus Ares foi amante, não marido. Seu pai Zeus (o tipo executivo principal) odiava o modo como Ares se comportava. Como arquétipo, Ares não tem as qualidades e a motivação que levam facilmente a vida responsável de casado, ou a carreira bem-sucedida. Frequentemente, o homem Ares se percebe não correspondendo às expectativas de alguém; por essa falha, sente-se mal a seu próprio respeito. Quando isso acontece muitas vezes, ele se torna derrotado permanente e faz de si a idéia de que é fracassado. Esse é problema que surge quando ele é amado por ser como é, no início, e depois passam a esperar que seja pessoa totalmente diferente. Por exemplo, a mulher pode ser atraída por sua sensualidade e vivacidade, ou por sua intensidade e atratividade sexual. Ou ela pode ter-se condoído ao pressentir o menino ferido e rejeitado dentro dele. Assim que está numa relação com ele, porém, ela começa a tentar mudá-lo para que se torne homem casado, cosmopolita, profissional com planos de ascensão na vida e no trabalho, ficando com muita raiva quando isso não acontece.

PROBLEMAS PARA OS OUTROS

Se o ciúme é problema para a parceira do homem Ares, sua relação será muito turbulenta. Para o homem Ares, a fidelidade costuma ser algo que consegue a duras penas, em decorrência de seu amor e de sua lealdade; não é algo que lhe sobrevenha com facilidade. Tem de aprender a dizer "não" a uma atração que existe no momento e a dizer "não" à sua sexualidade amoral e puramente instintiva; caso contrário, é o seu pênis que decidirá o que fazer. As conseqüências futuras são vagas para ele, comparadas com a situação imediata, também quan-

do a situação é repetida. Suas parceiras podem se magoar "Mas como você foi capaz!" e as acusações vão despençar em sua cabeça. É característico que Ares deva aprender com a experiência e que talvez não absorva a lição senão depois de muitas e muitas repetições.

Quando o ciúme infundado de uma mulher é problema para ela, Ares provocá-lo-á com certeza, pois não sabe explicar bem onde passou o tempo. Talvez tenha parado num bar e se deixado levar por bom papo ou entrado numa partida de alguma coisa qualquer, ou pode ser que simplesmente tenha se absorvido em alguma coisa e perdido a noção do tempo. Se há problema de ciúme, a mulher não pode contar com seu parceiro Ares para resolvê-lo por ela. Mas, em seus embates com ela e ao ter de lidar com a dor que ela sente, ele pode aprender enfim a começar a dizer "não", ou a telefonar para ela se percebe que vai se atrasar. Outro tipo de homem com o mesmo comportamento pode expressar indiretamente hostilidade ou ressentimento porque lembra certas coisas e decide que não a tranquilizará; mas, em geral, o homem Ares só é quem ele mais é: o sujeito do momento imediato.

Filhos bastardos

Da mesma forma como Ares, o deus, teve muitos filhos com muitas parceiras, o homem Ares pode talvez repetir o mesmo padrão. Vivendo no aqui-agora de sua sensualidade e do seu erotismo, Ares não pensa em controle da natalidade; além disso, gosta de crianças e da idéia de ter filhos, embora possa não apreciar a idéia de casamento. A mulher que se envolve sexualmente com o homem Ares tem de tomar decisões responsáveis e realistas a respeito de como evitar filhos e quanto à possibilidade de ter de criar sozinha as crianças que vier a ter com ele. Seria erro presumir que ter um bebê com o ho-

mem Ares significa automaticamente casamento. Por outro lado, o único motivo que ele considera para se casar é justamente pelo bem dos filhos.

Ares agressivo

Maus tratos físicos constituem a pior situação possível para mulheres e crianças que convivem com homem Ares que fica com raiva e desconta tudo neles. Essas mulheres precisam saber que as agressões físicas não cessarão se ela permitir que ocorram e que permanecer numa situação em que ela e seus filhos são fisicamente agredidos perpetuará os maus tratos, não só por enquanto, mas provavelmente também na geração seguinte. Ela deve ir embora ou chamar a polícia quando a ameaça da agressão, ou o ato agressivo, ocorrer, não só para se proteger e proteger seus filhos, mas também para ajudá-lo a parar. Se ela não tomar atitude logo na primeira vez, saindo da casa e/ou ligando para a polícia, há grandes chances de que venha a se tornar mulher espancada que em breve estará precisando de ajuda.

MODOS DE CRESCER

O crescimento psicológico dá-se quando o homem Ares pode escolher entre reagir ou não a uma provocação, e de que maneira, quando deixa de ser o sujeito que apenas reage sem pensar. Para chegar a esse ponto, precisa desenvolver autocontrole e também outros arquétipos.

Aprendendo autocontrole

Rápida em sua capacidade de reagir emocionalmente, a personalidade Ares se incendeia e responde de maneira agressiva às provocações, de modo que aprender o

autocontrole é lição mais difícil para Ares que para todos os outros. A melhor maneira de aprender o autocontrole é desde cedo, com pais consistentes em sua disciplina, amorosos, até que seja bem assimilada, pois as situações continuarão se repetindo enquanto a lição não for aprendida.

Há vários anos, por exemplo, o ator de Hollywood Sean Penn, que tinha sido muitas vezes arrastado para julgamentos por suas brigas violentas, com a idade de 28 anos foi sentenciado por um juiz a passar sessenta dias preso. Comentando sua necessidade de aprender a se controlar, seu advogado Howard Weitzman apresentou o caso: "Ele tem de aprender que as pessoas ficarão todo o tempo provocando-o para que entre em situações nas quais se comportará de maneira imprópria. Ele precisa entender, e entende de fato, que incidentes como este (atacou um homem quando achou que esse sujeito estava tentando beijar sua então esposa, Madonna, famosa cantora de rock) são inescapáveis".³

O ex-campeão de tênis, John McEnroe, com seu temperamento ariano, não era capaz de aprender a mesma lição. Famoso por suas explosões de gênio nas quadras e fora delas, McEnroe era descrito na mídia como mau esportista que se comportava de maneira infantil.

Para aprender essa lição crucial, o homem (ou mulher) tem de se sentir motivado a mudar e depois, com treino, controlar o impulso de revidar ou reagir. A explosividade do Ares contido pode então ser recanalizada, se o Eu escolher, nessa altura, uma reação diferente, se puder contar com a ajuda de algum outro arquétipo.

Hermes vem salvá-lo; Apolo é aliado

Felizmente, todos os arquétipos estão potencialmente presentes e ainda que um deles predomine especialmente se for Ares os outros podem ser desenvolvidos. Na mi-

tologia, Hermes veio salvar Ares, quando ainda criança, no episódio em que foi capturado e aprisionado num jarro grande de bronze. De maneira semelhante, o arquétipo de Hermes pode também ajudar a pessoa que, se não fosse assim, sempre reagiria como Ares e instintivamente revidaria ao ser provocado, tornando-se então o bode expiatório, rotulado de agressivo e rejeitado, como aconteceu com John McEnroe.

Hermes representa a capacidade de se comunicar e pensar nos passos que dá geralmente de maneira engenhosa ou astuta. Hermes pode tirar Ares de situação destrutiva. O Ares adulto que é atirado pelos fotógrafos *freelance* que querem porque querem fotografá-lo em comportamento inaceitável, ou a criança Ares no pátio da escola sendo empurrada de propósito por outro menino que vê se provoca uma briga, ver-se-á em apuros se der o troco. Como já é rotulado de encrenqueiro, levará também a culpa e se tornará o bode expiatório. Mas esse padrão muda quando Ares ajuda-o a aprender a falar o que tem em mente, em vez de sair batendo, a dizer alguma coisa que esvazie ou desvie o foco da briga.

Às vezes, é a família que o ajuda a desenvolver o autocontrole, a pensar antes de agir, a usar a habilidade verbal, em vez do corpo. Se a família não ajudar, a oportunidade de aprender essa contenção pode vir em outra etapa da vida, no contato com treinador ou terapeuta, ou com alguma pessoa que se importa de verdade com ele e percebe que precisa aprender a se controlar e a ter forma eficiente de se expressar que não seja precisando ser culpado ou temido.

Uma atividade acadêmica e praticar esportes ao ar livre convocam o arquétipo de Apolo, outro potencial aliado de Ares. Apolo é o arquétipo da disciplina, da distância emocional, do autocontrole, das metas de longo alcance. Tem em comum com Hermes a capacidade de enquadrar

com nitidez a situação, levando claramente em conta as conseqüências; além disso, também representa a capacidade de usar a vontade e o intelecto com eficiência.

Bobby Kennedy, cuja natureza Ares fez dele apaixonado lutador, poderia ter sido eleito presidente dos Estados Unidos, caso não tivesse sido assassinado. Kennedy foi o filho amado de uma família de políticos, em que a comunicação de idéias fazia parte essencial do jantar, em que as competições esportivas eram uma ocorrência praticamente diária e para a qual a formação superior em direito era a base de uma carreira pública. Desde bem cedo, por conseguinte, a intensidade emocional ariana de Kennedy foi contrabalançada por Hermes e Apolo, e ele pôde, portanto, receber todos os sinais positivos de aprovação.

Pausa para refletir e fazer escolhas a influência de Atená

O herói grego da Guerra de Tróia, Aquiles, foi um dos favoritos de Atená, embora por temperamento lembrasse mais Ares que ela. Quando Agamêmnon, comandante das forças gregas, exerceu sua autoridade fora dos campos de batalha e tomou-lhe sua enamorada, Aquiles colocou a mão na espada e a estava tirando da bainha. Teria sido seu motim e a morte do rei, se não fosse pela apaziguadora intervenção de Atená. Invisível aos outros, ela desceu dos céus, tomou-o pelos claros cabelos e lhe disse:

Vim para acalmar a tua raiva mas me obedecerás?... Vem, agora, não pegues a espada em tua mão, afasta-te da luta embora com palavras possas agredi-lo... Um dia, dádivas três vezes mais belas que estas tu receberás.⁴

Atená representava o momento da reflexão, a voz interior, a pausa que muda a reação emocional numa es-

colha de como agir. Pensar pode dar ao homem Ares a sensação de que há "outro" dentro de si mesmo, conselheiro que ele aprende a convocar. Para alguns homens, é voz feminina, inspirada por mãe racional e amorosa, em lugar de outro aspecto masculino de si mesmo.

Imaginação ativa: convocando os arquétipos

A imaginação ativa pode ser recurso de ajuda. Assim que reconhece o problema que é reagir sem pensar, o menino ou o homem pode mentalmente "chamar" Atená. Imaginando-a ou intuindo-a, pode depois imaginar um diálogo com ela. Ela lhe diz que fique calmo diante de uma situação emocional e que reflita sobre as conseqüências, antes de fazer qualquer coisa. (Se Aquiles não tivesse dado ouvidos a Atená, os gregos teriam perdido a Guerra de Tróia; a *Ilíada* só teria um capítulo, em lugar de vinte e dois). Dessa mesma forma, Hermes ou Apolo podem ser ativados pela imaginação e acionados.

Recuperando a memória e a dor da infância

Se o homem, quando era criança, como tantas vezes acontece, sofreu muitos maus-tratos, "esqueceu" ou reprimiu as experiências por causa da dor emocional dessas vivências; a psicoterapia ou os grupos de apoio para homens podem então ajudá-lo. Aos poucos, ele resgatará a memória e a ira, a dor, a impotência, enterrados há muito tempo, e até então inconscientes, embora exercendo poderosa influência sobre seus comportamentos. Nos quadros de abuso por agressão, os pecados dos pais atingem, freqüentemente, gerações sucessivas até que esse padrão é rompido por alguém que não só resgata o que fora reprimido, como também, nesse processo, descobre sua capacidade para confiar e apiedar-se. Essa tarefa é apresentada aos homens Ares que se percebem compor-

tando-se da mesma maneira agressiva com que foram tratados antes.

A evolução de Ares em Marte

Assim como Ares, o Deus grego da Guerra, sedento de conflitos, evoluiu com o tempo e numa cultura diferente até se transformar no Marte romano, tendo, com essa transição, se tornado o protetor da comunidade, também o lado Ares do homem pode mudar e evoluir. O jovem Ares pode ter sido jogador duro e agressivo de futebol ou hóquei e amado exuberantemente; pode ter achado que nunca seria do tipo que um dia assentaria num lugar mas a maioria dos homens Ares o faz. E, se não tiver passado por maus tratos na infância, nem tiver sido rejeitado, quando vier a se tornar homem de família pode se mostrar Pai Terra dedicado, que sente prazer na companhia dos filhos e se envolve bastante com eles. É protetor natural: qualquer que incomodar seus filhos terá de encará-lo um pai Ares que entrará em brigas corporais, se a coisa chegar a esse ponto. Esse tipo de homem ajuda os filhos a se sentirem emocionalmente seguros. Quando ficar mais velho, poderá tornar-se o líder da comunidade, disposto a combater pela segurança e pelos direitos dos outros.

HEFESTO, DEUS DA FORJA ARTESÃO, INVENTOR, SOLITÁRIO

O talento criativo de Hefesto está solidamente assentado em raízes concretas, e o que produz contém tanto magia quanto magnificência. Em seu ofício é supremo, inigualável, mas, como o homem moderno que se identifica exclusivamente com o próprio trabalho, fica inteiramente perdido fora de suas oficinas.

Arianna Stassinopoulos, *The Gods of Greece*

Uma fantasia sobre Hefesto: o rejeitado pela terra por meio de cujo trabalho e suor a civilização prosperou; muito consciente de sua classe social e fervilhando de ressentimentos e mágoas piromaniacas; interminavelmente criativo e a fonte da maior parte do estoque de gênios do mundo; inquieto, vulcanicamente explosivo e pronto a tomar armas contra tiranos e, não obstante, avesso a guerras e conflitos e muito mais o pacificador e humanitário genuíno; simples como o próprio fogo e igualmente energético.

Murray Stein, "Hephaistos: A Pattern of Introversion"

Hefesto, como deus, arquétipo e homem, personifica a ânsia humana profunda de fazer coisas, criar objetos que sejam funcionais e belos. Rejeitado e expulso do monte Olimpo, Hefesto não era valorizado no elevado reino de Zeus, em que importavam o poder e a aparência. Em vez disso, trabalhava sozinho em sua forja no fundo da terra. Seus atributos são igualmente desvalorizados pela cultura patriarcal, e os homens que lembram esse deus têm dificuldades em obter sucesso.

Hefesto (chamado pelos romanos Vulcano), era o Deus da Forja, o artífice e serralheiro dos olímpicos em cujas forjas era usado o fogo dos vulcões. Os seus adoradores apelavam aos seus poderes para controlar a força destrutiva dos vulcões. Era considerado o deus do fogo subterrâneo, e seu nome grego também significa "fogo" em sentido geral.

Era retratado como homem, grande, musculoso e robusto, com pescoço largo e peito cabeludo, cujo pé defeituoso levava-o a andar rebolando. Na qualidade de o menos abençoado e provavelmente o menos feliz dos deuses, era deformado, inseguro quanto a seus pais, rejeitado e infeliz no amor. Mas era também gênio criativo e o único deus que trabalhava.

Genealogia e mitologia

Na versão mais difundida sobre suas origens, uma invejosa Hera deu à luz Hefesto, por via partenogenética, numa disputa do tipo "Eu também posso" com Zeus, depois que ele gerara Atená em sua cabeça e fora reconhecido como seu único genitor. Contudo, embora Atená fosse perfeita em sua formação, Hefesto apareceu com pé torto. Esse defeito humilhou Hera; assim que o viu, rejeitou o filho recém-nascido e atirou-o do alto do Olimpo. Em outra versão, um Zeus muito zangado, furioso porque o jovem Hefesto tinha se aliado a Hera em uma de suas brigas domésticas, expulsou Hefesto do Olimpo e o deixou aleijado quando bateu no chão, na ilha de Lemnos. O filho expulso foi salvo pelas duas ninfas do mar, Tétis e Eurínome, que cuidaram dele por nove anos. Na companhia dessas duas figuras, Hefesto aprendeu a ser artesão, criando belas jóias para suas mães adotivas.

Hefesto, o artesão

Hefesto é o artesão inventivo do Olimpo. Por exemplo, foi ele quem criou um belo trono de ouro que deu de presente a Hera; ao recebê-lo, ela sentou nele, deliciada. Mas a cadeira era armadilha engenhosamente montada, pois, tão logo ela se acomodou, ficou atada por fios invisíveis e depois levitou. Hera ficou mortificada, impotente, incapaz de se mover e suspensa em seu trono no ar, à vista de todos. Segundo um mito, Hefesto fez esse trono de ouro para prender Hera porque ele fora mantido na ignorância sobre quem eram seus pais. Para arrancar dela tal informação, inventara essa armadilha. Em outras versões, Hefesto exigiu de Afrodite ou de Atená uma noiva, para que pudesse libertar Hera.

Mais ninguém podia soltá-la além de Hefesto, e ele se recusava a sair do fundo do mar onde vivia com suas duas mães substitutas. Seu irmão, Ares, Deus da Guerra, foi até lá embaixo para trazê-lo de volta à força, mas este o afastou com labaredas. Então, Dioniso, Deus do Vinho e do Êxtase, conseguiu embriagá-lo. Hefesto nunca vira ou provara vinho antes e, convidado a prová-lo, logo se encontrou voltando com Dioniso para o Olimpo, embriagado, atirado no lombo de um burro.

Além disso, na *Teogonia* de Hesíodo, Hefesto recebe o crédito de ter criado Pandora, a primeira mulher humana, como instrumento da vingança de Zeus. Nesta versão patriarcal grega, a humanidade só era, no princípio, composta por homens que Zeus privava do fogo. Depois Prometeu roubou uma centelha de fogo e a deu aos homens. Isso deixou Zeus furioso e ele obrigou Hefesto a criar uma bela mulher, nos moldes das deusas imortais, para levar sofrimentos e confusão aos homens. Vestia-se maravilhosamente, fora ensinada a não ter pudor e a enganar, fora da capacidade de seduzir

sexualmente os homens e recebeu um jarro ou caixinha que, ao ser aberta, disseminava sofrimentos, males e doenças pelo mundo.

Hefesto construiu também palácios para os olímpicos, criou o cetro de Zeus e seus raios, montou a carruagem alada que deu a Apolo, deus do sol, para que este atravessasse o céu, fez flechas para Apolo e Ártemis, uma foice para Deméter, armas para Atená, a armadura de Aquiles, e um colar para que Harmonia usasse no dia do seu casamento. Também fez para si mesmo servas de ouro, verdadeiras obras-primas de seu gênio, que pareciam lindas mulheres, capazes de falar e que faziam habilidosamente tudo o que ele lhes ordenava.

O amante traído e rejeitado

Hefesto foi o marido traído de Afrodite, a Deusa do Amor e da Beleza, conhecida por suas muitas ligações amorosas com deuses e homens mortais. Ao suspeitar que um amante visitava a esposa em sua ausência, Hefesto instalou uma armadilha de redes invisíveis que fixou nos caibros do dossel para caírem sobre a cama. Com isso, ele prendeu Afrodite na cama com Ares. Quando Hefesto chamou os deuses para que testemunhassem essa infidelidade, no entanto, em vez de ficarem ao lado dele com a mesma indignação que sentia Hefesto, os olímpicos tiveram um monumental acesso de riso diante da cena.

Hefesto se apaixonou uma vez pela deusa virgem da sabedoria, Atená; cheio de paixão, ele tentou fazer amor com ela. Ela o empurrou quando ele tentou fecundá-la, e o sêmen dele caiu sobre a terra para fertilizar Gaia (a Terra Mãe), em lugar dela. O filho resultante dessa união, Erictônio, posterior fundador da casa real de Atenas, foi criado por Atená.

HEFESTO, O ARQUÉTIPO

Da mesma forma como Hefesto foi atirado para fora do Olimpo, também este arquétipo é desvalorizado e rejeitado numa cultura que cultua o heróico, o intelecto, valores espirituais elevados, poder e a capacidade de se adaptar ao que é esperado, antecipando o próximo movimento. Numa cultura de deuses celestes, como ocorre nos patriarcados, tudo o que é "terrestre" é depreciado ou oprimido: a Mãe Terra, sentimentos apaixonados, instintos, o corpo, as mulheres, os homens que são como Hefesto.

Ainda bebê, Hefesto foi rejeitado pelo pai, Zeus, que mandava em todo o Olimpo, disparando raios, e pela mãe Hera, Rainha dos Céus. O Olimpo era também inimigo de Hefesto, quando este se tornou adulto. Nos mitos, quando ele se aventurava a ir até lá em cima, era o bufão ridículo, o bêbedo ou o marido chifrado. Em seu próprio elemento, porém, trabalhando em suas forjas, Hefesto era o mestre artesão que usava o fogo e os instrumentos de sua oficina para transformar a matéria bruta em objetos maravilhosos.

Esse padrão de vida é o arquétipo do trabalho criativo, que surge das metáforas do fogo vulcânico e da forja, trabalho que resulta de ser expulso do Olimpo e cair na terra, que redime e expressa o criador ferido. O arquétipo de Hefesto está no âmago de um profundo instinto de trabalho e de criação a partir da "forja da alma" metáfora que James Joyce usou em seu *Retrato do artista enquanto jovem*.

Quando esse arquétipo está presente, a beleza e a expressividade que, de outra maneira, permaneceriam enterradas no homem (ou na mulher), podem ser liberadas por meio desse trabalho que confere forma tangível a esses aspectos da pessoa. Essa forma de se tornar consciente é oposta ao *insight*, pelo qual uma experiência ex-

terna é traduzida internamente em significado. Para o padrão de Hefesto, algo interno torna-se literalmente visível, e é nesse momento que pode sobrevir a percepção do seu significado.

Michelangelo dizia que libertava suas estátuas magníficas dos blocos de mármore dentro dos quais elas haviam estado "aprisionadas". Fico pensando se algum dia ele deu um passo atrás para contemplar uma obra recém-concluída e, nesse instante, se deu conta de que havia tornado visível algo que existia em seu próprio íntimo. Quando o arquétipo de Hefesto faz parte de um homem (ou mulher), um conteúdo vivenciado até então no fundo de sua psique e ainda não expresso, ganha forma e se torna traduzível em palavras, por meio do trabalho.

Fogo subterrâneo e a forja

O fogo associado a Hefesto é o fogo sob a terra, aquele cerne derretido que sobe do fundo como lava de vulcão. Fogo subterrâneo é metáfora para sentimentos apaixonados, para o intenso fogo sexual e erótico contido no âmago do corpo até que seja expresso, para a ira e a raiva contidas e amortecidas, ou para uma paixão pela beleza que se agita e é percebida no corpo (ou a terra da pessoa).

Esses sentimentos, localizados abaixo da superfície numa pessoa intensamente introvertida, podem vir à tona de modo inesperado e súbito. Quando revelados para alguém, numa conversa íntima, quase sempre esse interlocutor ficará surpreso: "Não tinha idéia de que você estivesse sentindo tanto tudo isso".

O arquétipo de Hefesto predispõe o homem (ou a mulher) a não falar sobre seus sentimentos. Ele prefere se recolher à sua versão particular da forja e trabalhar sozinho. Lá ele pode sublimar seus sentimentos ou expressá-los por meio do trabalho. Por exemplo, o arqui-

teto que anseia por uma casa pacífica e organizada pode embutir esses sentimentos nos projetos das casas que cria (em vez de falar a sua família como o incomoda a desordem). O pintor abstrato expressionista cria na tela a atmosfera pela qual anseia, ou pode vazsar sua raiva e sua dor quando suas necessidades são desrespeitadas (passam em silêncio ou, na melhor das hipóteses, são indiretamente insinuadas).

A forja é todo e qualquer local em que realize o trabalho de traduzir ou transformar aquilo que sente em alguma coisa que existe fora de seu corpo. Os estúdios ou oficinas de porão de muitos artistas são, na realidade, locais em que os homens podem ficar a sós com o arquétipo de Hefesto, onde podem ser Hefesto em sua forja subterrânea.

O amor não consumado, a mulher impossível de conquistar, o amor não correspondido podem ativar o fogo da forja transformadora quando Hefesto é um arquétipo ativo. O fogo da forja é a paixão inexpressa que inspira o trabalho criativo.

O artesão aleijado

Como dissemos antes, Hefesto foi o único dos olímpicos que se casou fisicamente, e era a única deidade imperfeita do panteão. Foi rejeitado e expulso do Olimpo ou por ter nascido com pé torto, o que ofendeu sua mãe Hera, ou porque deixou Zeus zangado, que o atirou do alto do monte e por isso o aleijou.

A deformidade física de Hefesto não pode ser separada das feridas emocionais que seus pais lhe causaram. Em decorrência de sua deformidade e rejeição, Hefesto se tornou o Deus da Forja, o arquétipo do instinto de trabalhar como meio de evoluir e curar feridas emocionais. Hefesto é o arquétipo do artesão aleijado (do artista, es-

critor, curador, inventor ou artesão ferido), cuja criatividade é inseparável de suas dores emocionais.

Hefesto, o artesão, parece-se muito com o curador ferido cuja motivação para curar vem do fato de ter sido ele mesmo ferido, e cujas feridas saram à medida que ele ajuda os outros. Hefesto tinha um pé deformando e andava com gingado que divertia os outros habitantes do Olimpo, que então faziam pouco caso dele. Ele não podia ser belo, então criava a beleza; seu pé não funcionava como devia, mas o que fazia funcionava à perfeição. Por meio do seu trabalho, os homens (e mulheres) Hefesto podem se ver refletidos em peças intactas, que funcionam; por meio desse reflexo, flui sua auto-estima e seu auto-respeito, assim como o respeito e a estima dos outros. Dessa forma são curadas as feridas que motivaram a realização daquele trabalho.

Como comenta o escritor junguiano James Hillman: "Nossos pais foram os causadores de nossas feridas. Todo o mundo tem um ferida causada por pais, que foram também feridos. A imagem mítica do pai que fere ou é ferido torna-se a afirmação psicológica de que *o pai/a mãe é a ferida*".¹ Consideramos nossos pais literalmente responsáveis; mas a mesma afirmação "o pai/a mãe é a ferida" pode significar, metaforicamente, que nossas feridas também servem de pai/mãe para nós. Nossas feridas se tornam os pais e as mães de nosso destino.

Quando o arquétipo de Hefesto é o componente principal da personalidade de um homem, então ele pode adotar o padrão do artesão aleijado ser rejeitado e ferido pode "gerar" sua criatividade. Mas isso só pode acontecer se, como com Hefesto (que teve duas mães substitutas), o homem (ou a mulher) tiver a grande sorte de ser bem e amorosamente cuidado, e de achar um meio para poder desenvolver habilidades que lhe permitam dar vazão à sua criatividade.

Ser expulso do monte Olimpo e "cair na terra" é como Adão e Eva sendo expulsos do jardim do Éden. Em ambos os mitos, o sofrimento e a necessidade de trabalhar decorrem da "expulsão".

O pacificador da família

Hefesto sofreu maus tratos na infância quando foi atirado para fora do Olimpo por seu pai, o que o deixou aleijado para sempre. Nas famílias em que conflitos são comuns, um dos filhos frequentemente assume o papel do pacificador. Costuma ser a criança vulnerável, excessivamente sensível aos primeiros sinais de conflito iminente: no Olimpo, esse filho foi Hefesto.

No início da *Ilíada* encontra-se a descrição de um conflito à mesa do jantar entre os pais, que ameaça se tornar grave, quando Hefesto intervém rapidamente, assumindo sua função de pacificador da família. Essa experiência é extremamente comum em muitos lares. "Não deixe o papai ficar zangado, porque descontentará a raiva em todos nós!" é o que Hefesto assume cuidar:

Os regentes discordavam; o senhor do céu prometera a Tétis honrá-la e honrar seu filho, humilhando os que o haviam afrontado. Nesse instante, começa a discórdia: Hera reprova vigorosamente o marido que a agride verbalmente. Mal contendo a raiva, ela permanece sentada em silêncio, enquanto a rebelião vai se propagando pelos escalões de deuses. Nessa altura, seu filho Hefesto se ergue para fazer a paz. Ele diz que é intolerável que deuses se desentendam por causa dos homens e estraguem o prazer daquele banquete olímpico; tudo ficará bem bastando para tanto que sua mãe se reconcilie com seu pai e volte a falar amigavelmente com ele, para que sua raiva não cresça e ele se sinta obrigado a provar a superioridade de sua força. Hera sorri. Com boa vontade ela aceita a taça que lhe estende seu filho.²

Hefesto e Afrodite: unindo o trabalho ao amor e à beleza

Na *Odisséia*, Afrodite, Deusa do Amor e da Beleza, casa-se com Hefesto, mas também tem muitos romances paralelos. Cada um desses lhe deu um filho. Só com Hefesto não houve descendentes. Em vez disso, o casamento dos dois era a personificação da união entre a habilidade para trabalhar com as mãos e a beleza, o que dá à luz coisas belas. Na *Iliada* de Homero, Hefesto era casado com Cária ou Graça; na *Teogonia*, de Hesíodo, sua esposa foi Áglea, a mais nova das Graças, serva (ou uma versão menor) de Afrodite. Todas essas são versões do casamento entre a beleza ou a graça e a habilidade de confeccionar objetos.

Hefesto busca a união com Afrodite em muitos níveis: nos relacionamentos pessoais e também no trabalho, o arquétipo Hefesto é atraído pela beleza e pelo amor, coisas que lhe tinham sido negadas, mas que mesmo assim tenta ter. Sentimentos profundos e ardorosos num Hefesto podem ser despertados por bela mulher que se pareça com Afrodite quanto à intensidade e à sensualidade. Ela pode inspirar seu trabalho e acender-lhe os sentimentos.

Nesse processo, os papéis masculino e feminino são invertidos, pois ela psicologicamente “fertiliza” o homem, inspirando sua criatividade, que depois virá à luz na forma de novas obras.

Hefesto e Atená: unindo o trabalho criativo à inteligência

Como comentamos antes, Hefesto perseguiu em determinada ocasião Atená, Deusa da Sabedoria e da Habilidade Manual, e a subjugou. Ela resistiu a essa união

indesejada e o sêmen de Hefesto caiu no chão, tendo impregnado Gaia, a terra. Decorrido o tempo certo, nasceu Ericetônio, cujo nome quer dizer “filho da terra”. Foi dado a Atená para ser criado. Depois, este foi o pai da legendaria linhagem dos reis de Atenas.

Atená, que serviu de mãe substituta para o filho de Hefesto, representa o intelecto que sabe como fazer as coisas. Sua sabedoria era a de general de campo, cujas estratégias são bem-sucedidas, ou a do tecelão capaz de visualizar a trama final da tapeçaria, desenhar-lhe o projeto e, linha por linha, concretizá-la. As pessoas Atená, no mundo contemporâneo, podem falar de planos comerciais em vez de planos bélicos, e acumular vitórias no mercado de trabalho.

A união de Hefesto com Atená, na psique masculina, permite que o homem saiba como levar seu trabalho para o mundo. A busca de Atená pelo arquétipo de Hefesto pode levar o homem a se sentir atraído pela mulher que tenha qualidades semelhantes às dessa deusa. A tarefa de promover o trabalho de seu criativo marido, ou de encontrar um meio de ele ganhar dinheiro com esse trabalho (se ele mesmo não desenvolveu em si tal capacidade), recai então sobre ela, por falha dele. Essa promoção da criatividade do tipo da de Hefesto, da qual a dimensão Atená está encarregada, também pode acontecer entre parceiros do mesmo sexo.

Cultivando Hefesto

A única maneira de cultivar este arquétipo é dedicando-lhe um tempo. Afastar-se da companhia das demais pessoas e deixar-se absorver por alguma coisa que você faça com as mãos, que conheça intuitivamente, muda, expressa ou transforma em você alguma coisa que ficara em suspenso, durante esse processo de executá-la.

É valioso ensinar como desenvolver essa introversão de Hefesto para aquelas crianças extrovertidas que têm facilidade para depender dos outros fazerem coisas com elas o tempo todo. Os pais podem cultivar Hefesto em seus filhos acentuando para eles a importância de períodos de tranqüilidade, ensinando-os a se entreter (sem a televisão, um passatempo passivo). Brinquedos de armar e argila são bons princípios: há incontáveis possibilidades de unir a imaginação com o trabalho manual. Dar às crianças o privilégio de ficarem no mesmo espaço que os pais, quando estão como Hefesto ocupados com sua forja, transmite-lhes o valor de ocupar o tempo dessa forma. É importante enfatizar o valor de se deixar absorver pelo tempo criativo. Os adultos que queiram desenvolver esse aspecto da necessidade de serem como Hefesto precisam da mesma espécie de incentivo que dariam às crianças.

Quando Jung foi rejeitado por Freud por diferir dele, e expulso do pináculo psicanalítico da glória onde até então se sentara, na qualidade de príncipe entre os seguidores de Freud, ele atravessou seu mais negro período. Estava isolado e sofreu os tormentos de toda uma fase de incertezas íntimas e de constante pressão interior. Era o Hefesto ridicularizado e rejeitado. No entanto, achou um jeito de acessar seus recursos criativos, como faria Hefesto.

Jung escreveu:

A primeira coisa que veio à tona foi uma lembrança de minha infância, de quando tinha 10, talvez 11 anos. Naquela época passara por uma fase na qual brincara apaixonadamente com blocos de montar. Lembrei-me nitidamente de como construía casinhas brancas e castelos, usando garrafas para formar as laterais dos portões e as abóbadas. Um pouco mais tarde, usara pedras comuns com lama para cimentá-las. Essas estruturas me mantiveram fascinado por muito tempo. Para meu espanto to-

tal, essa lembrança veio acompanhada de uma emoção poderosa. "Ora", disse a mim mesmo, "ainda há vida nisso tudo. Esse garotinho continua por perto, e possui uma vida criativa que me falta. Mas de que modo chegar até lá?" Pois, sendo adulto, parecia-me impossível que eu conseguiria cobrir a distância entre o momento presente e meus 11 anos de idade. Apesar disso, se eu queria entrar em contato com essa fase, não havia outra escolha senão voltar a ela e retomar, novamente, a vida daquela criança com suas brincadeiras infantis. Esse foi momento decisivo em meu destino, mas só cedi depois de resistências intermináveis e sentindo-me resignado, já que foi uma experiência dolorosamente humilhante constatar que não havia mais nada a fazer exceto brincar como uma criança.

Nesse ínterim, comecei colecionando pedras adequadas, tirando-as em parte da beira do lago e em parte da água mesmo. E comecei a construir: chalés, um castelo, uma aldeia inteira...

Proseguia com meu jogo de construir depois do almoço, todos os dias... No decorrer dessas atividades, meus pensamentos iam clareando e fui conseguindo captar o sentido de fantasias cuja presença em mim eu mal conseguia registrar.

Naturalmente me indagava quanto ao sentido do que fazia e me perguntava: "Agora, falando sério, o que você pretende com isso? Você constrói uma pequena cidade e fazendo isso como se fosse um rito!" Eu não tinha respostas para minhas perguntas; só a certeza interior de que estava a caminho de descobrir o meu próprio mito. Pois aquele jogo de construir era só o começo. O rio de fantasias que dele brotou depois anotei cuidadosamente.

Esse tipo de coisa acontece regularmente comigo e, em todos os momentos posteriores de minha vida nos quais deparei um muro em branco pela frente, eu começava a pintar ou entalhar em pedra. Todas as vezes, essas experiências se mostraram verdadeiros *rites d'entrée* para as idéias e obras que se seguiam imediatamente a elas.³

HEFESTO, O HOMEM

O homem Hefesto é pessoa intensa e introvertida. Para os outros é difícil saber o que se passa em seu íntimo, e para ele é difícil expressar diretamente seus sentimentos. Pode se tornar aleijado emocional, vulcão fumegante, ou homem produtivo altamente criativo.

Primeiros anos de vida

O bebê Hefesto pode não ser fácil para a mãe, porque tem energia intensa e alta sensibilidade ao que está acontecendo fisicamente dentro dele. Tem quietude que lembra a mola presa que, de repente, pode se soltar e irromper como uma dor lancinante e insuportável, mesmo que seja só um pouco de cólica ou gases. Normalmente não é bebê plácido e fácil de ir no colo, entretido com o que estiver acontecendo à sua volta, capaz de se distrair com facilidade. Às vezes, seu corpinho até dá a sensação de ser mais denso do que o das outras crianças com personalidade mais leve. Tem uma mentalidade muito própria e se deixa absorver pelo que o atrai, não pelo que outra pessoa quer que ele veja.

Se o início de vida é difícil e ele como o deus Hefesto é rejeitado pela mãe por não corresponder às expectativas dela de como deveria ser um bebê, ou se ele tiver o azar de nascer numa casa em que sejam comuns os maus tratos, então esses traços de personalidade se acentuam. Ele não é um bebê com uma personalidade naturalmente convidativa, capaz de conquistar os outros com sorrisos. Assim, se não for aceito ou amado como é, pode se tornar uma criança retraída e mal-humorada.

Na escola, pode ser o guri solitário que observa os acontecimentos da periferia, aquele menino que não se integra e nunca parece estar no centro das atividades. Tem mais

interesse por coisas e máquinas do que pelas pessoas e precisa dos outros para se relacionar com ele por meio do que faz em geral, numa brincadeira solitária. A professora ou a mãe, quando conseguem tirá-lo de seu mundo, em geral têm êxito porque se envolvem no que o interessa, muitas vezes prestando atenção quando ele lhes mostra o que fez, explicando como funciona e como foi feito.

Pode desenvolver auto-estima se foi valorizado por sua individualidade, amado por ser como é e ativamente incentivado a seguir seus próprios interesses (em vez de forçado a ser aquele que não acerta o passo com o do grupo). Esse tipo de apoio lhe dá condição de viver com tranquilidade e de desenvolver suas habilidades criativas mais tarde na vida.

Seus pais

O Hefesto mitológico foi o filho rejeitado, e a rejeição pode ser o destino dos meninos Hefesto também. Se sua mãe é como Hera, que quer um bebê para melhorar sua própria auto-imagem como uma conquista, um ato de competição do tipo "olha só o que eu posso fazer" e se ela tem um bebê que não corresponde a suas expectativas (o que é praticamente sempre o caso para esse tipo de mulher não-maternal, narcisista), ela o rejeitará porque não é perfeito.

Se a vida imita o mito e, de alguma maneira, o recém-nascido é deformado, então a rejeição total é possibilidade. Para a mãe que precisa da criança como meio de autopromoção, o filho defeituoso desfecha duro golpe contra o seu Eu e se torna fonte de humilhação. Ela pode recusar abertamente aquilo que é deformado, ficar ofendida e rejeitá-lo totalmente, o que criará um aleijado emocional. Se a institucionalização for possível, ela imediatamente se livrará da criança, e então esquecê-la ali.

A rejeição e os maus tratos do pai também podem causar deformações (como na versão alternativa do mito). Como o menino Hefesto não consegue perceber naturalmente o que os outros querem dele, não é diplomático e seus sentimentos são intensos, ele pode despertar a cólera de pai autoritário (especialmente se ele também for alcoólatra). Esse pai pode espancá-lo, talvez até por se aliar à mãe, que foi justamente o que provocou Zeus. Os maus tratos podem resultar em danos físicos permanentes e também em lesões emocionais.

Até mesmo nas famílias comuns o filho Hefesto pode ser o menos favorecido, aquele que difere por ser "sério demais", "muito intenso e melindroso", "muito retraído", "anti-social demais". É frequentemente criticado por sua falta de sucesso e de ambição, e em comparação com os outros sempre sai perdendo. O menino Hefesto sofre duas vezes por causa dessa rejeição e demonstrações de desprezo, primeiro porque a experiência é em si negativa e, depois, porque assim que a recebe passa e fica ruminando o assunto.

Já num contexto ideal para o seu crescimento, o menino Hefesto tem pais que gostam de sua facilidade manual e a forma como sua mente trabalha. Valorizam quem ele é e incentivam-no a crescer da forma como naturalmente é, ajudando-o a ficar mais à vontade nos ambientes sociais ao mesmo tempo que validam sua natureza introvertida.

Adolescência e início da idade adulta

Se o jovem Hefesto teve a sorte de achar maneira de ser criativo e se dedicou ao desenvolvimento de suas habilidades e de seu olho artístico, então a adolescência e o início da idade adulta marcam o começo de seu amadurecimento por meio de trabalho criativo. Pode obter suces-

so inicial se seu talento for cuidado por outros artistas que reconhecem seu talento e lhe dão condições e instrumentos para o desenvolvimento de suas habilidades naturais. Talvez entre em outro mundo: uma escola de arte e ofícios numa cidade grande, por exemplo, onde possa enfim encontrar seu nicho dentro de uma instituição escolar, e elabore, por meio de seu trabalho, uma forma de se expressar e de fazer amigos.

Quando criança, o introspectivo Hefesto pode ter tido a forte sensação de que não pertencia à sua família. Agora, já rapaz, pode sair de casa e ir em busca de seus "verdadeiros" tutores: as pessoas que são mais parecidas com ele, que trabalham com as mãos na massa, que são artistas ou artesãos. Se tiver sido rejeitado e maltratado, pode se tornar adolescente deprimido, retraído, com raiva e fantasias de vingança. Hefesto não revida com os próprios punhos; em vez disso, elabora planos para humilhar os que o perseguem. Pode também ter-se tornado artista grafiteiro que se expressa nas paredes dos metrô e edifícios. Como é solitário, não costuma se tornar membro de nenhuma gangue.

Se o jovem Hefesto passa por surto de crescimento rápido, e tem personalidade infeliz e enraivecida, pode começar a intimidar as pessoas (especialmente se é bem mais alto que elas), embora não costume ser de propósito. Como guarda todos os seus intensos sentimentos, pode ficar mal-humorado e cheio de cólera a ferver no seu íntimo. As pessoas que intuem essa raiva toda ficam ariscas com ele, mas é mais característico de sua parte conter a raiva ou voltá-la contra si mesmo do que descontar em alguém.

O que no princípio salva a maioria dos jovens Hefestos rejeitados de cair em sérias depressões, seja qual for o grau de alienação e ira que possam guardar em seu íntimo, é o trabalho físico intenso. Eles podem descobrir

essa via de alívio trabalhando no carro ou encontrando um passatempo artesanal que os absorva. Daí em diante, um trabalho que lide com a raiva e seja gratificante ajuda-os a crescer — trabalho que faça uso de sua energia psicológica e criativa.

Trabalho

Hefesto era o único deus que trabalhava. Em sua forja, que é o mesmo que estúdio, oficina ou laboratório de testes, trabalhava prodigiosamente criando objetos belos e funcionais, armas e armaduras, veículos e assistentes de ouro, que pareciam humanas, como Pandora.

Homem algum é mais dedicado ao trabalho e se deixa mais absorver por ele que o homem Hefesto, o qual encontrou o trabalho de sua vida. Nos anos que passei em centros médicos fazendo os estágios necessários à formação em medicina, conheci muitos homens cuja paixão pelo trabalho e cujas habilidades naturais faziam deles verdadeiros Hefestos. Alguns eram cirurgiões que os residentes admiravam imensamente, dadas suas habilidades cirúrgicas e de pesquisa, e também por seu vigor e resistência, que esgotava os internos e residentes em média vinte anos mais jovens.

Nós, os estudantes de medicina, ficávamos pensando como esses homens conseguiam ter algo que mesmo de longe lembrasse uma vida mortal comum. Havia neurocirurgião que costumava fazer operações de seis horas de duração e certa vez, nos contaram, tinha feito uma cirurgia que durara vinte horas, e esgotara alguns times inteiros de auxiliares. Alguns cirurgiões de coração, especialmente nos primeiros anos de aperfeiçoamento dos procedimentos que hoje são inteiramente comuns, parecia que moravam no hospital. Quando não estavam operando ou fazendo visitas, estavam experimentando

novas técnicas operando animais, ou examinando cadáveres, e aprendendo o que acontecera com o paciente que falecera. Demonstravam intensidade apaixonada pelo trabalho que podia ser facilmente inferida, mas que não se manifestava verbalmente.

Tal como o deus que fez Pandora e as servas de ouro, parecidas com pessoas, o cirurgião trabalha para fazer o corpo humano funcionar. Ele (ou ela) é artesão habilidoso, um artista altamente desenvolvido: assistir à operação realizada por cirurgião Hefesto é assistir a artista em cena. Se esse homem lembra Hefesto em sua personalidade, ele também é pessoa internamente intensa com poucas habilidades políticas ou sociais; o reconhecimento que recebe é só por seu trabalho. (Apolo é o outro deus do centro médico, que inspira o clínico dotado de excepcional facilidade para fazer diagnósticos e chegar ao entendimento teórico, comunicando-se muito bem a esse respeito. Apolo é o arquétipo favorecedor que facilita a ascensão dentro da hierarquia do sistema médico, sem o qual a habilidade e a paixão de Hefesto podem não ter a oportunidade de se expressar plenamente no trabalho.)

Um ambiente mais típico para Hefesto é algum campo criativo em que muitos deles se acham "marginais", demonstram intensa paixão pelo trabalho e fazem alguma coisa que lhes oferece um meio de expressar a intensidade de seus sentimentos. O pintor, o arquiteto, o escultor em metal são exemplos que podemos lembrar do tipo Hefesto em alguns homens que atendi em meu consultório de psiquiatria. Todos vieram por causa de sua angústia e de intensa necessidade de terem mais consciência do que sentiam com tanta intensidade, mas não conseguiam pôr em palavras. Como os cirurgiões tipo Hefesto, eram profissionais intensamente envolvidos em seu trabalho, dedicando-se às suas atividades em horários também heróicos mas que nunca eram chamados as-

sim. Como se envolviam também em fazer o que achavam possível como os cirurgiões que passam horas a fio nos laboratórios testando novas técnicas em animais, esses homens dedicavam muitas horas a construir e experimentar, com as "mãos na massa", em trabalhos que decorriam de suas imagens mentais.

Para o homem Hefesto, o trabalho é mais que serviço, ou fonte de status, ou meio de vida. É como ele satisfaz o instinto que o pressiona a ir mais além do que fora sua última solução criativa, em busca de novo jeito cuja elaboração o envolve totalmente. O trabalho confere sentido e profundidade à sua vida; o que sabe acerca do deus em seu interior vivencia nos seus momentos de criatividade.

O homem Hefesto que sabe estar fazendo o trabalho de sua vida, trabalho que continuará a desafiá-lo e dar-lhe prazer todas as vezes que terminar uma parte importante dele, faz o que ama. Muitas vezes, esse trabalho lhe dá sensação de ter relação profunda com sua própria evolução, como a manifestação de sua psique que se tornou tangível. Se, além disso, propiciar-lhe meios de viver bem e ser reconhecido por sua obra, então é sujeito de veras afortunado. Uma parcela significativa dos homens Hefesto não tem tanta sorte. Para satisfazer o instinto de trabalho muito profundo, o homem deve primeiro descobrir o que ama, depois ter a oportunidade de desenvolver as habilidades necessárias e, enfim, a oportunidade de realizá-lo. Além disso, ele trabalha sozinho, sem ser motivado pelo desejo de algum lucro ou influenciado pelas competições. O mundo empresarial para ele é estranho e sem sentido. Não consegue vender seus produtos nem sua imagem. Quando tem sucesso, é porque seu trabalho fala por si e por ele, e porque outra pessoa, ou algum arquétipo dentro dele, tem noção comercial. Diante de todos esses pré-requisitos que precisam ser atendidos

para que encontre trabalho satisfatório, não espanta que a ausência de um trabalho significativo desmoralize os homens Hefesto, os quais sofrem profundamente de depressão induzida pelas condições do trabalho ou pelo desemprego.

Relacionamentos com mulheres

As mulheres são imensamente importantes para o homem Hefesto: podem ter o poder de fazê-lo ou quebrá-lo. Ele pode precisar de mulher que cuide de seu bem-estar pessoal, seja a fonte de sua inspiração criativa, treine suas aptidões sociais e apresente para os outros o trabalho que ele realiza. As pessoas significativas com poder em sua vida costumam ser mulheres: a mãe, professoras, diretoras de colégio, donas de galeria, chefes. Como nutre uma genuína admiração pelas mulheres com inteligência, firmeza ou beleza, sente-se atraído pelas que possuem esses traços e com isso outorga-lhes poder sobre ele.

Se a mulher é capaz de perceber sua profundidade e sensibilidade e, por sua vez, desperta a imaginação dele, ela é capaz de se tornar o principal acontecimento de sua vida. Quer tenha longa ou curta duração, essa relação viverá por anos (talvez para sempre) no mundo interno dele. Para a maioria dos homens Hefesto, relacionamentos significativos são poucos e distantes uns dos outros.

Sua intensidade e natureza introvertida fazem com que se sinta pouco à vontade. O comportamento dele pode ser impróprio, e não sabe como iniciar uma conversa sobre amenidades num coquetel. O jogo da conquista é um dos que ele evita.

O homem Hefesto (ou a parte Hefesto da pessoa) é capaz de fazer trabalho inspirado que brote das profundezas de sua vida interior, por meio da qual resgata imagens e emoções do inconsciente coletivo da huma-

nidade. A intensidade dos seus sentimentos, especialmente por mulher com quem não possa ter convívio cotidiano e, dessa maneira, jamais torná-la mulher comum, pode mobilizá-lo à realização de trabalhos criativos que vêm dos mais profundos recessos de sua alma. Parece que foi isso que se deu com o famoso pintor Andrew Wyeth, homem que vivia deliberadamente recluso, quando revelou em 1986 o que a revista *Time* descreveu como seu "extraordinário segredo": 246 obras todas sobre uma mesma mulher, a quem ele só identificava como Helga, realizadas ao longo de quinze anos. Ela claramente havia inspirado o melhor e mais prolífico trabalho desse artista.

Relacionamentos com homens

O homem Hefesto não é aquele tipo de sujeito que frequenta grêmios e se socializa nos alojamentos universitários. Sente-se repellido pela superficialidade da camaradagem extrovertida, e os colegas de Faculdade (que mais tarde se tornam membros de grandes empresas e organizações profissionais) percebem-no como alguém muito diferente deles. Se ele também tiver outros arquétipos ativados, como o de Apolo ou Hermes, que lhe tornem possível socializar, sua natureza Hefesto impede sempre que se sinta integrante de algum grupo.

Os relacionamentos com homens que estão juntos por motivo de trabalho não dão certo para ele. A mesma dificuldade que ele tem nas reuniões e em coquetéis superficiais chega ao local de trabalho e é por isso que se sente ou é estranho, deslocado. Normalmente, já foi rejeitado pelo "velho grupo dos rapazes", de modo que o papel de deslocado lhe é tanto atribuído quanto escolhido.

Costuma ter problemas específicos com homens em posição de autoridade. Este pode ser seu pai, um profes-

sor, um supervisor. Quem quiser tentar dar um jeito nele do jeito que os fuzileiros navais "tornam homens" os recrutas que recebem, geralmente, fracassará e depois, por raiva, o descarta. Hefesto não é motivado por exigências externas a se conformar e corresponder às expectativas das outras pessoas, em parte porque é muito voltado para a própria interioridade, e em parte porque as críticas e a raiva que recebe na tentativa de o moldarem evocam nele grande revolta que ele então engole a seco. Com tanta raiva, é ainda mais difícil para ele fazer qualquer coisa que lhe seja pedida. Personalidades autoritárias têm reações exageradas diante de qualquer coisa que lhes pareça insubordinação ou desrespeito, o que torna as coisas ainda piores.

Ares, Deus da Guerra, uma vez tentou inutilmente arrastar Hefesto à força até o Olimpo. Hefesto lançou brasas escaldantes em sua direção e o repeliu. Como o deus, os homens Hefesto resistem ao uso da força, que, quando é dirigida contra eles, fazem com que "ardam" de hostilidade. Nem mesmo o deus conhecido por sua força incontrolável e por seu frenesi de lutar foi capaz de compelir Hefesto a fazer uma coisa que ele não queria, e tampouco sua abordagem normalmente dá certo com o homem Hefesto, mesmo quando jovem.

Por outro lado, Dioniso amoleceu-o com vinho e persuadiu-o a ir com ele no lombo de uma mula. Dioniso não se valeu de poder, suavizou a postura obstinada de Hefesto e conseguiu o que Ares não obtivera. Dioniso se relacionou com Hefesto no terreno deste, alterando sua postura endurecida com álcool, o que tornou Hefesto mais maleável e menos belicoso.

A vida se parece com o mito, no que diz respeito à amizade entre Hefesto e Dioniso. Em geral, só outro sujeito igualmente intenso e deslocado, que se dê ao trabalho de conhecer o homem Hefesto, tem êxito. Beber em

companhia pode ser ritual de estreitamento do vínculo: com Hefesto não funcionará como iniciação no grupo, mas pode dar certo com outro homem que aprecie a beleza e conheça a dor, e não tenha receio de expor seus sentimentos, como são os homens Dioniso. O Dioniso mais extrovertido e expressivo é capaz de pôr em palavras, transmitir as emoções ou demonstrar fisicamente o que, no homem Hefesto, permanece oculto e mudo. Essa complementaridade constitui a base das poucas e duradouras amizades que o homem Hefesto pode ter.

Sexualidade

Intensidade e privacidade caracterizam todos os aspectos da vida do homem Hefesto, especialmente sua sexualidade. É monógamo e fiel e espera que sua parceira tenha a mesma conduta. Frequentemente, passa pelo mesmo dissabor que o deus, ao descobrir que a mulher de sua vida o traiu. Contribuiu para a infidelidade dela negligenciando-a, mesmo que o tempo todo mantenha a imagem dela viva em seu mundo interior. O Hefesto típico se deixa envolver exageradamente pelo seu trabalho, não passa muito tempo com ela, não é comunicativo, e pode também atravessar longos períodos sem sexo.

Pode sublimar com o trabalho o fogo sexual e, mesmo estando num relacionamento, passar longos períodos em celibato. Seu trabalho se torna como a amante que cobra seu tempo e sua sexualidade.

Quando o homem Hefesto faz amor, sua vivência interior do que acontece é mais presente para ele do que as sensações do ato em si. Pode nem mesmo repartir com a parceira a experiência pela qual passam, como uma forma de comunicação e comunhão entre ambos. Ainda assim, essa parceira é a fonte de sua experiência interior e ele pode realmente adorá-la.

Em geral, ele não vê em seu contexto real a mulher Afrodite que se sente atraída por sua intensidade e é fascinada por sua criatividade, e que é mulher atraente com muitos relacionamentos. Quando descobre que ela tem outros amantes, costuma se sentir imensamente traído por ela, embora de maneira tipicamente introvertida. Pode ocorrer também que essa mulher simplesmente o seduza e depois traia.

O homem Dioniso homossexual pode, de maneira semelhante, seduzir e trair um Hefesto homossexual, e o álcool pode desempenhar papel razoável na situação. No entanto, Hefesto não está bem representado pela cultura gay social: ele se sente repellido pela superficialidade dos vínculos e da identificação grupal que não lhe tornam atraente a vida em grupo e nas associações estudantis. Por sua vez, é rejeitado pelos grupos gays por não se ajustar às suas formas de conduta.

Casamento

Para o homem Hefesto, o casamento é tanto excepcionalmente importante como problemático: seu bem-estar no mundo externo assim como sua intimidade podem depender da pessoa com quem se casa e se o casamento dá certo. Para a maioria dos homens tradicionalmente (e até como estereótipo), mas em particular para o introvertido Hefesto, os relacionamentos são algo que fica aos cuidados da esposa. Ela é quem convida os amigos para os visitarem, que faz os planos para férias e feriados, que cultiva o contato com os parentes, que lembra as datas importantes.

A esposa do homem Hefesto pode também ser crucial no estabelecimento e na manutenção de seu trabalho no mundo. O artista ou o artesão Hefesto, que cria seu trabalho na solidão, normalmente precisa que alguém seja

seu agente. Frequentemente, é sua esposa quem vende suas obras ou quem encontra o agente, a galeria ou a via de saída para essa finalidade.

Em sua mitologia, Hefesto casou-se com Afrodite e foi enganado por ela. Ele também malogrou em sua tentativa de engravidar Atená, que lhe opôs resistência, e criou Pandora (bem como as servas de ouro). Esses três relacionamentos míticos refletem os três tipos de casamentos Hefesto.

Hefesto e Afrodite

As mulheres que se parecem com a deusa do amor são atraídas para relacionamentos intensos, que um homem Hefesto pode proporcionar. Se ele cria objetos belos ou peças de arte, a sensualidade estética dessa Afrodite será cativada também pelo trabalho que ele executa. Além disso, ele a enxerga como sua Afrodite pessoal e projeta nela essa imagem: ela se sente como uma deusa na presença dele. Ambos têm intensidade de momento; ele pode se recolher em si mesmo e levar consigo o relacionamento como uma experiência interior, o que ela em geral não é capaz de fazer. Tipicamente, o homem Hefesto irá "embora", dessa maneira, concentrando no trabalho sua intensidade, e esperando que, nesse ínterim, ela permaneça monógama. Porém, a menos que ela canalize sua energia para trabalho criativo ou tenha como aspecto predominante de seu psiquismo o arquétipo de Hera, a esposa, é possível que tenha algum romance enquanto ele trabalha.

Hefesto e Atená

De todas as divindades olímpicas, Atená, a Deusa da Sabedoria e das Artes Manuais, era a de maior lucidez mental. Era capaz de elaborar planos para tomar uma cidade, ou criar uma tapeçaria, com igual facilidade. As mulheres Atená avaliam muito bem as situações e prefe-

rem os homens que têm ou terão sucesso com a sua ajuda. Para elas não há problema de ciúme. Os homens Hefesto admiram-nas, valorizam-nas e até mesmo acham misterioso como elas conseguem cuidar das finanças e das alianças que eles precisam para ter êxito.

Andrew and Betsy Wyeth parecem ter essa espécie de união. Betsy é a gerente comercial de Andrew. Quando foi revelada a aparente obsessão secreta de Wyeth em pintar Helga, a reação de Betsy foi típica de uma Atená segura: "Ele é pessoa extremamente reservada. Não se intromete na minha vida nem eu na dele. E isso vale a pena. Olhe só os quadros! Meu Deus! São notáveis! E quantos!"⁹⁵

Dizem as notícias que ela vendeu a coleção por mais de US\$10 milhões.

Hefesto e Pandora

Hefesto foi criador consumado quando, ao receber instruções de Zeus, criou Pandora, a primeira mulher mortal. Ela não foi a única mulher que Hefesto criou. Homero observou que Hefesto resolvera o problema de obter ajuda para o serviço da casa criando servas de ouro que tinham a aparência de mulheres de verdade: além de falar e usar braços e pernas, eram dotadas de inteligência e treinadas para os serviços braçais.

Da mesma forma, quando um Hefesto mais velho e intimidador casa-se com moça que lembra a deusa virgem Perséfone, receptiva e dócil, ele pode moldá-la numa esposa que se comporta como a serva de ouro.

Ou ela pode ser moldada de maneira menos deliberada. Sua própria falta de definição (típica de uma Perséfone) e sua aparência servem de "tela" na qual recai a imagem que ele "projeta". A receptividade que ela demonstra ao que ele quer que ela seja é tanto consciente (ela quer agradá-lo, por isso dá prioridade às preferências dele) como inconsciente (dada sua receptividade psi-

quica, ela sintoniza para ele aquele aspecto de si mesma que mais se assemelha à imagem que ele faz dela).

Ela também pode ser uma "invenção" da mente e do coração dele, o que provocará toda uma torrente de fascínios caindo sobre ele. Sendo introvertido e, em geral, com muito pouca prática na avaliação de mulheres, ele pode se apaixonar pela imagem que faz dela, assim como presumir que ela gosta dele com a mesma intensidade que ele dela. Dada a intensidade de sua monogamia, que pode vir acoplada a profundo anseio de provar da intimidade e da aceitação que ele nunca teve, sua equivocada suposição de que ela é idêntica à imagem que ele faz dela resulta em desastre pessoal. Ela, por sua vez, pode se transformar numa Pandora para ele, dotada dos mesmos atributos que a Pandora mítica original: habilidades femininas, atração sexual, despudor, astúcia com as palavras, mentiras e falta de sinceridade.

Filhos

Hefesto, o deus, não teve filhos, e muitos homens Hefesto preferem também não tê-los, especialmente se tiveram infância infeliz. A reação do homem Hefesto a um filho seu não é fácil de prever. O fator decisivo é se ele se liga ou não à criança. (É mais fácil ele se ligar se estiver presente ao parto e se envolver desde os primeiros instantes após o nascimento.) Se ele se vincular ao bebê, sua ligação será profunda, quase que visceral. Gostará de que a criança fique perto dele, mesmo que não brinque nem fale muito com ela.

As crianças podem achar que é sujeito distante e mal-humorado que se irrita quando é interrompido, fica zangado porque elas fazem barulho e não se dá conta de que alimenta expectativas impróprias para a idade delas.

Uma filha de pai Hefesto relata que, quando tinha apenas seis anos de idade, seu pai exigiu que ela lhe fizesse café e ficou furioso porque ela não sabia.

Há alguns problemas previsíveis entre pais Hefestos e seus filhos, que pioram por causa de sua raiva e depressão crônicas, e de sua necessidade de estar no controle da situação. Por exemplo, sua comunicação raramente é direta e explícita. Os filhos costumam andar na ponta dos pés perto dele, farejando e deduzindo qual será sua reação.

Freqüentemente seus filhos retrucam diante de suas atitudes como autoridade porque suas razões para o que faz são subjetivas e ele não se comunica bem. Além disso, não costuma apreciar mudanças, e filhos em crescimento e adolescentes mudam o tempo todo. Como resultado há atritos.

Pais Hefestos enraivecidos e controladores com filhas maleáveis podem fazer delas "servas de ouro", que fazem tudo o que lhes é mandado. Elas lhe obedecem cegamente. Ele sufoca sua autonomia e exige obediência, oprimindo-as e tornando-as muito mais propensas a ser futuras vítimas de outros homens dominadores. É mais comum os filhos se revoltarem diretamente contra o pai Hefesto enraivecido e controlador; as filhas de gênio forte também costumam se manifestar contra o pai, com comportamentos rebeldes que geralmente ocorrem fora do território dele.

Tanto os meninos como as meninas de pai Hefesto sentem falta de aprender coisas com ele, que é homem muito individualista e introvertido para ser capaz de ajudar os filhos a progredir na vida. O próprio Hefesto é homem que em geral está "no passo errado", de modo que a "roda dos velhos camaradas" raramente serve de solução para esses filhos, e nem ele é modelo de como ser bem-sucedido.

Embora muitos jovens tenham dificuldades com pai Hefesto, relacionamento positivo e muito especial também é possível se o pai não é homem zangado e se for ligado aos filhos. Como o pai artesão cujo estúdio nos fundos da casa é refúgio sagrado onde os filhos podem desenvolver sua própria criatividade e passar um pouco de tempo com ele, as crianças que vivem relação positiva passam tempo em companhia de pai Hefesto. Sua criatividade, confiança e auto-estima aumentam pela experiência de estar com ele, fazerem coisas juntos, poder vê-lo mostrar-lhes como se faz alguma coisa, e depois criar algo por si mesmos.

Meia-idade

A primeira metade da vida em geral foi difícil porque ele não se ajustou ao que a sociedade espera que os homens sejam: não é sujeito competitivo, lógico e extrovertido, que gosta do desafio de progredir no mundo. Embora a maioria dos homens faça o que é esperado em termos de estabelecer uma carreira e construir uma família na primeira metade de sua vida, deixando a jornada interior para a segunda metade, o homem Hefesto desde o princípio é alguém voltado para o mundo interior, e sempre teve a necessidade de manifestar seus sentimentos intensos e mudos.

Se, apesar de fora de cadência em termos gerais, ele conseguiu firmar sua carreira e construir uma família, então a segunda metade da vida será para ele mais feliz do que foi a primeira. Pela primeira vez, comparado aos outros homens da mesma faixa etária, o homem Hefesto pode entrar nessa nova etapa da vida com alguma vantagem. Teve de lutar para ser si mesmo e cumprir a agenda de compromissos com o mundo externo e teve êxito nas duas frentes. (O tipo mais extrovertido se ajusta sem

muitos transtornos à necessidade de fazer o que é esperado na primeira metade da vida. Sua individualidade sofre e faz exigências que o levam a conflitos e depressões depois, na meia-idade.)

Contudo, o homem Hefesto enraivecido e cronicamente deprimido que, ou hostiliza, ou intimida as pessoas, ou se afasta delas, pode chegar à meia-idade sem nenhuma ligação íntima e sem trabalho que o gratifique. Esse padrão já pode estar muito fixado para ser possível mudá-lo, exceto para pior. Se refletir a respeito de sua vida comparando-se com outros homens, pode se ver lançado na agonia de uma crise de meia-idade que tem a chance de causar mudança significativa em sua existência. (Ver logo adiante as seções sobre dificuldades psicológicas e modos de crescer.)

Terceira idade

Na terceira idade, quando fica claro “no que deu sua história de vida”, os homens Hefesto podem enfim estar contentes e trabalhando criativamente em suas “forjas” escolhidas, em ofícios manuais cuja execução depende do amadurecimento de habilidades que cultivaram a vida toda. No entanto, esses homens também são muitas vezes os párias e os socialmente excluídos.

DIFICULDADES PSICOLÓGICAS

A maioria dos homens Hefesto teve de enfrentar a sensação de não serem aceitos, de não corresponderem ao estereótipo (ou à expectativa) do que deveriam ser, primeiro quando meninos, depois como homens. Se sua casa era tumultuada por conflitos e agressões, e se foram crianças rejeitadas, essa experiência geralmente os tornará ain-

da mais reclusos do que já seriam por natureza. Diante de sua atitude trancada, introvertida, normalmente não conseguem compensar sua falta de amor e aprovação em casa, tornando-se populares ou bem-sucedidos na escola (a menos que outros arquétipos também estejam presentes).

Já adulto, o homem Hefesto continuará passando por dificuldades para se encaixar e adaptar. Por meio de seu trabalho, descobrirá que é pessoa produtiva, valorizada e criativa. Como, porém, faltam-lhe habilidades de comunicação, de socialização, de tato político, não é fácil para ele chegar a esse caminho. Portanto, podem ser antecipados problemas psicológicos.

Deformidades emocionais: as conseqüências da rejeição

Hefesto foi rejeitado ao nascer porque sua mãe, a não-maternal Hera, viu que era imperfeito. Envergonhada da aparência do bebê, jogou-o fora, destino literalmente partilhado pelos recém-nascidos achados nas latas de lixo, cujas mães os trataram como erros vergonhosos que precisavam ser descartados. Esse destino também é metafóricamente vivido por muitos outros bebês também, quando não correspondem às expectativas e são rejeitados emocionalmente.

Os bebês que não são levados ao colo e tocados não crescem e (como foi descoberto na Inglaterra, durante a guerra), sem o toque humano (que equivale a amor), o bebê morre, mesmo que seja alimentado regularmente em ambientes higiênicos. Muitos bebês apáticos, subnutridos, que "não conseguem vingar", eram levados ao ambulatório ou ao pronto-socorro dos dois hospitais das cidades de interior em que realizei parte do meu treinamento. Seu maior problema parecia ser rejeição e negligência por parte de suas mães.

Mesmo que fisicamente o bebê rejeitado consiga sobreviver, o dano psicológico causará deformações emocionais. Essa criança não tem a sensação básica de confiança de que o mundo é bom lugar; é criatura ansiosa e desconfiada. Começa a vida sendo reclusa, porque não teve ninguém com quem se vincular.

Em outra versão dessa rejeição, Hefesto foi atirado do monte Olimpo e ferido por Zeus, encolerizado quando o filho ficou do lado de Hera e se colocou entre ele e a esposa. Dessa vez foi o comportamento da criança que se mostrou inaceitável, causando a rejeição do pai. Nesta versão, Hefesto se tornou deformado em decorrência de maus tratos. Novamente, a vida imita o mito de forma literal, quando a mulher que tem filho pequeno vive com homem que não é o pai da criança e detesta a presença do menino, seja por ser fator de competição ou de irritação, e maltrata o bebê. Desprotegido pela mãe e maltratado pela figura paterna, esse menininho pode sobreviver às agressões físicas, mas se tornará emocionalmente aleijado, com medo e raiva fervendo no fundo do seu ser.

O menino Hefesto se tornou emocionalmente aleijado em decorrência de vasta gama de experiências com os pais, desde os extremos do abandono pela mãe ou maus-tratos pelo pai, até as formas mais sutis e psicológicas de distância por parte da mãe e críticas por parte do pai. O grau no qual essa criança é afetada pode não estar diretamente relacionado ao grau da dificuldade enfrentada, mas, sim, a como a experiência foi vivenciada no plano subjetivo. Ele pode até observar, mais tarde, que, objetivamente, "não foi tão ruim", mas sua sensibilidade à rejeição junto com sua introversão natural produziram forte reação e muito sofrimento. Esse menino pode ser facilmente "magoável", o que aumenta mais ainda suas dificuldades.

Seus traços intensificam os efeitos de experiências dolorosas. A criança mais impulsiva ou extrovertida, quan-

do é maltratada, se torna pessoa que ataca ou perturba os outros, ou reclama da situação para alguém e chama atenção para seus problemas. Em vez de fazer uma dessas coisas, o menino Hefesto se retrai e não revela quanto está ferido, enraivecido e amedrontado; não fala com ninguém a esse respeito e pode se tornar emocionalmente deficiente, inibido em suas expressões, e alienado dos outros. Quando adulto, pode repetir suas experiências de infância, sendo rejeitado pelas mulheres junto às quais busca afeição e julgado negativamente pelos homens em posição de poder.

Distorção da realidade: problema da emoção introvertida

Ao guardar seus sentimentos muito no fundo de si mesmo e ser pessoa fácil de se magoar, esse homem provavelmente distorce "o que aconteceu de verdade", o que é problema para ele e para aqueles que o cercam. O que determina sua maneira de enxergar as situações é o efeito emocional que elas têm sobre ele e não a intenção da outra pessoa ou os fatos da situação.

Pequenas mágoas que outros tipos de homens nem perceberiam podem feri-lo. E quando ele não as menciona, ou não consegue aceitar a versão da outra pessoa, "o que aconteceu" é o que o incidente foi para ele. Se meses ou anos depois ele finalmente falar a esse respeito, a outra pessoa pode nem mesmo se recordar do acontecido, e ficar então comovida, triste, estarecida ou com raiva dele por ter-se sentido daquele modo tanto tempo.

Sentimentos positivos também podem ser despertados com pequenos gestos de ternura, que o emocionam e deixam-no sentindo-se querido durante anos. Esses gestos também podem ou não ter sido significativos para a pessoa que os praticou.

Quando os sentimentos são introvertidos, a reação interna aos eventos externos é o que permanece. O que a memória da pessoa conserva não são os fatos, mas os eventos coloridos pelas suas emoções. Claro que todos fazem isso em certa medida, mas os homens Hefesto fazem mais que todos.

Falta de sucesso no mundo

Hefesto foi atirado para fora do Olimpo, que é pináculo simbólico do poder. Quando visitou o Olimpo, claramente não fazia parte daquele ambiente de pessoas belas e ricas no topo da hierarquia. Acontece a mesma coisa com os homens Hefesto. A imagem do Hefesto em sua forja traz à mente um tipo de operário das fábricas de aço, de vidro, nas forjas da metalúrgica; o trabalhador aristocrático que não tem mais tanto prestígio num mundo dominado por quem faz dinheiro. É atribuída pouca dignidade aos homens que trabalham com as mãos em vez de com a mente, sejam especializados, semi-especializados ou trabalhadores braçais. As alturas do Olimpo são ocupadas por homens que não fazem nada tangível com as próprias mãos: são mais investidores e negociadores.

Em muitos homens Hefesto que, na adolescência, se dão conta de que nunca "serão alguém", a cólera ferve em seu íntimo. Ele pode sentir a mesma coisa quando percebe que determinada mulher não o considerará como possível parceiro por ele ser da classe operária, ou quando não pode dar aos filhos algo de que eles precisam, mas está além de seu alcance. Se nunca encontrar um trabalho que o satisfaça e se (o que é verdade para sua natureza de Hefesto) sua maneira de lidar com a cólera é contendo-a, ele se torna deprimido e amargo. Nesse sentido, difere de Ares e Posêidon, que, em circunstâncias similares, explodem de raiva contra os outros.

Fazendo-se de ridículo: problemas de baixa auto-estima e inadequação

Fora de sua oficina, Hefesto, o deus, tornou-se bufão. Os deuses do Olimpo explodiam em gargalhadas quando o viam andando com sua forma gíngada pelos corredores do palácio, oferecendo-lhe néctar servido numa grande vasilha. E, em vez de se indignarem com ele, riram mais ainda quando os convidou a testemunhar a infidelidade da esposa Afrodite com Ares, depois de tê-los capturado em sua rede invisível.

Em sua interpretação psicológica da mitologia grega e da família grega, Philip Slater, autor de *The Glory of Hera*, entendeu o papel de palhaço atribuído a Hefesto como sua "renúncia à masculinidade":

Hefesto transmite a seguinte mensagem interpessoal: "Vocês não têm o que temer de mim, nem há em mim nada que possa despertar sua inveja ou ressentimento. Sou simplesmente um coitado de um palhaço manco, pronto a servi-los e fazê-los rir à custa de mim mesmo".⁶

O homem Hefesto que segue esse padrão normalmente se torna, sem querer, palhaço. Com sua personalidade introvertida "fora de passo", faz continuamente coisas impróprias, que provocam risos ou ridículo. É o garoto que faz os colegas rirem ou zombarem de alguma coisa em seu uniforme de escola, ou que não sabe o que falar para a menina mais popular da classe, e depois diz alguma coisa ridícula que os outros repetem para fazer gozação. É o menino que tem reação muito forte quando provocado e depois é surrado sem dó nem piedade. Talvez aprenda que sua humilhação é sempre pior se mostrar oposição, e descobre que, agindo como bufão, consegue desfazer a situação. No sul dos Estados Unidos, quando um negro era chamado de "preto sujo" e podia ser lincha-

do, podia se salvar se se tornasse o "Festo" (como corruptela de Hefesto) discreto, que desconversa. O homem Hefesto que age assim encontra-se em geral na mesma posição psicológica em consequência de se sentir como o solitário rejeitado, sem ninguém para defendê-lo.

Normalmente, porém, essa maneira de enfrentar a situação é auto-destrutiva. Cada incidente ocorre à custa do auto-respeito e do respeito dos outros e, muitas vezes, convida alguém que gosta de humilhar os outros a caçoar dele.

Uma *persona*, uma "fachada", muito mais sutil e relacionada ao bufão, que alguns Hefestos assumem é a da afabilidade: o "Cara sempre legal", que oculta raiva e depressão sob essa máscara porque, de alguma maneira significativa, foi rejeitado pelos pais. Um padrão comum é semelhante ao que caracterizava o relacionamento de Zeus com Hera: ele é o "filho sem pai" de homem ausente ou distante, que também não teve mãe, pois esta, por sua vez, foi mãe *autocentrada* e narcisista.

A cólera que se volta para dentro: problema de depressão

A depressão pode ser problema severo e crônico para os homens Hefesto, cuja natureza introvertida leva-os a conter mágoas e raivas mais vezes do que as exteriorizam. A rejeição, a falta de aceitação e a falta de sucesso as suscetibilidades deste padrão são óbvias fontes de raiva e também de pesar: com motivos para se encolerizar, não o faz. Quando contém esses sentimentos e os volta para dentro de si, a depressão se instala.

Vícios

Os homens Hefesto podem usar muito álcool para entorpecer seus sentidos e ter sentimentos menos intensos. O álcool também pode facilitar-lhes ser mais afáveis,

tornarem-se mais cordiais. Muitos trabalhadores que realizam serviços fisicamente cansativos, e cujos delicados sentimentos permanecem emudecidos e enterrados, por força de sua natureza e de fatores culturais, embebedam-se de propósito quando tentam superar alguma dificuldade. Beber demais e depois ter ressaca são condutas que servem de saída aceitável para se sedar e sofrer menos: uma semana inteira dedicada a esse tipo de "digestão" de alguma contrariedade forte também é visto como "coisa de homem".

Beber no final do dia, depois de encerrada a jornada de trabalho, ou quando não há trabalho, para amortecer dores emocionais que não são citadas para ninguém, que continuam não expressas, serve de anestesia emocional. Usado como droga nesse sentido, o álcool pode se tornar problema em si. A televisão é usada da mesma maneira pelos homens que emudecem sobre seus sentimentos e fogem da intimidade, passando horas a fio diante do aparelho.

Pagando um preço elevado para ter paz

Quando uma criança maltratada e emocionalmente traumatizada se torna a pacificadora da família, papel que pode até durar toda sua vida, geralmente faz alguma coisa para desmanchar a situação assim que fareja tensão acumulando-se no ar, para evitar que o genitor temido tenha explosão de raiva. Muitas vezes, essa criança ou esse homem não tem sequer consciência do que percebe, nem escolhe conscientemente o que fará a seguir. A periculosidade da situação simplesmente aumenta e essa pessoa fica cada vez mais ansiosa, até se sentir forçada a tomar alguma atitude apaziguadora.

Para apaziguar o genitor temido, a criança Hefesto traumatizada pode sacrificar aquelas partes de si mesmo

que a põem em risco. É comum que reprima o que sente, canalizando para o fundo de seu ser a raiva e a hostilidade que sente. O preço que paga por essa conciliação e por esse apaziguamento é muito alto: perde contato com o que realmente sente e também não consegue agüentar que os outros sintam raiva. Quando adulto, o preço é sua própria autenticidade, junto com a falta de tolerância pela manifestação dos próprios sentimentos pelos outros, o que tem alto custo em qualquer relacionamento significativo.

Dificuldades para os outros

Para a mulher, comunicar-se com o homem Hefesto pode ser problemático se ela precisa ou quer que ele fale do que sente ou do que pretende fazer a respeito de algo. Ele corresponde ao estereótipo do homem forte e calado. Como sente tudo de forma muito intensa, o ar em torno dele pode ficar muito pesado, embora não venha nada dele quando lhe é pedido que fale.

E quando ela fala sobre si mesma a ele, nunca sabe exatamente como a entenderá. Anos depois, ela talvez descubra que ficou muito perturbado ou comovido com a conversa, quando, na ocasião em que aconteceu, não pareceu ter surtido nenhum efeito nele.

As tentativas de mudá-lo ou torná-lo mais comunicativo podem dar certo ou não; em geral, não. A mulher casada com homem Hefesto deve decidir muitas vezes se pode desistir de querer uma comunicação da parte dele.

Relacionamentos fisicamente agressivos

O homem forte, silencioso e enraivecido, que se sente impotente, bebe demais e explode de cólera contra os que lhe são mais próximos, é o pai da maioria dos filhos adultos de alcoólatras. Embora Hefesto normalmente conte-

nha a raiva, quando se embriaga, pode afrouxar a tampa que selava esse frasco. As filhas freqüentemente intuem a sensibilidade e a dor que há no fundo do peito de seu pai, e também vislumbram dotes que nunca desenvolveu ou praticou. Elas crescem condoendo-se desses homens, esperando fazer alguma coisa que lhes torne a vida significativa e tolerando seus maus tratos. Essas mulheres são suscetíveis a entrar em outros relacionamentos fisicamente agressivos, como suas mães, antes delas.

Inversão de papéis

Se o homem Hefesto tem dificuldade em ganhar dinheiro porque é artesão que não pagam, ou porque os que contratam seu serviço não precisam de suas habilidades ou não gostam de sua personalidade, então a mulher que o ama pode ter de se tornar o principal ganhador. Os papéis podem se inverter também quando surgem tarefas com algum aspecto que um deles tem de negociar. Se ela tiver cabeça mais lógica, além de melhores aptidões sociais, é quem mais vezes representa o casal diante do mundo.

Nessa inversão de papéis, ela pode sentir prazer pela própria competência e aceitar a situação, ou se ressentir disso e dele. Por sua vez, ele tanto pode ficar grato como magoado. Diante da força que tem "o que uma coisa deve ser", o relacionamento que desafia as tradições costuma ser estressante para os dois.

MODOS DE CRESCER

Se o homem Hefesto é rejeitado ou desvalorizado por ser alguém "fora de ritmo" e, por causa disso, sente que tem algo de essencialmente errado consigo, o crescimen-

to começa quando entende que houve algo de errado na maneira como foi tratado. A seguir, vem a descoberta e a valorização de "quem" ele é por meio das coisas que faz quando é autenticamente ele mesmo, e supera o arquétipo de Hefesto ao desenvolver outros aspectos de sua pessoa. Essas duas últimas tarefas são o que todo homem (ou mulher) Hefesto precisa fazer.

"Conhece-te a ti mesmo"

O homem Hefesto precisa levar totalmente a sério a máxima de Apolo: "Conhece-te a ti mesmo". Pode começar enxergando o quanto é Hefesto, e o que isso tem significado em sua vida. Deve ver até que ponto correspondeu ou não às expectativas dos outros, se se sentiu ridículo e socialmente inepto ao tentar se comportar como "olímpico" falante, social, e interessado em amenidades; deve, por outro lado, lembrar ainda sua dedicação e seu domínio sobre algo que criou, normalmente pelo uso das mãos. O conhecimento objetivo do arquétipo e o conhecimento subjetivo de si mesmo podem ajudá-lo a descobrir o que lhe dá a sensação de competência e de significado.

Se em sua vida ocorreram situações traumáticas ou violentas, então psicoterapia pode ser indispensável porque sua natureza é guardar tudo no íntimo, afastando-se das pessoas e ficando deprimido, com a ira engarrafada no peito. Além da necessidade de catarse, precisa da solidariedade e da objetividade de outra pessoa. Nesse processo, também desenvolve sua capacidade de se comunicar verbalmente e de se expressar melhor com palavras.

Conhecer os outros

Até mesmo um Hefesto muito introvertido costuma ter pessoas importantes em sua vida. Diversamente de Hades, que se sente confortável em sua reclusão, Hefesto

tem sentimentos e respostas profundas e intensas às pessoas que lhe concernem emocionalmente. Dessa forma, precisa aprender a estar nos relacionamentos de forma menos estritamente subjetiva. Precisa aprender, particularmente, que "é assim que eu sinto" não significa necessariamente o mesmo que "o que realmente aconteceu foi isto". A força e a intensidade de suas reações subjetivas distorcem a realidade do que a outra pessoa diria ou faria com ele. Somente por meio do diálogo, que em geral evita, é que podem ser esclarecidas as desavenças e os desentendimentos. O diálogo é o meio pelo qual se podem enxergar as diferenças entre as pessoas significativas umas para as outras. Essa objetividade é especialmente importante para Hefesto, que, se não for assim, entenderá erroneamente que sua imagem subjetiva é a realidade. Uma pessoa mais extrovertida normalmente tem mais informações de saída a partir das quais prosseguir, portanto o contexto e a situação são elementos habituais de sua imagem. O introvertido com sentimentos intensos, contudo, geralmente precisa que outra pessoa lhe dê uma imagem dos acontecimentos, e só o diálogo pode oferecer essa referência.

Desenvolver outros arquétipos auxiliares

Se o menino Hefesto permanece no sistema educacional até o nível universitário, provavelmente desenvolverá habilidades de comunicação (Hermes), visão objetiva (Apolo), pensamento estratégico (Atená), e talvez até certa ambição (Zeus). O desenvolvimento desses aspectos em sua pessoa ajuda imensamente o Hefesto inato a se sentir motivado e a funcionar com eficiência no mundo do trabalho. Esses arquétipos lhe permitem aprender e desenvolver atributos por meio dos quais ele pode executar o trabalho que quiser, negociá-lo e ser pago adequadamente,

receber reconhecimento, achar sua posição social, vender o que cria. Em suma, permitem-lhe fazer o trabalho criativo e manual que expressa sua natureza de Hefesto. Apesar disso, em geral o mundo não dá valor a Hefesto, e os outros arquétipos mais recompensados podem não se desenvolver. O homem (ou mulher) pode então ficar a vida toda trabalhando em algo que nunca será mais do que apenas emprego por mais que ele progrida nessa situação, porque não lhe dá satisfação íntima nem é suficientemente criativo ou pessoalmente significativo. Para ele, ser artesão altamente habilidoso é mais satisfatório do que estar num escritório no centro da cidade; fazer pesquisa em laboratório é muito mais gratificante do que ser vendedor; tornar-se cirurgião é muito mais cativante do que chefiar o departamento de cirurgia.

Tornar-se mais do que Hefesto

Quando o homem Hefesto acha um trabalho de que gosta muito, surge o problema de se deixar absorver a tal ponto pelo trabalho que ele não desenvolve nenhuma outra faceta de si mesmo nem cria espaço para que outras existam. Os outros potenciais que existem nele continuam presos e isolados, e, mesmo quando se identifica com as qualidades positivas de algum outro arquétipo, isso o limita. Nessa altura, o homem tem de se dar conta da necessidade de ser mais do que Hefesto a fim de poder liberar tempo e energia e fazer escolhas que lhe permitam crescer.

Ser escolhido por Afrodite

Afrodite, a Deusa do Amor e da Beleza, escolheu Hefesto para marido; ele não lutara por ela, nem a conquistara ou cortejara. De maneira análoga, o amor por

belas coisas pode estar presente na mente de operário, não por questão de ele haver estudado ou se esforçado, ou convivido com coisas belas. Esse é presente da Deusa do Amor e da Beleza, que assim o "escolhe". Depois, quando ele faz coisas, por mais funcionais que sejam, sua habilidade se alia à beleza e ao amor e se manifesta no formato, no equilíbrio e no material do que ele faz. Agir de outra maneira contraria sua integridade de artesão e fere sua estética. Para ser fiel ao seu critério pessoal e fazer seu trabalho crescer, deve honrar essa união. Os outros talvez não valorizem nem sua habilidade manual nem o elemento estético do seu trabalho, e podem pressioná-lo ou tentá-lo a desvalorizar esses aspectos de seu ofício. Se ele ceder, não usufruirá da alegria e da satisfação que, por outro lado, ele experimentaria. Quando o trabalho é realizado por meio dessa união entre seu Hefesto e sua Afrodite, o homem se sente tocado pela divindade enquanto cria. Ele é um instrumento inspirado por meio do qual a beleza se torna manifesta por intermédio da matéria.

Novos pais para Hefesto

Se a vida imita o mito, o homem Hefesto pode necessitar de "pais substitutos" ou de outras figuras parentais capazes de reafirmá-lo, dar-lhe valor, talvez até ensiná-lo ou patrociná-lo enquanto busca abrir caminho para si no mundo. Seus verdadeiros pais o rejeitaram por não corresponder às expectativas deles, sua mágoa é muito funda, mas pode ser curada se se relacionar com pessoas maternas e paternas que o valorizem tal como é. Frequentemente, ele precisa de pais "terra" que lhe indiquem como se fazem coisas tangíveis que requerem habilidade e força física, para que ocupem o lugar dos pais "céu", que davam mais valor a conquistas e queriam que ele se interessasse em galgar os degraus do sucesso.

Enfim, ele necessita encontrar e desenvolver atitudes em seu íntimo que dêem apoio e validem sua pessoa e o que faz. Então, ao trabalhar para o desenvolvimento de seu talento criativo, a promessa do mito de Hefesto é que superará as adversidades, as humilhações e os déficits.

DIONISO, DEUS DO VINHO E DO ÊXTASE — MÍSTICO, AMANTE, NÔMADE

Afirmar o dionísíaco é reconhecer e apreciar o lugar da dor e da morte na vida, e tolerar o âmbito completo que vai da morte à vida e da dor ao êxtase, incluindo todos os traumas aos quais o indivíduo é submetido desde o tédio e a monotonia da enterpecedora conformidade, até as expectativas da cultura e da família.

Tom Moore, em James Hillman, ed., *Puer Papers*

Dioniso foi o deus do mais abençoado dos êxtases e do amor mais enlevado. Mas também foi o deus perseguido, sofredor e moribundo, e todos os que ele amou, que cuidaram dele, tiveram de partilhar de seu trágico destino.

Walter F. Otto, *Dionysus: Myth and Cult*

Dioniso como deus, arquétipo e homem era próximo da natureza e das mulheres. O reino místico e o mundo feminino eram-lhe familiares. Frequentemente, não era bem-vindo e se mostrava elemento perturbador, causa de conflito e de loucura na mitologia, da mesma maneira como também pode se manifestar na psique masculina.

DIONISO, O DEUS

Dioniso (conhecido como Baco pelos romanos) era o Deus do Vinho, e "o deus do êxtase e do terror, da loucura e da mais abençoada libertação".¹ Era o mais jovem dos

deuses olímpicos e o único que teve mãe mortal. As videiras, a hera, a figueira e os pinheiros eram suas plantas queridas. Seus símbolos animais eram o touro, o bode, a pantera, a corça, o leão, o leopardo, o tigre, o asno, o golfinho e a serpente. Seus domínios "estendiam-se por toda a natureza, especialmente sua umidade germinativa, propiciadora da vida: a seiva percorrendo as árvores, o sangue pulsando nas veias, o fogo líquido da uva, todas as misteriosas e incontrolláveis marés que fluem e refluem na natureza".²

Em sua mitologia e em seus rituais, Dioniso era rodeado por mulheres: as mães e amas de leite do jovem Dioniso enquanto criança divina; as amantes enlevadas, as Mênades frenéticas, ou as Bacantes, quando possuídas pelo deus Dioniso. Era retratado tanto na forma de bebê quanto, mais comumente, na de rapaz com coroa de hera ou de folhas de parreira na cabeça, e pele de animal jogada no corpo; carregava um bastão chamado *tirso*, encimado por pinha e normalmente adornado por folhas de videira ou de hera.

Genealogia e mitologia

Dioniso era filho de Zeus e Sêmele, uma mortal que era filha de Cadmo, rei de Tebas. Sêmele atraíra o amor de Zeus, que a engravidara sob o disfarce de homem mortal. A ciumenta Hera descobriu o romance e decidiu se vingar de Sêmele e do filho ainda por nascer. Apareceu para esta na forma de ama idosa, Beroe, e persuadiu a incauta mocinha a se certificar da divindade de seu amante insistindo para que ele a visitasse com o mesmo esplendor em que aparecia a Hera.

Naquela noite, quando Zeus veio ter com ela, Sêmele suplicou que ele lhe fizesse um favor e Zeus jurou pelo rio Estige o que tornava seu juramento irrevogável fa-

zer qualquer coisa que ela lhe pedisse. Sêmele, que fora ludibriada por Hera, pediu-lhe que ele aparecesse diante dela em toda a sua majestade como regente do Olimpo: ela não sabia que isso resultaria em sua própria morte. Preso ao seu juramento, Zeus se transformou no Deus dos Raios, em cuja presença mortal algum consegue continuar vivo. O fogo dos raios de Zeus mataram Sêmele, mas tornaram imortal seu filho. No mesmo instante em que ela morria, Zeus arrancou Dioniso do útero de sua mãe e costurou-o dentro de sua coxa, que serviu de incubadora para o feto até que estivesse maduro para nascer. ("Dioniso" pode significar "coxeadura de Zeus", nome que descreve como Zeus andava enquanto carregava Dioniso na sua coxa). Hermes foi o parteiro deste parto incomum.

Dioniso foi então levado à irmã de Sêmele e o cunhado, para que o casal o criasse como se fosse menina, mas mesmo esse disfarce não o protegeu da ira de Hera. Ela levou seus guardiães à loucura e eles tentaram matá-lo. Dioniso foi novamente salvo da morte por Zeus, que se transformou em carneiro e o levou às ninfas do monte Nisa (montanha mítica, divina, habitada por ninfas maravilhosas). Elas o criaram dentro de uma caverna (o que explica o outro significado do seu nome: Dioniso, ou o "Niso divino").

Nessa fase, seu tutor Sileno ensinou-lhe os segredos da natureza e da produção do vinho. Sileno costuma ser retratado como velho gentil, às vezes trôpego, que era parte cavalo.

Loucura e violência

Quando jovem, Dioniso viajou pelo Egito, e cruzou da Índia até a Ásia Menor, indo do Helesponto até a Trácia e, daí, até sua cidade natal, Tebas na Grécia. Por onde

andou, ensinou o cultivo do vinho. A loucura e a violência o acompanhavam. Em alguns mitos, era levado à loucura por Hera e cometia assassinios; em outros, as pessoas que o rejeitavam tornavam-se loucas e violentas. Por exemplo, depois que o rei Licurgo rejeitou Dioniso, Licurgo ficou louco e matou o próprio filho com machado, pensando que abatia uma parreira. As mulheres que rejeitavam Dioniso sofriam transtorno semelhante: as filhas do rei Proteu e do rei Míncias, que o rejeitaram, foram levadas à loucura e, em seu frenesi, mataram os próprios filhos dilacerando-os em pedaços.

Assim que regressou da Índia, a deusa Cibele ou Réia (ambas grandes deusas mães pré-olímpicas) purificaram-no dos assassinios que cometera e, o que é significativo, ensinaram-lhe os mistérios dos ritos de iniciação. Dessa forma, Dioniso foi sacerdote da grande deusa, além de ser deus.

Casamento com Ariadne

Ariadne, filha do rei Minos de Creta, apaixonou-se pelo herói ateniense Teseu. Com sua ajuda, Teseu entrou no famoso labirinto, matou o Minotauro, e percorreu de volta o caminho que fizera, até achar de novo a saída. Teseu e Ariadne então içaram velas rumo a Atenas, mas ele cometeu a infâmia de abandoná-la na ilha de Naxos, onde ela só não se matou de desespero porque foi salva por Dioniso, que fez dela sua esposa. Em honra de Dioniso, Zeus tornou Ariadne imortal. Esta era mais intimamente ligada a Afrodite, Deusa do Amor e da Beleza, e era cultuada em Chipre como Ariadne Afrodite. Em sua mitologia, os gregos haviam tornado Ariadne, antiga deusa cretense da lua, uma mortal vitimada; por meio de Dioniso, foi novamente deificada.

Ressurreição de sua mãe, Sêmele

Dioniso desceu ao Hades para trazer a mãe, Sêmele, de volta à vida. Juntos, ascenderam então ao monte Olimpo, onde ela se tornou imortal. Como Ariadne, a mortal Sêmele fora, em tempos pré-helênicos, adorada como deusa associada à lua e à terra. Na mitologia grega, Dioniso é o único deus que salva e resgata (em vez de dominar ou estuprar) mulheres que representam deusas antepassadas menores, cujos povos e cultos haviam sido conquistados.

Culto a Dioniso

Os adoradores de Dioniso, basicamente mulheres da Grécia antiga, comungavam com os deuses nas partes mais selvagens das montanhas. Lá entravam também no terreno emocional e irracional, dançando sob o efeito arrebatador de músicas altamente emocionantes, possuídas pelo deus. Estados alternados de pandemônio e silêncio sepulcral eram a marca registrada do culto a Dioniso.

A celebração de Dioniso era chamada de a "Orgia" do deus (da qual deriva o vocábulo contemporâneo *orgia*). Com vinho ou outros líquidos sagrados inebriantes, e com danças rítmicas acompanhadas pelos sons frenéticos das flautas de bambu, dos tambores e címbalos, os celebrantes entravam em estado extático e se sentiam "unos" com o deus.

A Orgia chegava ao máximo com o esquarteramento de um animal sacrificial vivo cuja carne crua era depois ingerida; acreditava-se que esse animal fosse a encarnação do deus. Esse era ato sacramental de comunhão, por meio do qual a divindade de Dioniso penetrava no celebrante.

Em Delfos, Apolo entregava seu santuário a Dioniso nos três meses do inverno. O festival de Dioniso em Delfos

era orgiástico, mas limitado às mulheres oficiais que representavam as cidades gregas, e ocorria a cada dois anos. Dioniso não era suprimido lá; era reconhecido, moderado e institucionalizado. Também em Delfos, as mulheres celebrantes começavam uma dança anual sagrada com a descoberta e o despertar rituais do bebê Dioniso no berço.

Por ocasião do festival das flores (*Antesteria*), que marcava o início da primavera no Mediterrâneo, novo vinho era trazido e cerimonialmente abençoado diante de uma grande máscara de Dioniso. Os olhos da máscara fitavam diretamente o devoto, para quem o próprio deus estava presente naquele local.

Dioniso teve papel significativo no orfismo (século VI a.C.), cujo nome deriva do poeta mítico Orfeu. Segundo a teologia órfica, o bebê Dioniso foi esquarterado e devorado por dois titãs enciumados, mas seu coração foi salvo por Atená e ele renasceu por meio de Zeus ou, em algumas versões, como filho de Sêmele. Era cultuado como Zagreu, nome órfico do Dioniso do Mundo Inferior.

O destino de Dioniso

A vida e a morte eram entrelaçadas na mitologia e no culto a Dioniso. Seu túmulo ficava no santuário dedicado a Apolo em Delfos, onde todo ano ele era adorado como o bebê recém-despertado. Era deus adulto que morria, que passava certo tempo no mundo inferior e que era bebê recém-nascido.

DIONISO, O ARQUÉTIPO

O arquétipo de Dioniso tem poderosos potenciais tanto positivos como negativos, mobilizando os mais elevados e os mais vis sentimentos, criando conflitos dentro

da psique e com a sociedade. É arquétipo presente em alguns homens místicos e em outros que são assassinos. Entre estes extremos, é o arquétipo dos homens (e das mulheres) que experimentam momentos de êxtase e impulsos intensamente contraditórios.

A criança divina

Uma das imagens que representava Dioniso era a da criança divina. O arquétipo da criança divina contém a noção de algo muito especial quanto à pessoa e ao seu destino. Nos sonhos de homens e mulheres contemporâneos, esse arquétipo está freqüentemente representado pelo bebê precoce que fala com o sonhador ou que, de alguma outra maneira, não é evidentemente uma criança comum. A sensação pessoal de que a "minha" vida tem um sentido sagrado, ou de que há elementos tanto humanos quanto divinos na "minha" psique, ocorre quando a pessoa entra em contato com o arquétipo da criança divina, o que muitas vezes prenuncia o início da jornada espiritual de adulto ou seu caminho de individuação.

Entretanto, dada a intensidade instintiva do arquétipo de Dioniso, o Eu é muito suscetível de ser arrebatado por ele. Se se identifica com o arquétipo da criança divina, o homem (ou a mulher) muitas vezes achará que é difícil adaptar-se à vida comum. Esperará receber tratamento especial ou mostras de reconhecimento diferenciado e alimentará ressentimentos quando não virem o quanto é especial e perceber que esperam que faça a sua parte das tarefas corriqueiras do dia-a-dia. Em termos psicológicos, se torna inflado por uma noção infundada e inflacionada de auto-importância.

Se o arquétipo de Dioniso for reprimido e, com ele, o aspecto da criança divina, seguem-se outras dificuldades: a sensação de ser inautêntico ou de não estar em contato,

com vaga sensação de não dar atenção a alguma coisa importante, ou de levar vida sem sentido. O arquétipo de Dioniso é ativamente reprimido nos homens. Desde a mais tenra infância, os meninos são desencorajados de ter traços "femininos", de ser "sonhadores" (o lado místico de Dioniso), ou sensuais, e são condicionados a "não tocar!".

O eterno adolescente

Dioniso e Hermes são os dois arquétipos que mais predis põem o homem a permanecer o eterno menino (ou, como Jung chamou-o, o *puer aeternus*), seja qual for sua idade. A versão dionisíaca do adolescente arquetípico é pessoa intensa e emotiva, que se torna absorvida em qualquer seja sua atual paixão, esquecendo-se de suas obrigações, de seus compromissos e tarefas. Por conseguinte, não dá a impressão de que possa se comprometer com trabalho de maneira consistente, para atingir metas de longo prazo. Também não é provável que se comprometa com relacionamento prolongado. Para ele são estranhas a regularidade e a constância. Como o deus Dioniso, ele pode vagar por muitos lugares, atraindo mulheres, fazendo-as interromper a vida que levavam até então e depois seguindo em frente.

Pode ser muito temperamental: num momento pode estar profundamente desesperado; no seguinte, no êxtase de enlevo ao qual é transportado por alguém ou alguma coisa. É atraído por qualquer estímulo que intensifique sua vivência. A música e drogas alteradoras do humor ou alucinógenas exercem verdadeiro fascínio sobre ele.

Nos anos 60, o movimento hippie foi uma expressão desse aspecto do arquétipo dionisíaco, com seu uso do LSD e da maconha, roupas de cores brilhantes e materiais sensuais, a geração "paz e amor" que fazia festas de sexo em grupo, celebrava a revolução sexual, o abandonar a

escola, largar os empregos. Essa identificação com Dioniso pode ter sido uma fase para muitos, mas para outros, que permanecem os eternos meninos, esse estilo de vida continua. Eles agora são os "hippies quarentões", de cabelos e barbas grisalhas; podem até ter vários filhos, mas o padrão continua.

O arquétipo do Dioniso como eterno menino foi personificado pelas estrelas do *rock* e da cultura dos roqueiros. Jim Morrison, do grupo *The Doors*, e Mick Jagger, dos *Rolling Stones*, foram a encarnação desse arquétipo na década de 1960. David Bowie assumiu o padrão daí em diante durante as décadas de 1970 e 80, e Prince e Michael Jackson seguiram a trilha nos anos 80. A maioria desses astros cultivou uma aparência andrógina também, e muitos deles têm um outro lado sombrio, enfatizado no estilo do *punk rock*.

O filho da mamãe

A mãe de Dioniso morreu quando ele ainda era feto. Tanto em sua mitologia como em seu culto, foi cercado por mães substitutas e amas de leite que eram personagens inconsistentes e instáveis em seus cuidados. Depois, Dioniso desceu até o Hades para encontrar sua mãe. Frequentemente, os homens que se identificam com este arquétipo também parecem buscar mulher idealizada que é tanto a mãe quanto a amante, inutilmente tentando achá-la numa série de relacionamentos. Isso é ainda mais verdadeiro havendo separação física entre mãe e filho.

Esse arquétipo também pode predispor o homem a ter relacionamento psicológico interno com a Grande Mãe. Nesse caso, sente-se diretamente vinculado com o mundo maternal, sendo possivelmente atraído para a expressão do "instinto maternal" por meio de trabalhos que envolvam cuidar dos outros e da casa, que são tarefas mais

tradicionalmente femininas. Ou a ligação com a Grande Mãe pode ser de teor espiritual (especialmente agora, com o retorno da Deusa como princípio espiritual na cultura), talvez manifestando-se em sua conversão a seguidor de alguma mulher carismática que seja líder religiosa.

O resultado pode ser homem que se sinta intimamente ligado às mulheres, que prefira muito mais estar em companhia delas, que as ame e se funda com elas num êxtase, quando fazem amor, e que intuitivamente entenda as experiências que a mulher tem. D. H. Lawrence, autor de *O amante de Lady Chatterley*, *Filhos e amantes*, e *Women in Love*, é exemplo.

Muitas vezes, as mulheres se sentem compelidas a cuidar do homem Dioniso, da mesma forma como ele busca ser tratado por elas como se fossem a mãe dele. Nessa sua necessidade, ele parece "menino sem mãe", que desperta sentimentos maternos. Se esse "filho de mamãe" não for casado porque é sacerdote ou homossexual, por exemplo, então pode se cercar, como fez Dioniso, de três ou quatro mulheres que cuidem dele como a mãe o faria.

O xamã: mediador entre dois mundos

Na sociedade tribal dos índios norte-americanos, o xamã é muito importante como mediador e intercessor entre o mundo invisível e o mundo físico. O homem que se tornava xamã frequentemente era marcado desde a infância como alguém diferente dos outros meninos de sua faixa etária. Muitas vezes, ficava com as mulheres e mais tarde vestia-se como elas, experiência pela qual Dioniso também passou, quando foi criado como menina em certa fase de sua infância.

A psique do xamã é muito frequentemente a de andrógino macho-fêmea, como Dioniso, que foi descrito como "homem-feminino" e chamado de "o feminino".³ Os

sacerdotes católicos, cuja função sacramental é mediar entre o mundo invisível e o mundo visível, até o dia de hoje usam trajes que são realmente vestidos. Essa aparente androginia psicológica, a vivência subjetiva das percepções tanto masculinas como femininas, é a chave para entrar nesse reino.

A visão xamanista é a de realidade incomum, em que vigora o estado alterado da consciência, a respeito do qual escrevem em seus livros Carlos Castañeda e Lynn Andrews, quando abordam o processo de suas iniciações pessoais, junto a xamãs homens ou mulheres. Para a psicologia junguiana, que valoriza o desenvolvimento do lado feminino dos homens, o mundo invisível é o mundo dos arquétipos, dos sonhos e da imaginação ativa.

Dioniso chamava as mulheres para que se afastassem de sua existência comum e se deleitassem com a natureza, descobrindo o elemento do êxtase em si mesmas. Essencialmente, ele as iniciava numa experiência xamanista. Dioniso, o deus, era iniciado e sacerdote da Grande Deusa. Para o movimento feminino espiritual contemporâneo, Dioniso está presente em algumas mulheres que encarnam o arquétipo da sacerdotisa como mediadoras entre dois mundos. Funcionando metaforicamente como Morgana, em *As brumas de Avalon*, de Marion Zimmer Bradley, o sacerdote ou sacerdotisa da Deusa pode atravessar as brumas de Avalon e conduzir outras pessoas até o reino da espiritualidade feminina, a ilha da Deusa.

Ser homem com personalidade xamanista, numa cultura que enfatiza "progredir no mundo real", é estar fora do compasso coletivo. O místico religioso adolescente, que tem em êxtases a visão da Virgem, sente-se tão inaceitável quanto o usuário de drogas alucinógenas. Os dois como Dioniso também parecem, aos olhos dos outros, cortejar a loucura.

Se Dioniso é um dos vários arquétipos fortes em atuação na psique de um homem, então não se identificará totalmente com esse aspecto xamanista, mas terá propensão a entrar em estados alterados de consciência. O reino do mundo invisível lhe é tanto familiar quanto fascinante e pode levá-lo a profundos *insights*. Pode se tornar "místico enrustido" que, embora funcione de maneira eficiente no mundo, descobre que esse lado dionisíaco lhe proporciona fonte oculta de significado.

A personalidade dualista

De todos os arquétipos masculinos, o de Dioniso é o das oposições intensas. Como o descreve o especialista Walter F. Otto:

Sua dualidade se nos manifestou nas antíteses do êxtase e do horror, da infinita vitalidade e da destruição selvagem; no pandemônio ao qual o silêncio sepulcral é inerente; na presença imediata que é, ao mesmo tempo, o mais absoluto distanciamento.⁴

Quando esse aspecto do arquétipo de Dioniso assume o centro da cena, a pessoa pode rapidamente atravessar a linha de demarcação entre os opostos. Grandes mudanças emocionais são desencadeadas por eventos mínimos. Estar em relacionamento com homem (ou mulher) que cruza e descruza as fronteiras dessa maneira é ser tratado como pessoa extremamente preciosa e única, num dado momento, e como monstro terrível no seguinte. Ao mesmo tempo, ele pode flutuar entre o amante apaixonado e o desconhecido indiferente. Estar num vínculo de comunhão extática com homem que, em seguida, se volta para dilacerar você em pedaços é conhecer e sofrer desse aspecto dualista de Dioniso.

As mulheres também podem se tornar possuídas por esse arquétipo. As Mênades, mulheres adoradoras que cultuavam o deus no alto das montanhas, podiam se transformar de mulheres amorosas e maternais em Mênades enfurecidas e sem piedade.

A beleza e o perigo fatal eram as marcas registradas desse dualismo. A pantera, o leopardo e o lince eram consagrados a Dioniso, refletindo esse aspecto do deus. Esses grandes felinos eram os animais mais graciosos e fascinantes e, também, os mais selvagens e sanguinários.

Depende da força com que o arquétipo está ativado, e da estabilidade e da força do Eu, a tendência dionisíaca para sentimentos extremos e poderosos conseguir ou não interromper o curso normal da vida e se abater sobre os demais. A pessoa com Eu saudável pode dizer seriamente, por exemplo, "Só porque estou com vontade de matar você ou cortar meus pulsos não quer dizer que vá fazer isso". Se o Eu for instável e tiver passado por severos traumas emocionais, pode surgir nessa pessoa o assassino contumaz, como foi Charles Manson, que foi místico, amante e matador. Já na presença de um Eu estável e forte, contudo, o arquétipo de Dioniso acrescenta largura e profundidade aos sentimentos, aumenta a possibilidade de a pessoa vivenciar emoções elevadíssimas, e intensifica suas reações espirituais e eróticas.

O nômade perseguido

O motivo da perseguição severa e da fuga faz parte da mitologia de Dioniso e das mulheres que são suas seguidoras. Por exemplo, devido à hostilidade do rei Licurgo, Dioniso foi espancado e forçado a mergulhar no mar, enquanto as mulheres que o cultuavam foram espancadas sem piedade ao fugir, tomadas pelo pânico.

Em sua mitologia, Dioniso viajou pelo mundo conhecido dos gregos, deparando frequentemente hostilidade quando atiçava as mulheres para que saíssem dos seus lares e abandonassem o fogo e seus afazeres domésticos, para segui-lo até montanhas remotas onde experimentaríamos momentos de êxtase e arrebatamento. Desde o momento em que foi gerado, Hera, a Deusa do Casamento, tornou-se sua inimiga mortal, o que não espanta uma vez que essas duas deidades representavam valores justamente adversários. Hera valoriza o casamento duradouro com todas as suas obrigações sociais, a continuidade, a fidelidade. Dioniso desperta paixões que rasgam tudo ao meio, e faz as mulheres esquecerem seus papéis habituais.

O arquétipo desmembrado

O motivo do desmembramento está na trama dos mitos de Dioniso, que teve o mesmo destino de Osíris, deus egípcio que o antecedeu. Mais tarde, o Jesus Cristo crucificado exerceu o papel do filho divino que sofre a morte e ressuscita. O arquétipo dionisíaco predispõe o homem (ou a mulher) à possibilidade do desmembramento psicológico ou da crucificação, causada por sua incapacidade de reconciliar em seu íntimo poderosos vetores adversários. "Estar entre a cruz e a caldeirinha", diante de duas tendências opostas, é sofrimento comum para o homem Dioniso. Por exemplo, pode querer tanto se fundir com sua amante quanto abandoná-la. O "desmembramento" que é, metaforicamente, a dificuldade de "manter junto", ou a sensação de estar repartido em mil pedaços é comum nesses homens.

O motivo do desmembramento torna-se especialmente forte quando o arquétipo dionisíaco acompanha religiões que enfatizam a culpa, como as do grupo judaico-cris-

tão, que dizem: "se tua mão esquerda te ofende, corta-a". Como o misticismo e a sensualidade são dois aspectos de Dioniso, o rapaz pode, por exemplo, se sentir atraído pelo misticismo católico, mas ao mesmo tempo sentir-se horrível pecador porque vivencia sensações e imagens eróticas, sensuais. Sonhos de desmembramento com espadas, facas e automutilações ocorrem com os homens (e as mulheres) cujos conflitos interiores são, muitas vezes, irreconciliáveis segundo a perspectiva de sua religião.

Cultivando Dioniso

Muitos homens não dionisíacos sofrem de aridez emocional e não têm contato com suas emoções mais profundas. Alguns carecem de sensualidade (para nem falar de êxtase), mesmo que tenham freqüentes relações sexuais. Para esses, cultivar Dioniso pode melhorar sua vida. O foco de Dioniso é sobre o momento, não sobre metas futuras que aguardam em pontos distantes do caminho. Existe a abertura para se deixar tocar pelo que acontece entre as pessoas ou dentro de si mesmo, em resposta aos acontecimentos. Dançar e fazer amor são os terrenos em que Dioniso é especialmente importante, para permitir que haja intensidade, espontaneidade e fusão com a música ou com a amante. Ter uma "técnica", seguir mentalmente um programa de dança, ou os passos de algum manual de sexo, impede o homem estar "plena-mente ali". Toda vez que um homem sabe que horas são, Dioniso não está ali. Sempre que outros pensamentos se acumulam e tiram a pessoa do momento imediato, Dioniso partiu. Sempre que o homem não sabe que tem corpo, não está em contato com Dioniso.

Convidar Dioniso a estar presente requer talvez que a pessoa saia de seu ambiente habitual, que use roupas diferentes, que se comporte em papéis incomuns ou ado-

te outras personas: o presente do vinho de Dioniso, da música que leva a pessoa a dançar com sensualidade e espontaneidade, o carnaval ou os bailes de máscara e fantasia, qualquer coisa que afrouxe o cerco imposto pela mente e a pressão da noção do tempo ajuda a convocar a aproximação de Dioniso.

Ao deixarmos para trás a cidade e nossas preocupações com o trabalho e as responsabilidades, buscando uma comunhão com a Mãe Natureza, também podemos entrar em contato com Dioniso. Ele pode vir a nós, quando estamos na natureza e nos sentimos integrados a ela. Quando abandonamos a nossa percepção consciente habitual do tempo e dos quilômetros da viagem e nos entregamos à experiência, somos transportados para outra dimensão, em que sentimos o êxtase em nosso íntimo.

DIONISO, O HOMEM

Como em cada um dos capítulos precedentes, esta seção oferece a noção do que é a vida de um homem que se identifica com determinado deus em particular. No entanto, uma impressão composta não funciona tão bem para o homem Dioniso quanto para os outros tipos, porque este arquétipo é caracterizado por tendências opostas e extremas.

Mesmo sendo difícil descrever com certeza exatamente como se manifestará o Dioniso num homem específico, ele em geral apresentará alguns traços reconhecíveis, que os outros costumam rejeitar ou tratar com desconfiança. Segundo os padrões dos "rapazes", o homem Dioniso será provavelmente feminino ou místico demais, muito contracultural ou ameaçador, atraente e fascinante em demasia, para ser confortável estar em sua companhia. Dioniso interrompe o fluxo da vida corriqueira, não só

chamando as pessoas para que se entreguem ao prazer do momento, mas tornando a vida comum difícil ou impossível de ser vivida.

Primeiros anos de vida

Dioniso, o deus, passou por duas experiências incomuns logo depois de nascer, as quais esclarecem em parte quais são as experiências análogas para alguns homens que venham a ser identificados com Dioniso. Esse deus foi criado como menina, e seus genitores substitutos foram levados à loucura e se tornaram capazes de matar.

Se os pais têm expectativas estereotipadas a respeito daquilo pelo que um menino deve se interessar como "lutinhas", coisas mecânicas, esportes, então o menino Dioniso que dá vazão a seus próprios interesses provavelmente ouvirá, de uma maneira ou outra, que está se comportando "como menina". O pequeno Dioniso gravita na direção do que as mulheres fazem porque adora usar seus cinco sentidos: quer que seu mundo se encha de experiências sensuais. Gosta da sensação da textura da seda e das peles, se interessa por cores, deixa-se arrebatar por música. A cozinha, com seus odores e sabores, é muito mais interessante para ele que a garagem. O teatro é infinitamente mais fascinante do que as áreas para jogos com bola nos parques, roupas são mais atraentes do que os computadores. Esses interesses naturais normalmente levam os outros a tachá-lo "mariquinha", por se comportar como garota.

Se seus interesses não o isolam do que ele "deveria achar que vale a pena", suas atitudes emocionais fazem isso. O jovem Dioniso raramente é capaz de ser estóico, mesmo quando é esperado que seja. É muito possível que lhe tenham dito que "os meninos não choram". No entan-

to, ele chora facilmente e também ri com gosto. Para ele é mais difícil manter as emoções "sob controle", o que para os outros garotos significa aprender a inibi-las. Novamente, isso faz com que ele se pareça mais "com menina".

Ter guardiães que ficaram loucos e capazes de matar foi outro traço marcante da infância de Dioniso. Em seu livro *Prisoners of Childhood*, a psicanalista Alice Miller descreve como o menino inteligente e sensível aprende a sintonizar com o lado bom de pais narcisistas, geralmente a mãe, que então se mostrará hostil para com ele a menos que ele aja do jeito que ela quer. Ele presta atenção nas pistas emocionais e aprende a ser agradável (que é uma das facetas de "ser criado como se fosse menina"). Se as reações emocionais de sua mãe (ou de seu pai) são extremas por causa de um estado psicológico limítrofe, ele será seu "amor mais precioso" num dado momento, e no seguinte se verá exposto a uma atitude hostil e brutalmente rejeitadora a ira assassina que há nela.

Com um genitor que se comporta dessa forma, os pacientes de Alice Miller aprenderam, ainda na infância, a abafar suas reações emocionais (que então nunca se desenvolveram) e vivem, em lugar delas, nas idéias de sua cabeça. Quando Dioniso é o arquétipo principal, no entanto, o menino em geral não é capaz de mudar para o pólo mental. Em vez disso, ele pode fugir, tornar-se delinqüente, fazer ameaças dramáticas ou desenvolver sintomas corporais.

Seus pais

Uma auto-imagem positiva para o menino Dioniso depende muito mais de seus pais do que no caso de outros tipos de meninos, porque ele não se ajusta ao padrão "dos meninos em geral", e por isso o mundo, além do seu círculo familiar, não é lugar que o valide como pessoa. No

entanto, a falta de aprovação dos pais é experiência recorrente para o menino Dioniso que, sendo como é, nunca parece agradar o pai. É comum em suas experiências tentar ser o filho que seu pai quer que ele seja, com um índice variável de sucesso.

Dioniso, o deus, teve pai poderoso que se importava com ele. Em sua mitologia, Dioniso mais que os outros filhos de Zeus foi cuidado por seu pai, que começou sendo tanto pai como mãe para ele, e cuja atitude protetora se manteve depois de ele haver nascido. Mais tarde, Zeus tornou Ariadne, a esposa mortal de Dioniso, imortal. Contar com um pai Zeus amoroso e solidário, que o aceita e aprova suas escolhas, é ideal para o menino Dioniso, cuja personalidade e masculinidade são reafirmadas, dessa forma.

Além disso, Dioniso era o filho mais jovem de Zeus, e, apesar da sua verdadeira posição na ordem dos nascimentos, o menino Dioniso se comporta como o mais novo. Ele é brincalhão, pode viver o momento presente, e não se preocupa em ter sucesso.

A maioria dos meninos Dioniso parecem ser "filhos da mamãe": são mais parecidos com ela do que com os pais em termos de seus interesses e personalidade. Se o pai é emocionalmente distante ou rejeitador, ou se eles foram criados por mães solteiras, têm identificação excessiva com suas mães e se sentem excluídos do grupo dos outros meninos, além de distantes de sua própria noção de masculinidade.

Também pode haver distanciamento entre o menino e sua mãe se ele, por acaso, não corresponde à expectativa que ela alimenta quanto ao que um menino deve ser. Isso é especialmente provável que ocorra quando a mãe é uma Atená arquetípica, a mais lógica das deidades e deusa protetora dos homens heróicos. Ela é mãe-mentor que pode ajudar o filho no mundo, mas não é especialmente

maternal. Fica desapontada e frustrada com a falta de ambição que ele demonstra, e ele sente falta de uma mãe maternal, o que passa a buscar nas outras mulheres.

Adolescência e início da idade adulta

A adolescência costuma ser período de crise. Tudo em que consiste, no caso do rapaz Dioniso, é mais intenso que no geral. Seu estado emocional oscila ao mesmo tempo mais para baixo e mais para o alto do que acontece com os outros adolescentes. Suas dúvidas a respeito de sua identidade sexual são maiores, e ele se apaixona tanto por meninas quanto por meninos ou por ambos com intensidade alarmante. O uso de drogas é risco enorme. Suas roupas costumam ser verdadeiro ultraje. Não dá a mínima importância para notas e essa indiferença aumenta à medida que tudo o mais se intensifica.

Seus pais ficam frequentemente alarmados e as autoridades escolares se mostram igualmente ariscas. Sua atitude inconformista, sua incapacidade para se encaixar na maioria, que sempre esteve presente, mas não tão óbvia talvez, pode agora se mostrar inegável.

Às vezes, o conflito está no íntimo do jovem Dioniso e não tanto entre ele e os outros. Seus esforços para se adaptar e reprimir a parte dionisíaca de sua pessoa agora se tornam mais árduos. Podem ocorrer colapsos emocionais pois o garoto se sente desconjugado por dentro, em pedaços para todo lado. Podem decorrer sérias perturbações mentais. Quando um contexto religioso e familiar repressivo condenam ainda por cima os "pensamentos impuros", então a culpa e a sensação de pecado podem ser profundamente perturbadoras.

Sair de casa nessa fase, entre a adolescência e o início da idade adulta, dá continuidade à turbulência emocional e às experimentações. A busca de experiências de

êxtase na sexualidade e na espiritualidade, ou com drogas e tóxicos, interfere freqüentemente na formação acadêmica e no começo de carreira profissional. Costuma também ser momento de experimentar com movimentos e atividades políticas, o que pode se tornar extremamente arriscado.

Mas é possível também explorar e expressar os elementos Dioniso da personalidade sem extremos arriscados, se esse rapaz tiver sido aceito e valorizado por ser como é, durante sua infância e meninice, e se teve também alguma orientação que o ajudasse. Por exemplo, como Dioniso vive no momento imediato, precisa ser pacientemente ensinado a pensar hoje no que é devido amanhã, e também a aprender com o que aconteceu antes e com o modo como aconteceu (senão não consegue aproveitar as experiências pelas quais vai passando).

Trabalho

Se a busca do êxtase o encaminha para o que é místico e religioso, o jovem Dioniso pode se tornar sacerdote, atraído pelo ritual e pelo misticismo dos sacramentos e cerimônias. Pode talvez entrar num *ashram*, em que cantar os mantras e tocar os tambores são recursos para alterar o estado da consciência. São ainda mais dionisíacas as experiências místicas sensuais do tantra ioga, ou as práticas sexuais dos seguidores do Bhagwan Shree Rajneesh. Nesses contextos, o trabalho é definido pela comunidade religiosa que, para o Dioniso não-competitivo, cai como uma luva.

O homem Dioniso não sente atração por carreiras competitivas alimentadas por ambições pessoais, assim como não se interessa pelo mundo acadêmico das idéias. Chegar até o nível da competência em alguma coisa que exija anos e anos de estudo ou exercício vai contra sua nature-

za. E para ele não tem sentido alcançar poder e prestígio. Não espanta, portanto, que o mundo do trabalho seja uma área problemática para muitos homens Dioniso.

Há muitos fracassados e desempregados e uns poucos sucessos espetaculares no mundo do trabalho. Alguns homens Dioniso são bem-sucedidos nas esferas criativas, nas quais talento e familiaridade com o lado escuro dos conflitos dionisíacos se unem na produção de uma obra. A peça teatral de Eugene O'Neill, *The Iceman Cometh* reflete os anos em que o autor se entregou a um alcoolismo incontrolável. Outro dramaturgo e ganhador de um Prêmio Pulitzer, Sam Shepard, usa pares de irmãos para descrever polaridades de sua própria personalidade. Os homens dionisíacos podem, da mesma maneira, ser estrelas no mundo do *rock*, músicos, atores, e alguns deles tiveram de vencer batalhas contra o consumo desenfreado de álcool e drogas.

Relacionamento com mulheres

O deus Dioniso era rodeado por mulheres, e o homem Dioniso também o é, em geral. As mulheres maternais costumam vê-lo como homem perturbado e vulnerável, que precisa ser cuidado. Quer seja jovem ou de meia-idade, sua puerilidade leva algumas mulheres a sentir vontade de tomar conta dele. Ele pode ter sido muito maltratado ou rejeitado, e vê-lo lambendo as próprias feridas mobiliza o lado mãe de algumas mulheres.

Sua sensualidade e capacidade de apreciar o belo atraem as mulheres para sua proximidade, algumas como amigas, outras como prováveis amantes. Quando faz amor com uma mulher, especialmente se até então ela nunca fez amor com um homem para quem esta é uma experiência de fusão e êxtase, ela pode se sentir profundamente tocada. Para algumas será como despertar para a

própria sexualidade; estas se sentirão gratas a ele. Outras ficarão viciadas nele; haverá ainda aquelas que se sentirão selvagemmente enciumadas. Quando ele se torna importante para uma mulher, dramas e interrupções passam a ocorrer em sua vida já que, agora, ela deve acompanhar as típicas oscilações emocionais dele para cima e para baixo.

O homem Dioniso gosta genuinamente de mulheres e, do berçário em diante, é provável que tenha amigas próximas, com quem divide interesses, confidências e profundidade no elo da amizade que a maioria dos homens não conhece com as mulheres.

Relacionamento com homens

O homem Dioniso normalmente não vai no mesmo passo que os demais. Não se sente à vontade nos vestiários, nem nas reuniões de diretoria, pois nesses contextos os relacionamentos entre homens são muito impessoais e marcados pela busca de objetivos. Ele é individual demais para ser parte de um time, muito pouco interessado em competir, e revolucionário demais para conseguir ser "um dos rapazes".

Paradoxalmente, pode ter relacionamentos muito mais próximos com alguns homens do que aqueles que se socializam mais entre si. Alguns amigos podem ser para ele muito profundamente importantes, e de maneiras diversas. Com o amigo Hermes, entretém conversas profundas; o amigo Hefesto constata que seu amigo Dioniso sabe realmente apreciar o que ele cria, que toca suas peças de arte com a mesma reverência que Hefesto sentiu quando as criava. Apolo também se sente atraído por Dioniso, que é seu oposto.

Dioniso, deus, era capaz de chorar por um amigo, como também faz o homem Dioniso. Quando morreu o

amigo Ampelos, Dioniso chorou sobre seu túmulo sendo parcialmente consolado pelas parreiras e pelo vinho que brotou de suas lágrimas.

Sexualidade

A expressão de sexualidade inata e intensa é questão essencial para Dioniso. O homem Dioniso pode ser heterossexual, homossexual ou bissexual. Quer seja um astro do *rock* absolutamente promíscuo, ou um sacerdote celibatário, a sexualidade é preocupação de primeira grandeza. Dotado de sensualidade natural, sua natureza erótica é facilmente despertada. É capaz de investir uma dose considerável de energia psíquica no âmbito sexual, da forma como outro homem faria com sua carreira profissional. Pode viver experiências sexuais de êxtase, às vezes ainda mais intensificadas por música ou drogas, independentemente de envolvimento pessoal profundo com a parceira. Quando esta é mais sensível que o geral, pode perceber que ele se entrega tanto à relação sexual que entra num estado alterado de consciência e, daí em diante, passa a haver um elemento impessoal em sua forma de fazer amor. Nesse momento, pode ter uma vivência dionisíaca arquetípica, e não uma experiência de comunhão pessoal.

Pode se sentir verdadeiramente atraído o tempo todo por grande variedade de mulheres, ou pela mesma mulher com quem quer repetir as experiências do amor, se ela também for capaz de amar no momento, como ele. Sua motivação não é a conquista: é a experiência em si.

Casamento

A mulher tradicional não considera o homem Dioniso "bom para casar", o que é avaliação exata. Não se pode contar com ele como o provedor de uma família, dentro

de um emprego vitalício das nove às cinco, nem como o sujeito que chegará ao topo da hierarquia de uma empresa ou numa profissão, podendo assim oferecer à esposa status, posição e segurança. Com ele a vida será, econômica e emocionalmente, imprevisível.

Surgem os problemas quando a mulher se apaixona por um Dioniso e depois se casa com ele esperando que seja outra pessoa, como os homens normais e previsíveis que não a atraíam e que ela agora espera que ele copie. De todo modo, o casamento com ele provavelmente foi idéia dela, já que ele é mais dado a viver o momento e não a pensar em termos de compromissos para a vida toda. Esperar que o casamento com ele seja monogâmico é outro erro que vai custar a ela muitos sofrimentos.

E, no entanto, outra vez paradoxalmente, e como o deus, em algum ponto de sua vida ele pode se casar e respeitar o casamento, e amar e honrar a esposa, que é alguém que conhece por empatia.

Filhos

O homem Dioniso é em geral "meninão" e, por isso, costuma fazer muito sucesso com os filhos dos outros. Já os seus próprios filhos passam frequentemente por experiências que os deixam em frangalhos. Ele pode ser maravilhosamente excitante (quando está com disposição para brincar, se mostra imaginativo e generoso e está num estado de ânimo feliz contagioso), ou terrivelmente decepcionante (quando prometeu fazer algo especial com eles e não se lembra, ou perdeu o entusiasmo por alguma coisa que costumavam fazer juntos). É experiência altamente destrutiva ter pai que é encantador e fala a sério sobre uma coisa num dado instante, mas em quem não se pode confiar que vá fazer aquilo que disse. Sua inconsistência e falta de confiabilidade são ampliadas ainda

mais se se torna pai divorciado e há forte possibilidade de que isso venha a ocorrer.

O homem Dioniso não costuma se desincumbir muito bem das responsabilidades tradicionais da paternidade, ou seja, os papéis de provedor, disciplinador, mediador entre a família e o mundo externo, mentor, modelo de como se sair bem no mundo. No entanto, quando nascem os filhos, ele se envolve intensamente no trabalho do parto e no parto em si, estando emocional e fisicamente presente o tempo todo. O processo do nascimento de suas crianças pode ser experiência mística ou de êxtase, compartilhada com a esposa, que o vincula a ela e aos filhos intensamente. Embora o homem Dioniso, por temperamento, nunca venha a ser o Pai Celeste tradicional, distante, à vontade no mundo, é possível por isso mesmo que se torne o Pai Terra doméstico, instintivamente próximo aos filhos.

Meia-idade

O homem Dioniso na meia-idade pode atravessar grande crise emocional nessa etapa da vida. Se seus excessos e falta de disciplina lhe custaram caro, talvez ele possa estar enfrentando vícios em álcool ou drogas, ou fracassos no trabalho e em alguns relacionamentos. Deficiências educacionais e profissionais, ou histórico errático de trabalho, agora se tornam ostensivamente evidentes. Sua situação conjugal não costuma estar em melhores condições. Muitas figuras públicas que são Dioniso não sobrevivem à meia-idade; por exemplo, mortes causadas por overdoses roubaram a vida do astro do *rock* Jim Morrison, do *The Doors*, e do ator John Belushi.

O mais comum é que a crise da meia-idade dure muitos anos, sendo o alcoolismo seu problema mais evidente. O poeta Dylan Thomas e o ator Richard Burton

tiveram de lutar contra o alcoolismo, passaram por crises em sua carreira criativa e viveram relacionamentos difíceis com as mulheres. Essas são as clássicas lutas dionisiacas da meia-idade. Thomas e Burton passaram por todas elas; o homem Dioniso pode ter também de atravessar isso, ou uma parte dessas aflições.

Realizando um esforço heróico para permanecer com um trabalho significativo e para elaborar e resolver os problemas de relacionamento atinentes à intimidade e ao compromisso, o homem Dioniso pode, não obstante, evoluir e tornar-se um homem com profundidade e maturidade, que continua intenso e capaz de integrar seus momentos de criação e êxtase à sua vida.

Terceira idade

A passagem do homem Dioniso pela meia-idade determina qual será dos três seguintes o padrão que sua vida terá na velhice.

Um padrão comum é continuarem os conflitos da meia-idade (com o álcool, as dificuldades no trabalho ou no relacionamento), sem que sejam resolvidos até sua morte, que costuma ocorrer prematuramente.

Um segundo padrão envolve a combinação de um arquétipo Dioniso com bens herdados, o que predispõe o homem a permanecer como o eterno menino até na velhice, de forma bastante imprópria. Seja qual for sua predileção sexual, ele geralmente tem parceiros sexuais mais jovens; depois de ter feito e provado de tudo, sua vida costuma adquirir uma qualidade desgastada.

A terceira possibilidade é uma forma altamente individual de existir, ou seja, a árdua conquista de um significado para viver. Depois de haver integrado o dionisíaco na personalidade madura, o homem é capaz de viver plenamente no momento, no momento que faz

parte de uma trama, uma vida emocionalmente rica que tem continuidade e compromisso. As experiências de êxtase dão a esse homem a sensação de integração espiritual que subjaz à realidade, e que o faz sentir-se parte da natureza e da humanidade. Essa integração espiritual torna a morte a próxima experiência a ser plenamente vivida, quando chegar o momento.

DIFICULDADES PSICOLÓGICAS

Quando Dioniso determina as emoções e o comportamento do homem em quem vive esse arquétipo, seu potencial para grandes dificuldades psicológicas é maior do que no caso de qualquer outro arquétipo. A extensão dos danos dependerá da força do arquétipo, perante a fragilidade do Eu desse homem. Só um homem com Eu forte e saudável pode coibir adequadamente a influência deste arquétipo e escolher como, quando, com quem e em que circunstâncias o Dioniso que existe nele pode ser vivido.

Além disso, a sociedade moralista e puritana dirige a Dioniso mensagens negativas mais fortes que talvez a qualquer outro arquétipo e esse é um dos outros motivos pelos quais Dioniso causa dificuldades psicológicas. Podem decorrer problemas de auto-estima, além dos efeitos adversos de se reprimir um arquétipo.

Distorções da autopercepção: baixa auto-estima e inflação

Nosso estereótipo cultural do que deve ser um menino ou homem diz ao jovem Dioniso que tem algo errado. Aprende desde cedo que é emotivo demais, ou muito intenso, ou se interessa por coisas de meninas. Naturalmente sua auto-estima padece.

Por outro lado, o aspecto de criança divina desse arquétipo lhe dá a sensação injustificada, porque irreal, de ser especial e ter privilégios. É comum que flutue entre um pólo e outro, ora sentindo-se inadequado para realizar o que lhe vem pela frente, ora sentindo que aquilo em que está prestes a embarcar o tornará instantaneamente famoso.

Como lhe falta constância em sua autopercepção, e tendo tanto de sua auto-estima baseada em sensações estritamente subjetivas, é virtualmente impossível que ele consiga formular uma noção realista de si e de seu valor. A reação dos outros a ele costuma ser igualmente inconsistente. As pessoas reagem de maneira negativa e positiva; quase nunca, de forma apenas neutra. Permanecendo o eterno menino

Dioniso foi deus juvenil. Um das descrições famosas a seu respeito dizia que era rapaz elegante de longos cabelos esvoaçando sobre os ombros, vestido numa túnica púrpura. Em seu mito, foi raptado por piratas que acharam que ele era filho de um rei e que seria pago resgate por sua vida. Essa é a quintessência da imagem do eterno jovem privilegiado. E quando esse arquétipo vem lado a lado com bens herdados, o que resulta é o *playboy* sensual, o jovem Aly Khan, por exemplo. Muitos homens que passam a se identificar com Dioniso como eterno jovem têm, na realidade, certa semelhança com seus ricos e famosos equivalentes, sempre vivendo pela festa seguinte ou pelo próximo tórrido romance. A possibilidade de permanecer eterno rapaz está presente sempre que Dioniso é o arquétipo dominante.

A luta com os opostos

Os homens de personalidade dionisíaca lutam com paradoxos e opostos, em permanente convívio em seu interior. Nesses indivíduos como no deus, enlevo e destrui-

ção, paixão e indiferença, proximidade e distância, são opostos que coexistem freqüentemente.

Sam Shepard, dramaturgo e roteirista, que é pessoalmente exemplo de Dioniso, descreve como é a tarefa de conter esses opostos:

Existe em algum lugar o mito do lobo e os carneiros... E o processo de manter-se vivo consiste em tentar que esses dois coabitem, buscando um equilíbrio entre essas duas partes, porque uma sempre tenta devorar a outra. A que quer devorar o lobo funciona à base de impulsos e é basicamente insana. É inquestionável que existe luta em andamento, à qual se responde de maneiras diversas. Algumas pessoas bebem ou se entorpem de drogas. A dificuldade está em aceitar que essa é a condição na qual você está vivendo, a condição em que essas duas partes batem de frente uma contra a outra, e a ameaça constante de ser subjugado por uma delas.⁵

A psicose como possibilidade

Dioniso era conhecido como o deus louco que levava seus seguidores à loucura. Fazia a mente rodopiar. Quando aparecia de súbito, suas Mênades eram transportadas ao êxtase, ao arrebatamento, dançando freneticamente com fúria desgovernada.

Algo dionisíaco às vezes acontece em concertos de *rock*, especialmente quando o astro aparece de repente no palco, e a platéia enlouquece. Há entre os espectadores o frenesi, o uso das drogas, danças, a expressão arrebatada do êxtase e da entrega irracional. De vez em quando, como no concerto dos Rolling Stones em Altamont, também ocorrem violência e terror.

Quando Dioniso, o deus, aparecia para seus seguidores, era o pandemônio que, depois de encerrado, era seguido por silêncio entorpecido e melancólico, tão logo o frenesi se extinguia. Esse arco, das alturas do êxtase e da comunhão com o deus, até a melancolia, descreve pro-

cesso psicológico de intensa inflação seguida por uma depressão entorpecida, ou um período de alucinações e comportamento delirante seguido por choque, horror e culpa.

Friedrich Nietzsche, filósofo alemão que escreveu *Assim falava Zaratustra*, sofreu durante 11 anos de uma doença mental degenerativa. Acompanhando sua loucura e a dissolução de sua psique com o desmembramento de Dioniso, Nietzsche acentuou os aspectos excessivos, bárbaros, até mesmo criminosos, e extáticos de Dioniso.⁶

Efeitos colaterais da dádiva do vinho: problema de abuso da substância

O culto a Dioniso envolvia tomar vinho ou outros tóxicos sacramentais para atingir um estado mental de comunhão com o deus. Seus seguidores achavam que o assimilavam em seu interior e se sentiam possuídos por ele.

Se o Dioniso contemporâneo busca o êxtase, ou estados alterados de consciência por intermédio do uso de drogas, torna-se suscetível ao problema de abuso de substâncias tóxicas, e pode pôr em risco sua saúde física e mental, se ingerir drogas alucinógenas ou que alteram o humor.

Quando eu era residente psiquiátrica no pronto-socorro do Hospital Geral de São Francisco, na década de 1960, as pessoas que eram trazidas frequentemente se encontravam sob a influência de drogas alucinógenas e dos estimulantes que tinham comprado nas ruas. Drogas que tomaram porque queriam se sentir bem, levavam-nas a crises de paranóia e terror, ou punham-nas em situação de perigo físico, porque não avaliavam mais as luzes dos semáforos nem lugares altos, ou ameaçavam a segurança dos outros quando agiam sob o efeito do delírio ou de percepções distorcidas induzidas pelas drogas que haviam tomado. Uma década mais tarde, aproxima-

damente, drogas alucinógenas "fashion", que só diferem das drogas prescritas em uma molécula, começam a ser produzidas por químicos especializados e interessados apenas em lucros, para conseguir escapar por um triz do que é legalmente proibido. O risco agora atinge os jovens profissionais cosmopolitas. Drogas que são vendidas com a promessa de oferecer a "experiência de estar com deus" levaram, em alguns casos, à morte.

Os usuários contemporâneos de drogas constatarem que os tóxicos consumidos para induzir uma euforia temporária são, depois, causadores de ressacas, desespero e vício. Quando as pessoas buscavam a comunhão com Dioniso, ele induzia estados extáticos seguidos por melancolia e depressão, ou alucinações de horror e culpa; hoje em dia não é nem um pouco diferente.

A comunhão com Deus pode ser uma das maiores motivações inconscientes para o uso repetido do álcool que se transforma em alcoolismo. Bill W., co-fundador do Alcoólicos Anônimos, trocou cartas com Jung e essa correspondência esclarece a ligação entre o alcoolismo e a espiritualidade. Bill W. escreveu a Jung contando sobre a importância de uma conversa que este mantivera nos anos 30 com Rowland H., personagem que desempenha papel significativo na fundação do A.A. (Rowland H. era alcoólatra e ex-paciente de Jung, a quem, nessa conversa, Jung disse que não podia ajudar.)

"Quando ele (Rowland H.), então, perguntou-lhe se havia alguma outra esperança, o senhor lhe disse que poderia haver, desde que ele pudesse passar por uma experiência espiritual ou religiosa."

(Ao levar as palavras de Jung absolutamente a sério, Rowland H. buscou e achou a experiência espiritual que enfim realmente o ajudou.)

Jung respondeu: "A sede de álcool que ele sentia era equivalente, num nível mais baixo, à sede espiritual que

nosso ser padece, de experimentar a totalidade; em linguagem medieval isso era expresso como a união com Deus".

"Veja", Jung escreveu, "em latim 'álcool' é *spiritu*, e a mesma palavra que é usada também para a mais elevada forma de experiência religiosa serve para designar o veneno mais depravador. A fórmula redentora, portanto, é *spiritus contra spiritum*".

A frase *spiritus contra spiritum* se traduz no princípio de se usar a comunhão espiritual contra o vício em álcool: substitui-se o álcool por Deus (seja em que forma for que, para a pessoa, "Deus" tenha significação). Quando o uso do álcool ou de qualquer outra substância é motivado por Dioniso, essa pessoa busca comunhão espiritual por esses meios; nesse caso, não admira que um vínculo com Deus ajude a conduzir à sobriedade.

Sintomas psicossomáticos

Antigamente acreditava-se que Dioniso penetrava no corpo de seus adoradores, da mesma forma como o álcool corre nos vasos sanguíneos, afetando os sentidos e influenciando corpo e mente. Quando Dioniso é o arquétipo forte, esse homem é incorporado, ou seja, reage com seu corpo, que, para ele, é um órgão sensorial, e neste sente as emoções. Estar totalmente mergulhado no corpo quando dança ou faz amor é a manifestação positiva dessa incorporação. Fazer o corpo reagir de forma psicossomática é o aspecto negativo. Ele é suscetível a sintomas de conversão paralisia ou cegueira histérica, por exemplo. Anorexia é outra expressão de sua suscetibilidade a transtornos corporais e mentais.

Ele também pode tornar-se temeroso de que algo errado esteja ocorrendo com seu corpo porque expressa emoções com ele, e é altamente consciente de suas sensa-

ções corporais. Dores difusas ou localizadas, que para outro homem, de natureza mais mental, nem seriam perceptíveis, incomodam-no muito.

Dificuldades psicológicas para os outros

Se o homem Dioniso é importante na vida de uma mulher, nem é preciso dizer que a vida dela não será monótona. Quanto será tumultuada, alegre ou dolorida vai depender dele, de quem ela é, da estrutura do relacionamento entre ambos: é amizade incomum, ou caso novo? Um morar juntos ou um casamento? E o que é igualmente importante, que esperanças ela tem a respeito dessa relação?

Se nela existe uma Hera esperançosa (Deusa do Casamento, a esposa arquetípica), que espera que um tórrido romance se transforme num casamento duradouro e monógamo, esse relacionamento será desastroso para ela, e a levará aos seus piores aspectos o ciúme e o desejo de se vingar.

No entanto, Dioniso é freqüentemente figura significativa em tempos de transições de vulto. Ele pode entrar na vida de uma mulher e "tirá-la de junto do fogo e do lar para ir farrear" e, com isso, ele pode acabar destruindo o lar e o casamento, ativando a paixão e a ira que a vida inteira ela reprimiu, primeiro sendo a garota boazinha e, depois, a esposa exemplar. As maiores vítimas podem ser justamente seus filhos.

O período posterior ao casamento desfeito, quando é o marido que vai embora, é outro momento de transição em que um homem Dioniso costuma entrar na vida da mulher. Novamente, ele age como iniciador, como aquele homem sensual que desperta o erotismo dela e suas emoções. Pode apresentar-lhe os tóxicos, a pulsação da música, a prática da meditação para o êxtase. Ou o amante

dionisíaco pode entrar em cena depois que um casamento perdeu sua vitalidade.

Lembremos que o deus Dioniso transformava as mulheres em Mênades enlouquecidas, que dividiam com ele o mesmo destino e podiam ser esquarterjadas e desmembradas, ou cruelmente perseguidas; essa é a pior das possibilidades para quem se envolve com um homem Dioniso. Neste caso, as mulheres Perséfone, com sua propensão a serem levadas para o mundo inferior como metáfora para uma grave depressão e perda do vínculo com a realidade são as mais vulneráveis. Além disso, devido à sua camaleônica capacidade de adaptação a personalidades poderosas, elas podem tornar-se dóceis seguidoras de um Charles Manson, ou, como a seqüestrada e vitimada Patty Hearst, submeter-se voluntariamente ao domínio exercido por um Dioniso criminoso. Além disso, embora Dioniso fosse deus masculino que atraía as mulheres, esse arquétipo pode ser vivido tanto em homens como em mulheres, e quem reage a seu dinamismo pode ser do mesmo sexo ou do outro.

MODOS DE CRESCER

O trabalho psicológico que o homem (ou a mulher) Dioniso deve realizar para crescer é mais complexo que no caso dos outros, porque esse é arquétipo mais complexo. É preciso que o Eu seja capaz de observar e aceitar. Outros arquétipos talvez tenham de ser desenvolvidos, não só como meio de compensar a unilateralidade, mas para assegurar a sobrevivência. Duas importantes tarefas precisarão ser levadas a cabo: encontro heróico com o inconsciente, e relacionamento de compromisso, para que tenha a vida normal e comum que enfim busca, embora o mais provável é que jamais seja pessoa comum.

Desenvolvendo o Eu que observa e aceita

A pessoa pode conter ou acolher este arquétipo sem reprimi-lo, ou enlouquecer, nem praticar atos de violência, ou ser excluída do convívio social comum, se tiver um Eu forte e observador que aceite todos os pensamentos e imagens que lhe venham à mente, todas as sensações que registrar em seu corpo e todas as paixões que a inundarem, sem vergonha nem críticas, nem se permitindo atuá-las concretamente. Se Dioniso é arquétipo poderoso em seu íntimo, você pode verificar simplesmente que essa é a atitude a ser construída que mais o ajudará. A psicoterapia é o meio pelo qual se desenvolve ou fortalece o Eu e se trabalha a auto-aceitação, especialmente se sua infância foi marcada por experiências de rejeição e julgamento.

Desenvolvendo aliados: Zeus, Hermes e Apolo

Na mitologia de Dioniso, vários deuses lhe deram ajuda crucial. Zeus, Hermes e Apolo, seus aliados, são arquétipos que o homem Dioniso pode precisar desenvolver.

Zeus salvou duas vezes a vida de Dioniso, primeiro retirando-o do útero de sua mãe morta e costurando-o dentro de sua própria coxa. Depois, quando Hera levou seus pais adotivos à loucura, Zeus mais uma vez o salvou. Um arquétipo paterno positivo personificado como um Zeus forte e protetor pode definitivamente ajudar o homem Dioniso a aceitar o fato de que não consegue ser como os outros homens que conhece, facilitando-lhe o convívio íntimo com seus pensamentos irracionais ou sentimentos intensos, sem deixar que vazem para a prática, e sem se rejeitar. O homem Dioniso pode desenvolver naturalmente um arquétipo de Zeus pai positivo se seu pai real ama-o e aceita-o como é. Esse desenvolvimento tam-

bém pode ser viabilizado no relacionamento positivo com a figura paterna de mentor ou terapeuta.

Hermes foi a parteira do nascimento de Dioniso, ou o deus que levou Dioniso aos seus pais adotivos. Como Deus Mensageiro, Hermes trafegava livremente entre o mundo inferior, a terra e as alturas do Olimpo. A habilidade de ir do mais baixo ao mais alto sem cair emocionalmente em armadilhas é capacidade que o homem Dioniso precisa cultivar. Ele vive no presente, que é a única realidade para ele. Portanto, se desce "até o fundo do poço", e fica deprimido, isso lhe parece não ter fim e ser eterno. Esse desespero pode forjar pensamentos de suicídio "como a única saída". Já Hermes sabe que tudo o que ele é, é temporário.

Hermes também era o deus comunicador. Ao aprender a colocar seus sentimentos em palavras e falar disso com os outros, o homem Dioniso desenvolve esse lado de Hermes. Os outros, então, podem muitas vezes ajudá-lo a enxergar a situação por uma prisma mais abrangente, o que é bem útil.

O racional Apolo é o terceiro aliado que o homem Dioniso precisa cultivar. Em seus rituais, Dioniso dividia Delfos com Apolo. Ambos os deuses eram cultuados nesse santuário, Dioniso durante os três meses do inverno, e Apolo no restante do ano. Esses dois deuses eram opostos tradicionais. Apolo é o pensador racional e linear que valorizava a lucidez e que, como Deus Sol, podia enxergar tudo de uma distância objetiva. Ele é a personificação do funcionamento do hemisfério cerebral esquerdo. Dioniso é o deus irracional, emocional, incorporado, subjetivo, em que oposições e contradições existiam lado a lado; ele personifica o funcionamento do lado direito do cérebro. Os dois precisam estar presentes na psique masculina. Uma boa formação escolar é o caminho que normalmente o homem Dioniso usa para desenvolver o ar-

quetipo de Apolo e sua capacidade para pensar racionalmente.

A tarefa do herói: a jornada pelo mundo inferior

Para crescer psicologicamente, o homem Dioniso precisa superar sua identificação com a criança divina e o eterno adolescente e tornar-se o herói. O psicólogo Erich Neumann, em sua clássica descrição da origem e do amadurecimento da consciência masculina, escreve a respeito da necessidade de o filho-amante andrógino tornar-se herói. Para tanto, Neumann diz que o homem se expõe deliberadamente ao inconsciente e ao não-Eu, que é o nada, as trevas, o buraco sem fundo, o mundo inferior, o útero primordial da Grande Mãe, no qual o Eu pode se dissolver no inconsciente e ser devorado ou tomado por medos irracionais — os monstros e demônios do inconsciente. O herói deve enfrentar os perigos do inconsciente e regressar à superfície com o Eu intacto e fortalecido pelo confronto.⁸

Em sua mitologia, a última tarefa que Dioniso empreendeu antes de ocupar seu lugar no Olimpo foi essa tarefa heróica. Ele estava determinado a resgatar sua mãe mortal Sêmele, que havia morrido e agora estava no Hades. Um dos acessos ao mundo inferior passava por um lago sem fundo nos charcos de Lerna. Dioniso mergulhou e, no devido momento, chegou à sombria morada de Hades. Lá obteve a libertação de sua mãe e conduziu-a de volta à terra, e depois até o Olimpo.

Psicologicamente, Dioniso separou sua mãe pessoal da Grande Mãe, sobrepujando seu medo do inconsciente e o medo que o Eu masculino tem do feminino devorador. Quando o homem pode amar sua mãe e responder a ela (e também a qualquer outra mulher) como mulher de carne e osso, real, que não tem poderes terríveis sobre

ele (ou seja, não pode emascular-lo), ele realizou um ato equivalente. Libertou sua mãe pessoal da Grande Mãe. Seu Eu adolescente se tornou o Eu heróico: ele amadureceu.

Amor pessoal comprometido: encontrando Ariadne

Em suas viagens, Dioniso encontrou Ariadne na ilha de Naxos. Ela havia sido largada lá por Teseu, que a havia usado para conseguir matar o Minotauro e escapar de Creta. Na metade do caminho até Atenas, Teseu partiu enquanto ela ainda dormia, numa praia isolada, onde Dioniso a encontrou. Este amou-a e honrou-a. Em honra de Dioniso, Zeus tornou-a imortal, garantindo-lhe a vida e a juventude eternas.

Os relacionamentos eróticos de um homem Dioniso são normalmente intensos e extáticos: a sensação de fusão que ele prontamente recria permite que tanto ele quanto a parceira sintam que são extremamente próximos, embora possa estar faltando certa ligação pessoal. Essa experiência é impessoal ou transpessoal (como os muitos relacionamentos de Dioniso com suas Mênades) até que ele sinta empatia e compaixão por uma mulher em particular, como o deus Dioniso pode ter sentido quando deparou com Ariadne, traída e abandonada. Somente quando ele forma um vínculo com uma pessoa que ame mesmo quando não está fazendo amor com ela, o homem Dioniso pode ir mais além de ser o amante arquetípico e entrar numa relação pessoal.

PARTE IV

ENCONTRANDO NOSSOS MITOS: REMEMBRANDO-NOS

Quando sabemos quem são os deuses, eles podem nos falar mais sobre quem nós somos. Em alguns deles enxergamos reflexos de nós mesmos; eles nos refletem a grandeza, a significação e as limitações dos arquétipos que vivemos. Outros deuses trazem recordações à tona, e nós lembramos que um dia os conhecemos. Em outros, vemos a face do deus que rejeitamos, o arquétipo que tememos nos torne inaceitáveis.

Depois de ler sobre os deuses, qual deles você acha que mais influenciou na composição de sua personalidade? Agora, pode entender por que foi fácil no seu caso ter êxito no mundo e a que preço, ou porque foram tão difíceis de alcançar os parcos sucessos que experimentou.

Os viajantes a caminho de Atenas — metaforicamente, os homens (e as mulheres) cuja meta é o sucesso, que buscam o centro do poder, da vida comercial ou conquistas intelectuais — eram capturados por Procrusto, atados ao seu leito e ou esticados até encher a cama toda, ou amputados se seu tamanho fosse maior. O “leito de Procrusto” passou a significar o desrespeito arbitrário e muitas vezes cruel pelas diferenças individuais. A versão contemporânea dessa metáfora é a conformidade: o estereótipo do que um homem deve ser violenta a psique masculina. O homem, para se sentir aceito, amputa de si

mesmo aquelas partes que não cabem, e a que é esperada é espichada ao máximo, para ocupar todo o espaço.

O mundo que conhecemos é lugar em que os homens são moldados pelo patriarcado para que se tornem heróis solitários. Espera-se que abandonem suas mães e que renunciem a qualquer semelhança com elas. Os pais são distantes e contidos. Os homens competem entre si, negam sua vulnerabilidade, rejeitam o inaceitável, afastam-se repetidamente de companhias que se mostram menos capazes, vão em frente.

O desmembramento psicológico resulta quando os homens (e as mulheres) são afastados dos arquétipos que não correspondem às dimensões do leito de Procrusto, e também são afastados de todas as pessoas que se espera deixem para trás à medida que avançam na vida. Além disso, como faz parte do estereótipo masculino controlar as próprias emoções, o homem acaba também se distanciando dos próprios sentimentos.

O próximo capítulo: "Encontrando nossos mitos: lembrando-nos" trata de nos religar às partes que excluímos de nossa auto-imagem e ao caminho que podemos tomar para voltar para casa. A volta ao lar que buscamos tem a ver com sermos aceitos e amados, acolhidos tais quais somos, recebidos de braços abertos, em nossa totalidade.

O "Deus que Falta" é o último capítulo deste livro. Ele é o filho previsto, que suplantará Zeus e regerá os deuses e os homens. Esse é o arquétipo que pode se tornar o princípio regente da psique masculina e, se isso ocorrer num número suficiente de homens, poderá mudar a cultura como um todo também.

ENCONTRANDO NOSSOS MITOS: REMEMBRANDO-NOS

Para os homens, a vida consiste numa série de separações e desidentificações, começando com a mãe, a quem eles precisam deixar e com quem não podem se parecer. Espera-se que sejam homenzinhos, que não chorem, e desde o jardim-de-infância, e ano após ano, precisam lidar com duas culturas. O mundo dentro da sala de aula — especialmente no início — é governado pelo feminino. A professora é mulher que recompensa a cooperação e a limpeza, a ordem e o trabalho escolar.

No pátio de recreio, os meninos maiores são os chefes e é essencial ser aceito por um grupo masculino de companheiros, porque menino isolado pode ser usado como bode expiatório. A conformidade à norma do grupo é essencial para a sobrevivência no pátio da escola, e a dinâmica da identificação com o agressor é encenada ali. O menino precisa andar em dois mundos: o da escola e o do pátio escolar, e ele pode fracassar num deles ou em ambos. O menino que é atleta brilhante muitas vezes é mais capaz de jogar livremente em ambos os mundos; suas proezas atléticas são fonte de respeito que faz com que isso seja possível.

Uns poucos homens me falaram a respeito do período de ouro de sua infância e adolescência — momentos em que puderam estar com os outros meninos sem se sen-

tirem constrangidos. Minha impressão é que esses meninos tiveram sorte, o que não é a regra. Foram aqueles companheiros adolescentes ou pré-adolescentes que passavam todos os momentos livres juntos, e havia muitos destes — como os filhos de pais de classe média não parecem mais ter. Ou eles foram meninos enviados para internatos.

O amor real mútuo prosperou apenas nesses períodos de ouro. E então chegou o momento da separação, como acontece repetidamente com os homens. A cada passo do caminho tradicional que se espera que os homens sigam, existe alguma variação da separação entre os “cabritos” e os “bodes”, ou os meninos e os homens, ou entre os realizadores e os não-realizadores. Os homens que são bem-sucedidos no mundo precisam passar por toda uma série de separações dos amigos que não os acompanharam.

O mundo patriarcal exige dos homens separação após separação, e cada uma delas age de duas maneiras: o menino que se separa de sua mãe separa-se emocionalmente dela e perde o contato com a parte interior de si mesmo que era próxima dela. O menino que vai para a escola e descobre que não pode mostrar sua inocência ou sua ignorância, porque isto o torna objeto de ridículo, se adapta ao imitar a atitude aceitável. Portanto ele perde o contato com o menino inocente dentro de si. O menino cujo melhor amigo não consegue acompanhá-lo, não só perde o contato com esta amizade, mas também perde o contato com a parte de si mesmo que lamentou a perda de seu amigo. O menino que não pode chorar quando está triste, e que aprendeu a fazer isso, segura suas lágrimas ao separar-se de suas emoções. E existe um tempo de separação que afasta os “homens dos meninos”, em que algo que ainda seja terno num jovem é sacrificado de modo que ele possa se integrar às fileiras dos homens.

No mundo patriarcal de Zeus, onde as recompensas econômicas determinam o que tem valor, a maioria dos homens bem-sucedidos trabalha em escritórios, usando habilidades mentais. Alguns deles estão em seu elemento, e florescem nesse ambiente. Com muitos isso não acontece. Esses são os que adorariam cultivar o solo, fazer coisas com as mãos, fazer música, lecionar para crianças pequenas, ou fazer inúmeras outras coisas, e não fazem; eles perdem o contato com essa parte de si mesmos para ir trabalhar nos escritórios.

As perdas se somam, até que em algum ponto ao redor da meia-idade a depressão se manifesta, e com ela vêm os sentimentos de tristeza, solidão, e uma sensação de falta de significado.

REMEMBRANDO

Existe uma alternativa — que muitas vezes não se apresenta antes da meia-idade — para a qual os homens que atendo em meu consultório se voltam por necessidade, quando a vida se torna dolorosa e vazia, ou árida e monótona. Eles buscam encontrar o que é verdadeiro para descobrirem seus sentimentos e encontrar um significado para suas vidas. Eles podem ser homens que criaram um lugar para si mesmos num mundo competitivo e que estão no controle de grande parte de suas vidas. Entretanto, a depressão, a ansiedade, as úlceras, a hipertensão, um ataque do coração, pesadelos, ou grande crise de relacionamento indicou que algo está terrivelmente errado, e os envia numa jornada de autodescoberta para identificar o que aconteceu com eles no passado e o que acontece agora em seu íntimo. Para cada homem, esse processo é descida gradual em busca de seus sentimentos enterrados, para descobrir seu mundo interior, onde

ele possa retomar os fios de sua história pessoal. Essa história sempre começa na infância: quem era ele então — o que lhe dava alegria? O que o deliciava? Ele se absorvia fazendo o quê? Quem o amava? E, ao contrário, o que o envergonhava? O que os outros não aceitavam a respeito dele ou de sua família? Quem ele tentava ser? Ele tentava obter o amor e a aprovação de quem? Como ele era tratado, e por quem?

Ele constata que “as pessoas” que enterrou e excluiu do campo de sua consciência e deixou no passado — a criança que ele foi nas diversas idades, seus pais como figuras idealizadas, sua babá, animal de estimação, seus irmãos como eram na época, as pessoas a quem amou ou temeu — ainda estão vivas dentro dele. E “as coisas” que foram enterradas também continuam existindo em seu mundo interior — inocência, traição, medo, alegria, culpa, vergonha, amor e os arquétipos que ele negou como parte de sua pessoa. Existem também desmembramentos adolescentes e adultos: amores e amizades importantes dos quais ele se separou, o filho para quem ele poderia ter sido pai, amigo homossexual a quem ele rejeitou, “esposa” asiática abandonada na Coreia, no Japão ou no Vietnã, mulher que foi o amor de sua vida e com quem ele não pôde se casar — as pessoas e as partes correspondentes dele que não se “encaixavam” e foram “desmembradas”.

Aquilo que é desmembrado e enterrado pela repressão é “enterrado vivo”: quando vem à tona, existe como era. Essa verdade é especialmente dramática quando, como é comum, aquilo que foi enterrado é mágoa não expressa. Assim que é acessada, é como se a perda tivesse acontecido ontem, não há décadas ou mesmo no ano passado. Uma raiva fervilhante é muito mais acessível; como carvão em brasa coberto por uma camada de terra numa fogueira, em muitos homens, talvez até na maioria, a raiva

está logo abaixo da superfície, embora em alguns deles esteja tão profundamente reprimida quanto a mágoa.

E ainda mais importante do que revelar os sentimentos é ressuscitar (ou lembrar) “quem” foi “enterrado vivo”: a criança sacrificada, deixada de lado por não ter sido aceitável ou querida, ou vítima de abuso e humilhação; o adolescente inspirado que foi ridicularizado e depois nunca mais foi visto; quem quer que tenha parecido inadequado; os arquétipos negados que agora podem revitalizar sua vida.

Descobrir o que aconteceu e por que nos remete ao presente. Cada um de nós tem uma história pessoal, com um elenco de personagens e um papel para o qual fomos escalados por nossa família, uma história que continuamos a viver inconscientemente, recrutando outros para desempenhar os papéis familiares até tomarmos consciência das tramas e subtramas latentes.

Quem você tentou ser e como você era visto pelos outros pode ser muito diferente de seus próprios arquétipos e, portanto, de seu próprio mito.

ENCONTRANDO SEU MITO

Ao conhecer os deuses como arquétipos, você pode ver a si mesmo e aos outros com mais clareza. Pode identificar com quem você naturalmente mais se parece, ver quem talvez tenha tentado ser, e quais desses arquétipos não aceitou. Quando você se apossa do conhecimento da dimensão mítica, esse conhecimento pode ajudá-lo a encontrar suas referências e um caminho que lhe seja verdadeiro, que reflita quem você é autenticamente, que dê significado para a sua vida.

Se você teve reações espontâneas de reconhecimento “Ah!” ao ler este livro, seu intelecto e seus sentimentos

se uniram numa verdade intuitiva e conhecida em seu foro íntimo. Seu coração ou seu corpo confirmaram aquilo que sua cabeça estava aprendendo. Contudo, se o conhecimento dos deuses até agora só foi absorvido intelectualmente e os mitos são apenas histórias antigas, então você ainda não *sabe* realmente e não chegou ao âmago da mensagem deste livro. Pois o conhecimento dos deuses é apenas um meio para dar forças à autenticidade, e seu valor está em tornar possível dizer: "Isto é importante para mim!", passando a agir de acordo.

Paradoxalmente, ainda é necessário encontrar seu mito, mesmo se já lhe contaram todos, e você não se identificou pessoalmente com nenhum. Pois não é preciso saber qual é o seu mito: você só tem de vivê-lo.

Como?

No diálogo a seguir, o mitólogo Joseph Campbell esclarece:

Um jovem, na platéia de uma palestra, certa vez perguntou a Campbell: "Como é que uma pessoa pode encontrar seu mito?". Campbell respondeu com outra pergunta: "Onde está sua mais profunda sensação de harmonia e bem-aventurança?"

O jovem respondeu: "Eu não sei — não tenho certeza".

Campbell respondeu: "Encontre-a — e depois siga-a".

ENCONTRANDO A HARMONIA E A BEM-AVENTURANÇA

Harmonia é estar no caminho certo, identificado com ele — ganhando a vida com um trabalho que seja absorvente e consistente com seus valores pessoais, fazendo aquilo para que você tem um dom. Harmonia é estar com um parceiro, com companheiros ou sozinho, com animais ou com a natureza, numa cidade específica, país ou lu-

gar, e ter a sensação de que é "certo" estar ali. Harmonia é experimentar um profundo pesar que corresponda a uma perda profunda. Harmonia é a espontaneidade desinibida, simples, é a imediaticidade do riso, dos olhos rasos d'água. A harmonia acontece quando o comportamento e a crença andam juntos, quando a vida arquetípica interna e a vida externa expressam uma à outra, e estamos sendo verdadeiros com quem somos. E só nós podemos dizer e saber: "Eu me sinto em casa aqui", "Estou totalmente absorvido nisto que estou fazendo", "Isso me traz alegria", "Amo você", "Isto é bem-aventurança".

Bem-aventurança e alegria acontecem nos momentos em que vivemos nossa verdade mais elevada — quando aquilo que fazemos é consistente com nosso lastro arquetípico. É quando somos mais autênticos e confiantes, e sentimos que aquilo que fazemos, que pode ser até bem comum, é mesmo assim sagrado. Isso acontece quando sentimos que somos todos parte de algo divino que está em nós e em todos os lugares.

A CORAGEM DE AGIR

Não é suficiente saber o que é realmente importante para você, ter uma noção real de quem você é e daquilo que seria profundamente satisfatório e arquetipicamente verdadeiro. Você precisa também ter a coragem de agir. Como foi dito anteriormente, nossa palavra "coragem" (*courage*) vem da palavra francesa *coeur*, "coração": coragem é disposição para agir a partir do coração, para deixar que seu coração indique o caminho, sem saber o que lhe será exigido a seguir, e se você pode fazê-lo.

Em todos os caminhos existem bifurcações cruciais e acostamentos. O que você deve fazer quando a compaixão por um estranho entra em conflito com o grupo ao

qual você pertence, por exemplo? Para os homens, a conformidade a um grupo é força poderosa, e o custo de ir contra o grupo é arriscar-se a ficar fora dele, e possivelmente enfrentar a hostilidade grupal, ser evitado, ou vinculado àquilo que o grupo desvaloriza.

Considerando esta possível penalidade, você segue o grupo quando este se volta contra uma pessoa ou um princípio que seja importante para você? Há um custo a ser pago qualquer que seja a opção. Muitos homens se sentem culpados até hoje por algo que fizeram como parte de um grupo. Podem ter mantido esse fato em segredo, tê-lo reprimido de suas mentes e subtraído de suas mentes, podem ter-se tornado fóbicos ou paranóicos, ou a experiência pode ter-lhes dado coragem para agir de modo diferente da próxima vez. Como um homem me disse: "Eu não levantei um só dedo e só fiquei olhando o que acontecia. Nunca esquecerei e nunca deixarei que aconteça de novo".

Quando um homem decide agir segundo seus princípios, ouvindo seu coração, e ir contra o grupo, ele assume um risco. É risco semelhante ao de sair de um emprego que pague bem para ir trabalhar naquilo que ele gosta sem garantias. Ou como o risco de buscar a realização de um sonho. Ou, de desistir de um lugar seguro no mundo, por amor. Nessas situações, ele entra por uma bifurcação na estrada, saindo da via principal em que os outros viajam, para viver seu próprio mito pessoal. Ao agir a partir de seu coração, e fazer aquilo que é verdadeiro para si, provavelmente viajará sem companheiros externos, pelo menos no início, mas é muito provável que não se sinta só, pois o Eu e os arquétipos estão conectados: os "deuses" estão com ele.

Quando o homem (ou a mulher) segue a bem-aventurança, e age a partir de seu coração e de seu ser autêntico, esse compromisso parece por sua vez energizar

o mundo. Numa estante de livros da minha casa, há um cartão com uma citação de Goethe que diz aquilo que experimentei por mim mesma e, repetidamente, vi ser verdadeiro para os outros. Ele diz:

"Até que a pessoa esteja comprometida, existe hesitação, e a possibilidade de voltar atrás; sempre há ineficiência, com relação a todos os atos de iniciativa (e de criação). No momento em que a pessoa se compromete definitivamente, então a Providência também se mexe. Toda uma corrente de acontecimentos decorre da decisão. Inicie alguma coisa que possa fazer, ou sonhe poder fazer. A coragem convoca o gênio, o poder e a mágica."

A GEOGRAFIA DA JORNADA

Em cada um dos capítulos a respeito dos deuses, as seções sobre as dificuldades psicológicas e as maneiras de superá-las trazem informações específicas sobre o difícil terreno psicológico associado a um deus ou arquétipo específico. As dificuldades psicológicas são as áreas de sombra do arquétipo específico. Se nós somos tomados pelo lado sombrio de um arquétipo, ele nos possuirá até que nós nos diferenciemos dele e nos libertemos de sua influência.

Outras pessoas podem nos ajudar. Nós podemos estar inconscientes dos efeitos negativos de algo que fazemos e até mesmo resistir a saber disto até que uma série de confrontos lance luz sobre isso. Ou nós podemos ser abertamente críticos ou fascinados pelas ações ou atitudes de outra pessoa que, na verdade, pertençam a arquétipo que precisemos reconhecer como parte de nós.

Na sombra (conforme a definição dos junguianos) encontra-se tudo aquilo que ainda não nasceu ou que ainda é inconsciente dentro de nós, o que inclui o potencial positivo dos arquétipos que ainda não viram a luz do dia,

e também qualquer de nossas atitudes conscientes que consideremos inaceitáveis e que mantenhamos ocultas lá (o que é igual aos conteúdos do *id* psicanalítico).

A PRESENÇA FEMININA AUSENTE

Deusas poderosas estão notavelmente ausentes na mitologia ou na teologia patriarcais, do mesmo modo como as mães ou esposas são impotentes ou pouco importantes nas histórias dos deuses gregos. Na mitologia grega, o deus pai é supremo, e a luta entre pais e filhos é o conflito importante. Embora não sejam o assunto deste livro, as mães reais são presenças importantes na vida dos homens mortais reais, e as mulheres têm enorme significado na vida deles. Ainda menos vista e reconhecida é a influência da *anima* masculina, que Jung descreveu como o lado feminino do homem, amplamente inconsciente, que concerne aos seus estados de espírito, aos vínculos emocionais, e ao modo como ele percebe as mulheres. Os homens psicologicamente perceptivos que leram *As deusas e a mulher* viram as deusas dentro de si: descobriram que havia um arquétipo feminino correspondente à parte feminina de si mesmos, ou que buscavam nas mulheres a imagem de uma deusa específica. Na psique de cada homem, as deusas e sua influência estão em grande parte na sombra, e aquilo que elas representam foi minimizado ou desvalorizado na cultura, e também na mitologia.

UM GUIA NA JORNADA: HERMES

Na Grécia antiga, os viajantes rezavam para ser acompanhados pelo Deus Mensageiro, Hermes. Os dons da comunicação, do pensamento rápido, da inventividade,

da amabilidade, e até mesmo um pouco de trapaça, típicos de Hermes, são muito úteis aos viajantes. Pode ser que os homens (e mulheres) contemporâneos, cujas profissões literalmente os mantêm na estrada, conheçam apenas esta parte do arquétipo. Mas para os que também vêem a vida como jornada espiritual, Hermes é conhecido como o Guia das Almas.

Este Hermes, o Guia das Almas, fala por meio de Joseph Campbell, quando nos aconselha a “seguir a bem-aventurança”. Este Hermes é Yoda em *Guerra nas estrelas*, o velho sábio e gentil que ajudou Luke Skywalker a dominar seus próprios medos e não ser levado pelas ilusões. Este Hermes é Jung escrevendo sobre os arquétipos do inconsciente coletivo, trazendo todo este mundo interior para o plano da consciência intelectual. Este Hermes cria pontes entre mundos com o seu entendimento, e nos fala do reino da alma. Ele sabe que a alma existe após a morte. Ele viaja entre o mundo inferior e os lugares mais elevados do mundo celeste, e conhece o território entre esses extremos. Este Hermes pode discernir a pureza de uma experiência, do mesmo modo como a substância mercúrio só se liga a metais preciosos. Ele é guia no caminho para a individuação, aquele que nos ajuda a conhecer o que é pessoalmente autêntico e apóia nosso potencial para o crescimento e a totalidade. Quando ouvimos este Hermes, reconhecemos a verdade daquilo que ele diz.

Como Hermes, o Guia das almas, é arquétipo, é parte de cada um de nós, potencialmente disponível para todos, especialmente quando contemplamos onde estamos em nossa jornada, e nos voltamos para dentro para nos situar. Hermes é chamado por diversos nomes. As pessoas com uma perspectiva espiritual algumas vezes chamam Hermes de “guia interior” ou “voz interior”. Na literatura psiquiátrica a respeito de personalidades múltiplas,

tiplas, Hermes é outro nome para aquilo que Ralph Allison, psiquiatra que fez extenso e pioneiro trabalho com essas pessoas, chama "auxiliar interior".

A personalidade múltipla tornou-se conhecida popularmente por intermédio de *As três faces de Eva*, de C. H. Thigpen, e de *Sybil*, de Flora Schreiber, de modo que muitas pessoas já sabem que a personalidade múltipla pode ter muitas personalidades separadas, de ambos os sexos, e de todas as idades, vivendo dentro de um só corpo. Essas personalidades são isoladas umas das outras e normalmente têm conhecimento limitado, ou nenhum conhecimento, umas das outras, o que não é surpreendente, pois cada uma se desenvolveu como meio de esquecer e se afastar de maus tratos e dores intoleráveis. Por outro lado, a personalidade que Allison descreve como o "auxiliar interior" conhece todas as outras, e pode dar informações a respeito de cada uma e do que aconteceu na vida do paciente. Ele descobriu que esse auxiliar interior era andrógino, sentia apenas amor e boa vontade, e se descrevia como próximo de Deus. Com a ajuda do auxiliar interior na psicoterapia, as muitas personalidades fragmentadas tomam consciência umas das outras, e depois disso podem se integrar voluntariamente numa só personalidade.

Em menor grau, porque o dano causado é menor (mas no mesmo *continuum* que liga a personalidade múltipla à pessoa razoavelmente bem ajustada), uma tarefa bastante semelhante precisa ser realizada sempre que a jornada de individuação se inicia, geralmente em algum momento da meia-idade. A tarefa não consiste em costurar personalidades separadas, mas em se reconectar com partes de si mesmo que foram amputadas. O "desmembramento" psicológico dá-se na primeira metade da vida da maioria dos homens, que fazem consigo mesmos o que Procrusto fazia com os homens a caminho de Atenas: cortava tudo o que não se encaixasse. É necessário "remem-

brar" para curar-se e tornar-se inteiro. Para tanto, precisamos ir para baixo ou para dentro, para encontrar os pedaços e trazê-los de volta à luz. Esta é a tarefa de Hermes.

Foi Hermes quem tirou Perséfone do mundo subterrâneo, foi ele quem resgatou o bebê Dioniso, que foi o deus desmembrado, e é este arquétipo em nós que pode trazer o feminino reprimido, ou a criança divina, dentro de cada um de nós até o campo da consciência. Portanto, essa tarefa não é apenas encontrar o que foi pessoalmente reprimido, mas também fazer ressurgir os arquétipos que foram enterrados culturalmente.

Como divindades, Hermes e Héstia, a Deusa do Fogo do Lar, faziam par como parte da estrutura do lar; havia uma *herma* ou coluna de pedras, que representava Hermes no umbral da porta de entrada de todas as casas; dentro da casa, no centro dela, estava a lareira de Héstia. Essas duas divindades, uma como guardiã e guia, e a outra como fonte de calor e iluminação, simbolizam aspectos do arquétipo do Si-mesmo.

HÉSTIA O FOGO SAGRADO NOS TEMPLOS DOS DEUSES

Nos tempos antigos, o viajante podia visitar o templo de um deus ou deusa específico para invocar ajuda ou prestar sua homenagem à divindade quando a estrada passava pelo templo. Na jornada de nossa vida, somos como esses viajantes que passam pelos templos de diversos deuses, em partes diferentes da estrada. As vicissitudes da vida constelam situações que são arquetípicas, de modo que em uma parte da jornada encontramos um deus ou arquétipo específico; em outro local, visitamos o templo de outro deus.

Se entrássemos no templo de um deus, descobriríamos que ali também havia uma deusa invisível. Esta era Héstitia, a olímpica mais antiga, presente nos templos de todas as outras divindades. Héstitia era a Deusa do Fogo, do Lar e do Templo. Ela era o fogo no centro de uma lareira redonda — uma imagem que é uma mandala tridimensional, símbolo do arquétipo do Si-mesmo, que Jung considerava o centro da personalidade, o arquétipo do significado e da totalidade.

A presença de Héstitia transformava a casa e o templo em lugares sagrados. Uma noiva pegava o fogo da lareira de sua família e o levava para sua nova casa, e só então ela era santificada. As tochas de fogo levadas do templo original para os novos templos tornavam sagrado o novo local. O fogo de Héstitia era, portanto, o centro e o elo de ligação.

Héstitia era deusa anônima, pois não tinha persona, nenhuma aparência externa característica. Assim, não existiam estátuas ou pinturas dela. Era deusa virgem, o que significava que tinha a qualidade de ser “una consigo mesma”: não precisava de mais ninguém para se sentir inteira e intacta.

Como deusa, é arquétipo nas mulheres. Mas é claramente presença também na psique masculina, naqueles homens que precisam de ordem física, livre de confusão e de barulho, para poderem se sentir centrados em si mesmos. Os homens que precisam ficar só e apreciam a solidão, descobrem que esta traz energia para outros aspectos de si mesmos; esses homens têm a noção de sua própria totalidade e de ser intactos.

Héstitia era o fogo no centro de lareira redonda no templo de cada divindade, imagem que corresponde à dimensão sagrada de cada arquétipo. Quando aquilo que se faz traz a sensação de um significado que está profundamente conectado com quem realmente se é, há um arquétipo

ativo em nós que se relaciona especificamente tanto com a atividade quanto, ao mesmo tempo, com o Si-mesmo. O homem (ou mulher) que esteja totalmente absorto, criando algo em seu estúdio ou oficina, por exemplo, está em espaço psicológico que corresponde metaforicamente a estar no templo de Hefesto. Quando uma qualidade extática permeia a relação sexual e existe sensação de comunhão, o amor é feito no templo de Dioniso. Quando o atleta em campo esportivo entra em momento atemporal e sente que tem todo o tempo do mundo para fazer um passe, ainda que os jogadores adversários o ataquem, é um Ares centrado que, no meio da ação, está simultaneamente em contato com seu próprio ponto interior de quietude — simbolizado pelo fogo no centro da lareira no templo de Ares.

Quando os mortais encontram os deuses e deusas fora do templo, não estão mais no recinto da lareira de Héstitia. Então o encontro com o deus, como o encontro com o arquétipo, pode ser benéfico, mas também pode ser arriscado, com possibilidades negativas ou destrutivas. Os deuses muitas vezes pegavam as pessoas de surpresa ou as subjugavam. Impunham sua vontade aos mortais, seduzindo, raptando, ou punindo-os. Do mesmo modo, um arquétipo pode seduzir ou subjugar um homem (ou mulher); quando isto acontece psicologicamente, essa pessoa agora se identifica com o deus que a domina. O empresário tomado pelo arquétipo de Zeus, por exemplo, se dedica totalmente à aquisição de posição e de poder; não tem vida pessoal, e não parece se importar com ninguém. A identificação com os atributos positivos ou negativos de um deus inflaciona a importância desse arquétipo específico; identificar-se com um deus também faz sentir-se importante. Essa inflação pessoal é o que torna sedutora a identificação com um deus.

Em contraste, quando se sente gratidão pelas experiências de harmonia e de bem-aventurança que aconte-

cem quando se trabalha ou ama, ou quando se está com pessoas especiais para nós, ou quando se aprecia a solidão, está-se consciente de que existe profundidade e significado na vida. Essa consciência e essa gratidão são semelhantes às visitas que os mortais faziam aos templos de seus deuses.

O mortal entrava num templo por opção, consciente daquilo que fazia. Dentro do templo, encontrava uma imagem, geralmente uma estátua do deus. Sentia a presença ou energia daquela divindade específica. Embora se concentrasse na divindade em cujo templo se encontrava, Héstia também estava presente, no fogo e no templo que fora varrido e limpo. Esta é metáfora para o homem (ou mulher) que vive de maneira autêntica porque tem vínculos conscientes com um ou mais arquétipos ativados, por meio dos quais sente-se centrado e alcança a clareza e certeza de que existe uma dimensão sagrada em sua vida.

VOLTA AO LAR

Durante sua jornada, o viajante podia entrar nos templos de muitos deuses ou deusas, passar por todos eles, ou parar nos templos de uma única divindade específica. Ele se considerava afortunado, e de fato o era, se Hermes o acompanhasse como guardião e guia. Por mais longe que sua viagem o levasse, cada viajante também ansiava pela volta final ao lar.

Hermes podia acompanhar o viajante até a porta, onde estava a *herma* ou coluna de pedra. Então, o viajante cruzava o limiar e estava em casa. O lar se tornara sagrado pela presença de Héstia, no fogo ao centro da lareira redonda. O fogo do lar acolhia o membro da família que retornava ou o recém-nascido.

Na Grécia antiga, o recém-nascido se tornava ritualmente membro da família quando tinha cinco dias de idade. Nesse rito, a criança era carregada por seu pai ao redor da lareira, e apresentada a Héstia e à sua família. Esse ritual de reconhecimento e boas-vindas — de volta ao lar — reconhecia conscientemente a nova vida como parte do todo.

É possível voltar ao lar.

O "lar" é aquele destino psicológico ao qual nos conectamos com um centro espiritual, do mesmo modo como na Grécia antiga o lar era o lugar sagrado para o qual voltar porque Héstia estava lá. Como símbolo do Si-mesmo, ou centro da personalidade, nós experimentamos nossa própria "Héstia" como ponto de quietude interior associado à sensação de totalidade. Encontramos Héstia sempre que entramos num santuário e encontramos um fogo acolhedor. Pode estar literalmente no lar, num local de solidão e paz, nos braços de outra pessoa, num jogo, no trabalho, num lugar de adoração, ou na natureza. Em todos os lugares e em todos os momentos em que nos sentimos "em casa", também encontramos a harmonia e a bem-aventurança, e vivemos nosso mito pessoal.

O DEUS QUE FALTA

Há um deus faltando entre os olímpicos: o filho de Métis e Zeus, cujo nascimento foi previsto e que devia suplantar seu pai, Zeus, e passar a reger com coração compassivo. Para que ele nasça, Métis, a sabedoria feminina, teria de emergir mais uma vez na cultura ocidental, e em nossas consciências. O filho de Métis e Zeus teria como pais seres excepcionais. Quando a Grande Deusa em seus vários aspectos era o Deus Mãe, a paternidade não tinha importância, possivelmente não era sequer reconhecida. Quando os deuses Pais Celestiais estabeleceram a supremacia patriarcal, o pêndulo oscilou para o outro lado: as deusas e as mulheres tornaram-se subjugadas e essa foi a condição histórica e teológica há vários milhares de anos. Os deuses masculinos exerceram seu domínio e nenhum deles, na mitologia grega do cristianismo e do judaísmo, teve ao mesmo tempo mãe sábia e forte e pai amoroso e poderoso. Poucos humanos também os tiveram.

ZEUS: O ARQUÉTIPO PATERNO EM TRANSIÇÃO

Em sua mitologia de Pai Céu, Zeus mudou. Começou como o pai ameaçado que engoliu Métis para abortar o filho que ele temia vir a derrotá-lo, e que então lhe to-

maria o trono (como seu pai Cronos temera e por isso engolira os filhos, enquanto Urano, o pai de Cronos, enterrara os seus). Zeus se tornou então pai de muitos filhos, os olímpicos, e de deidades menores e semideuses. Era pai distante, que aprovava alguns filhos, rejeitava outros e costumava ser protetor para com eles, mas a distância. Nesse sentido, foi diferente de seu pai e de seu avô, pois estes não demonstraram sentimentos paternos positivos e não queriam os filhos. Mas com o seu filho Dioniso, o mais jovem dos olímpicos e o filho que ele salvou e depois alimentou de si mesmo, Zeus realizou ainda outra mudança.

A mitologia dos deuses celestes (Urano, Cronos e Zeus) reflete mudanças no arquétipo do pai que encontram paralelos bíblicos: o Deus do Antigo Testamento era criador e vingativo, e depois evoluiu no deus misericordioso do Novo Testamento. Dioniso foi o único olímpico que teve mãe mortal, como Jesus. Ambos foram perseguidos, sacrificados e renasceram ou foram ressuscitados. Imagens de Dioniso como a criança divina são às vezes confundidas com a do bebê Jesus: a criança que a Virgem Negra de Montserrat carrega nos braços, por exemplo, tem na mão o que lembra uma pinha ou um abacaxi de ponta-cabeça, o tirso, símbolo de Dioniso.

O arquétipo do pai muda, e conforme um número maior de homens muda nessa direção novo arquétipo paterno passa a integrar a cultura. À medida que cada homem de nova geração se torna pai, une-se ao grupo dos que, nos últimos trinta anos do século XX, acompanharam todo o trabalho de parto de suas esposas. Esses homens normalmente se vinculam com seus filhos bebês e se tornam pais participativos, não Pais Celestes emocionalmente distantes, inacessíveis. Eles refletem a evolução de Zeus, que era deus distante e se transformou em pessoa que criou um espaço uterino para seu filho, na

própria coxa. Ao fazer isso, o Pai Celeste Zeus assumiu caráter telúrico, como acontece com os homens contemporâneos também. E alguns se tornam inteiramente Pais Terra.

Em *Earth Father / Sky Father*, Arthur e Libby Colman descrevem o Pai Terra como o homem que interage com o cotidiano de sua família. Para o Pai Terra, sua família é o seu foco principal de atenção. Mesmo quando está longe de casa, sua atenção consciente está com os filhos. Em casa, suas atividades serão voltadas para os cuidados com as crianças, e dedicadas às condutas de intimidade entre pais e filhos que cultivam os relacionamentos da família. Os autores enfatizam o valor dessa espécie de atitude paterna, a qualidade que ela tem, e a dificuldade de pô-la em prática dentro do patriarcado:

De todas as imagens de atitudes de pais para com os filhos, nada é mais distante dos valores e ambições instilados nos meninos e rapazes da América que as condutas do pai terra. Pode ser a mais difícil das imagens para levar o homem a se sentir realmente enriquecido e, no entanto, representa o nível mais fundamental de cuidados paternos que pode existir. Em vez de ser o herói, o disciplinador, a ponte com o mundo externo, força a ser superada, o pai terra assume a tarefa de fornecer aos filhos a sensação de confiança básica e de segurança interior com as quais crescer dentro da família, e depois fora dela, até a consolidação de sua independência e de identidade exclusivamente sua.¹

No meu consultório, atendi profissionais que por sua posição eram situados no mundo como Zeus no Olimpo, no topo das hierarquias, e que desejavam ardentemente ficar em casa com os filhos. Eles falaram do prazer que sentiam dando banho nas crianças, podendo ler-lhes as historinhas da hora de dormir. Esses pais não sentem ressentimento dos filhos, amam-nos de todo o cora-

ção. Alguns chegam a nem sair de um casamento infeliz porque isso significaria perder o contato diário com os filhos.

Assim, nos homens contemporâneos da América, o arquétipo do pai está mudando. Embora o Pai Celeste patriarcal ainda domine, um por um os homens estão individualmente mudando. Possivelmente como reflexo de uma transição equivalente, os líderes políticos e religiosos do Ocidente não detêm mais a autoridade que um dia tiveram. Não são mais considerados infalíveis, não acham mais tão fácil quanto antes mandar rapazes deixar de lado a própria vida e ir para a guerra. Pessoalmente estão menos parecidos com Zeus.

MÉTIS: O ARQUÉTIPO EMERGENTE DA MÃE SÁBIA

Muito poucas informações dão-se sobre Métis na mitologia grega. Esse silêncio é esperável: ela foi magicamente diminuída e depois foi engolida; com isso, quem quer que ela tenha sido, antes foi minimizada, se é que chegou sequer a ser conhecida. Só sabemos que ela havia ajudado Zeus a libertar seus irmãos e irmãs, que Cronos devorara. Ela era quem sabia o que fazer e providenciou o emético. Métis era deusa da sabedoria, divindade adorada muito antes de Zeus e dos olímpicos. Também sabemos que foi a primeira consorte dele e fora previsto que teria duas crianças, uma filha com a coragem e a clareza mental de homem, e um filho, "garoto de coração destemido, que se tornaria o rei dos deuses e dos homens".² Assim, quando Métis engravidou, Zeus temeu que a criança em seu ventre fosse o filho antecipado que o suplantaria. Foi por isso que ele a fez ficar pequena e depois a engoliu. Verificou-se mais tarde que a criança que ela le-

vava no ventre não era o filho, era a menina Atená, que saiu da cabeça de Zeus, como mulher já plenamente formada, envergando armadura de ouro. Atená não tinha lembrança de sua mãe, e achava que só Zeus era seu genitor.

Métis, como a sabedoria feminina divina, foi de fato engolida pelo patriarcado, e desapareceu do mundo ocidental. O mito reflete o que aconteceu historicamente (provavelmente entre 4500 e 2400 a.C.): ondas sucessivas de invasores indo-europeus, com seus deuses guerreiros e teologias baseadas em figuras de pai, subjugarão os povos antepassados da Europa, que, durante 25.000 anos, haviam seguido religiões baseadas em figuras de mãe e desenvolvido culturas pacíficas, avançadas, marcadas pela não-estratificação e por serem agrícolas e igualitárias. Como suas aldeias não eram fortificadas e eram, portanto, expostas, e porque lhes faltavam as habilidades militares, foram conquistados pelos invasores montados em seus cavalos, adoradores dos deuses celestes, que impuseram sua cultura patriarcal e sua religião aos povos derrotados.

A Deusa (conhecida sob muitos nomes diferentes) tornou-se a consorte subserviente dos deuses invasores, e seus atributos e poderes foram absorvidos (engolidos) ou submetidos ao domínio de uma deidade masculina. Até mesmo o poder de parir ou criar vida, que tinha sido o território natural das mulheres e da Deusa, tornou-se cooptado e os deuses celestes criavam vida a partir de suas palavras e de sua vontade, ou davam à luz pela cabeça.

As mulheres se esqueceram dela, assemelhando-se assim a Atená, que nasceu já adulta e saíra da cabeça de Zeus, sem nenhuma lembrança de sua mãe, Métis. Como Atená, a maioria das mulheres é filha do patriarcado, que só reconhece como divindade o Deus Pai. As mulheres não se lembravam do tempo em que "deus era mu-

lher" (só recentemente recuperaram essa noção). A existência de um Deus Mãe, a Deusa, a face feminina de Deus, estava perdida na memória. Na última década, "Métis" está reemergindo e sendo lembrada. No periódico *Women of Power*, que circula atualmente entre o público feminino, é descrito esse renascimento:

A voz espiritual avita, da mulher fala agora de sua sabedoria há muito tempo oculta e se torna força ativa em termos da evolução consciente do nosso mundo... Essa voz que emerge fala do reconhecimento da interligação de tudo o que há na vida; da percepção consciente de que tudo tem consciência e é sagrado; recorda que somos seres sagrados; recorda o amor por nosso psiquismo, por nossos corpos e emoções; expõe o respeito pela força das mulheres e de todos os povos oprimidos; trata da criação da paz mundial, da instauração da justiça social, da harmonia ambiental; da ativação de nossos poderes espirituais e extra-sensoriais; do respeito pela divindade da mulher; da reverência pela terra, e da celebração de suas estações e ciclos, assim como dos de nossas vidas.³

A espiritualidade das mulheres reemerge em nossa cultura como dimensão do movimento feminino, e essa renovação coincide sincronicamente com novas e significativas descobertas arqueológicas de evidências do período histórico designado como matriarcado. Esse prolongado e pacífico período da história em que se cultuavam deusas descreve-se em *The Goddesses and Gods of Old Europe*, de Marija Gimbutas; em *When God Was a Woman*, de Merlin Stone; e em *The Chalice and the Blade*, de Riane Eisler. Os pergaminhos de Nag Hammadi, conhecidos mais amplamente como os Evangelhos Gnósticos a cujo respeito Elaine Pagels escreveu um volume com esse título, revelam que Sofia ou o aspecto feminino de Deus era conhecido e respeitado pelos cristãos gnósticos. Os cristãos orientais ortodoxos adoravam Sofia. Seu maior santuário, Hagia Sofia (a igreja da Sagrada Sofia, ou a

Santa Sabedoria Feminina), foi erguido em Constantinopla (hoje Istambul). Os cristãos romanos alegaram mais tarde que era consagrado a uma mártir virgem de menor importância. No misticismo judaico, o nome de Sofia era Shekiná. Métis, Sofia e Shekiná são nomes diferentes para a mesma sabedoria feminina esquecida que, um dia, já foi deificada.

Por muitos séculos, a sabedoria feminina, seja sob qual designação for, manteve-se invisível e esquecida; se foi vista, não foi definida como sabedoria. Por exemplo, quando se tratava de efetuar escolhas éticas, as mulheres costumavam ser definidas como sendo menos éticas do que os homens. Carol Gilligan, em seu livro *In a Different Voice*, sugeriu que a maioria das mulheres percebe a situação ética de maneira diferente da maioria dos homens, e valoriza as pessoas e os relacionamentos mais que princípios abstratos; com essa escolha, não há uma ética inferior em andamento, mas sim valores diferentes. Quando os valores da afiliação são considerados iguais aos princípios, então a compaixão e a justiça podem existir juntas e ambas são complementadas uma pela outra. Carol Gilligan dá, assim, voz à postura de Métis, com a coragem e a clareza mental necessárias aos embates no mundo acadêmico: a Atená contemporânea que se lembrou de Métis.

Vemos mulheres expondo suas percepções e valores o tempo todo, agora, em sua vida pessoal, no mundo acadêmico, nos locais de trabalho. E, pela primeira vez na história, talvez, é possível que as mulheres, como grupo, pois individualmente sempre houve as excepcionais, se tornem mães sábias e fortes, que não permitem que suas idéias ou vontade sejam engolidas pelos maridos, que não se omitem de expressar os próprios valores e, se necessário, são capazes de intervir e proteger os filhos e as filhas.

O FILHO DE MÉTIS COMO NOVO ARQUÉTIPO

Embora o arquétipo do filho de coração amoroso tenha se tornado presente como Jesus no Ocidente e como Krishna no Oriente, a presença dessas personagens na cultura não mudou a estrutura básica de poder do patriarcado. Zeus, no alto da montanha com seus raios, continua sendo o princípio regente da cultura, e assim permanecerá enquanto buscarmos ter uma força superior ou superioridade bélica para garantir nossa segurança, e enquanto considerarmos o isolamento em relação aos outros, além de possível, desejável.

Por muito tempo, a posição de Zeus pareceu logicamente inatacável. Mas agora vimos como partículas radiativas emitidas por um acidente nuclear em Chernobyl, perto de Leningrado, contaminou o leite nos Países Baixos, e como a destruição das florestas tropicais do Brasil pode mudar a atmosfera da Terra, e como uma guerra nuclear causaria um inverno nuclear em nosso planeta. Tornamo-nos cada vez mais conscientes de nossa interdependência, de como dividimos este planeta e seu destino uns com os outros. Zeus ainda é o princípio de poder dominante, mas o que acontecerá com Zeus, conforme aumente nossa consciência de que seus raios não podem ser usados sem que isso cause a destruição da vida na Terra?

Consciência global, preocupações ambientais, ecologia, a espiritualidade feminina, o desarmamento nuclear são manifestações do ressurgimento de Métis como metáfora para a sabedoria de que estamos todos relacionados uns com os outros e com o arquétipo da mãe. Vivemos uma época de transição cultural, em que lembramos Métis como a sabedoria feminina, como Mãe Natureza, como a dimensão sagrada da Terra, como a divindade de Deus Mãe que retorna à cultura, ao mesmo tempo

que o arquétipo do pai, visto nos homens contemporâneos, muda.

NOVOS ARQUÉTIPOS E CAMPOS MÓRFICOS

Em *A New Science of Life: The Hypothesis of Formative Causation* (1981), Rupert Sheldrake, biólogo teórico, propõe nova e radical teoria sobre como as coisas vivas aprendem e adquirem novas formas. Sua teoria apresenta uma explicação de como novos arquétipos podem surgir e, com isso, como a natureza humana pode se modificar.

A hipótese de Sheldrake é a seguinte: quando um comportamento é repetido número suficiente de vezes, forma "campo morfogenético (ou seja, formador de formas)". Esse campo (que Sheldrake agora denomina "mórfico") tem uma espécie de memória cumulativa baseada no que aconteceu com aquela espécie no passado. Todos os membros dessa espécie (não só os organismos vivos, mas também moléculas de proteína, cristais e até mesmo átomos) se sintonizam com o seu campo mórfico particular, que atravessa o espaço e o tempo num processo chamado de "ressonância mórfica".

No reino dos cristais, por exemplo, diz a teoria que a forma ou a estrutura que os cristais adquirem depende das características do seu campo. Além disso, um novo composto é difícil de cristalizar pela primeira vez, mas depois dessa ocasião inicial vai ficando cada vez mais fácil a cristalização por causa da influência do campo mórfico (ou "memória") de cada cristalização anterior. Esse é fato que os químicos conhecem muito bem, diz Sheldrake.

Quando a aplicamos a nós, a teoria de Sheldrake também explica como as mudanças fundamentais (ou

arquétípicas) nos seres humanos poderiam ocorrer. No princípio, mudança de atitude ou comportamento é difícil, mas conforme vai crescendo o número das pessoas que mudam, torna-se progressivamente mais fácil para outras pessoas fazerem o mesmo, e não só mudarem por influência direta. Segundo Sheldrake, as pessoas sintonizam sua atenção no novo padrão, dentro do campo mórfico, pela ressonância mórfica, e são atingidas por ele, o que explica por que as mudanças vão se tornando cada vez mais fáceis. Em determinado ponto, alcança-se o número certo de indivíduos para que haja a inversão no equilíbrio de forças: nasceu um novo arquétipo no inconsciente coletivo.

O próprio Sheldrake igualou as duas idéias:

A abordagem que defendo é muito semelhante à noção junguiana de inconsciente coletivo. A principal diferença é que a idéia de Jung era basicamente aplicada à experiência humana e à memória coletiva humana. O que sugiro é que um princípio muito semelhante atua em todas as partes do universo, não só no reino humano.⁴

O centésimo macaco: um mito contemporâneo

O Centésimo Macaco é o nome de novo mito. Trata-se de história que apareceu, é repetida e serviu de tema literário apenas nos últimos vinte anos. Tem origem muito recente e, no entanto, como os mitos gregos a respeito da Guerra de Tróia, não está claro onde terminam os fatos e começam as metáforas. A história se baseia em observações científicas sobre colônias de macacos no Japão. A versão mais amplamente difundida escreveu-a por Ken Keyes Jr., que apresento a seguir em forma condensada e parafraseada.

Ao longo da costa do Japão, os cientistas estudam colônias de macacos habitantes de ilhas isoladas, há mais

de trinta anos. Para poder manter o registro dos macacos, eles colocavam batatas doces na praia, para que os animais as comessem. Os macacos safam das árvores para pegar as batatas e, assim, expunham-se a ser observados com total visibilidade. Um dia, uma macaca de 18 meses chamada Imo começou a lavar a sua batata no mar, antes de comê-la. Podemos imaginar que seu sabor tornava-se assim mais agradável, pois o tubérculo estava livre da areia e do cascalho e, talvez, ligeiramente salgada. Imo mostrou aos outros macacos de sua idade e à sua mãe como fazer aquilo; os animais jovens mostraram às próprias mães e, aos poucos, mais e mais macacos passaram a lavar as batatas em vez de comê-las com areia e tudo. No princípio, só os adultos que tinham imitado seus filhos aprenderam o jeito novo; gradualmente, outros também adotaram o mesmo procedimento. Um dia, os observadores perceberam que todos os macacos de determinada ilha lavava suas batatas doces.

Embora isso fosse significativo, o que foi ainda mais fascinante de registrar foi que, quando essa mudança aconteceu, o comportamento dos animais nas outras ilhas também mudou: todos eles agora lavavam suas batatas, e isso apesar do fato de que as colônias de macacos das outras ilhas não tinham tido contato direto com a primeira.

Ali estava uma validação para a teoria do campo morfogênético: era possível explicar dessa maneira o que acontecera. O "centésimo macaco" foi o hipotético e anônimo macaco que virou o jogo para a cultura como um todo: aquele cuja mudança de comportamento assinalou ter sido alcançado o número crítico de macacos que modificaram sua conduta, e após o qual todos os animais de todas as ilhas passaram a lavar suas batatas.

O Centésimo Macaco é uma alegoria da Nova Era que oferece esperança às pessoas que trabalham para

operar mudanças em si mesmas e salvar o planeta, às vezes duvidando de se seus esforços individuais afinal de contas causarão alguma diferença. Como mito, o Centésimo Macaco é declaração que reafirma o compromisso de trabalhar por alguma coisa, como livrar a Terra das armas nucleares, ainda que por longo tempo o efeito desse trabalho não seja visível. Se é que há um centésimo macaco, é preciso que haja um equivalente humano de Imo e suas colegas; alguém tem de ser o vigésimo sétimo, o octogésimo primeiro e o nonagésimo nono macaco para que então novo arquétipo passe a existir.

A hipótese de Sheldrake nos oferece uma explicação para as mudanças que acontecem numa espécie por meio dos atos de indivíduos que, em determinada fase, começam a fazer um coisa nova. Se o filho de Médis deve suplantear Zeus em dada cultura, essa mudança pode acontecer apenas depois que um número crítico de homens (e mulheres) individuais confiarem mais no amor que no poder, e basearem seus atos nesse princípio. Quanto mais aumentar o número das pessoas que se comportam assim, segundo a hipótese de Sheldrake, mais se tornará fácil que mais pessoas ajam da mesma forma até que, um belo dia, alguém será o anônimo centésimo macaco.

A maioria dos homens e das mulheres, porém, não sente sequer a necessidade nem a fé de que pode enfrentar a idéia de mudar o mundo. Os que chegam de fato a tentar são encorajados pelo Centésimo Macaco, porque é mito que descreve aquilo que se sentem atraídos a fazer, de toda maneira. Sempre que nos reconhecemos num mito, sentimo-nos fortalecidos. O mito que desperta em nós a sensação de "Ah!" ajuda-nos a nos manter fiéis ao que nos mobiliza no fundo de nosso ser, nos incentiva a continuarmos sendo o mais autênticos que pudermos.

Além de falar àqueles que se percebem intimamente motivados a fazer diferença no mundo externo, o Cen-

tésimo Macaco é também metáfora para o que se desenrola dentro da psique individual. No mundo interno, fazer é tornar-se: se repetimos vezes suficientes um comportamento motivado por uma atitude ou princípio, ao final de um tempo terminaremos tornando-nos o que fazemos.

O FILHO DE MÉTIS COMO ARQUÉTIPO PESSOAL

Nos filmes da série *Guerra nas estrelas*, Luke Skywalker confia naquilo que seu coração sabe ou espera que ocorra, ou seja, que existe um pai amoroso em Darth Vader. Ele sabe que ele, o filho, não pode ser levado pelo desespero e pelo medo de desistir da possibilidade e, com isso, tornar-se como eles, como o Imperador assegurara a Darth Vader que aconteceria. Em sua luta de vida e morte com Darth Vader, Luke manteve a fé e a intuição de que poderia haver um pai amoroso dentro daquela figura sinistra e que, agindo com base nessa fé, ele conseguiria atraí-lo para fora. Na qualidade de figuras míticas contemporâneas, o Imperador e Darth Vader são versões atualizadas de Urano e Cronos, os pais hostis que se resentem de ter filho ou detestam-nos. Luke é o filho de coração amoroso que derrota o pai negativo para libertar o amoroso, perdido dentro dele.

E.T., extraordinário e famoso filme de Stephen Spielberg, fala de outro mito contemporâneo a respeito de um garoto que confia no seu coração. Novamente, os homens no poder se incumbem da situação, desta feita no papel de cientistas racionais. O inocente extraterrestre é feito prisioneiro como espécime de estudo, e quando parece que morreu de isolamento — como aconteceu com os bebês que não eram amados nem levados ao colo — o amor do menino devolveu-lhe a vida.

De maneira semelhante, um herói juvenil, Frodo, é o principal protagonista da trilogia de J. R. R. Tolkien, *O Senhor dos anéis*. Frodo é um *hobbit*; estes têm mais ou menos o tamanho dos meninos púberes, pés peludos e qualidades enternecedoras, como lealdade, confiança e vulnerabilidade. A tarefa que Frodo e seus amigos assumem e realizam com êxito é formidável: destruir o Anel do Poder, sem se deixar seduzir pela idéia de usá-lo.

Em todos esses filmes e livros, os protagonistas chegam a um momento de verdade ou fé interior, do qual depende o desfecho da história. Os homens e as mulheres individuais de um patriarcado fazem exatamente as mesmas escolhas: será que nos identificaremos com o agressor simbolizado por Darth Vader? Será que confiaremos uns nos outros como membros da irmandade, ou seremos seduzidos pelo poder do Anel? Será que confiaremos em nosso coração e acreditaremos, ou será que aceitaremos que algo ou alguém não tem jeito porque é o que dizem os especialistas? Será que deveremos cuidar apenas de nós mesmos, ou devermos manter a fé em nossos companheiros?

Nos mitos contemporâneos, como na mitologia grega, Métis — sabedoria feminina — está ausente, mas “seus” valores, que enfatizam a afiliação com os outros e a vinculação com a terra e todas as formas de vida, estão emergindo. E quando os homens (e as mulheres) refazem sua ligação com a sabedoria feminina, como está acontecendo agora com muitas delas, refazemos a ligação com um genitor que faltava, e encontramos o deus que estava perdido dentro de nós.

Minha impressão é que todos nós chegamos a este mundo como crianças que querem amor e, se não obtemos amor, concordamos em ter poder. Quando nos lembramos de Métis, lembramos que o amor é aquilo que o tempo todo estávamos querendo.

APÊNDICE: QUEM É QUEM NA MITOLOGIA GREGA

Num nível pessoal, assim que o poder se torna o arquétipo regente na psique de um homem (ou de uma mulher), as escolhas dessa pessoa são feitas no intuito de assegurar-lhe posição, manter-lhe o poder, causar boa impressão e continuar no controle. As escolhas ditadas pelo desejo de poder não são feitas por amor — pelo amor a elas (a bem-aventurança), pelo amor de fazer tais coisas (a alegria), pelo amor por alguém ou por alguma coisa, ou pelo amor (o bem) que é gerado. Quando nos tornamos conscientes de que nossas escolhas têm a ver com decidir em que princípio nós as basearemos, podemos decidir que optamos pelo que amamos — pelo que tem sentido para nós ou que nos dá pessoalmente a sensação de ser verdadeiro.

A vida nos proporciona continuamente momentos de decisão. Quando fazemos conscientemente uma escolha, baseada no amor e na sabedoria, rejeitando de caso pensado a alternativa que promoveria nosso poder, a primeira decisão corajosa é, freqüentemente, a mais difícil. Cada uma das vezes seguintes pode se tornar mais fácil até que, aquela que antes tinha sido a escolha mais árdua, torna-se a mais natural. Então, o amor passa a ser o princípio regente em nossa psique.

Esse último parágrafo deveria ser o final do livro, mas antes que o manuscrito fosse enviado para a fotocomposição, percebi-me refletindo sobre términos e me vieram à mente alguns versos de T. S. Eliot em *Four Quartets*, versos que me deixaram reconfortada, com a sensação de que falavam a verdade, e de onde eu alimentei minha coragem. Talvez aconteça o mesmo com vocês.

“Aquilo que chamamos de começo é muitas vezes o fim
E dar um fim é fazer um começo.
Fim é onde começamos.”⁶

Para vocês, todo o meu amor.

Afrodite, Deusa do Amor e da Beleza, conhecida como Vênus pelos romanos. Foi a esposa infiel de Hefesto, o Deus manco da Forja, e teve muitos romances com deuses e mortais; o mais famoso, com Ares, Deus da Guerra.

Apolo, também chamado Apolo pelos romanos, era o belo Deus do Sol; legislador, arqueiro, patrono das belas-artistas; filho de Zeus e Leto; irmão gêmeo de Ártemis. Às vezes, chamado também de Hélios.

Ares, ou Marte como era chamado pelos romanos, era o Deus da Guerra e o Guerreiro, amante e dançarino arquétipico. Era filho de Zeus e Hera, desprezado pelo pai, devido à sua sede de guerrear. Era o amante de Afrodite, com quem teve uma filha, Harmonia, e dois filhos Deimos (Medo) e Phobus (Pânico), que iam com ele para o campo de batalha.

Ártemis, que os romanos chamaram Diana, era a Deusa da Caça e da Lua. Era filha de Zeus e Leto, e irmã gêmea de Apolo, Deus do Sol.

Atená, conhecida como Minerva pelos romanos, era a Deusa da Sabedoria e das Artes Manuais, protetora da cidade de Atenas e de inúmeros heróis. Geralmente é retratada de armadura e famosa por ser a melhor estrate-

gista dos campos de batalha. Só reconhecia um genitor, Zeus, mas era filha também da sábia Métis, a primeira esposa de Zeus, que ele engoliu.

Cronos, ou Saturno (para os romanos). Foi um titã e o mais jovem dos filhos de Gaia e Urano, que emasculou o pai e se tornou o deus mais importante. Marido de Réia e pai de seis deuses olímpicos (Héstia, Deméter, Hera, Hades, Posêidon, Zeus); engoliu os primeiros cinco quando nasceram. Por sua vez, foi subjugado pelo filho mais novo, Zeus.

Deméter, conhecida como Ceres pelos romanos. Deméter era a Deusa dos Grãos e mãe de Perséfone, que Hades seqüestrou e levou para o mundo inferior.

Dioniso, chamado de Baco pelos romanos, era o Deus do Vinho e do Êxtase. Era filho de Zeus e Sêmele, e Zeus incubou-o em sua coxa. Seu papel arquetípico era tríplice: o amante extático, místico e peregrino.

Gaia, a Deusa Terra. Mãe e esposa de Urano (céu), mãe dos Titãs e avó da primeira geração dos deuses olímpicos.

Hades, ou Plutão (para os romanos), regente do mundo inferior, filho de Réia e Cronos, raptor e marido de Perséfone. Irmão de Zeus e Posêidon, e um dos três aspectos do arquétipo do pai. Era o regente do reino das almas e do inconsciente coletivo.

Hefesto, conhecido como Vulcano pelos romanos, era manco e o Deus da Forja. Foi o único deus olímpico que trabalhou. Foi também o marido traído de Afrodite, o filho rejeitado de Hera, que era sua única genitora, e também foi rejeitado por Zeus, seu pai nominal. Os papéis arquetípicos que lhe cabem são de artesão, artista manual, aleijado e solitário.

Hera, também chamada de Juno pelos romanos, era a Deusa do Casamento. Casada com Zeus, que era um grande namorado, era retratada como a esposa vingativa e ciumenta.

Hermes, mais conhecido pelo nome romano de Mercúrio. Era o mensageiro dos deuses, deus protetor do comércio, da comunicação, dos viajantes e dos ladrões. Conduzia as almas até Hades, salvou Dioniso e trouxe Perséfone de volta do mundo inferior. Teve um caso com Afrodite, com quem gerou Hermafrodito.

Héstia, deusa também chamada pelos romanos de Vesta. Era a menos conhecida dos olímpicos e era a Deusa do Fogo do Lar e do Templo. Era o seu fogo que constituía o lar e tornava sagrado o templo. Personifica o arquétipo do Si-mesmo.

Perséfone, também denominada Core, a virgem, pelos gregos, e de Prosérpina pelos romanos. Era a filha de Deméter seqüestrada por Hades e se tornou a rainha do mundo inferior.

Posêidon, Deus do Mar e Aquele Que Sacode a Terra, foi o deus olímpico que ficou mais conhecido pelo nome dado pelos romanos, Netuno. Lutou com Atená pela posse de Atenas e perdeu. Era irmão de Zeus e Hades, e um dos três aspectos do arquétipo do pai.

Réia, filha de Gaia e Urano, irmã e esposa de Cronos. Mãe de Héstia, Deméter, Hera, Hades, Posêidon e Zeus.

Urano, primeiro deus celeste, filho de Gaia e seu marido. Pai dos titãs, foi emasculado e destronado pelo filho mais novo, Cronos.

Zeus, chamado de Júpiter ou Jove pelos romanos; deus principal dos olímpicos, Deus dos Raios e Trovões, filho

mais novo de Réia e Cronos, Destronou os titãs e consolidou a supremacia dos olímpicos como regentes do universo. Marido de Hera e namorador incorrigível, teve muitas esposas antes dela, muitos romances e numerosos descendentes dessas ligações alguns destes se tornaram a segunda geração das deidades olímpicas, e outros foram os heróis da mitologia grega.

MAPA DE ARQUÉTIPOS DOS DEUSES

DEUS	CATEGORIA	PAPÉIS ARQUETÍPICOS	OUTROS SIGNIFICATIVOS
Zeus (Júpiter, Jove) Deus do Céu e dos Raios Reino da vontade e do poder	Deus patriarcal	Rei, Pai Céu, executivo, forjador de alianças, namorador	Esposa (Hera) Filhos (filhos e filhas olímpicos)
Poseidon (Netuno) Deus do Mar, Aquela que Sacode a Terra Reino das emoções e instintivas	Deus patriarcal	Rei, Pai Terra, homem instintivo, emotivo, inimigo implacável	Esposa (Anfitrite) Inimigos (Odisséu)
Hades (Plutão) Deus do Mundo Inferior Reino das almas e do inconsciente	Deus patriarcal	Rei Recluso	Esposa (Perséfone) Imagens (ou sombras)
Apolo Deus do Sol	Filho favorito	Estipulador de metas bem-sucedido Irmão	Ninguém significativamente Irmãos (Artemis, Hermes)
Hermes (Mercúrio) Deus Mensageiro	Filho favorito	Comunicador, guia Traquinas	Figuras temporariamente significativas Amigos
Ares (Marte) Deus da Guerra	Filho rejeitado	Guerreiro, dançarino, amante Homem incorporado	Amante (Afrodite) Filhos
Hefesto (Vulcano) Deus da Forja	Filho rejeitado	Artêsão Homem criativo	Esposa (Afrodite)
Dioniso (Baco) Deus do Êxtase e do Vinho	Filho cuidado	Místico, nômade Amante extático	Mulheres Esposa (Ariadne)

MAPA DE ARQUÉTIPOS DOS DEUSES (continuação)

DEUS	TIPO PSICOLÓGICO JUNGUIANO / NOÇÃO DO TEMPO	DIFICULDADES PSICOLÓGICAS	TRAÇOS POSITIVOS
Zeus	<p>Geralmente extrovertido</p> <p>Definitivamente pensamento</p> <p>Tanto intuição quanto sensação</p> <p>Presente e futuro</p>	<p>Asperza</p> <p>Imaturidade emocional</p> <p>Inflação</p>	<p>Capacidade para usar poder</p> <p>Postura decidida</p> <p>Generalidade</p>
Poséidon	<p>Extrovertido ou introvertido</p> <p>Definitivamente sentimento</p> <p>Passado e presente</p>	<p>Emotividade destrutiva</p> <p>Instabilidade emocional</p> <p>Baixa auto-estima</p>	<p>Lealdade</p> <p>Acesso aos sentimentos</p>
Hades	<p>Definitivamente introvertido</p> <p>Definitivamente sensação</p> <p>Atemporal</p>	<p>Invisibilidade social</p> <p>Depressão, distorção da realidade</p> <p>Baixa auto-estima</p>	<p>Rico mundo interno de imagens</p> <p>Desapego</p>
Apolo	<p>Geralmente extrovertido</p> <p>Geralmente pensamento</p> <p>Geralmente intuição</p> <p>Futuro</p>	<p>Distância emocional</p> <p>Arrogância</p> <p>Veneno</p>	<p>Capacidade de estipular metas e atingi-las</p> <p>Apreço pela clareza e pela forma</p>
Hermes	<p>Geralmente extrovertido</p> <p>Definitivamente intuitivo</p> <p>Geralmente pensamento</p> <p>Côncio do passado, presente, futuro</p>	<p>Impulsividade</p> <p>Sociopatia</p> <p>Eterno adolescente</p>	<p>Capacidade para entender significados</p> <p>Comunicador de idéias</p> <p>Amistosidade</p>
Ares	<p>Definitivamente extrovertido</p> <p>Definitivamente sentimento</p> <p>Definitivamente sensação</p> <p>Presente imediato</p>	<p>Reatividade emocional</p> <p>Bode expiatório e agressor</p> <p>Baixa auto-estima</p>	<p>Integração de emoções e corpo</p> <p>Expressividade</p> <p>Emocional</p>

Hefesto	<p>Definitivamente introvertido</p> <p>Definitivamente sentimento</p> <p>Definitivamente sensação</p> <p>Presente</p>	<p>Inadequação social</p> <p>Bufo</p> <p>Baixa auto-estima</p>	<p>Criatividade</p> <p>Capacidade de ver e criar beleza</p> <p>Habilidade manual</p>
Dioniso	<p>Extrovertido ou introvertido</p> <p>Definitivamente sensação</p> <p>Presente imediato/temporalidade</p>	<p>Distorções da auto percepção</p> <p>Abuso de substâncias</p> <p>Precaria auto-estima</p>	<p>Apreço pela experiência sensorial</p> <p>Amor pela natureza</p> <p>Intensidade passional</p>

FONTES E NOTAS DOS CAPÍTULOS

As fontes principais de cada capítulo são relacionadas primeiro, seguidas pelas referências de rodapé das citações diretas.

Todas as referências às Obras Completas de Jung (abreviadas em OC) foram tiradas de *Collected Works of C. G. Jung*, editado por Sir Herbert Read, Michael Fordham e Gerhard Adler; traduzido por R. F. C. Hull; editor executivo, William McGuire; Bollingen Series 20 (Princeton, NJ: Princeton University Press, várias datas de publicação).

A citação de Joseph Campbell no frontispício foi citada por Keith Thompson, em "Myth as Soul of the World", *Noetics Sciences Review* (inverno de 1986), p. 24.

PREFÁCIO

Notas

¹Daniel Levinson, *The Seasons of a Man's Life*. Nova Iorque: Ballantine, 1978), p. 109. 2.

²Michael E. McGill, *The McGill Report on Male Intimacy*. Nova Iorque: Harper & Row, 1986, p. 157. 3.

³Jean Baker Miller, *Toward a New Psychology of Women*. Boston: Beacon Press, 1976, pp. 3-12.

CAPÍTULO 1: HÁ DEUSES EM TODOS OS HOMENS

Fontes

Bolen, Jean Shinoda. "Which Goddess Gets the Golden Apple?" In *As deusas e a Mulher*, São Francisco: Harper & Row, 1984, pp. 263-277. (Trad. bras.: *As deusas e a mulher nova psicologia das mulheres*. São Paulo: Paulus, 1990.)

Jung, C. G. "Archetypes of the Collective Unconscious" (1954). In *OC*, Vol. 9, Parte I (1968), pp. 3-41.

Jung, C. G. "The Concept of the Collective Unconscious". In *OC*, Vol. 9, parte I, pp. 42-53.

Levinson, Daniel. *The Seasons of a Man's Life*. Nova Iorque: Ballantine Books, 1978.

McGill, Michael E. *The McGill Report on Male Intimacy*. Nova Iorque: Harper & Row, Perennial Library, 1986.

Miller, Jean Baker. "Domination-Subordination". In *Toward a New Psychology of Women*. Boston: Beacon Press, 1976, pp. 3-12.

Notas

¹William Broiles Jr. "Pushing the Mid-life Envelope", *Esquire*, junho de 1987. 2.

²Rollo May, *The Courage to Create*. Nova Iorque: Bantam Books, 1975, p. 45.

CAPÍTULO 2: PAIS E FILHOS

Fontes

Colman, Arthur e Colman, Libby. *Earth Father, Sky Father: The Changing Concept of Fathering*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1981.

Davis, John H. *The Kennedys: Dynasty and Disaster 1848-1984*. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1984.

Dinnerstein, Dorothy. *The Mermaid and the Minotaur: Sexual Arrangements and Human Malaise*. Nova Iorque: Harper Colophon Books, 1977.

Hesíodo, *Theogony*. Tradução e edição de Norman O. Brown. Indianapolis: Bobbs-Merrill, 1953, 1982.

The Holy Bible, RSV (Revised Standard Version). Nova Iorque: Nelson, 1953.

Jung, C. G. *Memories, Dreams, Reflections*. Anotado e editado por Aniela Jaffe. Traduzido do alemão por Richard e Clara Winston. Nova Iorque: Pantheon, 1961.

Lucas, George. *Star Wars* (filme).

Lucas, George. *Return of the Jedi* (filme).

Masson, Jeffrey Moussaieff. *The Assault on Truth: Freud's Suppression of the Seduction Theory*. Nova Iorque: Farrar, Straus & Giroux, 1984.

Mayerson, Philip. *Classical Mythology in Literature, Art, and Music*. Nova Iorque: Wiley, 1971.

Miller, Alice. *For Your Own Good: Hidden Cruelty in Child-Rearing and the Roots of Violence*. Traduzido por Hildegard e Hunter Hannum. Nova Iorque: Farrar, Straus & Giroux, 1983.

Miller, Alice. *Thou Shalt Not Be Aware: Society's Betrayal of the Child*.

Traduzido por Hildegard e Hunter Hannum. Nova Iorque: New American Library, 1986.

Samuels, Andrew, ed. *The Father: Contemporary Jungian Perspectives*. Editado e com introdução de Andrew Samuels. Nova Iorque: New Iorque University Press, 1985.

Notas

¹Hesíodo, *Theogony*. Trad. e introd. Norman O. Brown (Indianapolis: Bobbs-Merrill, 1953), p. 57. 2.

²Hesíodo, p. 58. 3.

³C. G. Jung, "Sigmund Freud", in *Memories, Dreams, and Reflections*. Ed. Aniela Jaffe, trad. Richard e Clara Winston (Nova Iorque: Pantheon, 1961), pp. 159-162. 4.

⁴Alice Miller, *Thou Shalt Not Be Aware: Society's Betrayal of the Child*. Trad. Hildegard e Hunter Hannum (Nova Iorque: New American Library, 1986), p. 145. 5.

⁵Miller, p. 145. 6.

- ⁶Bruce Ogilvie, "Interview", *Osmi* (setembro de 1987), p. 82. 7.
⁷Gn 22,7-8. The Holy Bible, RSV (Nova Iorque: Nelson, 1953), p. 20. 8.
⁸Gn 22,12. 9.
⁹Gn 22,16-17. 10.
¹⁰George Lucas. *Return of the Jedi* (filme).

CAPÍTULO 3: ZEUS

Fontes

- Bolen, Jean Shinoda. "Hera: Goddess of Marriage, Commitment Maker and Wife". In *Godesses in Everywoman*. São Francisco: Harper & Row, 1984. (Trad. bras.: *As deusas e a mulher nova psicologia das mulheres*. São Paulo: Paulus, 1990.) Bollingen Series LXV, Vol. 5: *Archetypal Images in Greek Religion*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1976.
 Colman, Arthur, e Colman, Libby. *Earth Father, Sky Father: The Changing Concept of Fathering*. Nova Iorque: Prentice-Hall, 1981.
 Graves, Robert. *The Greek Myths*. Vol. 1. Nova Iorque: Penguin Books, 1955, 1960.
 Guthrie, W. K. C. *The Greeks and Their Gods*. Boston: Beacon Press, 1960.
 Hamilton, Edith. *Mythology*. Boston: Little, Brown, 1942.
 Hesíodo. *Theogony*. Trad. introd. Norman O. Brown. Indianapolis: Bobbs-Merrill, 1953, 1982.
 Iacocca, Lee, com William Novak. *Iacocca: An Autobiography*. Nova Iorque: Bantam Books, 1984.
 Kerényi, K. *Zeus and Hera: Archetypal Image of Father, Husband, and Wife*. Trad. do alemão por Christophér Holme.
 Kerényi, K. "Stories of the Titans", "Zeus and his Spouses". *The Gods of the Greeks*. Trad. do alemão por Norman Cameron. Inglaterra: Thames and Hudson, 1951, 1979.
 Mayerson, Philip. "Battles of the Titans and the Rise of Zeus", "The Gods of Mount Olympus, Zeus". In *Classical Mythology in Literature, Art, and Music*. Nova Iorque: Wiley, 1979.
 Stassinopoulos, Arianna e Roloff Beny. "Zeus". In *The Gods of Greece*. Nova Iorque: Abrams, 1983, pp. 115-131.
 Stein, Murray. "Hera: Bound and Unbound". *Spring* (1977), pp. 105-119.

Notas

- Epígrafe: Edith Hamilton, *Mythology* (Boston: Little, Brown, 1942), p. 25.
 Epígrafe: Arianna Stassinopoulos e Roloff Beny. *The Gods of Greece* (Nova Iorque: Abrams, 1983), p. 131.
¹Lee Iacocca com William Novak. *Iacocca: An Autobiography* (Nova Iorque: Bantam Books, 1984), pp. 55-56.

CAPÍTULO 4: POSÊIDON

Fontes

- Colman, Arthur e Colman, Libby. *Earth Father / Sky Father*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1981.
 Grant, Michael e Hazel, John. *Gods and Mortals in Classical Mythology: A Dictionary*. Nova Iorque: Dorset Press, 1979.

- Graves, Robert. *The Greek Myths*. Vol. 1, "16. Poseidon's Nature and Deeds". Middlesex, Inglaterra: Penguin Books, 1955.
 Irmãos Grimm, "Iron Hans". In *Sixty Tales of the Brothers Grimm*. Ilustrado por Arthur Rackham. Trad. da Sra. Edgar Lucas. Nova Iorque: Weathervane Books (Crown Publishers), 1979, pp. 319-325.
 Mayerson, Phillip. "Poseidon (Neptune)". In *Classical Mythology in Literature, Art, and Music*. Nova Iorque: Abrams, 1983, pp. 42-51.
 Walker, Barbara G. "Trident". *The Women's Encyclopedia of Myths and Secrets*. São Francisco: Harper & Row, 1983.

Notas

- Epígrafe: Arianna Stassinopoulos e Roloff Beny. *Gods of the Greece* (Nova Iorque: Abrams, 1983), pp. 42-51.
 Epígrafe: Homero, "Hymn to Poseidon", in *The Homeric Hymns*, trad. Charles Boer (Irving, TX: Spring Publications, 1979), p. 86.
¹Dylan Thomas, "Do Not Go Gentle into That Good Night", in *Deaths and Entrances*, 1946.

CAPÍTULO 5: HADES

Fontes

- Grant, Michael e Hazel, John. *Gods and Mortals in Classical Mythology: A Dictionary*. Nova Iorque: Dorset Press, 1979.
 Graves, Robert. "The Gods of the Underworld", in *The Greek Myths*, Vol. 1 (Middlesex, Inglaterra: Penguin Books, 1955), pp. 120-125.
 Kerényi, K. *Eleusis: Archetypal Image of Mother and Daughter*. Trad. do alemão Ralph Manheim. Nova Iorque: Schocken Books, 1977.
 Mayerson, Phillip. "The House of Hades: Gods and the Underworld", in *Classical Mythology in Literature, Art, and Music*. Nova Iorque: Wiley, 1971, pp. 227-247.
 Otto, Walter F. *Dionysus: Myth and Cult*. Trad. e introd. Robert B. Palmer. Bloomington: Indiana University Press, 1966.
 Stassinopoulos, Arianna e Roloff Beny. "Hades". In *Gods of the Greece*. Nova Iorque: Abrams, 1983, pp. 187-189.
 Walker, Barbara G. "Hel" e "Hell". In *The Woman's Encyclopedia of Myths and Secrets*. São Francisco: Harper & Row, 1983, pp. 360-390.

Notas

- Epígrafe: Philip Mayerson, in *Classical Mythology in Literature, Art, and Music*. (Nova Iorque: Wiley, 1971), p. 229.
 Epígrafe: Arianna Stassinopoulos e Roloff Beny, in *Gods of the Greece* (Nova Iorque: Abrams, 1983), p. 187.
¹Walter F. Otto, *Dionysus: Myth and Cult*, trad. e introd. Robert B. Palmer (Bloomington: Indiana University Press, 1966), p. 116.

CAPÍTULO 6: APOLO

Fontes

- Fontenrose, Joseph. *Python: A Study of Delphic Myth and Its Origins*. Berkeley: University of California Press, 1980.

- Grant, Michael e Hazel, John. *Gods and Mortals in Classical Mythology: A Dictionary*. Nova Iorque: Dorset Press, 1979.
- Guthrie, W. K. C. *The Greeks and Their Gods*. Boston: Beacon Press, 1955.
- Homero. "The Hymn to Pythian Apollo" e "The Hymn to Delian Apollo". In *The Homeric Hymns*. Trad. Charles Boer. Irving, TX: Spring Publications, 1979.
- Kerényi, Karl. *Apollo: The Wind, the Spirit and the God*. Trad. do alemão Jon Solomon. Dallas: Spring Publications, 1983.
- Mayerson, Philip. *Classical Mythology in Literature, Art, and Music*. Nova Iorque: Wiley, 1971.
- Otto, Walter F. *The Homeric Gods: The Spiritual Significance of Greek Religion*. Trad. Moses Hadas. Grã-Bretanha: Thames & Hudson, 1979.

Notas

- Epígrafe: W. K. C. Guthrie, *The Greeks and Their Gods* (Boston: Beacon Press, 1980), pp. 73, 183.
- Epígrafe: Walter F. Otto, *The Homeric Gods: The Spiritual Significance of Greek Religion*, trad. Moses Hadas (Grã-Bretanha: Thames & Hudson, 1979), p. 78.
- ¹W. K. C. Guthrie, *The Greeks and Their Gods* (Boston: Beacon Press, 1980), p. 184.
- ²Walter F. Otto, *The Homeric Gods: The Spiritual Significance of Greek Religion*, trad. Moses Hadas (Grã-Bretanha: Thames & Hudson, 1979), p. 76.
- ³Otto, p. 64.
- ⁴Homero, "The Hymn to Delian Apollo", in *The Homeric Hymns*, trad. Charles Boer (Irving, TX: Spring Publications, 1979), p. 157.
- ⁵Homero, p. 157.
- ⁶Homero, p. 157.
- ⁷Karl Kerényi, *Apollo: The Wind, the Spirit, and the God*, trad. Jon Solomon (Dallas: Spring Publication, 1983), p. 41.
- ⁸"A Pair for the Court", *Newsweek*, 30 de junho de 1986.

CAPÍTULO 7: HERMES

Fontes

- Brown, Norman O. *Hermes, the Thief: Evolution of a Myth*. Nova Iorque: Vintage Books, Random House, 1969.
- Grant, Michael e Hazel, John. *Gods and Mortals in Classical Mythology: A Dictionary*. Nova Iorque: Dorset Press, 1979.
- Guthrie, W. K. C. "The Divine Family: Section 5; Hermes". In *The Greeks and Their Gods*. Boston: Beacon Press, 1955.
- Hillman, James. "Notes on Opportunism". In James Hillman, ed., *Puer Papers*. Irving, TX: Spring Publications, 1979.
- Hirshey, Gerri. "Sting Feels the Burn", *Rolling Stone*, setembro de 1985, p. 32.
- Homero. "The Hymn to Hermes". In *The Homeric Hymns*, trad. Charles Boer, 2ª ed. revista. Irving, TX: Spring Publications, 1979.
- Jung, C. G. "Psychology and Alchemy", *OC*, Vol. 12 (1968).
- Jung, C. G. "On the Mythology of the Trickster Figure", *OC*, Vol. 9, ii, (1968), pp. 225-272.
- Kerényi, Karl. "Maia, Hermes, Pan and the Nymphs". In *The Gods of the Greeks*. Grã-Bretanha: Thames & Hudson, 1979.

- Kerényi, Karl. *Hermes: Guide of Souls*. Zurique: Spring Publications, 1976.
- Lopez-Pedraza, Rafael. *Hermes and His Children*. Zurique: Spring Publications, 1977. (Trad. bras.: *Hermes e seus filhos*. São Paulo: Paulus, 1999.)
- Mayerson, Philip. "Hermes". In *Classical Mythology in Literature, Art, and Music*. Nova Iorque: Wiley, 1971.
- Needleman, Jacob. *The Way of the Physician*. São Francisco: Harper & Row, 1985.
- Otto, Walter F. "Hermes". *The Homeric Gods: The Spiritual Language of Greek Religion*. Trad. Moses Hadas. Grã-Bretanha: Thames & Hudson, 1979.
- Peisch, Jeffrey. "Sting". *Record*, setembro de 1985.
- Smith, Betty. "The Wayfarer God". C. G. Jung Institute of Los Angeles, Lecture Series, 1981. 4 fitas cassete.
- Stassinopoulos, Arianna e Roloff Beny. "Hermes". *The Gods of Greece*. Nova Iorque: Abrams, 1983.
- Stein, Murray. "World of Hermes, God of Significant Passage: Reflections on the Mid-Life Transição". C. G. Institute of San Francisco. Série de Palestras Abertas ao Público. 28/02 a 1.º/03 de 1981.
- Von Franz, Marie Louise. *Puer Aeternus*. Zurique: Spring Publications, 1981.
- Walker, Barbara G. "Alchemy" e "Hermes". In *The Women's Encyclopedia of Myths and Secrets*. São Francisco: Harper & Row, 1983.

Notas

- Epígrafe: Arianna Stassinopoulos e Beny Roloff, *The Gods of Greece* (Nova Iorque: Abrams, 1983), p. 190.
- Epígrafe: Walter F. Otto, *The Homeric Gods: The Spiritual Significance of Greek Religion*, trad. Moses Hadas (Grã-Bretanha: Thames & Hudson, 1979), p. 124.
- ¹C. G. Jjung, "Psychology and Alchemy", *OC*, Vol. 12, pp. 293-294.
- ²Murray Stein, "The World of Hermes, God of Significant Passage: Reflections on the Mid-Life Transition", palestra no C. G. Institute, São Francisco, 28 de fevereiro a 1.º de março de 1981. Fita.
- ³Homero, "Hymn to Hermes", *The Homeric Hymns*, trad. Charles Boer (Irving, TX: Spring Publications, 1979), p. 29.
- ⁴"Hymn to Hermes", p. 45.
- ⁵Adelaide M. Johnson, "Sanctions for Superego Lacunae of Adolescence", in *Searchlight on Delinquency: New Psychoanalytic Studies*, editado por K. R. Eisler (Nova Iorque: International Universities Press, 1949), pp. 225-245. 6
- ⁶Gerri Hirshey, "Sting Feels the Burn", *Rolling Stone*, setembro de 1985, p. 32.
- ⁷Jeffrey Peisch, "Sting", *Record*, setembro de 1985, p. 31.
- ⁸Rafael Lopez-Pedraza, *Hermes and His Children* (Zurique: Spring Publications, 1957). (Trad. bras.: *Hermes e seus filhos*. São Paulo: Paulus, 1999.)

CAPÍTULO 8: ARES

Fontes

- Grant, Michael e Hazel, John. *Gods and Mortals in Classical Mythology*. Nova Iorque: Dorset Press, 1979.
- Hall, James. *Dictionary of Subjects and Symbols in Art*. Nova Iorque: Harper & Row, 1974.
- Hamilton, Edith. *Mythology*. Boston: Little, Brown, 1942.
- Homero. "Hymn to Ares". *The Homeric Hymns*. Trad. Charles Boer, 2ª ed. revista, Irving, TX: Spring Publications, 1979.

- Kerényi, K. *The Gods of the Greeks*. Trad. Norman Cameron. Grã-Bretanha: Thames & Hudson, 1979. (1ª ed. 1951.)
- Mayerson, Philip. "Ares (Mars)". *Classical Mythology in Literature, Art, and Music*. Nova Iorque: Wiley, 1971.
- Miller, Alice. *For Your Own Good: Hidden Cruelty in Child-Rearing and the Roots of Violence*. Trad. Hildegarde e Hunter Hannum. Nova Iorque: Farrar, Strauss & Giroux, 1983.
- Miller, Alice. *Thou Shalt Not Be Aware: Society's Betrayal of the Child*. Trad. Hildegarde e Hunter Hannum. Nova Iorque: New American Library, 1984.
- Otto, Walter F. *The Homeric Gods: The Spiritual Significance of Greek Religion*. Trad. Moses Hadas. Grã-Bretanha: Thames & Hudson, 1979.
- Perera, Sylvia Brinton. *The Scapegoat Complex*. Toronto: Inner City Books, 1986.
- Stassinopoulos, Arianna e Roloff Beny. "Ares". *The Gods of Greece*. Nova Iorque: Abrams, 1983.
- Tripp, Edward. *The Meridian Handbook of Classical Mythology*. Publicado originalmente como *Crowell's Handbook of Classical Mythology*. Nova Iorque: New American Library, 1970.

Notas

- Epígrafe: Arianna Stassinopoulos, e Roloff Beny, *The Gods of Greece* (Nova Iorque: Abrams, 1983), p. 170.
- Epígrafe: Philip Mayerson, *Classical Mythology in Literature, Art, and Music* (Nova Iorque: Wiley, 1971), p. 181.
- ¹Walter F. Otto, *The Homeric Gods*. Trad. Moses Hadas (Grã-Bretanha: Thames & Hudson, 1979), p. 47.
- ²Homero, "Hymn to Ares". *The Homeric Hymns*, trad. Charles Boer (Irving, TX: Spring Publications, 1979), p. 60.
- ³Associated Press, "Sean Penn Sentenced - 60 Days in Jail". *San Francisco Chronicle*, 24 de junho de 1987.
- ⁴Homero, *The Iliad of Homer*. Trad. e introd. Richmond Lattimore (Chicago: University of Chicago Press, 1951), Livro 1, linhas 208-211, p. 64.

CAPÍTULO 9: HEFESTO

Fontes

- Bolen, Jean Shinoda. "Aphrodite and Hephaestus". In *Goddesses in Everywoman*. Nova Iorque: Harper & Row, 1984, pp. 247-248. (Trad. bras.: *As deusas e a mulher nova psicologia das mulheres*. São Paulo: Paulus, 1990.)
- Corliss, Richard. "Andrew Wyeth's Stunning Secret". *Time*, 18 de agosto de 1986.
- Hillman, James. "Puer Wounds and Ulysses' Scar". In James Hillman, ed., *Puer Papers*. Irving, TX: Spring Publications, 1979.
- Jung, C. G. "Confrontation with the Unconscious". In *Memories, Dreams, Reflections*. Registrado e editado por Aniela Jaffe. Trad. Richard e Clara Winston. Nova Iorque: Pantheon Books, 1961.
- Kerényi, K. "IV.3. Aphrodite, Ares and Hephaistos". "VII.3. Athens and Hephaistos". "IX. Hera, Ares and Hephaistos". *The Gods of the Greeks*. Grã-Bretanha: Thames & Hudson, 1979.
- Mayerson, Philip. "Hephaestus". *Classical Mythology in Literature, Art, and Music*. Nova Iorque: Wiley, 1971.

- Slater, Philip. "Self-Emasculation: Hephaistos". *The Glory of Hera*. Boston: Beacon Press, 1968.
- Stassinopoulos, Arianna, e Roloff Beny. "Hephaistos". In *The Gods of Greece*. Nova Iorque: Abrams, 1983.
- Stein, Murray. "Hephaistos: A Pattern of Introversion". *Spring 1973*. Nova Iorque: Spring Publications, 1973.
- Stein, Murray. "Hera: Bound and Unbound". *Spring 1977*. Zurique: Spring Publications, 1977. Stein, Murray. "Hephaistos: A Pattern of Introversion" e "Postscript on Hephaistos". In James Hillman, ed., *Facing the Gods*. Irving, TX: Spring Publications, 1980.

Notas

- Epígrafe: Arianna Stassinopoulos e Roloff Beny. *The Gods of Greece* (Nova Iorque: Abrams, 1983), p. 175.
- Epígrafe: Murray Stein, "Hephaistos: A Pattern of Introversion". *Spring 1980* (Irving, TX: Spring Publications, 1980), p. 35.
- ¹James Hillman, "Puer Wounds and Ulysses' Scar", in James Hillman, ed., *Puer Papers* (Irving, TX: Spring Publications, 1979), pp. 101-102.
- ²Walter F. Otto, *The Homeric Gods: The Spiritual Significance of the Greek Religion*, trad. Moses Hadas (Grã-Bretanha: Thames & Hudson, 1979), p. 130.
- ³C. G. Jung, *Memories, Dreams, Reflections*. Ed. Aniela Jaffe. Trad. Richard e Clara Winston (Nova Iorque: Pantheon Books, 1961), pp. 173-175.
- ⁴Richard Corliss, "Andrew Wyeth's Stunning Secret". *Time*, 18 de agosto de 1986.
- ⁵Corliss.
- ⁶Philip Slater, "Self-Emasculation: Hephaistos". In *The Glory of Hera* (Boston: Beacon Press, 1968), p. 193.

CAPÍTULO 10: DIONISO

Fontes

- Colman, Arthur, e Colman, Libby. *Love and Ecstasy*. Nova Iorque: Seabury Press, 1975.
- Freedman, Samuel G. "Why Artists Pay the Wages of Creativity". *San Francisco Chronicle*, Datebook, 1.º de dezembro de 1985, pp. 27-29.
- Keen, Sam. *The Passionate Life: Stages of Loving*. São Francisco: Harper & Row, 1983.
- Kerényi, K. "Dionysos and His Female Companions". *The Gods of the Greeks*. Trad. Norman Cameron. (Grã-Bretanha: Thames & Hudson, 1979. Publicação original, 1951.)
- Hillman, James. "Puer Wounds and Ulysses' Scar". In James Hillman, ed., *Puer Papers*. Irving, TX: Spring Publications, 1979, pp. 116-118.
- Hillman, James. "Dionysus in Jung's Writings". *Spring 1972*. Nova Iorque: Spring Publications, 1972.
- Hillman, James. "Dionysos". In Hillman, James, ed., *Facing the Gods*. Irving, TX: Spring Publications, 1980.
- Lukoff, David, e Everest, Howard C. "The Diagnosis of Mystical Experiences with Psychotic Features". *Journal of Transpersonal Psychology* 17 (1985): 2.
- Mayerson, Philip. *Classical Mythology in Literature, Art, and Music*. Nova Iorque: Wiley, 1963.
- Moore, Tom. "Artemis and the Puer". In James Hillman, ed., *Puer Papers*. Irving, TX: Spring Publications, 1979.

- Neumann, Erich. *The Origins and History of Consciousness*. Prefácio de C. G. Jung; trad. do alemão por R. F. C. Hull. Bollingen Series XLII. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1970.
- Otto, Walter F. *Dionysus: Myth and Cult*. Trad. e introd. Robert B. Palmer. Bloomington: Indiana University Press, 1965.

Notas

- Epígrafe: Tom Moore, "Artemis and the Puer". In James Hillman, ed., *Puer Papers* (Irving, TX: Spring Publications, 1979), p. 176.
- Epígrafe: Walter F. Otto, *Dionysus: Myth and Cult*, trad. e introd. Robert B. Palmer (Bloomington: Indiana University Press, 1965), p. 49.
- ¹W. F. Otto, *Dionysus: Myth and Cult*, trad. e introd. Robert B. Palmer (Bloomington: Indiana University Press, 1965), p. 65.
- ²Philip Mayerson, *Classical Mythology in Literature, Art, and Music* (Nova Iorque: Wiley, 1963), p. 249.
- ³Otto, p. 176.
- ⁴Otto, p. 121.
- ⁵Samuel G. Freedman, "Why Artists Pay the Wages of Creativity", *San Francisco Chronicle*, Datebook, 1.º de dezembro de 1985.
- ⁶James Hillman, "Dionysus in Jung's Writings", *Spring 1972* (Nova Iorque: Spring Publications, 1972), p. 199.
- ⁷"The Bill W. Carl Jung Letters", *Revision 10* (1987): 21. Publicado originalmente em *Grapevine*, janeiro de 1963.
- ⁸Erich Neumann, *The Origins and History of Consciousness* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1970), pp. 152-169.

CAPÍTULO 11: ENCONTRANDO NOSSOS MITOS

Fontes

- Allison, Ralph B. "A New Treatment Approach for Multiple Personalities". *American Journal of Clinical Hypnosis* 17 (1974): 15-32.
- Allison, Ralph B. *Minds in Many Pieces*. Nova Iorque: Rawson Wade, 1980.
- Belen, Jean Shinoda. "Hestia". In *Goddesses in Everywoman*. São Francisco: Harper & Row, 1984, pp. 107-138. (Trad. bras.: *As deusas e a mulher nova psicologia das mulheres*. São Paulo: Paulus, 1990.)
- Damgaard, Jacqueline A. "The Inner Self Helper: Transcendent Life Within Life?" *Noetic Sciences Review* (Inverno, 1987), pp. 24-28.
- Jung, C. G. "Concerning Mandala Symbolism". *OC*, Vol. 9, Parte I, pp. 335-384.

Notas

- ¹Keith Thompson, "Myths as Souls of the World" (Book Review: *Inner Reaches of Outer Space*, Joseph Campbell), *Noetic Sciences Review* (Inverno, 1986), p. 24.

CAPÍTULO 12: O DEUS QUE FALTA

Fontes

- Colman, Arthur, e Colman, Libby. *Earth Father/Sky Father: The Changing Concept of Fathering*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1981.
- Eisler, Riane. *The Chalice and the Blade*. São Francisco: Harper & Row, 1987.

- Gilligan, Carol. *In a Different Voice: Psychological Theory and Women's Development*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1982.
- Gimbutas, Marija. *The Goddesses and Gods of Old Europe: Myths and Cult Images*. Berkeley: University of California Press, 1982.
- Godavitarne, Pia M., ed. "Statement of Philosophy". *Woman of Power*, n.º 8 (Inverno, 1988), p. 1.
- Keyes Jr., Ken. *The Hundredth Monkey*. Coos Bay, OR: Vision Books, 1982.
- The Nag Hammadi Library*. Traduzido pelos membros do Coptic Gnostic Library Project of the Institute for Antiquity and Christianity; James M. Robinson, ed. São Francisco: Harper & Row, 1978.
- Pagels, Elaine. *The Gnostic Gospels*. Nova Iorque: Random House, 1979.
- Sheldrake, Rupert. *A New Science of Life: The Hypothesis of Formative Causation*. Los Angeles: Tarcher, 1981.
- Sheldrake, Rupert. "Mind, Memory and Archetype: Morphic Resonance and the Collective Unconscious". *Psychological Perspectives* 18 (1987): 1.
- Sheldrake, Rupert. "Society, Spirit & Ritual: Morphic Resonance and the Collective Unconscious". *Psychological Perspectives* 18 (1987): 2.
- Stone, Merlin. *When God Was a Woman*. Nova Iorque: Harcourt Brace Jovanovich, 1976.

Notas

- ¹Arthur Colman e Libby Colman, *Earth Father/Sky Father* (Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1981), p. 31.
- ²Hesfodo, Theogony, trad. Richard Lattimore (Ann Arbor: University of Michigan Press, 1959), p. 177.
- ³Pia M. Godavitarne, ed., "Statement of Philosophy". *Woman of Power*, n.º 8 (Inverno, 1988), p. 1. 4.
- ⁴Rupert Sheldrake, "Mind, Memory and Archetype: Morphic Resonance and the Collective Unconscious", *Psychological Perspectives* 18 (1987): 25. 5.
- ⁵Eliot, T. S. *Four Quartets*. "Little Gidding" (linhas 214-216). Nova Iorque: Harcourt Brace Jovanovich, 1943.

BIBLIOGRAFIA

Esta bibliografia está dividida em quatro partes: 1) Mitologia; 2) Psicologia arquetípica (psicologia analítica junguiana); 3) Psicologia masculina (de teor não junguiano); 4) Psicologia geral, teologia, religião (trabalhos relevantes para este livro).

1. Mitologia

- Brown, Norman O. *Hermes the Thief: Evolution of a Myth*. Nova Iorque: Vintage Books, Random House, 1969.
- Bullfinch's Mythology*. Middlesex, Inglaterra: Hamlyn, 1964.
- Bullfinch's Mythology: The Greek and Roman Fables Illustrated*. Compilado por Bryan Holme, com introdução de Joseph Campbell. Nova Iorque: Viking Press, 1979.
- Campbell, Joseph. *The Hero with a Thousand Faces*. 2.^a ed. Bollingen Series 17, Princeton, NJ: Princeton University Press, 1968.
- Fontenrose, Joseph. *Python: A Study of Delphic Myth and Its Origins*. Berkeley: University of California Press, 1980.
- Gimbutas, Marija. *The Goddesses and Gods of Old Europe: 6500-3500, Myths and Cult Images*. Berkeley: University of California Press, 1982.
- Grant, Michael, e Hazel, John. *Gods and Mortals in Classical Mythology: A Dictionary*. Nova Iorque: Dorset Press, 1979.
- Graves, Robert. *The Greek Myths*, 2 vols. Nova Iorque: Penguin, 1979, 1982. (Publicado originalmente em 1955.)
- Guthrie, W. K. C. *The Greeks and Their Gods*. Boston: Beacon Press, 1950.
- Hamilton, Edith. *Mythology*. Boston: Little, Brown, 1942.
- Harrison, Jane Ellen. *Mythology*. Nova Iorque: Harcourt Brace Jovanovich, 1963. (Publicado originalmente em 1924).
- Hesíodo. *Theogony*. Trad. Richard Lattimore. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1959.
- Hesíodo. *Theogony*. Trad. e introd. Norman O. Brown. Indianapolis: Bobbs-Merrill, 1953.

- Homero. *The Iliad of Homer*. Trad. Richard Lattimore. Chicago: University of Chicago Press, 1951.
- Homero. *The Homeric Hymns*. Trad. Charles Boer. Irving, TX: Spring Publications, 1979.
- Kerényi, K. *The Heroes of the Greeks*. Londres: Thames & Hudson, 1959.
- Kerényi, K. *The Gods of the Greeks*. Trad. Norman Cameron. Nova Iorque: Thames & Hudson, 1979. (Publicado originalmente em 1951).
- Kerényi, K. *Zeus and Hera: Archetypal Image of Father, Husband and Wife*. Trad. Christopher Holme. Bollingen Series 65, vol. 5. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1975.
- Kerényi, K. *Apollo: The Wind, the Spirit and the God*. Trad. Jon Solomon. Dallas: Spring Publications, 1983.
- Kerényi, K. *Hermes: Guide of Souls*. Trad. Murray Stein. Zurique: Spring Publications, 1976.
- Mayerson, Philip. *Classical Mythology in Literature, Art, and Music*. Nova Iorque: Wiley, 1979.
- Otto, Walter F. *Dionysus: Myth and Cult*. Trad. e introd. Robert B. Palmer. Bloomington: Indiana University Press, 1965.
- Otto, Walter F. *The Homeric Gods*. Nova Iorque: Thames & Hudson, 1979. (Publicado originalmente em 1954).
- Stassinopoulous, Arianna (texto), e Roloff Beny (fotografias). *The Gods of Greece*. Nova Iorque: Abrams, 1983.
- Tripp, Edward. *The Meridian Handbook of Classical Mythology*. (Publicado originalmente como *Cromwell's Handbook of Classical Mythology*.) Nova Iorque: New American Library, 1970.
- Walker, Barbara. *The Woman's Encyclopedia of Myths and Secrets*. São Francisco: Harper & Row, 1983.
- Zimmerman, J. E. *Dictionary of Classical Mythology*. Nova Iorque: Bantam Books, 1978. (Publicado originalmente em 1964.)

2. Psicologia arquetípica (Psicologia analítica junguiana)

- Bolen, Jean Shinoda. *Goddesses in Everywoman: A New Psychology of Women*. São Francisco: Harper & Row, 1984. (Trad. bras.: *As deusas e a mulher uma nova psicologia feminina*. São Paulo: Paulus, 1990.)
- Colman, Arthur, e Colman, Libby. *Earth Father/Sky Father: The Changing Concept of Fathering*. Nova Iorque: Spectrum Book, Prentice-Hall, 1981.
- Henderson, Joseph L. "Archetype: Father". *International Encyclopedia of Psychiatry, Psychology, Psychoanalysis, and Neurology*, 1977.
- Hillman, James. "Dionysus in Jung's Writings". In James Hillman, ed., *Facing the Gods*. Irving, TX: Spring Publications, 1980.
- Hillman, James, ed. *Facing the Gods*. Irving, TX: Spring Publications, 1980.

Hillman, James, ed. *Fathers and Mothers: Five Papers on the Archetypal Background of Family Psychology*. Nova Iorque: Spring Publications, 1973.

Hillman, James. "Puer Wounds and Ulysses' Scar". In James Hillman, ed., *Puer Papers*. Irving, TX: Spring Publications, 1979.

Hillman, James, ed. *Puer Papers*. Irving, TX: Spring Publications, 1979.

Johnson, Robert A. *He: Understanding Masculine Psychology*. Nova Iorque: Harper & Row, 1977.

Jung, C. G. Todas as referências às Obras Completas de Jung (OC) foram extraídas de *Collected Works of C. G. Jung*, ed. Sir Herbert Read, Michael Fordham, e Gerald Adler. Trad. R. F. C. Hull. Editor executivo William McGuire. Bollingen Series 20. Princeton, NJ: Princeton University Press.

Jung, C. G. "The Significance of the Father in the Destiny of the Individual". OC, vol. 4 (1970), pp. 301-323.

Jung, C. G. "Archetypes of the Collective Unconscious". OC, Vol. 9, Parte 1 (1968), pp. 3-41.

Jung, C. G. "The Concept of the Collective Unconscious". OC, Vol. 9, Parte 1 (1968), pp. 42-53.

Jung, C. G. "On the Psychology of the Trickster Figure". OC, Vol. 9, Parte 1 (1968), pp. 255-272.

Jung, C. G. "Psychology and Alchemy". OC, Vol. 12 (1968).

Jung, C. G. *Memories, Dreams, Reflections*. Registrado e editado por Aniela Jaffe. Trad. do alemão por Richard e Clara Winston. Nova Iorque: Pantheon Books, 1961.

Kerényi, K. *Eleusis: Archetypal Image of Mother and Daughter*. Trad. do alemão por Christopher Holme. Bollingen Series LXV, vol 5: *Archetypal Images in Greek Religion*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1975.

Kerényi, K. "Zeus and Hera: Archetypal Image of Father, Husband, and Wife". Trad. do alemão por Christopher Holme. Bollingen Series LXV, vol. 5: *Archetypal Images in Greek religion*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1975.

Lopez-Pedraza, Rafael. *Hermes and His Children*. Zurique: Spring Publications, 1977. (Trad. bras.: *Hermes e seus filhos*. São Paulo: Paulus, 1999.)

Monick, Eugene. *Phallos: Sacred Image of the Masculine*. Toronto: Inner City Books, 1987. (Trad. bras.: *Falo: a sagrada imagem do masculino*. São Paulo: Paulus, 1993.)

Moore, Tom. "Artemis and the Puer". In James Hillman, ed. *Puer Papers*. Irving, TX: Spring Publications, 1979.

Neumann, Erich. *The Origins and History of Consciousness*. Bollingen Series XLII. Nova Iorque: Pantheon, 1954. (Publicado originalmente em 1949.)

Perera, Sylvia Brinton. *The Scapegoat Complex*. Toronto: Inner City Books, 1986.

Samuels, Andrew, ed. *The Father: Contemporary Jungian Perspectives*. Nova Iorque: New Iorque University Press, 1985.

Sheldrake, Rupert. "Mind, Memory, and Archetype: Morphic Resonance and the Collective Unconscious". *Psychological Perspectives*, Vol. 18, n.º 1 (1987): pp. 9-25.

Sheldrake, Rupert. "Society, Spirit & Ritual: Morphic Resonance and the Collective Unconscious". *Psychological Perspectives*, Vol. 18, n.º 2 (1987): pp. 320-331.

Stein, Murray. "Hephaistos: A Patter of Introversion". In James Hillman, ed., *Facing the Gods*. Irving, TX: Spring Publications, 1980.

Stein, Murray. "Hera: Bound and Unbound". In *Spring 1977*. Zurique: Spring Publications, 1977, pp. 105-119.

Stein, Murray. In *Mid-life: A Jungian Perspective*. Dallas: Spring Publications, 1983.)

Von Franz, Marie-Louise. *Puer Aeternus*. Zurich: Spring Publications, 1970. (Trad. bras.: *Puer aeternus: a luta do adulto contra o parasita da infância*. São Paulo: Paulus, 1992.)

3. Psicologia masculina (não junguiana)

Freud, Sigmund. *The Standard Edition of the Complete Psychological Works*. Trad. do alemão sob direção editorial de James Strachey. Vol. 3: *Early Psycho-Analytic Publications* (1961). Vol 7: *An Infantile Neurosis and Other Works* (1955).

Levinson, Daniel. *The Seasons of a Man's Life*. Nova Iorque: Ballantine Books, 1978.

Maccoby, Michael. *The Gamesman: The New Corporate Leaders*. Nova Iorque: Simon & Schuster, 1976.

McGill, Michael E. *The McGill Report on Male Intimacy*. Nova Iorque: Harper & Row, Perennial Library, 1986.

Tiger, Lionel. *Men in Groups*. Nova Iorque: Vintage Books, Random House, 1970.

Vaillant, George E. *Adaptation to Life*. Boston: Little, Brown, 1977.

Whyte Jr., William H. *The Organization Man*. Garden City, NJ: Doubleday Anchor Books, 1957.

4. Psicologia geral, teologia e religião (obras relevantes para este livro)

Dinnerstein, Dorothy. *The Mermaid and the Minotaur: Sexual Arrangements and Human Malaise*. Nova Iorque: Harper Colophon Books, 1977.

Eisler, Riane. *The Chalice and the Blade*. São Francisco: Harper & Row, 1987.

- Gilligan, Carol. *In a Different Voice: Psychological Theory and Women's Development*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1982.
- The Holy Bible*, Revised Standard Version (RSV). Nova Iorque: Nelson, 1953. (Vide: *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 1985.)
- Keen, Sam. *The Passionate Life: Stages of Loving*. São Francisco: Harper & Row, 1983.
- Lukoff, David, e Everest, Howard C. "The Diagnosis of Mystical Experiences with Psychotic Features". *Journal of Transpersonal Psychology* 17, n.º 2 (1985).
- Masson, Jeffrey Moussaieff. *The Assault on Truth: Freud's Suppression of the Seduction Theory*. Nova Iorque: Farrar, Straus & Giroux, 1984.
- May, Rollo. *Courage to Create*. Nova Iorque: Bantam Books, 1975.
- Miller, Alice. *Prisoners of Childhood: The Drama of the Gifted Child and the Search for the True Self*. Trad. por Ruth Ward. Nova Iorque: Basic Books, 1981.
- Miller, Alice. *For Your Own Good: Hidden Cruelty in Child-Rearing and the Roots of Violence*. Trad. Hildegard e Hunter Hannum. Nova Iorque: Farrar, Straus & Giroux, 1983.
- Miller, Alice. *Thou Shalt not Be Aware: Society's Betrayal of the Child*. Trad. Hildegard e Hunter Hannum. Nova Iorque: New American Library, 1986.
- Miller, Jean Baker. "Domination-Subordination". In *Toward a New Psychology of Women*. Boston: Beacon Press, 1976, pp. 3-12.
- The Nag Hammadi Library*. Editado por James Robinson. Trad. pelos membros da Coptic Gnostic Library Project of the Institute for Antiquity and Christianity. São Francisco: Harper & Row, 1978.
- Needleman, Jacob. *The Way of the Physician*. São Francisco: Harper & Row, 1985.
- Pagels, Elaine. *The Gnostic Gospels*. Nova Iorque: Random House, 1979.
- Sheldrake, Rupert. *A New Science of Life: The Hypothesis of Formative Causation*. Los Angeles: Tarcher, 1981.
- Slater, Philip. *The Glory of Hera*. Boston: Beacon Press, 1968.
- Stone, Merlin. *When God Was a Woman*. Nova Iorque: Harcourt Brace Jovanovich, 1976.

ÍNDICE

- 7 Prefácio
- 14 Agradecimentos
- 17 *Parte I*
Os deuses e o homem
- 19 1. Há deuses em todos os homens
- 38 2. Pais e filhos: os mitos nos falam do patriarcado
- 71 *Parte II*
O arquétipo do pai: Zeus, Posêidon e Hades
- 76 3. Zeus, o deus do céu — o reino da vontade e do poder
- 113 4. Posêidon, deus do mar — o reino da emoção e dos instintos
- 119 5. Hades, deus do mundo inferior — reino das almas e do inconsciente
- 185 *Parte III*
A geração dos filhos: Apolo, Hermes, Ares, Hefesto, Dioniso
- 192 6. Apolo, deus do sol — arqueiro, legislador, filho predileto
- 236 7. Hermes, deus mensageiro e guia das almas comunicador, traquinas, viajante

- 278 8. Ares, deus da guerra — guerreiro, dançarino,
amante
- 317 9. Hefesto, deus da forja artífice, inventor, solitário
- 362 10. Dioniso, deus do vinho e do êxtase — místico,
amante, nômade
- 401 *Parte IV*
Re-lembrando-nos
- 405 11. Encontrando nossos mitos — relembando quem
somos
- 422 12. O deus que falta
- 437 *Apêndice:*
Quem é quem na mitologia grega
- 441 *Quadros:*
Deuses e arquétipos
- 444 Fontes e notas dos capítulos
- 454 Bibliografia

Este livro, continuação de *As deusas e a mulher*, analisa os arquétipos masculinos. É uma psicologia dos homens, vista por uma mulher que faz aquilo que as mulheres fazem há tempos pelos homens com os quais se importam: mostram-lhe aquilo que elas vêem, conscientizando-se da necessidade que eles sentem de mais sensibilidade, à medida que descrevem os defeitos e os problemas masculinos, e da importância de valorizarem suas qualidades positivas. A perspectiva deste livro é de uma observadora solidária, cujas reflexões são fruto das experiências pessoais e profissionais. É escrito para quem quer compreender melhor os meninos e os homens, para aqueles que querem conhecer os arquétipos masculinos tanto nos homens como nas mulheres, ou descobrir algo a respeito de si mesmos em suas relações.

JEAN SHINODA BOLEN, é doutora em medicina e psiquiatria, é analista junguiana, professora na Universidade da Califórnia e membro da Ms. (Fundação para Mulheres). Jean também ensina e dirige seminários na região da baía de São Francisco e em todo o país. Casada com James Bolen, tem dois filhos e mora em Mill Valley, Califórnia. É também autora de *As deusas e a mulher*, nesta mesma coleção.

Amor
e
Psique

ISBN 85-349-1903-8



9 788534 919038